



DÉBORA MARIANO

MARCELO SANTOS

OS SEGREDOS DE UMA NOITE





DÉBORA MARIANO



MARCELO SANTOS

OS SEGREDOS DE UMA NOITE

EDITORA MULTIFOCO

"ALGUÉM CERTA VEZ ME FALOU QUE EM CIDADE PEQUENA NÃO O EXISTEM SEGREDOS.
ESSE ALGUÉM, CERTAMENTE, JAMAIS PASSOU POR MONTE SECO... EU PASSEI."

CAPÍTULO 1 - CONTO DE FARSAS.

Bom e ruim. O último dia de aula é sempre assim, dúbio. Bom por que Melanie poderá, enfim, dar um tempo de matemática, física e gramática. Não necessariamente, das matérias, mas de Nair, Cida e Vitorio, os professores que as lecionam e que hora sim, hora não, acham pequenos motivos para pegar no seu pé. Ruim, porque vai ficar longe da escola, da biblioteca e dos amigos. Claro, não precisará sentir saudades das amigas mais próximas, porque essas ainda estarão presentes, certamente, em quase todos os dias das férias. Ainda terão as tardes no shopping, os fins de semana na praia, os shows e as festinhas de aniversário. Mas sentirá falta sim, da sala de aula em geral. Das brigas por maquiagem ou qualquer outra razão ainda mais banal, das disputas pelos melhores lugares nos jogos e apresentações da equipe de natação, das brincadeiras que só ela e as amigas conseguiam entender. Daquela menina doida, Renatinha, que não tirava o mesmo moleto com capuz.

Do menino, que toda semana recebia um novo apelido e que só sabia dormir na carteira. Da outra menina, Mayah, que só sabia falar da mesma bandinha de rock. Afinal, eles todos também eram para Melanie como uma banda. Não podia faltar nenhum que a música desafinava.

- Mel, já deu minha hora. – Disse Carol, oferecendo o rosto para o beijinho de saída. – Não esquece depois das sete, no Messenger, hein.

- Combinado. - Respondeu Melanie enquanto retribuía o beijo.

- Olha lá. Todo mundo vai entrar na mesma hora.

- Ok! Pode deixar.

Carol saiu distribuindo beijos e sorrisos. Alegre e comunicativa, a amiga de Melanie, era sempre o centro das atenções. Nascera para ser miss popular. Já Melanie, sabia que jamais poderia ocupar esse posto. Era mais introspectiva. Mais na dela. “Amigas por acidente”, era como Melanie considerava essa relação. Até estranhou ter feito amizade, justamente, com a mais popular de todas as meninas. Quando chegou no colégio chamou atenção, sim. Melanie ainda usava a cor roxa no cabelo. Na verdade, a maioria de suas roupas contém, mesmo que um pequeno detalhe, da sua cor predileta. Hoje, seus cabelos voltaram ao castanho escuro, mas o roxo ainda não saiu da sua vida. Sempre está lá, ou na estampa da camiseta, ou no inseparável All Star.

Melanie sentiu que estava na sua hora. Deu uma olhada geral na galera, sugeriu um tchau meio sem graça e saiu. A garota sentia o coração pesado ao atravessar, pela última vez, naquele ano, o portão da escola. Olhou com candura os desenhos pintados, pelos próprios alunos, no muro do colégio. Ela não havia participado da criação do desenho, que fora feito no início do ano, nas aulas de arte, mas simpatizava com ele. O tema escolhido foi preconceito e ela sabia muito bem, como as pessoas podem ser rudes, quando ainda não te conhecem. Melanie tinha consciência de que mais difícil do que fazer as novas amizades, era ter que abandoná-las pelos próximos meses. A garota entrou no meio do ano, quando todos estavam bem entrosados e ela, outra vez, se sentia uma intrusa na colméia. A mãe, Flávia, tinha o péssimo hábito de mudar de emprego e conseqüentemente de cidade. Isso dificultava para Melanie, que sempre precisava iniciar novas amizades. Era um processo cansativo, afinal tem pessoas de todo jeito. Algumas favorecem a aproximação, já outras parecem ter algum tipo de repelente natural sobre a pele. Namorado então, nem pensar. Se quisesse manter um namoro mais duradouro, teria que ser com algum dos garotos das séries de TV.

Melanie cruzou a rua e logo avistou o carro da mãe. Um Fiesta 4 portas, prata, já há quase 5 anos na família. Com um saliente amassado do lado direito, perto da porta. Flávia tinha dito que, um descuidado qualquer, bateu no carro e deu no pé. Mas Melanie sabia que a estória poderia ser outra, já que conhecia muito bem, a condição de barbeira da mãe.

- Quero que a garotinha fique sabendo que faz vinte minutos que estou te esperando. – Disse Flávia querendo parecer irritada. Melanie sabia que não deveria fazer nem cinco.

- Último dia, mãe. Esqueceu? – Respondeu Melanie ainda parada do lado de fora.

- Quer um convite impresso para entrar?

- Não. Só estou dando uma última olhadinha. Quem me garante que será neste colégio que irei estudar ano que vem?

- O futuro a Deus pertence minha filha. Agora rapa pra dentro, que a mim só pertence o direito de chegar na hora.

A tal “olhadinha” que Melanie se referia, tinha nome: Bruno. Típico garoto imã. Aquele que atrai todas as atenções para si. Durante esses meses ele fora seu sonho de consumo da

vez. Bonito, de sorriso conquistador e popular. Além de Melanie e suas amigas, noventa e nove por cento das mulheres do colégio eram a fim dele. No um por cento restante, se podia colocar a diretora, as professoras, as atendentes e faxineiras. Se bem que aquela professorinha de inglês, demonstrava ter uma queda bem acintosa para o lado do bonitão. Melanie antes de sair viu que Bruno ainda estava no pátio, perto da cantina, na já tradicional rodinha de amigos.

Ela desejava, agora, neste instante, antes de entrar no Fiesta, poder vê-lo só mais uma vez. Poderia manter essa imagem final guardada na memória, durante os próximos meses.

- Meu Deus, Mel! Tenho hora! – Disse Flávia agora irritada de verdade. – E ainda tenho que passar na escola do Nicolas.

- Ok! Calma que já estou indo.

Melanie dá a volta no carro, mas sem perder a atenção no portão de saída. Foi o mais devagar possível. Mas era um Fiesta, um carro pequeno, não um Hammer. Nem sinal de Bruno. Teria que entrar de qualquer jeito.

“Ah! Que bobagem! Ficar esperando um cara que não me deu moral nenhuma nesses cinco meses.” – Pensou Melanie enquanto entrava no carro.

- Até que enfim. - Disse Flávia ligando a chave e a seta para saída. – Pensei que queria criar raízes aí fora.

- Já disse. Só estava me despedindo. – Respondeu um pouco chateada Melanie – Agora, então já pode ir, Schumacher.

Flávia balança a cabeça sorrindo.

Instantes depois estavam as duas seguindo pelas avenidas de Curitiba. O colégio de Melanie dava uns vinte minutos, mais ou menos, da escola onde Nicolas, seu irmão, estudava. Que por sua vez, dava vinte minutos da casa onde moravam. A escola do garoto ficava entre os dois pontos. Nicolas, na verdade, era meio irmão de Melanie. Era filho de Edgar, ex de Flávia, que a abandonou uns dois anos atrás, para voltar com a ex-mulher que já tinha abandonado para ficar com uma outra mulher, antes de conhecer Flávia. Parece doideira. Confuso. Mas é a vida.

O garoto estava do mesmo jeito, parado, sozinho, encostado no muro, esperando. Ele vê o carro e corre para encontrá-las. Flávia nem havia estacionado direito e Nicolas já estava a postos para entrar.

- Viu, isso é ser eficiente. – Disse Flávia com orgulho contido.

- Não, mãe. Isso é ser anti-social. – Refutou Melanie enfatizando a conduta do irmão. Já que, toda vez ele está no mesmo lugar, sozinho, esperando as duas, enquanto que os seus colegas estão sempre em grupos, esperando os pais.

- Nossa, menina! Te morderam na escola hoje?

- Difícil, mãe. Para morder tem que se arriscar a chegar perto.

- Em pensar que você está estudando para um dia, quem sabe, virar chefe – disse Flávia olhando pelo retrovisor se o filho havia colocado o cinto. – Ai daquele que for teu subalterno.

“Bem que poderia ser aquele garoto metidinho da escola”. – Pensou Melanie, considerando ser uma boa alternativa para se vingar de Bruno.

- Como foi na escola hoje, filho? – Perguntou Flávia mais uma vez olhando para o filho pelo retrovisor.

- Até que foi bom, mãe. – Respondeu Nicolas – Me acertaram uma pedrada na cabeça.

Flávia olhou rapidamente para trás, quase se desconcentrando do trânsito. Ela tentava visualizar algum ferimento. Melanie olhou para o irmão pensando:

“Se esse foi um dia bom, dia ruim é só se cair um satélite da Nasa na cabeça dele.”

- Machucou você, meu filho? – Perguntou preocupada Flávia, agora olhando a cada instante pelo espelho.

- Não mãe. Eu estou legal. – Disse Nicolas despreocupado.

- Por que fizeram isso? – Perguntou Melanie.

- Eu bati em um menino.

Melanie riu e recebeu um olhar de reprimenda da mãe.

- Por que você fez isso, garoto? – Perguntou Flávia não escondendo a irritação.

- Ele falou que você e meu pai são separados por culpa minha.

Flávia mordeu os lábios. Melanie percebeu que essa situação mexia com o ânimo da mãe. Nunca foi uma situação fácil nem para ela e nem para Nicolas. Apostou num relacionamento que só lhe trouxe complicações. Mas, o que mais o fedelho poderia querer? Ele sempre podia ver o pai quando quisesse. Era só ligar. Edgar mora em outra cidade, mas ainda assim era perto. Agora ela não tinha a mesma sorte. Nem mesmo a voz do pai por telefone poderia ter. Nem uma foto sequer para olhar. Assim mesmo, de vez em quando, sentia falta do homem que nunca conheceu.

A casa onde moravam, atualmente, era um pouco menor. Melanie, mesmo assim, a apreciava mais do que a anterior. Era na entrada da cidade, de quem vem de Campo Largo, pouco depois do Parque Barigüi. A cor bege claro da casa, contribuía na preferência da garota. Tinha apenas dois quartos e o básico. Sala, cozinha, banheiro, mas já era suficiente para Melanie sentir-se bem. Não tinha boas lembranças da última casa que morou, da última cidade de onde vieram: Londrina. Sofreram uma invasão que traumatizou a todos.

Um marginal entrou na casa, mesmo eles estando dentro e dormindo. O bandido não roubou nada. Nem mesmo a polícia soube explicar como ele entrou, já que nada foi arrombado. Mas Melanie ainda lembra da real presença de uma pessoa, dentro do seu quarto, a observando dormir. A garota acordou por dois motivos: era uma noite quente de verão e ela sentiu o corpo todo gelar de repente. Também, por ter o sono leve e pôde sentir uma respiração descompassada e ofegante próximo a ela. Estava escuro. Não conseguiu visualizar o rosto daquele que estava oculto pelas sombras. O pequeno fecho de luz que entrava pela janela, apenas revelava sua postura. Com um terno, parecendo requintado, ele estava sentado na cadeira, ao lado do armário, com as pernas, elegantemente cruzadas.

Melanie teve o ímpeto de clamar por socorro. O invasor pareceu perceber e levantou-se.

Melanie fechou os olhos e gritou. Quando novamente abriu os olhos, o invasor não estava mais lá. Flávia acordou e correu em desespero para o quarto da filha. Chamou a polícia e tempo depois eles vieram. Remexeram tudo e nada encontraram. Chegaram a sugerir que era apenas um sonho, um pesadelo. Mas Flávia tinha o discernimento de saber quando a filha não falava a verdade. O que, certamente, não era o caso. Melanie não se contentou somente com o crédito recebido da mãe. Utilizando seu instinto, adquirido por algumas horas assistindo CSI, encontrou algo que os policiais não perceberam. Debaixo da cadeira, bem escondida no assoalho, algumas gotas de um líquido que lembrava sangue. Melanie sabia que até antes de se deitar não havia ali gota de coisa alguma. Talvez o tal invasor estivesse ferido. Ou pior, tivesse ferido alguém. Dias depois, ela sentiu falta de um objeto. Uma caixinha de música que mantinha guardada. Era de sua mãe, que passou para ela quando nasceu. Estava guardada por que tinha quebrado e a sua melodia, tão familiar à Melanie, não podia mais se ouvir.

Como de costume, a chave da porta sempre emperrava. Flávia girava com cuidado, com medo de quebrá-la. Depois daria um trabalhão ter que trocar a fechadura, por causa do pedaço da chave que ficaria emperrado. Era serviço para homem, e o único homem da casa, mal sabia consertar os Transformers que possuía. Melanie já entrou abandonando a mochila no sofá enquanto procurava o controle remoto da TV. Nicolas corre para o banheiro.

- Hei, mocinha. – Disse Flávia e apertando o botão da secretária eletrônica. – Não sabe onde guarda isso, não?

- Claro que sei, mãe – Disse Melanie pegando de novo a mochila. – E “isso” é uma mochila.

Flávia apenas faz mais um gesto apontando a porta do quarto. Melanie segue arrastando a mochila, enquanto ouve a voz mecânica da secretária avisando que tinham duas mensagens. Curiosa, como sempre, Melanie pára no corredor para ouvir.

“Oi, Flávia... É a Leonora...” - Leonora é colega de trabalho de Flávia.

“Seguinte, uma e meia tem reunião aqui na imobiliária.”

Flávia já trabalhou em muitos ramos de atividades. Inclusive já foi revendedora de cosméticos e até trabalhou com massoterapia. Atualmente trabalhava como corretora de imóveis. Uma de suas tantas habilidades adquiridas forçosamente.

“E já vou adiantando...” - A mulher diminuiu o tom da voz como se cochichasse. - “O Seu Mathias está furo da vida com você. Acho que você já de vê saber o que irritou tanto o homem, não é?”

Flávia até gostaria de não saber. Mas o seu fraco desempenho, depois de tantas promessas de ótimos negócios, alardeado por ela no início da contratação, seria a razão do mau humor do chefe.

“Beijão querida... Que já estou indo almoçar. Até depois.”

Melanie pensou depois do click final da mensagem que seria bom que o almoço de hoje fosse com talheres de plástico. Imaginando já, antecipadamente, que o mau humor de Flávia eclodiria por qualquer detalhe. Talvez a segunda mensagem pudesse amenizar as coisas. Poderia ser uma boa notícia. Melanie lembrou que sua mãe tinha um tique nervoso, principalmente quando era por motivos de raiva. Flávia piscava, sem parar. A garota reparou que a mãe já parecia o cursor do Word, quando apertou o botão para ouvir a segunda mensagem.

O que vinha do telefone assemelhava-se a uma respiração, quase inaudível, somado ao barulho de quando alguém passa o aparelho de uma orelha para outra. Mais nada. Por alguns longos segundos a mesma coisa.

- Tem gente que na tem o que fazer. – Disse Flávia considerando ser um trote, ou coisa assim. Ela aponta o dedo indicador no botão de apagar.

“- Olá...”

Uma voz fraca. Grave. Daquelas que se demora um pouco a identificar se é de homem ou mulher, fez-se ouvir.

“Sou eu...”

Era uma mulher, aparentando idade avançada. Ela não mencionou o nome, mas Melanie percebeu que Flávia já havia a identificado, já que foi se soltando levemente no sofá, como se estivesse com medo de cair.

“Sei que não devia ligar... Mas não sei o que fazer...”

Flávia levou a mão na boca. Sua mão tremia. Nicolas saiu cantarolando do banheiro e seguia para sala. Melanie o segurou pelo braço, quando passava por ela e tapou-lhe a boca.

- O que foi? – Disse Nicolas.

Melanie apontou para a mãe e fez sinal para que o garoto permanecesse em silêncio.

“Tudo está mudando por aqui... Não tenho mais condições de passar por tudo aquilo de novo...” -

A mulher pronunciava com dificuldade as palavras entre tosses fortíssimas. - ‘Preciso que você me ajude agora... Por favor... Assim como eu te ajudei um dia...”

A mulher foi tomada de uma tosse ininterrupta que a dificultava de pronunciar qualquer palavra. A única coisa que se pôde ouvir antes do telefone desligar foi um “Venha! Flávia! Depressa!”

Flávia desligou, empurrando a secretária eletrônica, com repulsa. Parecia que tinha criado nojo dela. Flávia afundou as mãos nos cabelos e permaneceu imóvel. Para Melanie, já era mais do que suficiente perceber o estado que a mãe ficara depois de ouvir a mensagem, mas a mulher idosa sabia pra quem tinha ligado. Ela disse um nome no fim da gravação. Disse o nome de Flávia. Com certeza, não era um trote.

Durante seus 16, quase 17 anos de vida, Melanie já estava mais do que habituada com o jeito da mãe. Sabia o que a deixava feliz, triste, magoada e com medo. Definitivamente, o medo a estava dominando. Ficou sentada lá no sofá um bom tempo, quase na mesma posição. Melanie improvisou o almoço, um macarrão básico e uma salada rápida, já que isso era sempre a mãe que providenciava. Flávia não almoçou, nem veio à mesa. Melanie serviu Nicolas e até colocou comida em um prato para si mesma, mas já sabendo que seria perda de tempo. Não tinha fome também. Melanie ficou pensando em quem seria aquela mulher? E por que apenas de ouvir sua voz em menos de um minuto de gravação, Flávia, ficou transtornada desse jeito? A garota não sabia nem por onde começar a encontrar respostas, além das que poderiam ser dadas pela própria mãe. Mas ela não teria coragem de perguntar nada.

Melanie esperou Nicolas terminar e sair da mesa. Neste período ficou ali, sentada, separando com o garfo a comida no prato. Detestou o clima pesado que se instaurou na casa

àquela hora. Estava absorta em seus pensamentos quando Flávia entrou na cozinha, com uma expressão nada amistosa.

- Vou sair. Preciso resolver algumas coisas. – Disse Flávia arrumando o interior da bolsa como que procurando algo. – Cadê minhas chaves?

- Estão na sua mão, mãe. – Respondeu Melanie notando que Flávia estava ainda bastante nervosa. - Tudo bem com você? – Arriscou perguntar a menina.

- Está sim – Respondeu Flávia, esforçando-se para soar verdadeira. – Fique tranquila. Só cuide bem do seu irmão.

- Isso eu faço sempre. – Completou Melanie percebendo tardiamente que não era uma boa hora para instigar a mãe.

Flávia deu um beijo em Nicolas que estava fazendo um desenho sobre a mesa e na sequência ficou de frente com Melanie e a abraçou apertado. A garota ficou com os braços esticados, imóveis, envolvidos pelos da mãe. Ela estranhou essa repentina manifestação de afeto. Flávia a olhou nos olhos e saiu. Melanie considerou que hoje, realmente, não estava sendo um dia normal.

Tinha passado mais de meia hora, quando Melanie lembrou do combinado da galera da escola de estarem todos no mesmo horário no Messenger. Mas não tinha mais importância. Ela agora estava preocupada com a demora da mãe, que já deveria estar em casa à uma hora atrás. Ela sentou-se na frente de casa, na elevação da mureta, segurando o celular na esperança de receber uma chamada, já que o celular da mãe só dava na caixa postal.

Alguma coisa aconteceu. Flávia nunca se atrasa. Melanie deixou Nicolas vendo TV. Ele ficava entretido por horas, assistindo Discovery Kids. O seu desejo era ver logo o carro prateado dobrar a esquina. Era horário de verão e a cor avermelhada do horizonte estava se dissipando, dando lugar a um céu negro, cravejado de brilhantes.

Alguns minutos se passaram e a garota se levantou. Sentiu-se um pouco tonta. Aquela sensação de ficar vendo pequenas luzes depois que se levanta subitamente, se apossou dela. Labirintite, coisa assim. Um barulho estranho chamou sua atenção. Parecia duas espadas trocando golpes.

“Ah! Esse peste. Ta assistindo filme violento de novo”. – Pensou seguindo para dentro de casa. “Depois sai batendo nos colegas de escola e não sabe por que”.

Entrou na sala e o som cessou. Nicolas estava deitado no sofá vendo os desenhos. Ele nem tinha se mexido. Não poderia mudar rapidamente de canal, mesmo por que o controle da TV estava longe. Era estranho, mas Melanie deu de ombros e saiu novamente.

A rua da casa onde moravam é bem tranqüila. Arborizada. Inclusive tem uma grande árvore bem na frente do muro, quase de frente com o portão. Se isso dificulta para quem está fora olhar quem está dentro, o mesmo acontece ao inverso; por isso ela estava do lado de fora do muro, na calçada. Quanto antes ela visse a mãe chegando, acabaria logo sua angustia.

Passou mais uma hora e já roia as unhas sem parar. Entrou novamente e Nicolas dormia, mesmo com o som alto da Tv. Saiu outra vez. Melanie estava muito nervosa e ficava ainda mais a cada tentativa em vão para o celular da mãe. O único movimento de carros e de pedestres eram a alguns quarteirões adiante, numa rua transversal. Uma avenida. Na frente da casa, o único movimento além do da garota, eram dos pequenos besouros batendo, insistentemente, contra as lâmpadas dos postes. De repente ela ouve um ruído, como som de passos. Olhou para a direção de onde o som partiu e viu um sujeito parado na esquina.

Ele parou de perfil, em cima do meio-fio, igual quando alguém espera para um carro passar, mas não havia carro nenhum vindo por aquela rua. Colocou as mãos nos bolsos. Estava bem vestido. Jeans preto, camisa branca e usava sapatos caros. Tinha cabelos castanhos. Quase loiros. Desgrenhados, mas na moda. Bonito. Charmoso. Até demais. Tanto que Melanie não conseguiu tirar os olhos dele.

“Nossa! O que o irmão mais novo do Brad Pitt está fazendo aqui? – Pensou Melanie . Ele riu. Baixou a cabeça levemente e a olhou por baixo.

“Credo! Será que eu falei alto demais?” – Pensou de novo. Ele continuou olhando. Ela, evidentemente, só o observava com o canto dos olhos. Ele tinha um sorriso enigmático. Uma mistura de cinismo e pureza. Satisfação e desejo. Era mais do que um garoto imã: era irresistível. Ele tirou algo do bolso, parecia um chaveiro de carro. Apertou o botão e o alarme de um carro estacionado um pouco mais longe, desligou. Nervosa pela demora da mãe, Melanie, nem havia notado o carro importado estacionado. Um Lamborghini Gallardo, vermelho. Imponente. Daqueles que é difícil de se ver por aí. Melanie olhou na direção do belo estranho. Ele permanecia olhando.

“O que ele está pensando? Por que não pára de olhar pra mim?” – Pensou a garota. Logo ela, uma garota simples. Sentada sozinha em frente da casa. De cabelo preso e cara lavada. De calção jeans, camiseta básica e chinelo. Chinelo. Ela se sentia uma piada.

Melanie estava a ponto de entrar. Ela queria ficar ali, observando e sendo observada por aquele estranho. Mas estava com vergonha de si mesma. Ficou pensando porque as pessoas ficam tão desleixadas quando estão em casa. Nunca se imagina que coisas como essas irão acontecer? De repente o Fiesta prata 4 portas converge para o lado da casa. Era Flávia.

“Graças a Deus”. – Agradeceu Melanie.

Aliviada, ela olha na direção da esquina e o belo estranho não estava mais lá. A garota percebeu o farol do Gallardo ligar. Flávia estacionou bem em frente da casa. Melanie levantou por que o Fiesta ficou bem na sua frente. O carro importado estava vindo. Ele, o estranho, passou com o vidro do carona abaixado e olhando para Melanie. Lançou sobre ela mais uma vez seu sorriso enigmático. Depois seguiu pela direção contrária de onde Flávia tinha vindo. Flávia, desconfiada, desceu do carro e percebeu para onde os olhos da filha endereçavam.

- O que é isso, Mel? – Disse ela batendo a porta.

- Isso o quê, mãe?

- Quem era esse aí? – Perguntou Flávia desconfiada.

- Como eu vou saber. Devia estar só passando pela rua. – Respondeu desconversando Melanie.

Flávia fez um sinal para que Melanie olhasse para dentro do carro. A garota então se deu conta que tinha uma pessoa dentro. Leonora. Melanie bloqueava a saída da amiga de trabalho de Flávia. A filha até tinha estranhado a mãe não ter pedido para que ela abri-se o portão para guardar o carro. Melanie retirou-se da frente da porta e Leonora saiu. Era bem baixinha e magra. Estava usando um tailleur marrom, com uma saia evasé e um coque no cabelo. Parecia que tinha tomado banho de perfume.

- Oi. Leonora. – Melanie cumprimentou a mulher chamando pelo nome. Ela havia dito que detestava quando a chamavam de “Dona” ou “Senhora”.

- Oi lindinha. – Respondeu Leonora tão efusiva que Melanie pensou que a mulher apertaria as suas buchechas.

- A Leonora está aqui por que veio me dar uma ajudinha. – Disse Flávia. Leonora sorriu tanto que a garota pôde ver a amálgama dos seus dentes do fundo.

- Vamos entrar, então. – Sugeriu Flávia.

A amiga do trabalho entrou por primeiro. Ela passou por Melanie que quase tonteou, ao sentir o forte perfume entrar em suas narinas. Flávia entrou atrás de Leonora e olhou para filha com uma careta, seguido de um sinal abanando o nariz. A garota imaginou o que a mãe deve ter sofrido dentro do carro.

Melanie estava prestes a entrar quando olhou na direção de onde o belo estranho ficou parado. Algo no chão lhe chamou a atenção. Ela olhou para a porta de entrada da casa. Leonora e a mãe já tinham sumido.

“Vou ver o que é.” - Pensou já mudando o primeiro passo na direção da esquina.

Quando chegou perto, se abaixou e a pegou. Era uma rosa. Uma linda rosa vermelha. Melanie a cheirou. A sua fragrância era marcante. Seria possível que havia se misturado com o cheiro do belo estranho? Ao menos, tinha cheiro de mistério.

Ela entrou escondendo a rosa. Conhecendo bem a mãe, ela sabia que seria submetida a um batalhão de perguntas. Flávia estava junto ao sofá, custando a acordar Nicolas. Leonora se pôs sentada no sofá menor, olhando um álbum de fotos.

- Faz tempo que ele dormiu aqui? – Perguntou Flávia lançando aquele olhar do tipo – “Não te pedi pra cuidar dele.”

- Acho que sim. – Respondeu Melanie ainda com as mãos atrás das costas. – Eu estava lá fora esperando você dar um sinal de vida.

Nicolas acordou ainda muito sonolento. Flávia considerou por bem não discutir com a filha. Afinal, tinha uma pessoa, praticamente, estranha dentro de casa. Era também uma coisa muito pequena pra se iniciar uma discussão. Já que as duas tem conhecimento que Nicolas vive se jogando nos cantos pra dormir. E mais ainda, que Melanie tinha razão. Ela, Flávia, sumiu e não deu satisfação nenhuma a respeito, até agora.

- Então senta aí que precisamos conversar. – Disse Flávia sem escolher as palavras.

“Ah! Não.” – Pensou, imediatamente, Melanie; já ciente o que essas palavras queriam dizer. As tinha ouvido diversas vezes.

- Não vou ficar de pé. – Respondeu já prevendo a própria reação. – Pode falar.

- Trouxe a Leonora aqui. – Flávia continuou. – Por que vamos precisar ficar longe uns dias e ela vai cuidar da nossa casa.

A mulher parou de ver as fotos e ficou olhando para Melanie como querendo ouvir palavras de agradecimento por seu gesto.

- O quê? – Perguntou a garota num tom mais alto, levando as mãos para frente, esquecendo que segurava a rosa. – Longe uns dias? Como assim?

Leonora levantou e veio em sua direção. Ela envolveu a rosa com as minúsculas mãos.

- Nossa! Que linda. – Disse a mulher cheirando-a.

Melanie ficou atenta, preocupada que ela a tocasse com mais força e a despedaça-se. Leonora a olhou, sorrindo e voltou a sentar. Melanie ficou imaginando se a atitude da mulher foi de alguém que nunca recebeu uma rosa se quer, em toda a vida.

- Aconteceu uma coisa e preciso que vocês me acompanhem. – Continuou Flávia olhando para rosa.

- Mas para onde a gente vai? – Perguntou Melanie colocando as mãos para trás novamente.

- Quando a gente chegar lá você vê, Julieta. – Respondeu Flávia com a cara torta.

“Só que a Julieta, pelo menos, sabia o nome do Romeu.” – Pensou a garota.

- Bom... Sendo por alguns dias. Beleza.

- Só por uns dias sim. Eu já conversei com a Leonora e expliquei tudo para ela como funciona aqui. Ela vai dar comida para os peixinhos do Nic. Vou deixar dinheiro para as contas que forem vencer... Essas coisas.

Leonora gesticulou com a cabeça demonstrando que tinha tudo anotado.

- Se tiver uma recomendação pode dizer. – Falou a prestativa Leonora.

Melanie a olhou com um olhar grato. Afinal, ela cuidaria das suas coisas.

Com certeza, essa viagem repentina era algo relacionado ao trabalho da mãe. Ela prometeu mundos e fundos para o tal Seu Mathias. Agora estava mais do que na hora de cumprir.

Claro, que obviamente, se estivessem de volta o quanto antes.

Mesmo acordando mais tarde do que nos outros dias, Melanie, sentia-se um trapo. Obrigou-se a dormir tarde, já que a amiga da mãe, Leonora, foi embora depois da meia noite.

Ficaram ela e Flávia jogando conversa fora e tomando vinho. Era um vinho que Flávia guardava já desde os tempos de Edgar. Depois de uma garrafa inteira o volume das conversas e risadas se alteraram, ficando cada vez mais alto. Nicolas, para variar, dorme até com uma britadeira, funcionando a mil, do lado da cama. Melanie já não tem essa sorte. Mesmo que seu quarto fosse blindado ela não conseguiria dormir com tanto barulho. A risada de Leonora era estridente. E quando ela começou a falar as primeiras bobagens, de caráter mais adulto, Flávia sugeriu que precisava dormir. Chamaram um táxi e a desmedida e feliz Leonora foi para casa cantarolando.

O momento do café da manhã não era o que Melanie tinha planejado durante toda uma semana. Imaginou no seu primeiro dia de férias, iria acordar feliz, pronta para um dia cheio de atividades com as amigas. Mas não, sem antes, de manhã ainda, dar uma passadinha na biblioteca municipal, para garantir uns dois bons romances. Depois compraria mais outros dois em uma livraria. Afinal, o dinheiro que ela ganha da mãe, para cuidar da casa e do irmão enquanto Flávia trabalha, a possibilita gastar um pouquinho com suas maiores

paixões. Dependendo do livro ela lê em três ou quatro dias. Mas leva muito mais tempo para se livrar da sensação, boa ou ruim, que ele lhe traz. Adora se fazer passar pelas heroínas das histórias que lê. Mesmo daquelas que tem as histórias mais tristes.

Tombou seu corpo na cadeira e ficou olhando para a xícara na sua frente. Melanie desejava ter neste momento o poder da telecinese. Colocaria assim, seus olhos sobre a garrafa térmica e ela se abriria, seguindo já quase deitada até a sua xícara e a encheria de café. Nicolas tomava o café como todos os dias fazendo os mesmos barulhos irritantes. Flávia estava de pé, parada, com uma xícara na mão, olhando pela janela. Ela nem notou a filha chegar. Estava entretida em seus pensamentos.

- A mamãe falou que nós vamos viajar. – Disse Nicolas.

“Grande coisa.” – Pensou Melanie, o respondendo com uma careta. A mãe virou-se, enfim percebendo sua presença.

- Dormiu bem? – Perguntou Flávia, tomando em seguida, um gole do café.

Pela cara que fez o café já devia estar frio a muito tempo.

- Dormi. – Respondeu Melanie não querendo importunar a mãe com seus problemas.

- Ainda tenho umas coisinhas para resolver. Depois a gente pega a estrada.

- Posso saber do que se trata?

Ela permaneceu pensativa. Parecia que ainda não tinha uma resposta.

- São coisas... – Ela pensou mais um pouco. – Do meu trabalho.

- E por que a gente precisa ir também?

- Por que são meus filhos. Vou ficar uns dias fora e quero vocês debaixo da minha visão.

- Eu quero ir junto. - Disse Nicolas.

“Puxa saco” - Pensou Melanie, enquanto observa a mãe passando a mão pelos cabelos arrepiados do irmão.

- Preferia ficar aqui. – Disse Melanie mesmo ciente que não haveria outra solução para ela.
- A sua amiga não vai cuidar da casa? Então, cuida de mim também.

- De jeito nenhum. – Flávia respondeu já dando indícios que o mau humor da manhã a tinha alcançado bem naquela hora. – Vocês dois vão comigo. A Leonora só vem dar uma passadinha aqui, dia sim, dia não.

Melanie considerou melhor não prosseguir com a discussão. Ela sabia que iria perder. O argumento da mãe é sempre o mais eficiente: o tom de voz mais alto.

Flávia antes de sair pela manhã, avisou os filhos que, dependendo das circunstâncias, não viria para o almoço. De fato, ela não veio. Já tinha passado das duas da tarde e Melanie estava, completamente, aborrecida, em frente à TV, passando um a um dos canais. Nada lhe prendia a atenção. Até que surgiu na sua mente a imagem do estranho de ontem à noite.

Possivelmente, foi a primeira e única vez que o veria. Foi até o seu quarto. Colocou uma calça jeans. Depois procurou uma blusinha que gostasse.

Jogou longe o chinelo e colocou um tênis. Parou diante do espelho. Soltou os longos cabelos castanhos escuros e ajustou com cuidado os fios. Pegou seu estojo de maquiagem e fez uma produçãozinha básica. Estava pronta para sair. Passou pelo pequeno corredor em direção a sala e notou que Nicolas jogava no computador. Esse era mais um dos seus hábitos saudáveis.

- Já volto. – Avisou para as paredes, já que Nicolas nem se mexeu além de apertar os botões do teclado, enquanto mordida a língua com o canto da boca.

O movimento durante o dia é mais vigoroso. Carros e pessoas passam mais constantemente. Durante a quase meia hora que ficou ali, Melanie não viu nem sinal do carro vermelho ou do seu dono. Sentiu-se uma idiota, ali fora, esperando um cara passar. Um cara que nem mesmo conhecia. Entrou chateada.

“Vou para um outro mundo mais feliz.” – Pensou já seguindo para sua coleção de livros, desejando tomar o lugar de uma das suas fiéis companheiras em seus mundos perfeitos.

Não deu tempo nem de pegar o primeiro livro e o telefone tocou.

“Minha mãe”. – Pensou. Nicolas estava concentrado demais na disputa do jogo. Ele sempre é o primeiro a sair correndo e atender. Melanie foi até o aparelho.

- Alô! - Do outro lado da linha o silêncio. - - Alô! – Repetiu.

Nenhum sinal.

- Ok! Vou desligar. – Melanie utiliza sempre a mesma tática. Fala que vai desligar e continua ouvindo. Numa dessa, a pessoa se manifesta. Ninguém respondeu. Só tinha uma alternativa, desligar de verdade. O telefone já estava a alguns centímetros, distante da sua orelha, quando ouviu um pigarro. Era um pigarro que ela já tinha ouvido antes. Era o da mulher da ligação de ontem.

- Quem é? – Perguntou Melanie um pouco nervosa. A mulher talvez tenha percebido a alteração na sua voz e entendeu que ela a tinha reconhecido.

- Você é a filha da... – A mulher hesitou um pouco e concluiu com aquela voz rouca. Cavernosa. – Flávia?

- Sou. – Respondeu Melanie. - O que a senhora quer com a minha mãe? – A garota jogou logo a pergunta.

- Querida. Tem muita coisa que preciso resolver com sua mãe. – A mulher tinha dificuldades para dizer frases com mais de três ou quatro palavras, sempre as finalizando com uma tosse. – Ela ouviu meu recado ontem?

- Ouviu sim. Nunca vi minha mãe daquele jeito.

- Onde ela está agora?

- Foi trabalhar... Eu acho.

- Você sabe me dizer se ela está vindo me encontrar?

- Acredito que não senhora. Acho que só foi trabalhar.

- Ela comentou algo sobre uma viagem?

- Comentou. Nós vamos viajar em breve.

- Disse para onde vocês irão?

- Não senhora.

- Então ela está vindo para cá mesmo. – A mulher falou como se estivesse afirmando para si mesma. – E vai trazer a filha.

- Claro que eu vou junto. Minha mãe não me deixaria... – Nem deu tempo de terminar e Melanie ouviu o barulho do telefone sendo desligado. A mulher mal educada desligou na sua cara.

Quando Flávia chegou Melanie considerou melhor não mencionar o telefone da mulher misteriosa. Não gostaria de ver a mãe do mesmo jeito que ficou quando ouviu a mensagem.

- Então, meus lindos. – Entrou dizendo Flávia, enquanto beijava a cabeça dos filhos. – Sentiram falta da mamãe aqui?

- Eu senti. – Disse Nicolas sorridente, ganhando mais um beijo da mãe. Melanie olhou para o irmão e balançou a cabeça. - “Como consegue ser tão puxa saco, moleque? – Pensou.

- Alguém ligou pra mim? – Perguntou Flávia.

- Não. – Respondeu Melanie sem mirar nos olhos da mãe. Se assim o fizesse, com certeza, entregaria que estava mentindo.

- Ligaram sim – Disse Nicolas com ar superior. – Aquela mesmo mulher que não pára de tossir.

“Ferrou!” – Pensou Melanie se encolhendo no sofá. “Esse fofoqueiro ouviu.”

- Quem de vocês que atendeu? – Irritou-se Flávia.

Nicolas acenou com a cabeça apontando Melanie.

“Peste! Você me paga” – Prometeu Melanie fuzilando com os olhos o irmão.

- Não acredito, Melanie! – Explodiu Flavia. – Você não ia me dizer nada?

- Claro que não, mãe. – Respondeu gesticulando Melanie. – Não se lembra de como você ficou da última vez?

- Você não pode esconder essas coisas de mim. – Esbravejou Flávia segurando a filha pelos braços. – Nunca mais tente esconder nada de mim.

- Calma mãe - Respondeu assustada Melanie. – É só uma ligação.

Flávia a soltou e percebeu o quanto tinha se alterado.

- Ela ligou, eu atendi, ela perguntou por você e eu disse que você não estava. – Explicou Melanie. – Ela desligou. Só isso.

Flávia passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo. Em seguida olhou para Melanie e passou a mão pelos cabelos da filha.

- Está bem. – Disse Flávia calmamente. – Mas quando essa mulher ligar e eu não estiver aqui, não fale mais com ela. Entendeu?

Melanie anuiu com a cabeça positivamente.

- Só eu falo com ela. – Flávia mordeu os lábios. – Só eu!

Flávia respirou fundo outra vez, pegou a pasta da imobiliária. Teve a intenção de sair da sala. Antes de passar pela porta virou-se para os filhos.

- Nós vamos amanhã. – anunciou Flávia – Não posso mais esperar.

Flávia saiu. Melanie olhou para o irmão. Nicolas lhe mostrou a língua.

- Isso mesmo, seu cobrinha. – Sussurrou Melanie. – Qualquer dia desses, eu corto fora essa língua afiada.

Nicolas deu de ombros e voltou a ver TV. Melanie colocou os neurônios para funcionar. O que Flávia tinha de tão grave para esconder? Afinal, ninguém estoura assim só por um simples telefonema. Seja como for, poderia estar próximo dela descobrir alguma coisa. Já que a tal viagem de amanhã, não parecia mais ser coisa só do trabalho da mãe. Mais parecia ter a ver com a mulher da ligação.

CAPÍTULO DOIS – CARPE DIEM?

Melanie sabia que a mãe não tolerava dirigir à noite, nem quando está chovendo. Eram quase dez horas da noite, chovia forte e elas estavam no interior do Fiesta, na estrada. A garota recebia no próprio corpo toda a tensão que sua mãe estava sentindo, ao se concentrar no pequeno vislumbre da rodovia, que dava para ver através da densa camada de água, que escorria pelos pára-brisas. Estava no banco do passageiro, fingindo que estava tranqüila, ouvindo música em meu mp4. Mas, por muitas vezes, apertou o pé contra o carro, como se fosse ela mesma que estivesse dirigindo. A mãe estava muito concentrada pra notar isso, aliás, Melanie considerava que já há muito tempo ela não vem notando muita coisa que ela tem feito. Estava para sair de mais um emprego. O quarto em menos de dois anos. Flávia sempre demonstrou ser irrequieta contrastando com o jeito passivo que Melanie possuía. Mas dessa vez, a garota pressentia que algo não ia bem, só não sabia o quê.

- Tenho que ir para uma outra cidade. Preciso resolver algumas coisas, mas é por pouco tempo. Preciso que você e Nicolas entendam. – Disse a mãe para Melanie, enquanto assistiam à novela.

“Como eu posso entender? E os meus planos? E as coisas que eu teria que resolver? Como ficarão?” - Pensou Melanie lembrando da conversa.

“Que m...” – Ia pensar um palavrão quando ouviu um ainda pior da boca da mãe. Sentiu os solavancos. Ela havia saído da estrada outra vez e quase bateu em um barranco. Tirou os fones e tentou parecer natural, apesar de estar com muito medo. A mãe a olhou rapidamente com aquele olhar, querendo dizer:

“O que foi? Falei! E daí? Eu posso sou sua mãe”. - Mas disse outra coisa. - Mel! Veja aí como está o seu irmão.

Melanie olhou para trás e constatou que Nicolas, dormia pesado.

- Está bem! – Respondeu Melanie – Para variar está dormindo.

Flávia ouviu e continuou concentrada. A luz forte de outro carro que seguia na direção contrária, cegou Melanie por alguns instantes. Instintivamente ela colocou as mãos sobre os olhos.

- Eu sei que está cansada também. – Disse Flávia sem tirar a atenção da estrada – A gente já está chegando.

Ela pareceu hesitar e Melanie percebeu. A garota ficou em silêncio. A mãe tentou alcançar seus pensamentos examinando-a com o canto dos olhos.

- Entendo que você está chateada por toda essa viagem repentina – Continuou Flávia – Mas eu precisava mesmo fazer isso. E afinal, já estamos aqui. Não dá mais pra voltar. Pelo menos, não por enquanto.

Melanie continuou em silêncio, engolindo muitas palavras que gostaria de dizer. Mas sabendo que em algo, realmente, a mãe tinha razão. Não dá mais pra voltar.

- Quem sabe você até goste de lá. – Prosseguiu Flávia – Vai ser por poucos dias. Além do mais, é muito bonita a cidadezinha.

“Cidadezinha”. Isso fez Melanie lembrar, de certa vez, quando ainda devia ter a idade do irmão. Uns oito ou nove anos, talvez. Quando ouviu o nome desta cidade pela primeira vez. Monte Seco. Lembrou, por que riu quando ouviu, achando o nome engraçado. A mãe, na época, falava com alguém no telefone também. Melanie não sabia quem era. Depois de algum tempo ela começou a ficar irritada e repetia em tom áspero que jamais voltaria a por os pés em Monte Seco. Jamais. Depois disto, nunca mais ouviu o nome outra vez. Até semana passada, quando soube que a tal cidade de nome engraçado, não mais pareceu tão engraçado assim.

- Não consigo entender uma coisa – Resmungou Melanie – Porque nós vamos pra esse fim de mundo?

- Já te falei. Eles precisam da minha presença por lá, pra resolver algumas coisas. - Respondeu Flávia - Fique tranqüila, no que tudo se acerte, em seguida a gente dá meia volta. Arrumei um lugarzinho bem família pra ficarmos. Vai ser bom pra vocês também.

- Nada disso. – Respondeu Melanie no ato - No que isso vai fazer bem pra mim?

- Vai sim. Você vai ver.

- Claro! Vou ver a minhas férias afundar. Eu bem que poderia ter ficado na casa de uma das minhas amigas.

- Meu Deus, Melanie! Você está parecendo uma criança mimada. - Flávia olhou rapidamente para filha e voltou a concentrar-se na estrada. – Eu sei que você não é assim.

Melanie sabia que nisso Flávia também tinha razão. Ela não era de agir assim. Tinha mais consciência e juízo do que muito de suas amigas. Mas essa reviravolta repentina, além de mudar seus planos, a fez mudar de outra forma. Ficou mais amarga. Mais triste.

- Como as aulas ainda vão demorar uns dias pra começar, vocês dois vão ter tempo de sobra pra conhecer a cidade, fazer novos amigos antes de voltarmos.

Flávia parou bruscamente de falar percebendo o desinteresse de Melanie na conversa.

- Por que não tenta dormir? – Prosseguiu.

- Não vou conseguir.

Flávia colocou a mão sobre a perna da filha e logo a retornou ao volante.

- Ta bom. – Suspirou não conseguindo esconder a tensão. – Só continue prestando atenção no seu irmão.

Melanie percebeu neste instante que além de estar preocupada com o perigo da estrada a mãe também estava sentindo medo. Alguma coisa estava tirando a paz de Flávia, mas ela

não queria dividir com ninguém o que a estava preocupando. Tinha também outro agravante, recaía sobre ela a responsabilidade das coisas darem certo novamente, já que seus planos não dessem certo, teria que procurar outro emprego quando retornassem .

Nas próximas quase duas horas que se seguiram, Melanie permaneceu em silêncio, ouvindo as poucas palavras esboçadas pela mãe, a respiração do irmão no banco de trás e o barulho da chuva que diminuía gradativamente, até cessar por completo. Pararam em um posto de combustível e Flávia não demorou-se a descer pra pedir informação, colocar gasolina e comprar alguma coisa pra comerem. Nicolas acordou.

- A gente já chegou? – perguntou bocejando.

- Ainda não.

- Falta muito?

- Acho que não. Mamãe foi ver.

- Será que fica muito longe? - Repetiu a pergunta

- Não sei garoto. - Melanie respondeu esbravejando.

- Quero ir no banheiro.

Melanie lembrou de quando se mostrava mais atenciosa no cuidado do irmão. Ao contrário de muitas crianças que ficam enciumadas, com o nascimento de um irmão mais novo, ela o amou desde o primeiro dia. Apesar de, ultimamente, o irmão estar se tornando um saco, ela, assim mesmo, o ama sem medidas. Fazendo o papel de irmã mais velha ela olhou para porta de onde supostamente seria o banheiro, estava semi-aberta. Era perto de onde o carro estava estacionado.

- Desce e vai lá. – Apontou a direção. - Só não demore.

Nicolas abriu a porta do carro e seguiu até o banheiro, arrastando os braços, parecendo um pouco arqueado pelo sono. Ele sempre faz isso toda manhã. Era sua marca registrada. Melanie observou-o entrar no banheiro e olhou para loja de conveniência na tentativa de avistar a mãe. Não a viu. Provavelmente, ela estaria comprando comida ou conversando com o atendente. Encostou a cabeça no vidro e fechou os olhos por alguns instantes.

Instantes depois, sentiu a cabeça pendendo para frente e se segurou pra não dormir. Não havia percebido o quanto estava cansada. Seu corpo doía. Os olhos pesavam. Estava quase adormecendo quando foi tomada por uma sensação que nunca antes havia experimentado. Era como um choque. Parecia que uma corrente elétrica a envolvia por inteira. Acordou de sobre-salto. Olhou na direção do banheiro, onde Nicolas estava e viu flashes de luzes saindo pela fresta da porta. Era estranho. Como se fosse o flash de muitas máquinas fotográficas ao mesmo tempo. Olhou pra loja de conveniência e não viu sua mãe. Desceu cambaleante do carro. As luzes continuavam dentro do banheiro. Melanie notou que uma placa de publicidade que anteriormente agitava-se histérica pelo vento, agora estava parada. Nem vento mais tinha. Nem barulho de nada. Tudo estava muito quieto. Seguiu para o banheiro e só conseguia ouvir o barulho dos próprios passos. Ela tinha a impressão de estar caminhando em slow motion.

- Nicolas!

Chamou pelo irmão antes de entrar. Ele não respondeu. Aproximou-se da porta e devagar foi abrindo-a. As luzes se intensificaram. Melanie morria de medo, mas precisava entrar. Podia ouvir o bater acelerado do seu coração. Ela tremia. Entrou chamando por Nicolas de novo e não ouviu resposta. Então, escutou algo indescritível, talvez como se muitas espadas travassem uma disputa. As luzes eram muito fortes e piscavam intensamente. Ela se segurou na parede pra não cair e gritou:

- Nicolas!

Tudo girou ao seu redor. Ela sentiu suas pernas bambearem.

- Não temas!

Uma voz suave, quase inaudível, sussurrou levemente em seu ouvido. Sentindo como se fosse desmaiar, Melanie teve a percepção que alguma coisa lhe amparava encostando-a na parede. Tentou olhar ao redor. Estava escuro. As luzes haviam cessado. Sentiu alguém passar e esbarrar em seu corpo combalido. Não conseguiu identificar o que era. Apenas viu o vulto saindo pela porta.

- Mel!

Ela ouviu a voz do irmão enquanto se recuperava escorando-se na parede.

- É você, Nicolas? -Perguntou ainda bastante zozza.

- Claro que sou eu.

Nicolas veio ao seu encontro. Melanie já podia vislumbrar os olhos inocentes do irmão. Ele a abraçou e os dois saíram do banheiro.

– Estava muito escuro lá dentro. Aquele homem ali ficou comigo pra eu não ficar com medo – Nicolas apontou em direção a uma caminhonete velha que estava estacionada. Deu tempo de Melanie ver o homem que entrava nela.

- Quem é esse homem?

- Eu não sei. Ele estava lá dentro. – Respondeu Nicolas. - Ele perguntou um monte de coisas pra mim.

Ouvindo um barulho de motor Melanie olhou de novo para onde estava a caminhonete. O homem a encarou e mesmo um pouco distante, ela conseguiu ver a negritude dos seus olhos. Ele sorriu. Era um sorriso sarcástico. Ele acenou na direção deles e saiu para estrada.

- Você já sabe Nicolas. Não pode falar com gente que você não conhece. É perigoso.

- O que é perigoso?

Flávia chegou e escutou apenas o fim da frase. Melanie compreendeu que não deveria falar nada pra mãe, pelo menos, não por enquanto. Ela sabia que se falasse alguma coisa, Flávia iria querer sair atrás de polícia, ou pior, do próprio homem da caminhonete.

- Lugar escuro, mãe. -Melanie tentou contornar. -O Nicolas queria fazer xixi no banheiro. - Ela olhou para Nicolas para que ele concordasse com a estória.

- Estava escuro lá dentro. - Continuou, enquanto Nicolas acenava com a cabeça dando crédito para a narração da irmã. - Falei pra ele fazer ali no cantinho mesmo.

Flávia não engoliu muita a estória, mas fez sinal pra que entrassem no carro. Os filhos obedeceram e ela também entrou segurando uma sacola. Pôs sobre o colo de Melanie, enquanto colocava a chave na ignição.

- O rapaz me falou que falta menos de três quilômetros de asfalto e mais uns cinco de estrada de chão por um desvio e chegamos.

Melanie abriu a sacola plástica e viu bolachas, chocolates e refrigerantes.

- Eu sei o que você está pensando. - Disse Flávia dando a partida e colocando a marcha. – Mas hoje eu faço uma exceção. Podem comer essas bobagens. É só isso que eles tinham lá mesmo.

Instantes depois eles estavam novamente na estrada. Só que agora Melanie refletia e considerava que sua mãe havia se enganado desta vez. Ela realmente olhava para o interior daquela sacola, mas na verdade, o que ela estava pensando, era sobre tudo que acontecera agora pouco, naquele banheiro.

O carro foi parando. Isso fez com que Melanie, desperta-se. Abriu com dificuldade os olhos e ainda deu tempo de ver a mãe estacionar. Ela olha para trás e Nicolas a encara sorrindo.

- Chegamos. - Disse o garoto parecendo realmente não se importar por toda mudança que estava passando.

– Já era hora. - Respondeu Melanie tentando identificar onde estavam.

- Vamos ficar aqui esses dias. - Disse Flávia apontando para uma casa grande e velha. Melanie olhou com despreço para o lugar. Pareceu-lhe aquelas pousadas administradas por velhas senhoras, com cara amarrada e olhar desaprovador pra tudo que o hóspede faz. Principalmente os da idade dela e do irmão.

- Vamos descendo. – Sugeriu Flávia – Por que amanhã vai ser um dia muito cheio e precisamos descansar um pouco.

Desceram e seguiram na direção da entrada. Flávia carregava uma pequena bolsa com documentos e roupas. Passaram em silêncio pelo portão e continuaram até a porta da pousada. Era uma casa enorme de madeira, e apesar da pouca luminosidade, Melanie notou

que foi pintada com um verde musgo que a deixou ainda mais desagradável. Ostentava uma área que se estendia por toda a frente. Alguns poucos vasos pendurados com samambaias eram os únicos enfeites. A porta de entrada era grande e seu tom amarronzado compartilhava para denunciar o mau gosto do proprietário do local. Ouviu-se o barulho da chave sendo girada. Melanie olhou na direção da fechadura e concluiu que, com certeza, sua fabricação não era deste século. A porta abriu lentamente e o rosto sorridente de uma menina, de uns seis ou sete anos, apareceu.

- Dona Flávia? – Perguntou a garotinha.

- Isso mesmo – Respondeu Flávia retribuindo o sorriso.

- Oi! Eu sou a Raissa! Fizeram uma boa viagem? - A menina escancarou a porta. – Minha avó está esperando vocês.

A menina deu as costas e entrou. Olhando para Flávia, Melanie identificou o motivo do seu leve sorriso de contentamento. Possivelmente ela estaria fazendo comparações em sua mente. É o que sempre ela faz quando depara com uma garotinha precoce. Pelo que Melanie sabe e a mãe não a deixa esquecer, que já foi espontânea e prodígio desse jeito. Uma Lisa Simpson.

Entrando por último, Melanie, perguntava-se que assuntos teria a mãe para resolver numa cidade como essa. Não poderiam ser resolvidos por telefone? Por e-mail, quem sabe? Ela corre os olhos pela grande sala de entrada. Móveis antigos. Quadros antigos. Tudo antigo. Uma TV pré-histórica, daquelas que parecem preto-e-branco, estava desligada no canto. Se a TV era assim, computador então, se existisse um por ali, é claro, deveria funcionar a manivela. Melanie olhou para o sofá coberto por uma capa com estampas florais, e este, pareceu exercer sobre a jovem uma força de atração muito grande. Vencida por ela, Melanie sentou-se pesadamente, no desconfortável sofá. Cruzou os braços e paralisou os músculos do corpo permanecendo inerte. Flávia e Nicolas entraram pelo corredor que levava aos demais cômodos da casa, seguindo a efusiva Raissa. O que uma menina na idade dela estaria fazendo acordada até essa hora? Na verdade, isso não interessava a Melanie. Afinal, agora, ela só nutria o desejo de dormir. Seus olhos pesaram novamente e ela foi soltando-se vagarosamente no sofá, encostando a cabeça na lateral e recolhendo as pernas sobre ele. Fechou os olhos.

- Não temas!

Melanie deu um sobressalto e sentou-se no sofá. Seu coração disparou. Ela não soube discernir se ouviu aquela mesma voz suave sussurrar no seu ouvido novamente ou apenas lembrou do momento que vivenciou naquele banheiro do posto de gasolina.

- O que foi?

Ela olhou na direção de onde partiu a voz. Raissa com a cabeça levemente inclinada para o lado, depositava os olhos azuis inquisidores, fixados nela.

- Nada! - Respondeu Melanie sem ainda compreender o que sentiu.

A garotinha sorriu e Melanie notou a perfeição dos seus dentes. Pareceu-lhe que, pelo menos, eles devem ter dentista na cidade.

- Aqui não! Mas tem um que vem toda semana. Dr. Marcos. – Disse Raissa enquanto olhava a garota deitada sobre o sofá. Depois meneou a cabeça e saiu saltitante.

Nem deu tempo de Melanie digerir o que acabou de acontecer e sua mãe, ladeada de um Nicolas sonolento, entrou na sala. Uma senhora idosa, segurando a mão de Raissa, entrou na sequência. Vestindo uma camisola e um penhoar azul, ela sustentava um ar nada severo. Bem ao contrário do que Melanie havia imaginado. Óculos de aros grandes, cabelos totalmente brancos e possuía um andar confiante, apesar da idade avançada.

- Essa é a minha filha Melanie. - Frisou Flávia apontando na direção da filha, que imediatamente se levantou, esboçando um sorriso endereçado a velha senhora.

- Seja bem vinda minha filha. – Disse a mulher num tom cordial.

- A Dona Carmélia é a proprietária daqui já há muitos anos. – Completou Flávia – E vai cuidar muito bem da gente.

Sem saber o que dizer. Ou não querendo mesmo. A garota concordou com um aceno de cabeça.

- Vocês devem estar muito cansados. Querem ir pro quarto agora?

- Por favor, Dona Carmélia. – Concordou Flávia.

- Por aqui. - A velha senhora apontou o caminho.

“E o resto das nossas coisas no carro?” - Pensou Melanie enquanto seguia a feliz comitiva.
“Deixa lá. Acho que nem ladrão existe neste fim de mundo.”

- Você é engraçada! – Disse Raissa rindo.

Melanie olhou surpresa para a menina um pouco a sua frente. Raissa estava olhando para ela, com os luminosos olhos azuis.

- Fim de mundo... – Repetiu a garotinha.

Flávia dormiu mais do que o costume. Estava, realmente, cansada. Dirigiu por muitas horas. Quase atravessaram o Estado. Nicolas também acordou tarde. Como pode caber tanta sonolência num só corpo? Melanie se perguntava. Ela, por sua vez, acordou por primeiro e se pôs em seguida a olhar pela janela. As manhãs em lugares assim, tão bucólicos, são lindas. Melanie até estranhou o desejo que sentiu de sair por aí, dar uma volta. A impressão que Melanie tinha criado do lugarejo na noite de ontem, poderia se dissipar com a luz do sol. A noite fica difícil visualizar as belezas que uma cidade tem, por mais minúscula que possa ser. Monte Seco não deveria ser diferente. A garota precisaria então tirar a prova nesta manhã.

Antes mesmo de chegar à cozinha, Melanie sentiu o característico e delicioso aroma de café. Parecia que ela estava em uma fazenda. Só estava faltando ouvir o som de uma vaca, ou o relincho de um cavalo. Ela passou pelo longo corredor e olhava as fotos penduradas na parede. Fotos antigas. Possivelmente com pessoas da família da proprietária. Parou diante de uma que lhe chamou a atenção. Era um grupo pequeno de pessoas enfileiradas e sorrindo. Certamente, todos da mesma família. Ela imaginava, apontando com o dedo sobre a pessoa, o que cada um poderia representar dentro do círculo familiar. O homem de bigode, que usava chapéu e um terno velho deveria ser o pai. A mulher de vestido simples, era a mãe. O senhor mais velho, com a bengala e suspensórios, era o avô. Na frente duas meninhas muito sorridentes. A mais velha, que usava um vestidinho mais claro, abraçava a possível irmã mais nova. O seu rosto era um pouco familiar para Melanie. Parecia que já tinha visto a foto dessa menina. A mais nova sorria mostrando os dentes que faltavam na boca. Ela era muito engraçadinha. Antes de seguir para cozinha, outro detalhe chamou a

atenção de Melanie. Lá no fundo uma outra mulher, mais velha, com a cara fechada, observava a família que estava em primeiro plano. Ela tinha um olhar nada amigável.

“Se queria ser penetra na foto, pelo menos, sorrisse.” - Pensou Melanie.

- Bom dia, criança. – Cumprimentou Dona Carmélia.

Melanie virou-se e deu de cara com a amistosa senhora no fim do corredor, que dava acesso a cozinha.

- Bom dia senhora. – Respondeu ainda tímida Melanie.

- Gosta de fotos antigas?

- Mais ou menos. – Respondeu sem graça a garota – São da sua família?

- Digamos que sim. – Respondeu a senhora ajeitando o quadro que parecia estar um pouco torto. – Se moram nesta cidade, ou mesmo temporariamente, nesta pousada, então são da minha família.

Melanie sorriu por se sentir incluída na família da boa senhora. A mulher retribuiu o sorriso.

- Quer saborear um cafezinho que eu mesma torrei? – Perguntou, com certo orgulho, Dona Carmélia.

Melanie respondeu positivamente com vários balançares de cabeça.

- Eu garanto que você nunca tomou um café tão saboroso.

Dona Carmélia deu meia volta e entrou na cozinha, seguida por Melanie.

Experimentou o café, os pães, os bolos, as bolachas caseiras e outros quitutes colocados em sua frente pela sorridente Dona Carmélia. Como ela poderia dizer um “não” àquela senhora? Saiu da cozinha como se estivesse almoçado. Estava indo tomar um ar, quando deparou-se com Flávia e Nicolas no corredor.

- Opa! Achamos a desaparecida. – Brincou Flávia olhando para Nicolas.

- Eu estava na cozinha. – Respondeu Melanie. – Vou dar uma volta por ai. Reconhecimento de território.

- Não vá se perder. – Brincou mais uma vez Flávia seguindo com Nicolas para cozinha.
- Como se isso fosse possível?

Flávia abraçou o filho e seguiram pelo longo corredor. Melanie estava na porta de entrada quando olhou para trás e viu a mãe parada diante da mesma foto. A garota abriu a porta e saiu.

A pequena cidade é ainda mais pequena do que ela imaginou, quando sua mãe a comunicou de sua intrépida decisão. Minúscula. Sufocante. Andou algumas quadras e a cidade terminou. O carro mais novo que viu era o deles. E ele já tem mais de dez anos de uso. Mas, ainda sim, tinha os seus atrativos. Poucos, mas tinha. As casas na maioria muito simples, eram aconchegantes. Ao redor da cidade, podia se notar, vários montes que quase a circulavam, formando uma barreira natural. Um fator preponderante, poucas pessoas na rua. Bem poucas.

Melanie estava voltando pela rua paralela, da qual, caminhou. Olhou uma placa com letras escritas a mão “Mercadinho do João”.

“Oh! Criatividade do povo do interior.” – Pensou entrando no mercado.

Uma prateleira pregada na parede continha os itens de mais extrema necessidade. Arroz, feijão, sal, açúcar, trigo. Em geral, só alimentos. Também alguma coisa de limpeza e higiene. Uma mesa virou um improvisado balcão. Atrás dele um homem, possivelmente o “João”, atendia uma garota, que aparentava a mesma idade de Melanie.

Melanie se aproximou e notou que a garota a olhava de canto. Parecia envergonhada. O homem lançou em sua direção um olhar seco e balançou a cabeça como dizendo: “O que você quer?”

Melanie deu um sorriso amarelo, indicando que o homem atendesse a outra garota primeiramente. O homem voltou à atenção para os produtos em cima do balcão e os relacionava em um caderno.

- Pode levar, menina. – Disse ele para a garota a sua frente.

Ela juntou os produtos rapidamente e saiu, quase correndo, sem mesmo olhar para Melanie. O homem fez o mesmo gesto que havia feito anteriormente. O balançar de cabeça indicando: “O que você quer?” Ela concluiu que deveria ser o jeito sutil e amigável que ele costumava a atender as pessoas.

- O senhor tem Trident? – Perguntou olhando pelo balcão na tentativa de encontrar o que desejava.

- Não. – Respondeu seco o homem.

“Não?” – Pensou Melanie. – “Até no Pólo Norte deve ter chicletes.”

- Obrigada então. – Agradeceu Melanie pela simpatia do homem e saiu lhe desejando todas as bênçãos do mundo.

Na rua, Melanie avistou ao longe a menina seguindo na direção da pousada e apertou o passo, tentando alcançá-la. Quando chegou a alguns metros de distância, Melanie gritou:

- Hei! Espere.

A menina olhou para trás e começou a andar mais rápido. Melanie diminuiu a passada.

“Nossa será que tenho lepra e não sei?” – Pensou desgostosa Melanie. Ela ainda viu a garota arredia entrar na casa ao lado da pousada.

“Acabei de sair e já estou aqui de volta.” – Concluiu Melanie ao verificar que estava, novamente, em frente à pousada. A garota torceu o lábio e procurou um lugar mais tranquilo, como se tudo ali já não fosse calmo, para sentar e dar um tempo antes de entrar. Evitaria um irônico “Já voltou?”, vindo da parte da mãe. Ela olhou mais adiante, seguindo pela rua que dá na auto-estrada, um campo aberto, com uma grande árvore solitária no centro. Era um pouco longe, teria que vencer uma subida não muito convidativa, mas pelo menos indo até a árvore, gastaria mais uma meia hora de tempo ficando por lá, antes de entrar.

Melanie estava debaixo daquela árvore que crescera sozinha naquele espaçoso terreno. Quem a plantou não imaginou que aquela árvore, que Melanie não sabia identificar de qual

procedência pertencia, representaria a garota da cidade grande, perdida e sozinha, que veio parar num lugar tão tedioso.

“Não vai fugir de mim, vai?” – Gostaria de perguntar para a árvore.

Ela se obrigou a sentar e se encostar, no tronco largo da árvore. Poderia ficar ali um bom tempo, ouvindo música, mas acabou esquecendo o mp4 na pousada. O jeito era ficar olhando para o movimento da estrada, que de vez em quando, recebia um carro, passando em alta velocidade.

O vento soprava os galhos da árvore solitária e esta parecia dançar, contente, pela presença incomum de uma pessoa usufruindo de sua sombra. Melanie olhava para pousada e pensava quanto tempo teria que permanecer ali, naquela cidade. Suas amigas deveriam estar cheias de planos. Ela, por enquanto, não fazia parte deles. Pensou em levantar e voltar ao quarto, para ficar ainda mais aborrecida, mas algo mudou sua intenção. Passando a uns 100 metros a sua frente estava o maior homem que ela já tinha visto. Um poste ambulante. Devia ter bem mais que dois metros. Ele até caminhava com dificuldade. Melanie ficou de boca aberta vendo aquele homenzarrão passar ao longe.

- Wladmir! Espere!

Melanie percebeu que alguém chamava o grandalhão. Ele parou e, muito lentamente, foi virando-se. Parecia que tinha uma grande dificuldade em se equilibrar. Melanie viu quem o havia chamado. Era um sorridente rapaz. Moreno de cabelos castanhos escuros, quase na altura do ombro. Era bonito. Estava sem camisa e vestia uma calça cáqui. Ele parou ao lado do imenso homem e parecia um anão. Melanie riu. O garoto mal alcançava a cintura do homem.

- Não fica chateado, não, gigante. – Melanie ouviu o rapaz falar. – Mas é que não precisa você ficar atrás de mim toda hora.

“Hum. Devem ser de circo, sei lá.” – Pensou Melanie.

O rapaz devia ser algum artista que o grandalhão precisava proteger, ou coisa assim. Tem muita coisa estranha neste mundo. Neste caso, Melanie olhou bem para o homem para tirar a prova de que ele não estaria usando uma perna de pau. Quem sabe? Não dava indícios

disso. Sua excessiva altura pertencia a ele mesmo. Um carro surgiu na estrada e o motorista quando avistou o grandalhão, foi diminuindo a velocidade e passou ao lado dos dois com a nítida expressão de espanto.

- Vamos embora, gigante. – Disse o rapaz olhando o carro seguir e retomar sua velocidade normal. – Já está chamando a atenção de novo.

O homem grande concordou com um aceno de cabeça. O rapaz sorriu e pulou em suas costas. Foi uma cena engraçada e Melanie não agüentou e, mesmo sem querer, riu alto. Os dois olharam para a garota, que até então não tinham notado, debaixo da árvore. Melanie corou e baixou os olhos. O rapaz desceu das costas do grandalhão. Ele ficou parado por alguns segundos olhando para Melanie. Ela o espiava discretamente e estava ficando angustiada pelo olhar insistente do rapaz. Ele não se moveu até fazer um gesto esquisito. Sorveu o vento que seguia na sua direção e que passava por Melanie, balançando as folhas da árvore.

“Que cara estranho.” – Pensou ela.

- Temos que ir. – Disse o grandalhão e Melanie identificou seu sotaque. Era russo.

- Já vamos, gigante. – Disse o rapaz ainda olhando para Melanie.

- Ir agora! – Frisou o russo.

O rapaz olhou para o homem e em seguida desviou seu olhar para Melanie. Parecia que tinha a intenção de falar alguma coisa, mas se arrependeu. Lentamente seguiu até onde estava o grande homem que, equilibrando-se em suas enormes pernas, andava pela estrada na direção da cidade. Melanie notou que o rapaz a cada dois ou três passos olhava para trás, até entrarem em definitivo em Monte Seco.

“Cada maluco.” – Pensou aliviada Melanie.

A garota esperou uns dez minutos, mais ou menos, e levantou-se. Nem sinal da dupla de esquisitos. Já estava mais do que na hora de retornar a pousada.

CAPÍTULO TRÊS – JULIAN

O garoto ficou parado quase uma meia hora, alheado, olhando para o horizonte. Em sua mente irrompia a imagem perfeita: a linda menina, com seu tênis All Star roxo, sentada debaixo da árvore solitária. Ainda em seus ouvidos ele experimentava o som magistral de sua risada. Ela tinha uma fragrância peculiar; um cheiro que ele jamais havia apreciado.

- Está pronto garoto. – Disse o homem da oficina – Só levar.

O garoto voltou a olhar para o interior da pequena oficina montada no quintal de uma casa e viu a velha caminhonete da família. O russo de dois metros e dezoito centímetros, sorria magnificente, ao lado da F-100.

- Obrigado Seu Carlos. – Respondeu o garoto. – Minha avó manda o dinheiro e o mel depois.

Esse conserto, assim como os das outras vezes, seria pago metade em dinheiro e metade em mel, que era produzido na fazenda que o garoto morava.

- Não se preocupe. – Respondeu o homem batendo na caminhonete. – Ela está firme como antes.

- Valeu Seu Carlos. Por isso que a minha avó gosta muito do senhor.

- Mande um abraço pra ela. Só diga que não fui eu mesmo levar a caminhonete e fazer uma visitinha, por que não seria bem recebido... – O homem deu uma pausa. – Você sabe por quem.

- Que é isso, Seu Carlos? Minha avó ficaria feliz em receber o senhor. Ninguém dessas bandas vai visitá-la, o senhor sabe.

-É. As pessoas daqui não a conhecem como eu. Levam suas vidas se baseando por essas histórias antigas.

- Eu sinto isso na pele todo dia.

O homem concorda com um aceno de cabeça pondo fim na conversa.

O garoto Julian dirigia a velha, mas firme F-100, pelas ruas de terra que dariam na fazenda onde mora com a avó e seus outros familiares. Wladmir, o gigante, ficava sempre na carroceria por dois motivos. Era muito mais confortável para suas longas pernas e por que amava sentir o vento fresco no rosto. O vento era o único toque de carinho que recebia. No seu país o vento congelava; quase quanto o olhar das pessoas. Julian conhecia aquelas curvas da estrada de cor, desde menino transitava por elas. Mas não era esse o motivo pelo qual dirigia quase que automaticamente; era por que não parava de pensar na garota que nem mesmo sabia o nome. Julian olhou pela janela traseira da caminhonete e viu Wladmir rindo sozinho recebendo o vento no rosto.

- Me responda, gigante – Disse Julian - Como alguém pode saber quando está diante da garota da sua vida? Daquela que não existe outra igual?

Wladmir encolheu os ombros. Definitivamente, não saberia responder ao garoto. Ele nunca tinha feito uma pergunta desse assunto para o russo.

- Wladmir não saber responder – Disse sincero o russo.

- Mas você nunca esteve diante de uma garota que você nunca tinha visto antes e sentiu o mundo parar? – Disse Julian.

Wladmir abaixou os olhos. Tinha sentido algo semelhante uma vez, na Rússia. Mas seu tamanho desproporcional, somado ao seu rosto disforme, não permitiu que sua amada sentisse o mesmo. Apesar de compreender o que Julian estava tentando dizer, Wladmir não saberia transformar em palavras.

- Fala pra mim, gigante. – Continuou Julian. – É normal isso que eu estou sentindo?

- Já disse não saber.

- Me dá uma luz. – Disse Julian olhando para trás. – Você é único com quem posso falar essas coisas.

- Mas garoto nunca falar antes essas coisas com Wladmir.

Julian pensa por alguns instantes.

- Tem razão, amigo. – Completou Julian – É que isso é novo pra mim também.

Julian avistou o grande portão que dá acesso a fazenda da família. Estava na hora de voltar à rotina de sempre. Mas amanhã seria um outro dia e poderia voltar até aquela árvore. Quem sabe a garota, de cheiro agradável, estaria sentada debaixo de seus galhos.

O singelo canto de pássaros próximo a janela. Foi isso que acordou Melanie naquela manhã. Pra quem dormia sem se incomodar com barulho dos motores de ônibus. Afinal, eles já chegaram a morar quase ao lado de um terminal rodoviário. E toda manhã aquela correria de pessoas transitando, falando alto, xingando o motorista, distribuindo-se pra lá e pra cá e até os insuportáveis alarmes, quando se usa a ré nos ônibus, já fizeram parte da trilha sonora dos sonhos de Melanie.

Procurou o celular pra ver que horas eram e notou que estava sozinha no quarto. Na verdade, depois de alguns dias já estava acostumando-se com o novo habitat. Velho e com coisas velhas assim como o resto de tudo na pousada. Bem diferente do seu quarto. Não que ele fosse uma maravilha, mas pelo menos, tinha a sua cara. Sonolenta ela concluiu que os outros dois membros da família deviam ter acordado faz tempo. Apesar de não saber que horas eram, sentiu que dormira muito, como se fosse por quase toda sua juventude. E dormir é o que mais tem feito esses dias. Considerando que não tem nada pra fazer nesta cidade. A TV pega apenas o canal de novela e com uma imagem, quase sempre, indefinível. A rádio fm da cidade mais próxima só rola música sertaneja e ainda conseguiu concentrar os piores locutores do planeta. As pessoas da cidade então, sem condições de interação. Até as da sua idade, as poucas que manteve contato, não caberiam no seu círculo de amizades. Não que ela se imagine chata no sentido de renegar alguém de ser meu amigo, mas as próprias pessoas não cedem muito para aproximação. Outro dia, tentou puxar papo com a menina que mora na casa ao lado da pousada. Ariela, a garota do mercadinho; mas ela nem sequer a respondeu corretamente. Raissa lhe disse que é por que Ariela sente-se mal por ser gordinha. Melanie não liga pra isso. Ela tinha uma amiga assim na escola. E aqueles dois estranhos, então? O cara grande e o garoto sem camisa. Bom, pelo menos o garoto a ficou encarando. De repente queria até fazer amizade; mas não falou nada e Melanie sabia que se tratando de garotos, era muito tímida. Não seria ela a puxar papo por primeiro.

Então só lhe resta ficar no quarto, fechada, ou lendo os mesmos dois livros que trouxe. Melanie já tinha acabado “Razão e Sensibilidade” e estava lendo novamente “Orgulho e Preconceito”. Ou relia os livros novamente, ou o que é mais triste, ficaria olhando pela janela, por horas, na direção de casa. Tomou um banho demorado e trocou de roupa. Ficou paralisada diante do espelho olhando a si mesma tentando imaginar um átimo do que o futuro poderia lhe reservar. Desembaraçou mecanicamente os longos cabelos pretos. O brilho que provinha dos seus olhos castanhos não era o mesmo de antes. Ela definitivamente era uma garota de cidade cosmopolita. Desceu imaginando as possíveis outras caras que teria de encarar e cumprimentar. Afinal, a pousada tem outros hóspedes. Se pudesse, ficava no quarto o dia todo. Quem sabe seja até uma boa idéia dar meia volta, mas seu estômago não iria concordar e também desejava saber o que estariam fazendo a mãe e o irmão. Antes de entrar na cozinha percebeu que a foto que tinha notado ontem não estava mais ali; foi substituída por uma mais recente da menina Raissa. Melanie não conseguiu imaginar o que teria acontecido. Entrou na cozinha percebeu o homem careca, que sempre mantinha a gola da camisa pólo abotoada até em cima, concentrado, lendo um jornal. Dona Carmélia estava onde se podia apostar que uma senhora como ela estaria: no fogão já iniciando os trabalhos para o almoço. Pensou em perguntar sobre a foto, mas não fez. Considerou melhor fazer essa pergunta quando Dona Carmélia estivesse sozinha. Do outro lado da mesa Nicolas e Raissa perceberam sua presença.

- Até que enfim, dorminhoca. - Falou Nicolas.

“Se estivéssemos só nós dois ele iria ver a dorminhoca.” - Pensou Melanie. Mas apenas limitou-se a fulminar o irmão com o olhar. A senhora idosa olhou para trás e sobre os óculos a encarou. O careca nem se mexeu.

- Bom dia! Quer café, criança?

“Criança. Detesto quando ela me chama assim”. – Pensou mais uma vez Melanie.

- Criança não vó! – Exclamou a menina Raissa – É Melanie!

A garotinha inclinou-se na direção da avó e colocando uma das mãos no canto da boca sussurrou:

- Ela não gosta que a chamem assim.

Dona Carmélia percebeu a interrogação no rosto de Melanie sobre as atitudes da neta.

- Raissa, vai brincar lá fora. – Disse a mulher.

A menina bufa e sai, seguido por Nicolas. Dona Carmélia coloca uma xícara na frente da jovem.

- Pode servir-se.

Ela aponta uma garrafa térmica sobre o centro da mesa, que está quase toda ocupada por pães, bolos, broas e demais quitutes que possivelmente não serão tão apreciados por Melanie, como foram na primeira manhã.

- A senhora sabe da minha mãe?

- Ela saiu faz um tempinho. Disse que ia resolver algumas coisas importantes.

Melanie tomou seu café silenciosamente. Evitando até de fazer o barulho da xícara repousando no pires. Quem sabe assim ninguém falaria com ela. Foi mais rápida do que de costume e saiu. Passou rapidamente pela área de entrada e seguiu até o portão, não queria ouvir a voz de Nicolas e nem de sua nova amiga. Quando chegou na rua pensou: “Ou saio dar uma volta por ai ou retorno pra clausura que é aquele quarto.”

A rua que passava atrás da pousada era a rua principal da cidade. Foi por ela que seguiu até chegar na pracinha. Cruzou com poucas pessoas pelo caminho. Todos a olharam com certa curiosidade contida. Ficou esperando que alguém a cumprimentasse, ninguém se preocupou de fazê-lo; também ela não se preocupou. Sentou no único banco que não estava totalmente quebrado. Colocou seus cotovelos sobre as pernas e ficou imaginado quando aquela bola de vegetação, que o vento carrega no deserto, iria passar pela sua frente.

“E se eu for até aquela árvore? ” – Pensou entediada Melanie. – “Não. Vou ficar aqui mesmo.”

O que faz uma pessoa se interessar por outra? E quando isso acontece inesperadamente, o que está por trás? Melanie era uma garota que nunca acreditou muito em coincidências. Para tudo existe um porque ela pensava. E, talvez, estivesse certa. Menos de dez minutos depois foi só ela desviar seu olhar por instantes em outra direção que algo chamou a sua atenção. Era quase meio dia, o sol reinava absoluto no céu. Ela sentia o suor sobre a sua testa. Então

não foi capaz de avaliar a razão, pelo qual, aquele cara seguia, solitário, na sua direção vestindo um longo e pesado casaco preto. Ela procurou o adjetivo mais infame possível para classificá-lo, mas não conseguiu. Em um sol escaldante destes quem ousaria trajar uma roupa pesada como essas?

“A gente vê cada coisa neste mundo”. - Pensou. Achou melhor olhar novamente para o encasacado antes que ele estivesse bem perto, assim poderia rir da cara dele em seus pensamentos depois que ele passasse por ela. Olhou com o canto dos olhos e ele estava mais perto do que ela havia suposto. Estava bem perto. Moveu a cabeça rapidamente para o outro lado e permaneceu assim. Sentiu-se incomodada de repente. Não pelo fato de ser uma pessoa totalmente estranha que passaria em sua frente. Ela poderia fingir que estava concentrada em alguma coisa e ignorar. Mas algo diferente, angustiante, realmente mexeu consigo.

- Ola!

Sentiu a voz do encasacado bem junto dela. Olhou na direção dele e o viu parado quase na sua frente. Era o garoto que estava com o homem grande. Notou que ele estava sem camisa, de novo, debaixo do casaco e só depois vislumbrou o seu rosto. Era jovem, imberbe e não deveria ter mais do que vinte anos. Seus olhos tinham uma tonalidade diferente, quase como um cinza claro. Certamente, era bonito, daqueles de encher os olhos. Possuía um magnetismo, evidenciado pelo sorriso cativante que somava-se ao estilo incomum que possuía. Melanie o imaginou na escola, no primeiro dia de aula. Mas não vestido do jeito que estava agora. Se estivesse com uma calça jeans, mesmo que surrada, e uma camiseta qualquer, aí sim, causaria suspiros em Melanie e seu grupo de amigas. Mas ele estava ali, agora, somente diante dela, esperando uma resposta.

- Oi. – Respondeu Melanie, mas sua voz quase não saiu.

- Você tem horas aí? – Perguntou o desconhecido.

“Muito original” – Ironizou Melanie em seus pensamentos.

- Tenho! - Respondeu a garota pegando o celular no bolso de trás. – Falta vinte pro meio dia.

- Hum. – Ele pronunciou ficando em silêncio alguns instantes como que procurando alguma coisa pra dar seqüência na conversa. Melanie limitou-se a ficar olhando para o display do celular.

- Eu sou Julian.

Ela viu sua mão estendida em sua direção. Hesitou um pouco, mas a apertou.

- Melanie. - Revelou a garota enquanto soltava, tímida, a mão do rapaz.

- Eu te vi embaixo daquela árvore depois da estrada. – Disse ele na tentativa de continuar a conversa. Melanie apenas moveu a cabeça. - Vai ficar muito tempo na cidade?

Ela respondeu negativamente com um aceno de cabeça.

- Vai morar aqui? – Insistiu o rapaz.

“O que é isso? O cara é do FBI? Vai ficar me interrogando?” - Pensou Melanie.

- Por uns dias. – Respondeu ela imaginando um “infelizmente” no fim da frase.

- Então, seja bem vinda a Monte Seco, Melanie.

Pela primeira vez ela sentiu-se encorajada e olhou fixamente na direção do seu rosto. Encontrou seus olhos encarando-a.

- Obrigada. - Respondeu ela agora ainda atônita com a sensação desconfortável que estava sentindo. Sempre passava por isso, justamente quando alguém chamava sua atenção.

- Está na pousada?

- Sim.

- Eu moro naquela direção. – Apontou para onde havia vindo. – Uns dois quilômetros mais ou menos. Saindo da estrada. Depois do velho seminário.

Ela esboçou um leve sorriso como que entendendo o que ele explicou.

- Você parece incomodada com alguma coisa. – Continuou Julian.

Melanie esboçou mais um sorriso sem graça.

- Bom. Já vou indo. – Disse Julian desapontado. - Desculpa se incomodei você.

Melanie percebeu o quanto estava sendo hipócrita. Desde que chegou só sabia reclamar dos habitantes do lugar, considerava-os anti-sociais. Agora estava agindo da mesma maneira e justamente com a única pessoa que quebrara essa regra. Mas não estava fazendo isso por mal; sentia-se desconfortável nos primeiros contatos com rapazes desconhecidos. Ela precisaria passar por cima da timidez e tratar convenientemente o rapaz.

- Não. Eu que peço desculpas. – Disse Melanie se levantando.

– Não se preocupe. – Completou sorridente Julian - As vezes eu falo demais.

- Isso é bom, já que por aqui ninguém costuma usar o dom da palavra.

- As pessoas são muito caladas, realmente. Mas isso é o que, geralmente, acontece em cidades como essa. As pessoas são mais reservadas.

- Então. Estou há alguns dias aqui e já estou agindo assim.

- Cuidado! Logo você estará falando “Ô! De casa” ou “Bão tamem”.

Melanie riu contida. O rapaz além de bonito e educado parecia ter bom humor. Os melhores atributos para um homem, considerou ela. Ele percebeu o seu sorriso e a encarou profundamente. Parecia que estava querendo penetrar na sua mente.

- Bom... Preciso ir agora. Estou indo até o mercadinho. – Falou Julian imaginando ser melhor não chatear mais a garota, para não perder a oportunidade de falar com ela outra hora. - Até depois.

- Até depois. – Respondeu ela desviando o olhar.

Julian a analisou por inteiro mais uma vez e saiu. Melanie observou-o retornando o caminho anterior. Ela demorou a perceber que apesar do calor, estava com as mãos congeladas. Ficou de cabeça abaixada por alguns segundos e lentamente olhou na direção de onde ele seguia. Ele caminhava com um porte ligeiramente elegante, como se flutuasse sobre o chão. Ela o acompanhou com o canto dos olhos até ele desaparecer no fim da estrada.

Melanie sabia que havia ficado impressionada. “Até depois” foram as últimas palavras do rapaz. Ela ficou imaginando quando isso seria. Passou toda a tarde pensando no estranho, que usava um sobretudo, no auge do calor do dia. Ele lhe disse o nome: Julian. Mais do que tudo, ficou impressionada consigo mesma. Normalmente esse é o tipo de cara que não a atrairia. Era bonito e atraente, mas geralmente ela se dava bem com os menos bonitinhos. Não tinha tanta pressão sobre eles e ela não precisaria disputá-los com a miss escolar.

Por volta das três da tarde Flávia retornou. Melanie, como sempre, estava absorta, debruçada sobre o peitoril da janela. Agora não mais depositava sua atenção na direção da cidade onde morava e sim na direção da pracinha onde conheceu Julian.

- Roendo as unhas de novo, menina. – Alertou Flávia percebendo Melanie concentrada na janela. – Pare com isso, já te falei. Vai comer todos os dedos assim.

Melanie tirou o dedo da boca. Realmente ela tinha esse hábito horrível.

- De novo trancada neste quarto, menina? – Repreendeu Flávia mais uma vez - Vai definhar assim.

- Eu já sai. – Respondeu Melanie. - Fui dar uma volta hoje de manhã.

- Hum! Bom sinal. Alguma surpresa?

- Comigo não. E com você?

- Se está me perguntando o que eu fui fazer. – Respondeu Flávia jogando-se na cama – Fique calma que já está tudo se resolvendo e já estaremos sumindo daqui. – Flávia deu ênfase, prolongando ainda mais no “sumindo”, somado a um gesto de decolar, como se eles fossem sair dali de avião.

Melanie analisou as palavras da mãe. Era tudo o que ela desejaria ouvir. Antes, obviamente, daquela manhã que enfim decidiu sair. Algo mudou sua vontade urgente de partir: Julian.

CAPÍTULO QUATRO - CIDADE DOS SEGREDOS

Ao contrário dos primeiros dias e das primeiras horas que vivenciou na pequena cidade. Melanie observava agora que o tempo parecia, teimosamente, correr mais depressa. Há alguns dias deparou-se com um desconhecido e agora suas perspectivas já eram outras. Quanta diferença aquele sobretudo fez. Se fosse um carinha do estilo gótico de cidade grande, vá lá. Mas um caipira desfilando em plena luz do meio dia como se estivesse no filme do Batman. Com certeza, seria motivo para um comentário maldoso feito na rodinha de amigas quando voltasse. Mas era mais do que isso. O comentário, entre amigas, poderia até acontecer, mas não seria engraçado. Melanie foi algumas vezes até a praça, em horários alternados e não teve a mesma sorte de, ocasionalmente, encontrar com Julian. Sentou-se debaixo da sombra da árvore solitária e nada. Quando a mãe saía e em seguida retornava, Melanie ficava agoniada temendo receber a notícia de que teriam que voltar. Não antes de, pelo menos, vê-lo uma última vez. Flávia aproximou-se da filha, que estava entretida olhando de novo pela janela.

- Eu vou ter que dar um pulinho na cidade vizinha. Quer ir comigo? Eu pago um sorvete.

“Um sundae” - Imaginou. Seria até uma boa oportunidade de dar um gelo em si mesma e reciclar os pensamentos.

- Ok! Estou dentro!

- É coisa rápida e depois só tenho que passar no mercado pra Dona Carmélia. Afinal, a mulher está me dando uma mão cuidando dos meus fedelhos enquanto eu resolvo minhas coisas.

- Ah sim, mãe. – Afirmou Melanie. - Como se eu desse trabalho.

- É. Realmente você não tem nem reclamado muito. O que é muito estranho.

- No caminho vai me contar o que veio fazer aqui?

- Você nunca se interessou pelo meu trabalho. Por que agora esse interesse repentino.

- Bom. É que antes não precisei perder meus preciosos dias de férias?

- A proposta é simples. Vem comigo e gente faz um bom programa de mãe filha. Que tal?

- Não me pressione. Porque, não sei se você notou, mas tenho milhares de coisas para fazer. Vou ter que desmarcar vários compromissos. – Disse Melanie sarcástica.

- Realmente garota você merece um dia de descanso. – Respondeu Flávia mais sarcástica ainda.

Melanie considerou que hoje, realmente, a mãe estava espirituosa. Até que seria bom acompanhá-la.

- Ok, mocinha! Combinado. Vem comigo então?

- Claro! Mas tem uma condição.

- Lá vem!

- Quero créditos para o meu celular. Preciso ligar urgente para minhas amigas. Tenho novidades. E outra, não posso perder contato com a civilização.

Flávia riu. Melanie sabia que isso era um “sim” e sorriu também. Flávia entendeu que, efetivamente, a filha precisaria deste mimo. Estava longe de casa, das amigas, de Internet e como na pequena cidade não tinha sinal de celular, estava longe disso também. Para alguém da idade dela, isso era essencial.

A cidade vizinha parecia mais amistosa. Maior, pelo menos. Tinha mais do que apenas uma minúscula farmácia, ou um diminuto cubículo no lugar de garagem, que o proprietário denominava “mercado”. Ali o mercado não era super ou hiper como os de Curitiba, mas era possível transitar no seu interior sem precisar esfregar-se, entre as gôndolas, com alguma senhora de ancas mais vistosas. Era um alívio. Flávia estaciona em frente ao mercado.

- Essa aqui é a lista da Dona Carmélia... – Disse Flávia retirando um papel do porta-luvas e entregando a filha. – Você poderia ir adiantando as compras enquanto eu vou até o cartório.

- Nada disso. – respondeu quase que imediatamente Melanie – Vou com você.

Era a oportunidade da garota ter um pequeno vislumbre do que realmente contribuiu para sua mudança momentânea para Monte Seco.

- Assim a gente termina tudo mais cedo e volta logo, Mel. – Continuou Flávia.-

- Não, mãe. – Prosseguiu Melanie – Eu vim com você até aqui para te acompanhar por onde você for. Não vou ficar aqui escolhendo... – Melanie olha na lista de compras. – Sabão em pó do mais barato.

Flávia morde os lábios e balança a cabeça. Tinha consciência do gênio que a filha possuía. Era insistente. Teimosa demais muitas vezes.

- Ok! Ok! – Concordou Flávia ligando o carro. – Vamos nós duas juntas ao cartório.

Melanie não esconde o sorriso de satisfação. Não por ter sido atendida, ou por ter se livrado de procurar pelo sabão mais barato e, sim, por receber a chance que esperava para desvendar alguns segredos que a mãe vem escondendo. Isso parecia interessante. Instantes depois, o Fiesta 4 portas de Flávia, estacionava em frente ao cartório. Melanie analisou o local enquanto entravam pela estreita porta de ferro, já quase totalmente tomada pela ferrugem. Lugar pequeno, abafado. Em outra situação, Melanie preferiria ficar no carro, ouvindo música, do que ter que entrar num lugar como esse. Mas hoje era diferente. Iria acompanhar a mãe e ficaria de olhos bem abertos, captando toda informação que lhe auxilia-se no desvendamento do mistério. Um homem de meia idade, magro, óculos de lentes excessivamente grossas, demonstrou interesse em atendê-las. Melanie seguiu Flávia até o balcão.

- Bom dia, posso ajudar? – Falou educadamente o homem.

- Sim – Respondeu Flávia – Eu liguei ontem para cá, eu falei com uma pessoa. Deve ter sido com o senhor.

- Ah sim! – Continuou o prestativo cartorário. – Mas não consegui localizar o documento que a senhora mencionou.

Flavia fez uma expressão de desapontamento, imitado por Melanie.

- Como eu lhe disse ontem ao telefone. – Continuou o homem – Sofremos um acidente alguns anos atrás. Nosso cartório teve boa parte dos seus documentos perdidos em um incêndio. Mas alguma coisa que mesmo pegando fogo, ainda foi possível resgatar. É possível que esse registro que lhe interessa esteja entre eles. Vou precisar de mais um tempo para tentar encontra-lo. É preciso um certo cuidado com o manuseio destes documentos.

- O senhor poderia me precisar um prazo?

- Mais alguns dias. Uma semana quem sabe.

- Ta bom. Não tem outro jeito mesmo. Eu espero. Obrigada.

- Eu que agradeço pela sua paciência.

O homem sorriu educado. Um minuto depois as duas já estavam na rua e entrando no carro. Melanie nitidamente chateada bate a porta com força desnecessária ao entrar e sentar no banco do carona.

- Por que a birra? – Perguntou Flávia surpresa com a atitude da filha.

Melanie não respondeu, mas tentava também identificar o motivo que a deixou irritada. Seria por não ter descoberto nada sobre os segredos da mãe? Ou por saber que em alguns dias retornaria para casa e assim acabariam as suas chance de rever Julian.

“Meu Deus! Porque tudo o que eu penso tem haver com esse cara agora?” - Perguntou a si mesma. Mas Melanie já sabia a resposta. Sabia o que sentia por ele.

A lista que Dona Carmélia tinha passado para Flávia não era das grandes. Mas quase todos os itens, continham a mesma recomendação: o mais barato. Mãe e filha encheram praticamente um carrinho com os pedidos da dona da pousada. Neste tempo, Melanie aproveitou para ligar para algumas amigas, já que ali tinha sinal de celular. Flávia ria ouvindo as fofocas serem despejadas repetidamente, a cada nova ligação. Parece que os bônus que a filha acumulara, iriam dissipar-se naquela única tarde. Melanie divertia-se e isso para Flávia era o mais importante. A filha estava rindo e feliz. Quando chegaram no caixa, Melanie prometera que aquela seria a última ligação e seria bem rápida. Só iria dizer um “oi” para amiga e editar os acontecimentos na hora de contar as novidades. Flávia concordou já sabendo que não seria uma ligação tão breve como o prometido. Melanie

começara a discar quando deparou-se com a imagem que a deixou perplexa. Loucamente, desejava rever Julian. Mas não ali em outra cidade. E o que é mais degradante, rindo e abraçado a uma outra garota.

O que fazer quando os olhos nos revelam algo que não estamos preparados para ver? Melanie sentiu-se enjoada. Enraivecida consigo mesma por depositar seus sentimentos, suas intenções, num cara como aquele. Por que sentiu-se atraída por ele? Porque? O que ele tinha de tão especial? Melanie não sabia responder. Exceto de que ele tinha uma namorada. Flávia percebeu que algo estava acontecendo. Ela podia ouvir a voz da amiga de Melanie dizendo, repetidamente “Alô” no telefone. Melanie estava em outro mundo, concentrada em alguma coisa do lado de fora do mercado.

- Tudo bem, filha? - Perguntou preocupada Flávia.

- Sim! Claro. – Respondeu Melanie como voltando de um transe hipnótico.

- O que aconteceu?

- Nada mãe. Nada.

- Sua amiga está no telefone.

Melanie compreendeu que a amiga tinha atendido a ligação. Melanie desligou imediatamente.

- Depois eu falo com ela.

Melanie, caminhando mecanicamente, segue para fora do mercado, dando tempo de analisar o casal que caminhavam abraçados. Julian vestia uma jaqueta preta.

“Tirou aquele sobretudo horrível, pelo menos”. - Pensou. “Mas continua com o mesmo mau gosto” Concluiu avaliando a garota provinciana, que usava roupas ultrapassadas e ostentava um longo cabelo avermelhado.

CAPÍTULO CINCO - ANGELIQUE

Havia os dois lados em residir numa localidade como Monte Seco. Julian e os seus, não eram bem vistos pelos demais moradores do lugar. Existia um distanciamento proposital de ambas as partes. O garoto e os demais de sua numerosa família, preferiam o isolamento; moravam em uma grande fazenda, com muitos hectares de terra, cercados por um muro e muitos mistérios. De tempos em tempos, novas histórias eram criadas sobre acontecimentos que envolviam um ou mais dos habitantes da velha fazenda. Algumas eram só boatos reciclados de histórias antigas, outros possivelmente eram verdade. Julian estava mais do que habituado com tudo isso. Não mais importava-se de chegar em lugares e ver algumas pessoas saindo as pressas ou cochichando a seu respeito. Por outro lado, quase sempre o que acontecia em monte Seco, não saía dali. Isso era bom. Na situação que Julian e a família viviam, jamais poderiam fazer parte de um grande centro.

A responsabilidade de suprir a família com o que faltava, não era sua, mas assim mesmo Julian, doava uma parcela do seu tempo para ajudar no que fosse preciso. A avó, Agnes, o havia incumbido de ir até a cidade mais próxima a fim de comprar para ela o tecido necessário para um novo vestido para, Angelique: sua prima. Angelique era uma garota bonita. Moderna algumas vezes e rústica em outras. Nascera com a cor negra nos longos cabelos lisos, mas os tinha em tom avermelhado no momento. “Fiz luzes” disse ela quando surgiu altiva na fazenda, depois de ter ido a capital. Vestia-se com as roupas simples, como as demais mulheres da família. Roupas feitas por elas mesmas; mas algumas vezes, quando sentia vontade, retirava as roupas mais atuais, mais da moda, que mantinha guardada e desfilava pra si mesma diante de um espelho. Suas atitudes quase sempre geravam um sentimento de desaprovação dos mais velhos e de inveja dos mais novos.

Mas, desde que Julian viu aquela garota da cidade grande, não conseguia mais parar de pensar em seus lindos cabelos, esvoaçando pelo vento e trazendo às suas apuradas narinas; o cheiro suave que pairava sobre ela. Tinha os olhos cheios de vida e carregava junto dela algo que Julian não conseguia identificar. Apenas que o que ela guardava dentro de si, despertava um domínio sobre ele. Julian até desejou procurá-la novamente, mas as tarefas da fazenda estavam tomando muito seu tempo. A viu duas vezes depois do primeiro encontro, mas sempre ao longe. Como já sabia que ela estava residindo na pousada, teve receio de aproximar-se e ela o rechaçar. Talvez a garota já soubesse de uma ou até mais histórias que contam a respeito de sua família. Seria melhor ficar com a ilusão de que ela, ocasionalmente, também pensasse nele. Julian sabia o que aconteceria na noite de hoje; não poderia evitar. Por isso precisaria estar dentro dos muros antes do pôr-do-sol. Teria que ir

bem cedo à loja que a avó indicara para comprar o tecido. Tinha a hora marcada para pegar o ônibus que passa na Br e já estava atrasado.

Angelique entra sorridente em seu quarto. Lugar simples, com uma cama, um guarda roupa pequeno e uma mesinha onde Julian guardava alguns pertences. Tinha uma pequena coleção de bonés americanos dos Yankees, que nunca usava. Ficavam ali guardados, sobre a mesa. No porta-retrato, uma foto sua, com os pais falecidos. Em uma foto menor estava Julian, com uns três anos de idade, usando o primeiro boné do time de beisebol de Nova York, dado pelo pai.

- Sabe qual cor trazer, não sabe? – Perguntou a Angelique.

Julian continuou vestindo a roupa sem responder.

- Não precisa me ignorar. – Continuou a garota cruzando os braços. – Sei muito bem onde o senhor vai.

- Não sei do que você está falando. – Respondeu Julian.

- Azul ou verde esmeralda.

- Azul ou verde esmeralda o quê, menina?

- Não! Já sei, melhor... Hum! Deixa eu ver... Prateado.

Julian balança a cabeça, calçando os sapatos.

- Vermelho, não. Apesar de gostar da cor eu já tenho muitos vermelhos.

- Já te disse, Angel, não sei do que você está falando.

- Vai dar uma de desentendido. Eu sei que a vovó te mandou comprar um presente pra mim. E nós dois sabemos que ela só sabe te pedir pra comprar tecido pra fazer um vestido. Todo aniversário é assim.

- Então se você já sabe por que está me chateando?

- Por que o que você comprou na vez passada era um corte horrível.

- Só segui as orientações que me passaram.

- Por isso eu vou com você hoje.

Julian olha fixamente para prima.

- Não. – Enfatizou - Vou sozinho.

- Não faça assim, cabeça – Disse a garota – Esse pode ser o teu presente de aniversário pra mim.

- Eu te compro um outro presente. Não estou a fim de mais encrenca com o teu pai.

- Ele nem vai ficar sabendo. – Insistiu Angelique – A gente vai e volta logo. Ele nem vai perceber.

- Vou falar só mais uma vez – Falou mais sério Julian, colocando a jaqueta preta. - Vou sozinho e ponto final.

Angelique coloca as mãos na cintura, sorrindo. Ela já sabia o que realmente iria acontecer.

A sensação de observar as paisagens passando rapidamente pela janela do ônibus, fez com que Julian, por alguns instantes, esquecesse dos acontecimentos que sobrevirão à noite de hoje. Cada casa que ele avista a beira da estrada o faz pensar na vida normal que ele jamais terá. Seria maravilhoso viver em um lugar como esse, sem se preocupar em esconder seus segredos, sem a possibilidade de trazer perigo a alguém, mesmo que involuntariamente.

Poder conhecer uma pessoa como Melanie e dedicar-se a ela, sem a remota chance de fazer-lhe mal. Eram quase cinco horas da tarde. Julian e Angelique descem do ônibus retornando da cidade vizinha. Ela carrega feliz um embrulho envolvido em papel de presente. Eles precisam se apressar para chegar a tempo na fazenda. Algum tempo depois, cansados, os dois chegam à casa principal da fazenda. Marcus, pai de Angelique, espera do lado de fora. A garota já conhece muito bem as expressões do pai. Sabe quando ele não está contente com alguma coisa. Essa era a sua expressão no momento encarando o sobrinho.

Nenhum dos três precisou falar nada, enquanto entravam para a casa principal. Todos já sabiam e muito bem o que cada um pensava. Marcus, era irmão de seu pai, Cassius. Julian tinha conhecimento que era homem impiedoso; mestre da traição. Considerava Julian, assim como a seu próprio irmão falecido, um obstáculo a ser ignorado. Não gostava da aproximação da filha com o filho do irmão. Quando Julian retornou à fazenda, no dia em que conheceu Melanie, Marcus sentiu o cheiro da garota no sobrinho e reconheceu, imediatamente, que ela trazia algo diferente, perigoso, que precisava ser combatido. Algo que, com certeza, Julian não percebera. Mas hoje a noite era hora de por isso a prova.

CAPÍTULO SEIS - LA BELLE LUNA

Na pousada a hora do jantar é muito cedo. Melanie acostumou-se a comer em horários desordenados e algumas vezes na frente da TV ou do PC. Ficar em volta de uma mesa, jantando ao lado de gente estranha, não era muito a sua praia. A comida era boa; tempero caseiro, mas ainda sim sentia falta de comer pizza, ou ir no McDonalds do shopping. Estava ali há poucos dias e já sentia falta de tanta coisa.

Depois do jantar sempre migrava para o quarto. Ficava sozinha. Sua mãe permanecia com Dona Carmélia e uma outra mulher que ela não lembrava o nome, vendo as novelas naquela TV do período cretáceo. Nicolas juntava-se a Raissa que quase sempre, encontravam alguma coisa interessante para fazerem na outra sala menor. Mas hoje ela sentiu uma vontade diferente; vontade de sair. Estava chateada. A lembrança de Julian abraçado a uma outra garota a assombrava. O desejo de sumir daquele lugar reapareceu com anseio redobrado. Mas no momento, sentiu vontade de estar do lado de fora. As paredes a estavam sufocando. Atravessou o salão de entrada e foi seguida pelo olhar atento das mulheres que ladeadas ocupavam o sofá. Colocou a mão na maçaneta e girou. A porta não abriu. Estava trancada.

- Hoje não querida!

Dona Carmélia num tom fraternal advertiu. Melanie olhou na direção das mulheres e notou em sua mãe o mesmo ar de surpresa.

- Por favor! Hoje ninguém sai... – Explicou Dona Carmélia no mesmo tom suave – Por isso está trancada.

Dona Carmélia olhou para Flávia.

- Não gosto de fazer esse tipo de coisa. E nem quero assustar ninguém. Mas tem noites que alguns arruaceiros de cidades vizinhas, ou sei lá de onde, vem fazer algazarra aqui. Mexem com as pessoas na rua, então pra evitar confusão, nós ficamos todos em casa. – Ela fez uma breve pausa – Sem exceções.

- E nunca ninguém viu quem são? Ninguém chama a polícia? - Perguntou Flávia preocupada.

- Já acontece há muito tempo. Ficamos dentro de casa, assim como os dois únicos policiais que temos.

- Isso quando o Waldemar não vai encher a cara lá no Castelinho. – Completou a mulher com os olhos vidrados na imagem distorcida da TV – Daí só tem um policial.

- Não fique chateada querida. Vai haver outras noites pra você sair. – Continuou dona Carmélia.

– Por que não senta aqui conosco?

- Isso filha. – Completou Flávia indicando a poltrona ao lado – São os últimos capítulos.

- Não. – Respondeu uma desapontada Melanie – Vou pro quarto ouvir música.

A garota retirou-se em direção ao quarto e percebeu que a conversa continuou. Ela conhece a mãe que tem. Sabe que Flávia não ficou satisfeita com as explicações. Com certeza, iria querer saber mais sobre esses acontecimentos. Melanie também conhece a si mesma; ela sabia que não seria esse tipo de coisa que a prenderia quando, enfim, resolve sair.

Não se considerando uma pessoa medrosa, Melanie acreditava que, dependendo da situação, conseguiria se garantir. Era horário de verão. mas já estava bem escuro; parecendo que os sons noturnos que vinham de todos os lugares da cidade se amplificavam naquela hora. Ela sentia uma leve brisa refrescante em seu rosto. Estava na esquina de trás da pousada olhando na direção daquela pracinha. Nunca havia se imaginado andando sozinha por uma rua semi-escura e ainda mais com a tal ameaça de que gente baderneira viria aprontar por ali. Mas como a velha senhora sabia que seria justamente naquela noite? Vai ver ela era, tipo aquelas ciganas, e nas horas vagas previa o futuro. Melanie colocou as

mãos nos bolsos de trás do jeans e caminhou querendo aparentar tranquilidade. Estava com a calça preferida. Ainda não a tinha usado desde que chegou; aquela que somente coloca em ocasiões que considera especial. A garota não se deixaria abater, por qualquer coisa que lhe provocasse medo; mas gelou por inteira quando pôs os pés na pracinha novamente. Se de dia era um lugar ermo, a noite parecia cenário de uma estória macabra. Melanie até concordou que gosta de filmes de terror, mas não de vivenciar um.

“Meu Deus! O que eu estou fazendo aqui?” – Pensou recriminando a si mesma. Não foram poucas a vezes que assistindo algum filme de suspense, xingou a protagonista por sair sozinha e em lugares escuros. Agora estava ela ali na mesma situação. Sentou-se no mesmo banco e seguidamente olhou para onde Julian havia surgido. A rua era pouco iluminada até uma altura, depois era breu total. Olhou pro céu e imediatamente compreendeu o porquê parecia que a praça estava tão iluminada. Não eram somente as luzes opacas da iluminação pública que a deixavam luminosa, era a luz da lua também.

- “Nossa!” – Pensou – “Que lindo!”

A lua brilhante clamava por atenção no céu estrelado. Grande. Luminosa num tom azulado. Lua azul. Melanie tirou seu mp4 do bolso, colocou os fones, deixando o volume bem baixo, no caso de surgir outro barulho por perto. Ouviu uma música, depois outra e uma terceira. Desligou o aparelho e tornou a guardá-lo no bolso. Nem suas músicas prediletas estavam lhe fazendo companhia. Já estava a ponto de levantar e retornar para pousada quando ouviu a coisa mais horripilante de toda sua vida. Entrou em seus ouvidos e atingiu o âmago do seu ser. Sombrio. Um uivo sombrio. Melanie levantou num rompante, seu coração acelerou tanto que teve dificuldade de respirar. O ser causador do uivo estava ao longe, mas sua presença era viva fervilhando nas suas veias. Ela quis correr, mas suas pernas travaram. Quase tombou para trás. A sensação de que flashes de luzes a circulavam voltou a acontecer. Piscavam ao seu redor e seguiam na direção do uivo, que agora se repetiu mais próximo e ainda mais congelante. O som das espadas também se fazia presente. Muitas espadas se entrelaçando em um campo de batalha. Melanie sentia-se perdida. Estagnada. Estava sozinha no meio da noite. Sentiu que um vulto se aproximava ofegante. Cada vez mais perto. Ela não conseguia nem mexer os olhos, parecia que estava em um transe. Não podia gritar por ajuda. Não podia correr. Uma mão pesada caiu sobre o seu ombro.

- O que você está fazendo aqui?

Não conseguiu olhar para o rosto de quem a segurava, mas reconheceu a voz: Julian.

- Você não deveria estar aqui.

Melanie sentiu o corpo vascolear.

- Melanie!

Ouviu seu nome e um forte chacoalhar a despertou do transe.

Ela olhou para o rosto de Julian e procurou seus olhos, um gemido de pavor saiu da sua garganta quando o encontrou. Nunca havia presenciado olhos tão grandes. No centro um vermelho tom de sangue envolvido pela escuridão. Outro uivo, agora bem próximo, ecoou sobre luminosidade azulada da lua. Julian ergueu a cabeça e farejou o ar, olhou pra Melanie e apertou doloridamente seus braços.

- Você não pode ficar aqui. – Esbravejou empurrando-a na direção contrária ao uivo – Corra e não olhe pra trás.

A garota hesitou e começou a chorar. A voz de Julian num tom mais grave a advertiu.

- Corra!

Com excessiva dificuldade Melanie deu os primeiros passos. Ela não atreveu-se a olhar para trás, mas sentiu que Julian se agitava grunhindo. Então correu, desesperadamente. Ao alcançar a quadra da pousada ouviu novamente o uivo, agora seguido de um outro. Entrou ainda em pânico pela janela e não deparou com ninguém dentro do quarto. Possivelmente sua mãe ainda estava vendo TV e Nicolas brincando com Raissa. Se pôs debaixo das cobertas e tremia muito. Levou alguns longos minutos para começar a acalmar-se. Aos poucos colocou o rosto pra fora do cobertor e olhou por todo o interior do quarto. Quando seus olhos depararam com a janela que havia esquecido aberta, quando entrou afoita, quase esmoreceu. O vento soprava fracamente a cortina para dentro do quarto. Melanie prendeu a respiração, fechou os olhos num reflexo desesperador e lentamente foi posicionando-se na cama. Firmou um dos pés no chão e pareceu-lhe que assoalho de madeira não continha fundo. Custosamente ficou ereta e seguiu na direção da janela. Clamou silenciosamente pelo auxílio dos céus, coisa que raramente fazia. Considerava-se auto-suficiente nestas questões. Agora percebia que esses momentos acontecem para mostrar o quanto pensava e agia errado. Não havia barulho algum do lado de fora. Os uivos tinham cessado. Só o vento e o cadenciado balançar dos galhos das árvores do quintal se faziam ouvir. Mesmo assim

Melanie permanecia apavorada. Olhou para fora. Sabia que não deveria, mas fez assim mesmo. Não avistou nenhum movimento fora do comum. Sentiu um impulso de fechar rapidamente as folhas da janela e trancá-las, mas se deteve. Curvou-se levemente para o lado de fora com o intuito de observar as laterais da grande casa. Olhou para um dos lados e não viu nada. Refez o mesmo processo para o outro lado e também nada avistou. Suspirou aliviada e colocou-se novamente para dentro do quarto. Não existia ameaça alguma lá fora, concordou que já estava na hora de fechar a janela e esquecer o que aconteceu. Quando as duas folhas estavam quase se juntando, pela pequena fresta, ela o avistou saindo das sombras. Imponente. Ele estava na calçada do outro lado da rua. A jovem menina sentiu, no momento que seus olhos encontraram-se, uma ligação universal com aquele que a observava. Novamente aquela sensação se apossou dela. Parecia que o quarto estava tomado por luzes que surgiam e desapareciam em segundos. A sinfonia das espadas em combate se fazia presente. Ma agora não sentia-se mais ameaçada. Melanie sabia quem era ele. Era o belo estranho do Gallardo vermelho. Mas o que ele fazia ali parado olhando fixamente pra ela? Trajava um terno preto. Estava elegante. Cabelos negros brilhantes e com um tom azulado pelo brilho da lua que o tornava sedutor. Melanie não sentiu medo, apenas impulsionada a ficar observando aquele desconhecido a noite toda, se necessário fosse. A única coisa que sentia eram as batidas do próprio coração, que a conduziam ao excitamento de ficar admirada por aquele que lá no fundo lhe trazia segurança. Mas seus pensamentos foram cortados pelo som nefasto do mesmo uivo sombrio que havia escutado minutos atrás. O estranho do lado de fora mexeu levemente a cabeça para o lado de onde o uivo tinha partido. Ela seguiu seus olhos que projetaram-se na direção da lua. A imensa lua que reinava no céu. As luzes se intensificaram ao redor de Melanie e o som das espadas pareciam golpes dados com força brutal, golpeando sem parar. O estranho olhou pra ela novamente e acenou num gesto cortês em sinal de despedida. Ela não sabia o que fazer, apenas retribuiu acanhadamente o gesto. Ele recuou e desapareceu novamente nas sombras. Melanie fechou rapidamente a janela e jogou-se debaixo das cobertas outra vez. Agora não temia mais pela própria vida, mas sim pela do belo estranho que acabará de despedir-se.

CAPÍTULO SETE - O ENDEREÇO.

Mezzo ansiosa, mezzo curiosa. Era assim que Melanie sentia-se em relação a tudo que viveu na noite anterior. Sua mente fervilhava de emoções que nunca tinha experimentado. Não recordava da última vez que havia sentido algo tão empolgante e amedrontador. Cada minuto deste novo dia, estava sendo consumida por pensamentos do que ocorreu. O uivo, a lua, Julian; o medo que a possuiu e aquele estranho que parou diante da sua janela. Quem

era aquele? Ela tinha muitas perguntas, só não sabia onde encontrar as respostas. Ou será que sabia?

Enternecida, Melanie estava na calçada na rua atrás da pousada, bem onde o homem ficou parado na noite de ontem. Ficou ali olhando para a janela do próprio quarto, tentando imaginar o que ele estaria pensando enquanto a observava. Ariela, a menina que mora ao lado da pousada, se aproxima receosa. Melanie percebendo que a garota hesitava, lança-lhe um sorriso da maneira mais verdadeira que pôde. Ariela não retribuiu, mas parou perto de Melanie.

- Oi. - Tentou amigavelmente a forasteira.

- Oi. – Respondeu Ariela timidamente. – Você é Melanie, né?

- Mel se preferir.

- A Raissinha me falou de você, da sua mãe e do seu irmão. Falou também que vocês vieram ficar uns dias e que vieram de Curitiba. Eu sempre quis conhecer Curitiba.

Melanie surpreendeu-se de tantas palavras saírem daquela boca. Achou que não passaria do “oi”.

- Ela me falou que vocês são uma família legal – Continuou. – É tão difícil encontrar gente legal nesta cidade... Neste buraco.

Melanie sentiu um regozijo e pensou o quanto começou a gostar da menina que estava em sua frente.

- Não é tão ruim assim. – Emendou Melanie querendo se fazer acreditar que estava realmente dizendo a verdade.

- Eu sou Ariela. Mas na escola me chamam de muitos nomes. - Contou com a voz nitidamente pesarosa. – Um diferente a cada semana.

Melanie sentiu-se condoída. Mas não deixou transparecer, já que estava ciente do trauma que Ariela carregava.

- Não esquite, Ariela! Tem muita gente maldosa e em todos os lugares.

Melanie tirou um Trident de menta do bolso de trás da calça. Tirou um, pôs na boca e ofereceu outro para Ariela. A menina olhou para o chiclete e timidamente, o aceitou.

- São meus últimos. – Disse Melanie. – Procurei e não achei por aqui.

- Aqui não tem muita coisa mesmo.

- Eu tenho dois vícios na vida. – Confidenciou Melanie para Ariela, que estalou os olhos – Roer as unhas e Trident de menta.

Ariela sorriu pela primeira vez denunciando seus sentimentos em relação a Melanie, ela também gostou da forasteira. Enquanto trocavam informações uma com a outra sobre suas vidas, Melanie ficou atenta à possibilidade de encontrar um jeito de incluir suas dúvidas sobre Julian. Ou do homem de terno preto da noite anterior. De repente, Ariela saberia alguma coisa.

- Quem você conhece de interessante por aqui? – Arriscou.

Ariela demorou mais do que o normal pra responder, como se estivesse fazendo uma imagem mental de todos os moradores da cidade.

- Para ser sincera, ninguém.

Melanie ficou decepcionada! A garota demorou tanto só pra deixá-la no vazio.

- Você quer saber de alguém em especial?

“E agora?” - Pensou - “Falo alguma coisa?” - Mais ou menos. – Respondeu.

Ariela franziu a testa e cruzou os braços.

- É um cara, né?

Quando meninas levam a conversa a esse nível sempre é sobre um cara.

- É. – Respondeu Melanie incerta sobre qual dos dois mais desejaria saber. – O nome dele é Julian.

- Eu sei quem é... – Ariela fechou a cara – E sei também que ele não é muito apropriado pra uma menina... – Ela ficou procurando as palavras. - Assim como nós.

- Por que não?

- Eu não gosto de falar de ninguém. Assim como não gosto de que falem de mim. Entende?

- Como eu faço pra falar com ele? Você sabe onde ele mora?

- Sei. Mas não acredito que você vai poder falar com ele, não.

- Por que não?

- Melhor do que tentar te explicar é te mostrar.

Meia hora depois do almoço estavam as duas de bicicleta na estrada que Julian tinha lhe apontado. Ariela emprestou à Melanie a bike da prima que vem algumas vezes por ano passar férias com ela. Ela também confidenciou que a prima a humilha muito. Pedalaram e riram muito no trajeto. Melanie sentiu-se surpresa e admirada em descobrir o quanto essas sensações lhe faziam falta. Não recordava também da última vez que saiu pedalando descompromissada por aí, nem de rir por qualquer bobagem que acontece. Em poucos dias se tornou uma pessoa muito áspera e crítica. Parecia que tudo estava errado na hora errada. O tempo passava e ela via seus antigos sonhos dissiparam-se na sua frente, como areia levada pelo vento. Chegaram no velho seminário. Ariela parou, encostou a bicicleta e sentou-se no barranco nitidamente demonstrando cansaço. Melanie acompanhou a atitude da nova amiga. Ela não espantou-se em perceber o tom lúgubre do lugar. Parecia abandonado. Esquecido no tempo. Ao derredor o mato se fazia onipresente. Ela analisou cuidadosamente o lugar, no mínimo, deveria ser tombado pelo Patrimônio Histórico da humanidade.

- Isso era um seminário, certo?

- Há muito tempo atrás foi sim.

- Sabe alguma coisa do lugar?

- Bom... Segundo contam é do tempo dos escravos, coisa assim.

- Nossa, então é velho mesmo.

- Falam também que era covil... -Ariela silencia abruptamente como percebendo que iria passar adiante algo que deveria guardar apenas para si mesma.

- Covil? Como assim?

Esforçando-se em procurar uma explicação ela levanta e sobe novamente na bicicleta.

- Esconderijo de animais. De bicho... Coisas desse tipo.

Melanie levanta-se também e em seu rosto paira a dúvida sobre a resposta que obteve de Ariela. As duas seguem pela estrada que as levará onde Julian mora. Só que agora pedalam em um silêncio constrangedor. O trajeto que fizeram pela estrada principal foi de mais ou menos vinte minutos pedalando tranquilamente. Quando entraram na estradinha secundária já estavam se falando e rindo. Melanie entendeu que não poderia exigir fidelidade de alguém que acabara de conhecer. Ambas não tinham a obrigação de escancararem seus segredos uma para outra. Pelo menos, por enquanto ainda não. Antes de adentrarem na propriedade Ariela parou, Melanie fez o mesmo ao lado da nova amiga. Ariela apontou na direção de onde Julian residia. Melanie sentiu o queixo cair. Ela avistou algo como uma muralha alta, inabalável, coberta de vegetação que se estendia monumental de uma extremidade a outra. Parecia um forte. Uma prisão. Nem ao menos podia se ver o que existia no seu interior, aquilo que o muro guardava tão imponente. No centro um portão de madeira reforçado. Parecia pesado. Intransponível.

- O que é isso?

- È ai que ele mora.

- Ok! Mas que lugar é esse?

- È uma fazenda, eu acho. Eu só cheguei até aqui e muito poucas vezes. Acho que essa é a terceira.

- Mas o que tem lá dentro?

- Pessoas... – Ariela diminui o tom de voz - Estranhas. È o que comentam.

- Estranhas como? O que mais comentam?

- Muita coisa. Você vai aprender a ouvir um monte de estórias esquisitas por aqui. Isso aí não é nada.

- Você não acha fora do normal uma coisa dessas?

- Acho. Por isso que eu te disse que ele não servia pra você.

Melanie sentiu-se desconfortável com a insinuação de Ariela.

- Não. Eu só fiz amizade com o cara. Nada mais.

Ariela deixou escapar um sorriso.

- Está bem. Cada um sabe de si, não é?

Ela dá a volta com a bicicleta.

- Vamos voltar agora? Não me sinto bem neste lugar.

- Não – Responde decidida Melanie – quero ir mais perto. Quero ver o que tem lá dentro.

- Me desculpe, mas você vai sozinha então. Eu não passo daqui.

- Não acredito que está com medo?

- Eu já disse daqui não passo. Nem adianta querer me provocar.

A curiosidade instalou-se em Melanie e ela ficou imaginando como faria para entrar ou então como chamaria por Julian. Subiu na bicicleta e olhou para Ariela demonstrando sua intenção de seguir na direção da muralha.

- Você vai mesmo? – Perguntou Ariela.

- Vou chegar lá perto e chamar pelo Julian. – Respondeu Melanie. - Deve ter algum jeito dele me ouvir. Você me espera aqui, pelo menos?

- Um pouco eu espero. Agora se você conseguir entrar e demorar eu volto pra casa.

Melanie acenou com a cabeça como que selando o acordo. Ariela posicionou-se para ver a forasteira que seguia lentamente pela estradinha na direção do portão.

Parada, diante do íngreme portão, Melanie, tardiamente, percebeu que talvez sua idéia não tivesse sido boa. Não havia frestas no portão e nem fechadura. Deveria estar trancado por dentro. Seria prudente ela gritar por Julian? Pensou em recuar e avistou Ariela ao longe e ela ainda estava lá, imóvel. Se retornar sem nenhuma tentativa, possivelmente, a garota iria achar que ela estaria com medo. Mas o pior é que ela, realmente, sentia algo próximo ao medo, só não queria admitir. Melanie tomou coragem e gritou o nome de Julian, mas a voz saiu fraca, quase inaudível. Então encorajou-se ainda mais e gritou com mais ímpeto. Sua voz ecoou. Ela olhou pra amiga distante e esta lhe acenou indicando que, ao menos, ela havia ouvido. Um certo tempo passou e Melanie decidiu voltar. Agora já poderia ir, pois provou à amiga que chamou pelo rapaz, mas ninguém do lado dentro do muro a ouviu. Subiu outra vez na bicicleta e estava prestes a pedalar, quando escutou o barulho amedrontador do portão sendo aberto.

CAPÍTULO OITO – A FAZENDA.

Quando os primeiros raios de sol elevaram-se no céu, Julian acordou no mesmo lugar de sempre. Mas não era uma manhã como as outras. Uma pequena fenda entre as rochas era a entrada de um salão esculpido com maestria dentro do monte. Monte Seco. Os mais antigos, incluindo os da família, diziam que quando chove o monte é cercado pela chuva que nunca o atinge. O ar que procede da chuva é que apenas consegue regá-lo. Segundo os mais antigos que os antigos, o lugar é místico, ou pior ainda; amaldiçoado. Daí surgiu o nome, pelo qual, a cidade é conhecida. Mas Julian não se importava com os comentários, pois, este sempre foi o local que escolherá para acordar quando as noites que aprendeu a detestar aconteciam. Ele melhor do que ninguém sabia o que era sentir-se amaldiçoado. Era seguro e lhe trazia paz de espírito. Brincava ali, solitário, naquela caverna quando menino.

Seus segredos estavam guardados neste lugar. Os segredos que ele mantinha afastado das pessoas da cidade e principalmente dos da família.

Enquanto caminhava de volta para casa, Julian, remoia os acontecimentos da noite anterior. O rosto aterrorizado da menina de cabelos longos e olhos castanhos era uma imagem fixa na sua mente. O que ela estava fazendo na praça naquela hora? Ninguém saía às ruas, ninguém. De longe avistou, Wladmir, aquele que o segue por quase toda parte, mas principalmente, nas noites, como as de ontem. Por ordem do pai e consequentemente da avó, depois que este falecera. Julian sabia que Wladmir, o russo de dois metros e dezoito centímetros de altura, ficava furioso quando o perdia de vista. Wladmir foi privilegiado com a altura excessiva, mas sua capacidade de raciocinar não acompanhou esse dom. Tanto no país de origem como no Brasil, o russo, conseguia atrair olhares curiosos e comentários carregados de maldade. Por esta razão, raras vezes saía da fazenda. Mas sempre que saía era para seguir o neto da mulher que hoje o abriga. Wladmir havia seguido Julian, mantendo-se afastado, na tarde que ele falou com Melanie. Viu o rapaz iniciar a conversa com a estranha. Ninguém da família aprovaria. Mas não foi só isso que o deixou preocupado. O russo não compreendia o porquê de Julian ter ido ontem à noite para a cidade e, justamente, na hora imprópria. Na hora da dor. E pior, esteve com a mesma garota novamente. Julian pensou em escapar. Sabia que o russo não conseguiria alcançá-lo se assim desejava-se. Mas Wladmir já deveria estar furioso o suficiente. Não queria mais irritá-lo, então esperou.

- Garoto mal. Por que fugiu de Wladmir? - Esbravejou rudemente o russo cuspiendo saliva sobre Julian. Wladmir possuía uma voz firme que ainda carregava um forte sotaque.

- Calma ai, Gigante. Eu precisei sair.

O russo amenizou a expressão do rosto. Destoando de sua aparência assustadora o gigante tratava os da família com candura, principalmente Julian, que mais do que um protegido, passou a considera-lo como sendo um irmão caçula.

- Perigoso sair. – Continuou Wladmir.

- Eu sei, gigante.- Concordou Julian.

- Ninguém pode saber que você conversar com garota estranha.

- Foi por isso que sai. Ela corria perigo. Você sabe.

- Wladmir entende. Família não.

- Eu não poderia deixar nada acontecer a ela. E você sabe muito bem gigante, o que aconteceria se eu não fosse até ela.

O russo meneou a cabeça e apontou na direção da fazenda. Julian compreendeu o pensamento do gigante.

- Wladmir não gostar do que garoto fez.

- Nem eu, gigante. Nem eu.

Os dois seguem juntos pelo descampado.

Alguém que vendo pela primeira vez a movimentação realizada na fazenda, poderia imaginar que aquela família que ali residia, seria normal, como tantas outras no interior deste país. Mas esta família possuía um diferencial. Mais do que esconder, eles tinham que conviver com os segredos que os unia. Eram amantes de Luna. A matriarca, Agnes, carregava sobre si a responsabilidade de manter as coisas dentro dos muros que cercavam a fazenda. Era uma mulher idosa, mas ninguém saberia dizer, ao certo, quantos anos possuía.

Talvez nem ela mesma recorda-se. O que se diz a seu respeito, é que já pôs os pés em grande parte do globo terrestre. Inclusive na Rússia, de onde seu filho primogênito Cássius, trouxe Wladmir, ainda jovem. Morou em boa parte dos países Nórdicos e até no continente asiático passou, antes de aportar no país que a acolheu definitivamente. Quando seu marido, ferido mortalmente por um inimigo na Grande Batalha, a incumbiu de chefiar a família, Agnes, trouxe os sobreviventes para Monte Seco e com muita dificuldade, fundou a fazenda que hoje ocupam. Nascida no seio de uma família de poderosos Licantropos, em um vilarejo próximo a Via dos Lobos, essa senhora européia carrega o indelével sentimento da vingança contra os nefastos e antigos inimigos.

Quando Julian, seguido por Wladmir, adentrou o pátio defronte a casa principal, os familiares paralisaram seus afazeres para acompanhar a incursão do jovem rapaz até onde estava a anciã, que já o aguardava na área de entrada. Ele percebeu que hoje não seria somente um dos velhos e conhecidos sermões da avó. Algo mais iria acontecer, já que a

curiosidade instaurada pela sua chegada, não o deixava com dúvidas. Julian diminui o passo com a intenção de obter mais tempo, para pensar em algo que o auxilia-se a convencer a avó sobre suas atitudes. Wladimir o empurrou tentando demonstrar a todos que não compactuava com ele. O russo também tremia com medo de que a senhora mandassem-no verberar. Julian, temeroso, para em frente a grande casa. Rústica, alta, sem pintura e com trepadeiras que quase alcançavam os beirais. A grande casa fora erguida com o esforço dos primeiros que aqui se instalaram. Agnes sai da imensa área frontal, desce o degrau e segue até onde o neto permanecia parado, olhando para o chão.

- Você sabe o que fez? – Perguntou Agnes.

- Sim eu sei...

Julian nem termina a frase e sente a mão da avó golpear-lhe a face. Não saberia mensurar quanta força aquele braço inválido pelo tempo possuía. Revirou-se e quase foi ao chão.

Julian tentou se recompor. Olhou para frente novamente e sentiu um espasmo de ódio quando viu surgir por detrás da avó a figura do tio. Marcus ostentava um sorriso sarcástico direcionado ao sobrinho. Julian lembrou que fora ele, o tio, a razão de ter que sair da fazenda para socorrer a garota.

- Calma, minha mãe. – Sugeriu Marcus abraçando a mulher. – A senhora não tem mais idade pra essas coisas.

- Calma, Marcus? É isso que me sugere? – Agnes afasta o braço de Marcus - Eu tenho tentado proteger essa família há muito tempo. Já passei por muita coisa que vocês nem podem imaginar. Não vou deixar que as coisas acabem assim.

- Eu sempre lhe digo. O castigo é a melhor solução para esse lobinho.

Julian fulmina o tio com o olhar. Marcus sempre o menosprezou. Cassius, o seu pai, esse sim ele temia. Talvez, essa seja a razão de descontar tanto no sobrinho. Na sua mente, Julian, retorna a visualizar o rosto congestionado da garota que quase desfalecia em seus braços. Se não estivesse lá, naquele momento, Marcus não a deixaria viver.

- Quietos Marcus. – Irrita-se ainda mais a velha senhora. – Deixa que eu resolvo.

Marcus lança outro sorriso repleto de sarcasmo na direção do sobrinho. Ele também sabia que Julian foi quem interveio em seu ataque.

- Quantas vezes eu falei para você, que está proibido de sair destes muros nas noites de Luna. Você entendeu?

Julian assente com a cabeça.

- Você! – Ela aponta para Wladmir – Resolvo com você depois.

Wladmir abaixa a cabeça em submissão. Agnes dá meia volta e entra na casa, sendo seguida por Marcus. Simultaneamente, cada um dos familiares, retorna as tarefas que executavam antes da chegada de Julian. Wladmir com os olhos receosos anda de um lado para o outro, falando em russo, totalmente sem rumo. Julian tem o entendimento que a avó realmente tem toda razão em chamar sua atenção, a sua decisão de expor-se foi arriscado. Mas, também tinha absoluta certeza que salvar a vida da garota foi o certo a fazer.

Ninguém transpassava aquela muralha. Poucas, muito poucas pessoas, que não eram familiares, podiam entrar. Bem da verdade, ninguém da cidade ousa aproximar-se do local, desde que ergueram-se os muros e estes novos moradores vieram morar ali. Humano nenhum era bem vindo, quanto mais se pertencesse a raça odiosa dos inimigos. Era o meio da tarde daquele dia e Julian já havia suposto que as coisas voltariam a normalizar. Foi quando uma voz feminina, proveniente do lado de fora, clamava seu nome; tirando, definitivamente, a paz do lugar.

CAPÍTULO NOVE – LEVE DESESPERO

A lentidão do grandioso portão se abrindo, fez com que Melanie, senti-se espasmos por todo corpo, decorrentes da situação aflitiva que ela mesmo havia se imposto. Se tivesse ficado na pousada ou então acolhido o conselho da nova amiga, não estaria ali, paralisada, tentando ter um vislumbre do que estava para surgir de dentro da muralha. Incomodada com a situação a garota olha para trás na direção da amiga; ela estava ainda no mesmo lugar e Melanie imaginou que Ariela estaria também quase colocando o coração para fora da boca. Ao retornar sua atenção para o portão, Melanie, viu o avantajado Wladmir surgir. Mal encarado, trajava roupas que pareciam de outra época e que deveriam ter sido confeccionadas de modo artesanal. O copioso homem olhava para ela com animosidade.

- O que querer? – Disse Wladmir sem rodeios.

Um amontoado de palavras revirou-se em sua mente, mas com certeza não teria condições momentâneas de responder. Ficou sem reação diante de tal criatura assustadora. O alívio para a voragem de sentimentos que a tomava por completo, foi avistar por detrás das pernas do avolumado homem, a figura mirrada de Julian, que carregava em seu semblante um misto de surpresa e preocupação. Seu desassossego era por ela, Melanie, estar ali e principalmente, por que todos os familiares sabiam da sua presença.

- O que você está fazendo aqui? – Perguntou Julian, visivelmente nervoso.

- Nossa! Essa parece ser a sua frase favorita.

Melanie lançou ao rapaz um sorriso tímido. Julian permaneceu apreensivo.

- Você me apontou a direção que morava. Não achei que faria mal em vir te visitar.

As palavras de Melanie adentravam na mente de Julian, mas este não as absorvia, estava com o pensamento voltado à possibilidade de Agnes chegar a qualquer momento.

- Me desculpe – Lamentou Melanie. – Vejo que não foi uma boa idéia ter vindo.

- Tem razão. É melhor você ir embora. - Julian segura em seu braço quase forçando-a retornar.

- Depois a gente se fala e eu te explico melhor o que está acontecendo.

Melanie olhou desapontada para Julian enquanto subia na bicicleta. Mais uma vez sentiu-se profundamente arrependida por ter cometido o erro de tê-lo procurado.

“Que idiota” - Pensou de si mesma. Afinal, não era de fazer esse tipo de tolice.

Nem havia dado tempo de dar a primeira pedalada e bruscamente suas ponderações foram interrompidas. Em um salto surpreendente, sobre-humano, Marcus, irrompe de cima do muro e cai diante da garota.

“Como isso é possível?” - Pensou Melanie, completamente aturdida.

Impetuoso, Marcus, circula a garota. Aproxima-se e a fareja. Melanie treme ao sentir o calor do corpo do homem que, agora, está posicionado bem atrás dela.

- Marcus! Deixe ela em paz. – Grita Julian.

O tio o encara com desdém enquanto passa a mão sobre os cabelos de Melanie.

- Já acha que está em condições de dar ordem, lobinho? – Marcus range os dentes penetrando profundamente em seus olhos – Está pensando que é como seu pai?

Julian cerra os punhos.

- Você não tem idéia de como as coisas são. – Continuou Marcus – Você é tão ingênuo que não consegue perceber o que está diante do seu nariz.

Marcus fareja novamente Melanie, depois fecha os olhos como tomado de um êxtase. Melanie totalmente imóvel olha para Julian suplicando ajuda, ele avança na direção do tio. Marcus dá um sorriso escarnecedor e posiciona-se para receber o seu ataque. Um bramido ecoa em todo vale: a voz de Agnes.

Quando os lobos foram perseguidos e lentamente extintos em quase toda a Europa, ao longo dos séculos 18 e 19, restou apenas a tenacidade de sobreviver aos que migraram pra outros continentes. Esse sentimento fazia-se presente na senhora de longos cãs que prostrava-se diante dos seus descendentes. Sua voz interveio com decisão, não só neste, mas em todos os períodos que comandou a família. Seja como for, na derrota ou no triunfo, Agnes, tomava o domínio da situação e nisto fora extremamente, bem-sucedida. Até agora.

- O que pensam que estão fazendo, animais miseráveis?

Agnes solta um brado carregado de amargor. Marcus e Julian retraem-se e olham imediatamente na direção da matriarca. Os familiares que seguiam a senhora enfileiram-se junto ao portão. Melanie observa, com o corpo inteiramente rijo, a aproximação da senhora que tem toda autoridade na fala. Agnes aproxima-se de Melanie e a esquadrinha na integra.

- É por isto que estão a ponto de desonrar todos nós? – Disse a mulher apontando pra Melanie.

“Que maravilha! Virei “isso” agora.” – Pensou Melanie.

Agnes encara o neto, apontando para os demais que estão junto ao portão.

- Isso é mais importante que os laços de sangue que você possui, menino?

- Me desculpe, vó. Mas ela não tem culpa de nada.

Agnes faz uma pausa e demonstra visivelmente que está no limite. Ela fecha os olhos e parece querer desfalecer. Wladimir a segura, Agnes empurra o gigante sob os olhos curiosos de todos que ali estão.

- Não quero sua ajuda, imprestável.

A velha mulher volta a encarar o neto.

- Nosso instinto. – Ela bate no peito. – Isso jamais pode mudar. Entendeu?

Julian anui com um leve balançar de cabeça.

- A família tem que sobreviver pra você sobreviver. Aqui do lado de fora está o perigo. – Agnes aponta mais uma vez para Melanie – E você já o trouxe para o nosso portão. Quer colocá-lo para o lado de dentro também?

Melanie tentou compreender que perigo poderia proporcionar àquela gente toda. Ela sim era uma menina indefesa quase perdendo o pouco de força que ainda a estava mantendo de pé.

- Você tem idéia quem é essa criatura? Quer que os lacaios que a protegem venham bater na nossa porta e começar tudo de novo?

O que foi isso que a velha senhora quis dizer?

“Lacaios?” – Pensou Melanie sem entender. “Que lacaios?”

Ela não tinha laçao nenhum a protegendo, possivelmente, a senhora havia se enganado sobre ela. Devia estar confundindo-a com alguma outra garota da cidade.

- Deixem que venham, mãe! – Garganteou Marcus.

- Cale-se Marcus – Irrita-se Agnes – Você não tem a mínima idéia do que está falando.

- Se vierem vão ter o que merecem.

- E nós também! Quantos dos nossos irão perecer. - Agnes olha demoradamente para aqueles que estão apreensivos junto ao portão. - Não quero passar por isso de novo.

A mulher retorna a procurar os olhos do neto.

- Portanto. Mande essa criatura vil desaparecer daqui.

Agnes olha para Melanie.

- Não sei o que você está fazendo na nossa cidade? Mas nunca mais ponha os pés aqui. Nunca mais.

A matriarca faz sinal para que Marcus a acompanhe. Agnes, seguida do filho e de Wladmir segue na direção da fazenda. Julian e Melanie permanecem paralisados. Melanie não consegue entender o porquê sua presença causou tanto furor na senhora. A velha pára junto ao portão e sem se virar exclama:

- Julian! Venha! Agora!

Agnes retoma a caminhada e é seguida pelos demais. Julian olha pesaroso para Melanie, ele não consegue pronunciar nenhuma palavra. Bem da verdade, palavra nenhuma teria algum sentido agora. Ele tinha a convicção que nada amenizaria o que Melanie estaria sentindo; deve ter sido um pouco demais para ela, tudo que aconteceu. Julian fez meia volta e seguiu passando pelo portão. A garota recém chegada à cidade, jamais imaginou que passaria por algo assim. Muitas coisas não faziam sentido. Situação insólita que a deixava sem reação alguma. Apenas tinha uma certeza, de que naquele momento, um pesado portão fechava-se diante de seus olhos.

CAPÍTULO DEZ – EU CONTRA A NOITE.

Seu rosto ainda permanecia contraído, talvez pela tensão dos momentos que acabou de sentir, algumas horas atrás. Melanie estava sentada, completamente absorta, no sofá, de frente a velha TV; as imagens indefinidas passavam diante de seus olhos, mas a garota não as captava. Estava concentrada em sua mente, tentando esmiuçar cada pequeno instante que viveu. Flavia estava ali bem ao seu lado e já há alguns instantes percebera que algo não estava de acordo.

- Tudo bem com você, Mel?

Melanie lentamente voltou a cabeça na direção da mãe.

- Tudo.

Respondeu automaticamente, voltando a olhar para a tela da TV. Mas Flavia, como toda mãe, que sabe reconhecer quando algo não vai bem com o filho, insistiu.

- Tem certeza? Você pode falar comigo.

- Está tudo bem, mãe. – Respondeu Melanie ainda olhando para TV – Pode ficar tranquila.

- Eu entendo que esses dias não estão sendo fáceis pra você. Por isso se quiser conversar comigo sobre alguma coisa, eu estou aqui. Ok?

Melanie pensou que de repente a mãe estaria sabendo de alguma coisa. Quem sabe seria correto perguntar a opinião dela? Mas o que Flávia acharia se, de uma hora pra outra, conta-se os momentos tensos que passou. Melanie considerou melhor não falar nada, já bastava ela estar enlouquecendo com tudo isso. Dona Carmélia, adentra a sala.

- Querem jantar agora, meninas?

Flavia levanta-se e estende a mão na direção da filha.

- Vamos, querida?

- Não mãe – Responde Melanie. – Estou sem fome.

- Quer que eu traga pra você aqui?

- Obrigada mãe, Não estou afim mesmo.

Dona Carmélia aproxima-se de Flávia e a segura pelo braço.

- Venha você. – Falou a bondosa senhora. - Se ela sentir fome depois, você prepara alguma coisa para ela.

Preocupada Flavia olha para filha que permanece imóvel, ela tinha mais do que certeza de que não adiantaria querer forçar alguma coisa com a filha. Ela iria comer sim, mas quando sentisse vontade.

Era hora do jantar. Melanie sabia que logo na sequência viriam as longas horas de novela após novela e ela poderia enfim, ter um tempinho só pra ela. Esperou alguns minutos depois que todos foram para cozinha e seguiu para o quarto. Deitada na cama, olhando para os nós do teto de madeira, Melanie reviveu em sua mente, momentos cruciais dos eventos da tarde de hoje. Aquele homem, que não conseguia lembrar o nome, a velha tinha o dito num determinado momento. O que ele estaria disposto a fazer com ela? Como pôde ter se lançado daquele jeito no ar? Foi um salto impossível para um humano. Estava ela, a uma certa distância do muro, e ele, o homem; aterrissou bem na sua frente. E Julian? Por que a tratou daquele jeito depois de ter sido tão gentil? Porque esse rapaz causava-lhe uma atração tão forte? Nutria esse sentimento tão inusitado por uma pessoa que acabará de conhecer. Ela mal o conhecia e ainda assim sentia a necessidade de saber mais sobre ele. E o lugar que ele morava? Nossa! Que lugar estranho. Parecia uma fortaleza. O que aquelas pessoas teriam para esconder?

- Todos nós temos coisas a esconder.

Ela olhou na direção de onde a voz partiu. Uma voz firme, com leve sotaque, que ela não conseguiu identificar ser originário de qual país. Melanie estremeceu, havia alguém sentado na cadeira, no canto do quarto. Era alguém trajando um caro terno preto. Pernas elegantemente cruzadas. Oculto pela penumbra, não deixando a mostra o rosto. Parecia um déjà vu. Ela lembrou, quase que imediatamente, da situação semelhante que viveu quando teve seu quarto invadido em Londrina. Neste instante, foi tomada pela mesma sensação que estava acostumando-se a sentir. As luzes agora estavam ainda mais fortes ofuscando a sua

visão, os sons de um campo de batalha penetravam na mente da garota. Ela ouvia as espadas, os gritos e urros de dor daqueles que recebiam seus golpes mortais e nitidamente, como se estivessem acontecendo ali, naquele instante. Era ensurdecedor.

- Não tem por que ficar com medo de mim. Não irei lhe fazer mal. Eu prometo.

Tarde demais. Melanie sentia-se aterrorizada. Desde que veio para essa cidade muitas coisas fora do comum tem acontecido com ela. Agora isso, um estranho dentro do seu quarto, novamente, depois de tantos anos, prometendo que não lhe faria mal. Mas Melanie já estava sentindo-se mal. Muito mal.

- Melanie. – O estranho continuou - Doce Melanie. Quer saber quem eu sou?

Melanie instintivamente sentiu vontade de gritar, de sair correndo desesperada. Mas, apenas conseguiu consentir com um leve balançar de cabeça.

As últimas horas foram intensamente difíceis. Tanto, que Julian, limitou-se a pronunciar poucas palavras. Todos que passavam por ele o encaravam, deixando transparecer o que estavam pensando a seu respeito. Sem nada mencionar, queriam que ele compreende-se que suas ações inconseqüentes foram desaprovadas por todos da família. Há muito tempo viviam em tranquilidade. Não estavam mais acostumados a lutar pela sobrevivência. Quando sentiam a sede sobre o brilho da lua, eram saciados pelas mulheres e serviçais; os poucos, assim como Wladmir, que viviam no seu meio.

Eram uma casta diferenciada, podiam transformar-se em qualquer noite se preciso fosse. Isso foi-lhes útil antes deste tempo, quando viviam em guerra com os odiosos. Nos dias atuais apenas sujeitavam-se a poderosa lua cheia, que, inevitavelmente, traz todo o furor da maldição. A única escolha que podem ter é esconder-se do lado de dentro da grande muralha e permanecer aos cuidados atentos dos guardiões. Raras são as mulheres da família que transformam-se, devido a isso, podem manter-se longe das correntes. Os homens não têm essa alternativa.

Cassius, filho primogênito de Agnes, era detentor de duas grandes virtudes. Era um guerreiro louvável, cultuado pelos seus e temido pelos inimigos. Era também um estudioso de grande talento, que foi capaz de conduzir os experimentos que mutaram alguns membros da família. Sua utopia era a de descobrir uma cura, um livramento para todos. Estava prestes a conseguir alguma coisa quando, em uma emboscada, foi atacado por um grupo de

inimigos e aniquilado. Ninguém ainda consegue entender o que realmente aconteceu. Cassius, não era de facilitar a ponto de ser apanhado. Desde então, os cuidados com os membros do bando foram redobrados.

Julian sentia na pele o peso de ser filho de Cassius, todos almejavam que ele fosse como o pai, mas Julian era diferente, não se sentia atraído pelas coisas que fizeram do pai uma lenda. Ele não desejava seguir esse caminho, queria ser um jovem normal, não uma lenda. Angelique entra no quarto de Julian e aproxima-se do primo. Ele está atado as correntes.

- Não vai ficar com os outros? – Disse Angelique ao entrar.

- Não sou uma boa companhia pra ninguém hoje. Inclusive pra você. – Respondeu cabisbaixo Julian.

- Que pena. Por que recebi a missão de ficar do seu lado.

- Era só o que estava faltando. Trocaram você pelo gigante.

- Isso aí. O monstro vai ter que ficar lá no alojamento.

Julian recosta a cabeça na parede e da janela olha para o céu estrelado, a noite estava chegando. A dor também.

O tremor das mãos de Melanie apertando com força o cobertor fez o estranho que invadira o seu quarto repetir a pergunta.

- Então Melanie. Quer saber quem eu sou?

Melanie repetiu o mesmo gesto autorizando o estranho a apresentar-se. No momento ela se sentia impossibilitada de pronunciar qualquer palavra. O homem compreendeu a condição de Melanie e inclinou-se para frente revelando a sua face.

- Eu sou Camuel.

Incrível. Melanie não saberia descrever o que acabou de sentir. Era o belo estranho, o mesmo que a observava do lado de fora na noite anterior. Os mesmos cabelos hirtos iluminados pelo clarão azul da lua, mas algo estava diferente. Desprovido de nenhum

relance de vida, o único tom de cor que se destacava em seu rosto eram as linhas avermelhadas das veias que sobressaíam debaixo da pele alva. Muito alva. O vampiro era como um busto de gesso; na cor e na frieza dos olhos. Mas, ainda sim tinha os traços perfeitos, angelical.

- Agora quer saber por que estou aqui?

O medo da garota estava chegando ao limite. Ela sentia que um grito de terror sairia de sua garganta a qualquer momento. O vampiro também sentiu. Com um gesto suave, deslizou o braço pelo ar na direção de Melanie e depositou seu dedo no lábios da garota, silenciando-a.

- Só não pode fazer isso. Eu já te falei não vou te fazer mal.

Melanie fecha os olhos e inicia um choro contido. Camuel, calmamente, retira o dedo dos lábios de Melanie e passa sobre o seu rosto estancando a lágrima que caía.

- Vou precisar repetir a mesma pergunta pra você a noite toda?

Melanie, timidamente, olha nos olhos de Camuel eram azuis brilhantes que contrastavam com a pele infinitamente branca. Olhos gélidos e vazios. Ele fez surgir em suas mãos, como em um passe de mágica, uma linda rosa vermelha. O vampiro oferece a rosa e Melanie a segura, com as mãos trêmulas.

- Então vou te dizer por que estou aqui, Melanie.

A garota concorda.

- Primeiro quero que você olhe pela janela.

Melanie não consegue compreender a intenção do rapaz que estava em sua frente. Por que ele quer que ela olhe pela janela?

- Por favor. – Pediu Camuel com extrema gentileza. – Olhe pela janela.

A garota, bastante nervosa e ainda tremendo muito, segue cuidadosa na direção da janela. Sem olhar para Camuel ela deposita os olhos na direção da rua e os vê, parados. Eram

quatro no total, iluminados pela mesma lua azul. Enfileirados, dois homens e duas mulheres. Chamavam a atenção pelas roupas que vestiam. Elegantes. Todos muito bonitos. Incrivelmente radiantes.

- Eles são, a mais pura criação da natureza – Disse Camuel enquanto aproxima-se por trás de Melanie, segurando-lhe os braços – Não existe nada igual a eles. São o ápice de tudo que existe. São eternos.

O primeiro deles, Iori, o mais alto, era negro, natural de Moçambique. Não possuía nenhum pêlo sobre todo o corpo. Usava um sobretudo cinza escuro e por debaixo uma camisa branca de tecido fino. Tinha a cor do que mais adorava nos olhos. A cor do sangue. A mulher que estava ao seu lado é Charlotte. Alta, loira, francesa de olhos azuis cintilantes, cabelos que ostentava uma longa trança que quase alcançava a altura dos joelhos; um vestido prateado, que deixava seu colo feminino à vista, cobria o restante do corpo esguio. Adornada com um colar que carregava um medalhão, que possuía o símbolo da Casa a qual pertencia. A outra mulher, um pouco mais jovem do que a primeira, era Rania. Uma morena húngara, de estatura mediana e corpo escultural. Os cabelos negros e encaracolados lembravam muito os de Ariela. Vestia um corselet branco debaixo de um sobretudo de camurça, colada ao corpo uma calça de couro preto, como a cor dos seus olhos e também tinha em seu peito um medalhão. O último dos vampiros era Miguel, nome de arcanjo, mas coração de demônio. Franzino, tinha os cabelos desgrenhados em um corte moderno. Ele usava os trajes brancos, destoando dos demais. Americano de descendência latina, parecia o mais irrequieto; no período que Melanie os observava da janela, ele revolvía-se de um lado para o outro, enquanto os demais continuavam imóveis. Camuel percebeu a movimentação desordenada do vampiro menor.

- O que foi, Miguel? Preocupado?

Os outros vampiros enfim realizaram um movimento. Como se sincronizados olham na direção de Miguel. O vampiro de branco salta da rua em direção a casa. Novamente Melanie observa uma ação fora do comum. Parecia que estava em um sonho louco. Miguel aterrissa sob a janela de Melanie, colocando suavemente seus pés sobre o peitoril.

- Eu avisei Camuel, não era uma boa idéia termos vindo.

Camuel sorriu, ignorando o alerta que recebeu de Miguel.

- Nem sempre suas premonições condizem com a verdade, irmão.

- Está avisado novamente, irmão.

A ênfase na palavra “irmão” denunciou a ironia com que Miguel considerou a opinião de Camuel. Contrariado, impulsiona-se para trás e num salto fenomenal cai ao lado dos outros três. Camuel volta toda a sua atenção para Melanie.

- Agora você precisa saber o que realmente nós somos.

Por diversas vezes Julian pegou-se pensando no quanto pessoas do mesmo sangue podem ser tão diferentes. Quando ele olhava para Angelique não via nela nada que lembra-se o pai desprezível que a jovem tinha. A prima compactuava com ele em pensamentos e muitas vezes em ações. Ela também considerava que essa rixa antiga que iniciou há muitos séculos atrás e que persistia até hoje, deveria acabar. A longa trégua que mantinham as duas raças poderia ser eterna. Mas Marcus jamais permitiria que sua própria filha alarmasse suas idéias. Então viviam os dois, Julian e Angelique, conforme as regras da família, mas tinham no seu íntimo outros desígnios.

- Me fale a verdade por que você saiu escondido, daquele jeito, ontem à noite? – Perguntou Angelique.

- Era preciso. – Respondeu Julian – Tinha uma coisa que eu precisava fazer.

- Óbvio que sim. Senão você não sairia quebrando as regras.

- Não fui só eu que as quebrei.

- Eu sei. As regras servem somente para nós: os jovens.

Julian solta um gemido. A hora da transformação estava chegando. Angelique aproxima-se da janela e olha para o céu.

- Lua azul de novo. – Exclama a garota.

- Por isso saiu ontem... – Completa Julian com dificuldade.

- Claro! Nas luas azuis você tem visões. – Debocha Angelique.

- Não foi visão. Foi instinto.

- E teve alguma coisa a ver com aquela esquisitinha que esteve aqui hoje a tarde, não é?

Julian se cala como consentindo. Ele já sentia seu corpo arder por inteiro, estava banhado em suor. Julian e os demais da família retardavam a transformação o quanto mais podiam nas noites de lua cheia. Mas depois de muita luta em vão, eram dominados pelo poder que ela tinha sobre eles. Ele tinha consciência que seria mais uma noite difícil, ao menos nesta noite Melanie estaria salva. Quem o olha-se, naquele instante, concluiria que seu estado era de alguém que estaria com mais de 40 graus. Angelique já tinha presenciado inúmeras transformações de vários membros da família. Mas as de Julian causavam-lhe sensação de desconforto; ele sofria demais por ser um lobisomem e não escondia esse sentimento, nem nessa hora. Sentindo o corpo quase explodindo, Julian, num relance olha pela janela e, mais do que a gigante lua que reinava no céu, o rapaz vê aquilo que imediatamente lhe causa um desespero assolador. Sob a luminosidade azul que desce do céu, Julian avista Marcus e mais quatro membros da família seguindo na direção da estrada que leva até o portão de entrada. Eles vão sair. Vão atrás de Melanie.

Melanie estava acuada. Sentia a ameaça, frente a frente, em seu quarto.

- Somos a mais perfeita raça que vive neste mundo. – Prosseguiu Camuel. – Nós somos vampiros.

Melanie recebeu a revelação e sentiu a espinha gelar, ela conhecia as histórias de vampiros. Sabia do que eram capazes, só não sabia que realmente existiam. Poderia duvidar. Claro, isso seria demais para alguém acreditar, vampiros não existem. Mas a visão daquele rosto que fixamente a defrontava, num misto de céu e inferno, a colocava numa situação de xeque.

- Vampiros? – Pronunciou Melanie num tom quase imperceptível.

- É o nome que nos deram. – Explicou Camuel.

- Isso não existe. – Arriscou Melanie.

- Era o que eu desejaria que você pensasse se não fosse preciso me revelar. – Argumenta Camuel. - É muito bom para os negócios que as pessoas pensem assim, que não existimos.

Melanie permanece estagnada diante daquele ser singular.

- Olhe novamente para eles. – Sugere Camuel apontando os quatro vampiros – Não são perfeitos? Como não podem existir?

Melanie torna a olhar na direção dos vampiros do lado de fora. Todos continuam imóveis, menos o impassível Miguel.

- O que vocês querem comigo? – Pergunta Melanie.

- É bem complicado de explicar. – Responde pausadamente Camuel enquanto faz um sinal para os demais – Antes preciso te mostrar algumas coisas.

Os outros vampiros seguem na direção da entrada da pousada. Miguel entra por último olhando para todos os lados da rua, demonstrando preocupação. Melanie se desespera.

- Calma! – Alerta Camuel segurando-a – Não vai acontecer nada com eles.

- O que você vai fazer, seu monstro? – Grita Melanie socando-lhe o peito, ignorando o perigo que isso poderia lhe acarretar.

- Vou poupar suas vidas. – Responde Camuel. – Não permitirei que ninguém faça mal a você ou a uma dessas pessoas.

A imagem da mãe e do irmão; surgia, imediatamente, na mente de Melanie, enquanto ela fechava os olhos. Como poderia ela confiar naquele que apresentava-se como um vampiro, um assassino? No instante que Melanie sucumbia nos braços de Camuel, um som aterrador ecoa na escuridão: aquele mesmo uivo sombrio.

CAPÍTULO ONZE – MUNDO ESCURO.

As forças de Julian começavam a haurir, mas seu desespero em favor de Melanie, era de desmedida proporção. Era preciso fazer alguma coisa, era preciso livrar-se das correntes.

- Angel! Por favor, me solte. – Bradou Julian.
- O quê Você está louco? Sabe que não posso. – Respondeu surpresa Angelique.
- Eu imploro. Por favor.
- O que você tem na cabeça? Não vou fazer isso.
- Eu vou me controlar, juro... Eu consigo... Por favor!
- O que está acontecendo com você? Nunca agiu assim?
- Preciso ajudar alguém.
- Não precisa, Julian. A esquisitinha não corre nenhum perigo.

Julian agarra fortemente a prima pelos braços e a encara com os olhos grandes e rubros.

- Preciso. Eu vi alguns dos nossos saindo... Vão atrás dela.
- O quê? – Espanta-se Angelique. – Por que iriam fazer isso? É fora das regras.
- Você acabou de dizer que as regras só servem para nós, os mais jovens. Isso é verdade.
- Quem pensaria em fazer algo para aquela coisinha? Colocaria nossa gente em evidência.

Julian considerou melhor não mencionar que o próprio Marcus é quem estava prestes a violar as regras.

- Por favor, Angelique! Eu imploro.

Angelique compreendeu que caso não auxilia-se o primo, este permaneceria debatendo-se a noite toda e possivelmente se machucaria. E pior, se algo realmente acontecesse à garota nova, Julian não a perdoaria. Estava com o coração dilacerado. Temia que Julian, seu primo amado, fizesse algo em seu próprio desfavor. Temia que Julian estivesse se apaixonando demais pela forasteira a ponto de por em risco a própria vida.

- Vou te soltar. – Concluiu Angelique. – Mas vou com você.

- Não. É perigoso para você.

- Perigoso eu sei que é. – Emendou a garota – E para nós dois... Ou vou com você ou não te solto.

Julian não desejava que a prima descobrisse que o próprio pai estava pondo em risco a segurança de toda família, quebrando as regras. Mas, mais do que tudo, precisava defender Melanie. Então ergueu os braços na direção de Angelique; que pega a chave e abre os grilhões. Correntes de grande diâmetro, antigas, possivelmente da época da escravidão, caíram pesadamente no chão.

Os quatro vampiros posicionam-se diante da porta de entrada da pousada. Estavam mais do que prontos para executar as ordens de Camuel. Iori olha para a loira Charlotte.

- Mademoiselle. Vai-te e mostres o que melhor sabes fazer. – Disse Iori revelando um carregado sotaque português.

- Isso é como brincadeira de criança, Iori. – Responde Charlotte. – É fácil demais.

A francesa olha para Raina, a húngara movimenta os cabelos negros encaracolados e bastou um gesto de suas mãos na direção da porta, e esta se abriu, imediatamente. Charlotte invade a casa em um longo salto, caindo no centro da sala, causando alvoroço das três mulheres que estavam assistindo TV. Como uma mulher felina, selvagem, Charlotte, deixa a mostra os longos caninos, observados com temor por Flávia.

- Saia da minha casa, bruxa maldita. – Vituperou Dona Carmélia.

- Já vou, madame.- Replicou a vampira – Já vou.

Charlotte aproxima-se e com os olhos faiscando, encarando uma a uma das mulheres. Imediatamente elas caem, vagarosa e involuntariamente, no chão. Charlotte sorri e segue para os outros cômodos da casa. Camuel sente que Charlotte estava cumprindo o que ele havia determinado, então abraça Melanie e salta com ela na direção da rua. Melanie, imóvel, recebe o frescor da brisa sobre a pele. Ela estava colada ao corpo do jovem vampiro, que a abraça forte e desliza com ela pelo ar. A garota sente seu cheiro adocicado, mas não seu coração batendo, talvez ele realmente seja o que diz ser: um vampiro.

Charlotte aproxima-se de Iori, Raina e Miguel, que aguardavam em frente à pousada. Num relance, Camuel surge do céu, caindo, abraçado a Melanie, juntando-se a eles. O uivo que tanto amedrontou a garota fez-se ouvir novamente. Não apenas um, mas vários e cada vez mais perto.

- Preciso lembrá-los do que irá acontecer se ficarmos aqui. – Disse Miguel.

- Estais com medo das criaturas sem cérebro? – Provocou Iori.

- Não tenho medo de nada. Posso dividir com você o que eu sei... Ai saberemos quem terá medo.

Miguel estende a mão na tentativa de segurar no braço de Iori. Camuel adianta-se e o detêm, segurando em seu braço.

- Preciso te pedir para parar? – Pergunta Camuel olhando para Miguel, que recua recebendo dos olhos de Camuel uma advertência.

- Time is over! – Pronuncia o vampiro americano, livrando-se da mão de Camuel.

Os vampiros voltam sua atenção na direção da estrada que segue da praça central. As bestas feras surgem, raivosos, de dentro da escuridão; liderados por aquele que tinha o negro na pelagem e no coração: Marcus. Camuel sorriu, há muito tempo não os via; mas ainda conservava as lembranças da última vez que pisou sobre a cabeça de um lobo. Era doce o sabor de derrotá-los, quase tão doce quanto o sabor quente de sangue jovem e fresco. Os vampiros se aguçam e preparam suas posições para enfrentar os lobos, que agora, estavam bem próximos. Camuel sabia que ainda não era hora de colocá-los debaixo de seus pés, novamente. Tinha uma missão a cumprir: proteger Melanie. Os demais vampiros teriam que fazer o trabalho, apesar de sentir seu instinto de dominador, pulsar em suas veias. Ele

recebia o abraço apertado da garota que pouco tempo atrás o havia chamado de monstro. Ela temia as bestas feras mais do que temia a ele.

- Isso me traz saudades de Budapeste. – Comenta Raina. – Mas os de lá pareciam serem maiores.

- Isso por que não vistes os da mãe África. – Emenda Iori.

As feras agora, estavam claramente às vistas. A luz da lua brilhava sob suas pelagens, tinham o ódio estampado nas faces medonhas; ódio mortal daqueles que estavam quase ao seu alcance. Camuel olha ao derredor procurando um lugar seguro para manter Melanie. Ela o agarrava com todas as forças que possuía. O vampiro deliciava-se em constatar o medo que dominava a garota.

Com toda a fúria em seu coração, Marcus, urrava, enquanto corria na direção dos inimigos. Lá estava ela, a garota, entre eles. Tinha em sua mente animal, um vislumbre do momento que a teve, junto de si. O cheiro que agora exalava dela, era o mesmo de antes: medo. Marcus percebeu que o vampiro escondia a garota atrás de uma árvore. Ela teria que ser a primeira a morrer, depois o vampiro.

Iori posiciona-se à frente dos vampiros, seria o primeiro a dar combate às feras. Charlotte, Raina e Miguel logo atrás do africano. Camuel permanecia atrás, como que sendo guardado pelos demais. Marcus, bem próximo, puxava a matilha ensandecida, ele salta na direção dos vampiros. No ar, avistando os vampiros no chão, a fera recebe um golpe que o remete para longe. Como poderia ser atingido? Os inimigos nem se mexeram, não saíram do chão. A matilha que seguia atrás do líder, pára. Os vampiros observam, atônitos. Um lobo acaba de atacar outro, do mesmo bando. Um lobo atacando um familiar.

Quando chegou a pacata localidade de Monte Seco, Melanie considerava que seus dias seriam fastidiosos, nunca passaria por sua mente juvenil que presenciaria uma disputa milenar; uma guerra intensa e cruenta. Mais ainda, jamais pensaria em estar no centro desta batalha. Ela presenciava, agoniada, tudo que estava acontecendo, mesmo sendo quase impossível acreditar que não fosse um sonho perturbador.

Com toda a força Marcus fora lançado no cercado de uma das casas da rua. Sentiu doloridamente um fragmento de madeira rasgar-lhe a carne da bacia, o sangue banhava os pêlos vastos do lobisomem. Com dificuldade conseguiu equilibrar-se nas quatro patas; seus

olhos encheram-se de repulsa ao constatar que foi golpeado por Julian. Camuel permaneceu imóvel, ele e os outros vampiros jamais haviam presenciado uma cena como essa. Melanie aterrorizada observava por detrás da árvore um grande lobo vociferando para outro de sua espécie. O animal tinha a cabeça bem maior do que a de um lobo normal, seus pêlos pardos eram avantajados e brilhavam, infinitamente, mais do que os dos outros. Sua mandíbula impressionava toda vez que rosnava, revelando as presas assustadoras. O lobo raivosamente, circulava no local onde estava, como que aguardando o outro lobo para continuar a luta.

Os vampiros, tomados de surpresa, permaneciam estagnados, sem saber o que fazer; poucas vezes foram apresentados a situações que não sabiam como reagir, um lobisomem atacar um da própria espécie era uma delas. O restante das feras, observavam distantes, com a expectativa de que o combate se iniciaria a qualquer momento. O lobo que fora atingido, lenta e cautelosamente, aproxima-se do seu agressor. Os olhos se cruzaram revelando toda repugnância que, reciprocamente, sentiam. O lobo pardo inalava o cheiro da garota e sentia seu corpanzil queimar por dentro, na ânsia de protegê-la; o lobo negro, também sentia o cheiro da garota, mas seu desejo era de rasgar a sua carne. As garras do lobo pardo enterravam cada vez mais no chão, à medida, que seu adversário aproximava-se; ele previa que a qualquer instante receberia o ataque e estava pronto para revidar; por sua vida e pela de Melanie.

Marcus sentia um ódio profundo naquela hora, detestava o sobrinho ainda mais por essa afronta. Sua sede de destruir os vampiros e a garota, quase que estavam transferindo-se totalmente para Julian. Marcus, no pouco de raciocínio que lhe restava, imaginou que pior do que tudo, era ter de matar o sobrinho na frente dos vampiros. Olhou para onde a garota escondia-se e a viu aterrorizada de medo, olhou para cada um dos inimigos e sentiu seu sangue gelado pulsar, os vampiros exalavam um odor insuportável de arrogância. Endereçou à Julian um último olhar carregado de aversão. Marcus rosnou e seguiu na direção da matilha, os outros quatro lobos esperaram o líder passar e o acompanharam na direção da escuridão. O uivo sombrio ecoou mais uma vez cortando o silêncio da noite. Melanie reconheceu aquele uivo, era do lobo negro que a assustou na noite anterior. Julian ainda permanecia no mesmo lugar, com as garras enterradas no chão. Ele olhava para Melanie e sentia nos olhos dela temor pela sua presença. Os vampiros reagruparam-se próximos a Camuel.

- Vamos acabar com esse animal. – Bradou Charlotte.

- Não seria páreo para um de nós, quanto mais pra todos. – Completou Rania.

Os vampiros expõem suas presas e em uníssono vociferam para o lobo pardo.

- Vamos deixar essa coisa imunda em pedaços. – Ameaça Iori.

Os vampiros estavam prontos para saltar sobre a fera, quando uma jovem voz anuncia-se.

- Não! Por favor! – Grita desesperada Angelique, saindo da penumbra e postando-se heroicamente a frente do lobo pardo. Os vampiros perceberam que Angelique era da família dos lobos, precisavam exterminá-la também. Aprontaram-se para o ataque. Charlotte saltou ferozmente sobre a garota, mas a voz de Camuel em sua mente deu o comando para que e a vampira parasse. Charlotte caiu longe de Angelique e Julian. Ela recebeu a ordem pra parar o ataque, mas o lobo poderia investir contra ela. Percebendo que os vampiros não mais atacariam, Angelique empurra Julian, forçando-o a fugir. Melanie observa o grande lobo pardo distanciar-se, acompanhado pela garota de cabelos avermelhados. Lembrou-se dela, era a garota que estava com Julian. Então aquele lobo poderia ser...

- “Não! Julian, não! Impossível!” - Pensou.

Camuel aproxima-se de Charlotte e estende-lhe a mão.

- Charlotte, querida. – Disse Camuel para que todos ouvissem – Não tenha pressa. Logo poderá se divertir, com esses vira latas.

- Ora pois, Camuel, oportunidade como essa não se perde. – Disse Iori.

- Não está curioso, irmão? – Responde Camuel. – Não quer saber o porquê dessa infame criatura ter atacado um dos seus?

- Que se matem. – Esbraveja Rania. – Poupam nosso trabalho.

Miguel aproxima-se de Melanie e a segura pelo braço.

- Ainda tem dúvidas do porquê, Camuel?

Camuel sorriu revelando mais uma vez suas presas. Melanie sim, não tinha nenhum relance mais de dúvidas, aqueles que estavam a sua volta eram vampiros.

- Vamos sair daqui. – Continua Camuel – O encanto de Charlotte logo vai terminar e os moradores acordarão.

- E ela? – Pergunta Miguel ainda segurando no braço trêmulo de Melanie.

- Vai conosco – Respondeu decidido Camuel.

CAPÍTULO DOZE – O DIA QUE NÃO TERMINOU.

Ela, a menina comum da cidade grande, aquela que sentia-se apta a enfrentar qualquer situação, que saberia manobrar e escafeder-se das artimanhas do destino, estava ali, trêmula, paralisada; diante daqueles seres de beleza sublime e presença dominante. Se Camuel e os outros quatro vampiros já a deixavam zonha com sua proximidade, imagine um número ainda maior deles. Uns cinquenta talvez. Todos jovens, incrivelmente bem vestidos e elegantes, ao extremo. Era como um aglomerado de vampiros estilizados e moderninhos. Mas, o mais terrível foi quando ela adentrou o lugar, e todos os olhares seguiram na sua direção. Ela sentiu seu corpo diminuir, suas pernas pareciam coladas ao chão, sua boca secou e seu coração bombeava enlouquecido, querendo saltar para fora.

Foi isso que chamou a atenção dos vampiros, um coração humano batendo, descompassado, entre eles; sangue jovem implorando para ser sorvido. Apesar do desejo quase incontido de pular sobre a presa, que se apresentava tão solícita e indefesa, os vampiros sabiam que a presença da garota não se dava ao acaso, estava com Camuel e isso precisava ser respeitado. Melanie não saberia precisar onde estava, parecia um grandioso depósito; uma fábrica desativada, talvez. Alguns maquinários antigos permaneciam, empoeirados e cobertos de teias, alocados nos cantos. Podia-se ouvir uma música eletrônica saindo dos alto-falantes potentes, de uma pirâmide improvisada de caixas de som.

Um DJ, com feições orientais, certamente vampiro, fazia uma apresentação performática. Melanie tinha visto do lado de fora carros fabulosos estacionados, que mesmo ainda muito aterrorizada, não pode deixar de notar. Carros importados e modificados. Ferraris e Porsches, ela não saberia dizer, mas a garota ponderou que, obviamente, ser vampiro, era ser aristocrata.

Charlotte, a mais linda entre todas as vampiras do lugar, desfilava prodigiosa no meio dos demais vampiros, parecia que estava em uma passarela apresentando a última tendência da moda. Era impossível não notar seu porte elegante. Ela fazia questão de deixar claro que tinha total conhecimento da beleza e o charme que carregava. Rania, por sua vez, parecia não se importar com a opinião alheia. Ria inclusive, achando graça, do desfilarm exagerado de Charlotte, indo de um lado a outro, em proposital exibicionismo. Rania, tinha outras coisas mais importantes para avaliar. Iori, de semblante sempre fechado, também se demonstrava deslocado daquele tipo de ambiente. Era um guerreiro, um bravo soldado na causa vampírica. Perder tempo, com coisas fúteis, como roupas de grife ou componentes para maximizar o desempenho do possante, não eram suas prioridades. Miguel... Bom, esse era difícil entender. Melanie olhava para ele e nada podia prever de sua personalidade. Ora parecia inquieto, ora desligado. As vezes, falava desordenadamente, gesticulando e falando asneiras e as vezes, de semblante sério, comedido, falando coisas de profunda sabedoria. A garota não sabia precisar, qual era o tamanho do turbilhão de emoções que rodopiavam naquela cabeça. Já, sobre Camuel, algumas coisas se poderiam deduzir. Era o líder daquele pequeno grupo e pelo que se podia notar, muito admirado pelos demais que permaneciam neste local.

- Está cansada? – Perguntou Camuel.

Melanie respondeu positivamente balançando a cabeça.

- Foi uma noite e tanto pra você, não foi?

A garota olha contida para o vampiro afirmando que ele estava correto.

- Esta com fome? Ou com sede?

Melanie havia percebido que, um número grande daqueles que estavam ali, mantinham em suas mãos garrafas, como as de refrigerante, que continham um líquido espesso de um vermelho forte. Poderia ser refrigerante, suco, ou mesmo, alguma bebida mais forte. Ou então poderia ser sangue. Não quis arriscar ter que experimentar, caso Camuel lhe oferecesse. Apenas balançou a cabeça em sinal de negação.

- Vai continuar assim? – Prosseguiu Camuel – Não disse nada desde o trajeto da cidadezinha até aqui.

Melanie pensou mil palavras para dizer e, assim, não contrariar o vampiro, mas, involuntariamente, não conseguiu pronunciar nada.

- Quinze minutos. – Bradou o vampiro DJ, para que todos ouvissem.

Em seguida, houve uma movimentação que parecia sincronizada. A música cessou, os carros foram recolhidos um a um. A porta foi trancada por dentro, após quatro brutamontes aparecerem e se posicionarem um, em cada canto do galpão. As luzes se apagaram, apenas as de alguns carros permaneceram ligadas. Melanie então notou que as grandes janelas, no alto do depósito, estavam pintadas de preto. O mais provável em um prédio como esse, seria que estivessem quebradas. Mas não, estavam inteiras e pintadas. Camuel seguiu seus olhos.

- É para luz do sol não penetrar. – Explicou Camuel.

“Claro! Vampiros! Luz do sol! Não daria certo”. – Pensou a garota.

- Se ficarmos expostos ao sol, nossa pele queima. Não ao ponto de explodir, como nos filmes, mas nos fere.

- Eu nunca gostei de filmes de vampiros. – Confessou ela, percebendo, tardiamente, que talvez não fosse certo falar para um vampiro que não gosta de vampiros.

- Também não gosto. – Disse Camuel rindo. – Eles deturpam muita coisa.

- Como o quê? – Melanie sentiu-se curiosa. Que oportunidade mais teria de perguntar esse tipo de coisa?

- O sol, por exemplo, tem seu fundo de verdade. – Prosseguiu Camuel. - Agora, se somos imortais? Hum... Na verdade, não. Vivemos bem mais que os humanos, mas temos data de validade também. Um humano consegue viver, quem sabe, até uns cem anos; um vampiro pode viver até dez vezes mais.

- Água benta fere vocês?

- Fere! – Melanie arregalou os olhos. – Se você encher um container com água benta e o derrubar sobre um vampiro, o esmagando. Ai sim, fere e muito.

Ela quase conseguiu rir.

- Caixões? – Insistiu no interrogatório.

- Consegue ver algum aqui?

Melanie olha ao redor. Camuel estava se divertindo, enfim a garota estava se soltando. Era prazeroso apresentar à ela as respostas para as perguntas mais básicas.

– Dormi em um uma vez, para sentir como era a sensação. Muito desconfortável. Rania, por exemplo, tem caustrofobia, ela enlouqueceria se precisasse dormir em um.

- E alho, crucifixo, essas coisas?

- Tudo parte da mente imaginativa de alguns escritores talentosos. Cada um criou o mito como quis, para nós não interessa, desde que pensem que somos só mito.

- Sangue? – Ele perguntou cuidadosa, morrendo de medo. – Vocês bebem sangue humano?

- Você ouviu o DJ. – Desconversou Camuel com a expressão séria, sentindo o medo aflorar de Melanie. – Faltam poucos minutos para o sol nascer.

- O que vocês vão fazer agora? – Perguntou Melanie, mais receosa.

- Óbvio. O mesmo que todos os seres vivos. Vamos descansar.

- E o que eu faço?

- Bem! Você tem duas alternativas. – Continuou Camuel – Primeiro você pode dormir também. Acredito que esteja muito cansada, já que passou a noite toda acordada. Ou então, pode ir embora se quiser.

“Como assim?” - Pensou a garota. Camuel riu lendo seus pensamentos.

- Simples. Você pode tentar escapar daqueles quatro que estão parados logo ali.

Melanie olha para os leões-de-chácara e não sente vontade de arriscar. Afinal, se os vampiros planejavam lhe fazer algo prejudicial, certamente, ela não mais estaria ali, respirando.

- E a minha família?

Camuel acomodando-se dentro do carro preto, estende a mão para Melanie.

- Não percebeu ainda, Melanie? Essa é a sua família agora.

Do mesmo modo que a noite mais medonha que vivenciou, o dia que acabou de nascer, certamente, não começou nada bem para o jovem que defrontou o próprio tio por afeição a uma forasteira. Era bem provável que ela, talvez, nem mensurasse o seu empenho. Acordou mais uma vez, com o corpo nu, no velho escondedouro, dentro do monte. Sentia dor, sentia medo. Ao seu lado, dormindo abraçada a ele, estava Angelique, a prima protetora. Ela sabia para onde ele fugiria e ficou a noite toda ao seu lado.

- “Doce Angelique.” – Pensou Julian, imaginando o quanto deveria ter sido difícil para ela presenciar o confronto.

Apanhou uma peça de roupa que estava separada, escondida, para as manhãs depois da lua cheia, quando não ficava na fazenda. Eram raras às vezes, mas aconteciam. Angelique desperta agitada, como de quando se acorda após um pesadelo. A prima vê Julian terminando de se vestir, ela percebe o sofrimento que estampa seu rosto. Ela também sofria.

- Não preciso dizer o quanto você é importante pra mim. Preciso? – Disse Julian, declarando todo seu amor fraternal, mas sem ainda conseguir olhar para Angelique.

- Nem eu preciso te dizer também. – Responde Angelique com a voz embargada.

Queria ela poder terminar a frase com um “te amo”. Mas como poderia? Julian era sangue do seu sangue. E pior, agora tudo estaria ainda mais inadmissível. Se Marcus já não compactuava com Julian, agora o detestaria de vez.

- O que você acha que irão fazer comigo? – Perguntou Julian.

- Não sei, Julian. Mas não adianta sofrer antes do tempo. A vovó ama muito você.

- Mas o seu pai me odeia.

- Que bom então que não é ele quem dá a última palavra por aqui.

Julian enfim cria coragem e mira nos olhos de Angelique.

- Você acha que o que eu fiz foi errado?

Angelique desvia o olhar e permanece pensativa por algum tempo. Ela tinha receio de magoar o primo dizendo, realmente, o que pensa.

- Você já fez essa pergunta a si mesmo? – Perguntou Angelique retornando a encontrar os olhos de Julian.

- Já.

- Então, me diga você. O que fez, foi errado?

Julian não conseguiu responder, apenas aprofundou-se ainda mais em seus conturbados pensamentos. Até que ponto o que havia feito estava errado? Se não tivesse interferido, o que aconteceria à Melanie? Ela estava rodeada por aqueles devassos. Julian tinha lapsos de suas imagens gravadas na memória. Nunca havia encontrado um vampiro antes, não exalavam o cheiro humano característico e nem podia se ouvir seus corações baterem. Será que estariam mesmos dispostos a proteger Melanie? Se sim, o que então ela representava para eles? Talvez isso pudesse explicar o porquê de Marcus querer exterminá-la.

“Marcus!” - Pensou Julian. Como ficaria frente a frente, novamente, com o impiedoso tio? Ainda compenetrado, conseguindo em seus pensamentos, mais perguntas que respostas, Julian ouve a voz de Wladmir, chamando-o. Julian faz um sinal para que Angelique não fizesse barulho, não queria revelar seu lugar secreto para o guardião russo.

- Vamos sair daqui. – Disse Julian sussurrando – Não posso ficar escondido aqui a vida toda.

Angelique expressa com o olhar, que estava de acordo com o primo. Julian segurou em sua mão e os dois saíram esgueirando-se entre as árvores.

Agnes tinha o conhecimento dos fatos, pela versão de Marcus e de Aurélio, seu braço direito, além dos outros lobos que os acompanharam. A matriarca, apesar de tudo, ainda considerava ouvir a versão do neto, antes de tomar uma decisão. Mesmo sabendo que Julian andava diferente, ultimamente. Trouxe a ameaça em forma de mulher até o portão da fazenda. Ela pressentia que os inimigos surgiriam em breve, depois da chegada da garota; mas alimentava em seu velho coração a esperança de que o neto amado, pudesse, mesmo que sendo quase impossível, fazê-la acreditar que existia uma razão para tudo o que acontecera na última noite. Entendeu que, mais do que tudo, precisava ser rude com o neto, quando o viu surgindo, cabisbaixo, acompanhado por Angelique. Marcus e suas testemunhas, já estavam observando a chegada de Julian e Angelique. Marcus olhava furioso na direção dos dois. Sentia desprezo, neste momento, até pela filha, por acompanhar esse reles em seu vergonhoso retorno. Julian, como no dia anterior, pára diante da avó, em frente à casa grande da fazenda e permanece calado, esperando que ela viesse até ele.

Angelique pára um pouco atrás do primo, ciente que sobraria uma reprimenda da avó para si, já que fora ela a soltar as correntes do primo. Agnes, desceu o degrau e parou diante dos dois, arrumou o xale, respirou profundamente e levou a mão na direção do rosto do neto. Julian se retraiu acreditando que levaria mais um tapa; mas a avó, com sua mão enrugada, contorna levemente o seu rosto. Julian teme em olhar para o rosto da avó, e quando o fez, recebe um sorriso triste, mas absolutamente indulgente. Marcus inquieta-se com a cena de afeto da mãe com o sobrinho.

- O que é isso mãe? – Esbraveja Marcus. – O que pensa que está fazendo? Vai deixar por isso mesmo?

- O que eu poderia fazer, Marcus? – Disse Agnes olhando para o filho. – Já aconteceu. Não vai se repetir.

Agnes olha compenetrada para o neto. Julian entendeu o recado.

- Estão vendo isso, irmãos? – Gritou Marcus olhando para os comparsas e apontando para mãe.

– Digam se eu não tenho razão de que o tempo desta mulher já passou.

Agnes suspira e limita-se a baixar a cabeça, ela sentia-se muito cansada mesmo. Talvez o filho tivesse razão. Em outros tempos não toleraria o ato de um dos seus, atacar um da espécie, mesmo que fosse o neto a realizar tal perjúrio.

- Precisamos de um líder capaz de conduzir nossa gente com autoridade. – Continuou Marcus – E punir quando necessário. Mesmo que seja do próprio sangue.

Agnes percebe uma silenciosa lágrima deslizar pelo seu rosto, maltratado pelos longos anos. Ninguém ainda a tinha visto chorar, a última vez que isso aconteceu, foi quando seu querido esposo desfaleceu em seus braços.

- Irmãos! – Prosseguiu Marcos – Essa é a prova de que estou falando a verdade. Minha velha mãe, não tem mais condições de nos guiar.

Julian sentia o corpo inteiro tremer. Sua vontade era, de mais uma vez, colocar-se diante do tio. Só que dessa vez, queria esganá-lo. Olhou para Marcus e sabia que se o fizesse estaria dando a chance para este elimina-lo, definitivamente. Marcus e seus comparsas, agora não hesitariam em acabar com ele, já que a avó estava definhando.

- Então, minha mãe. – Gritou Marcus – O que tem a nos dizer?

Agnes fechou os olhos demonstrando estar sem forças para reagir. Julian pensou sair em favor da avó, quando sentiu Angelique passar por ele e posicionar-se em sua frente.

- Chega, pai! – Bradou Angelique. – Você já foi longe demais.

Marcus olha para a filha, num misto de desprezo e perplexidade.

- Era só o que faltava. – Disse Marcus – Está vendo minha mãe? Isso é o que acontece quando não se impõem limites.

Marcus aproxima-se de Angelique e a segura fortemente pelo braço.

- Minha única filha. – Continuou Marcus. - Carne da minha carne querendo me dar ordens.

Marcus a empurra. Angelique vai ao chão, ferindo-se.

- Sua fedelha – Esbravejou Marcus – Jamais me afronte.

Julian mexeu-se na intenção de defender Angelique, Agnes o segura pelo braço. Ele olha para a avó que sinaliza, sutilmente, para não se intrometer. Marcus percebe a intenção do sobrinho e o encara tentando provoca-lo. Julian, mesmo com ódio mortal, desvia o olhar. Marcus faz um sinal na direção dos comparsas, para que eles se aproximem.

- Agora todos vão ver o que acontece com aqueles que desejam instaurar a desonra no nosso meio. – Disse Marcus apontando para filha. – Peguem-na e a prendam no velho tronco.

Marcus volta-se para Angelique.

- Vai receber o seu castigo e ficar lá até eu decidir que já pode sair. - Continuou Marcus.

A fazenda possuía ainda um tronco, do tempo da escravidão, mas desde esse tempo, fora muito pouco utilizado. Dois de seus comparsas seguraram Angelique pelos braços e a levantaram. A garota se desespera, atônita, pela decisão do pai. Julian range os dentes e cerra os pulsos de raiva.

- Não faça isso Marcus – Disse Agnes tentando intervir. – Ela é sua filha.

- Isso mesmo, minha mãe. – Responde Marcus – Como eu disse, se for preciso punir, que se faça. Mesmo sendo do próprio sangue.

Julian acompanha os dois familiares carregarem Angelique na direção do velho tronco. A garota olhava pra trás, implorando ao primo que não fizesse nada. O castigo que já estava recebendo era muito duro, mas o de ver Julian ferido seria, insuportavelmente, pior.

CAPÍTULO TREZE – O TEATRO DOS VAMPIROS.

Um barulho potente de motor, iniciou a movimentação no velho depósito e também dentro do carro, onde Melanie, desconfortavelmente, dormia. Ao seu lado estava Camuel, que também despertava pelo mesmo ronco de motor de algum vampiro mauricinho. Nos bancos da frente estavam Rania e Charlotte. Iori e Miguel, possivelmente, se arranjaram em outro

lugar. Melanie espreguiçou-se contida, ainda não se sentia a vontade junto aos vampiros. Gritos, algazarra e mais rancos de motores afastaram, definitivamente, o silêncio do lugar.

- Detesto esses imbecis que querem aparecer. – Resmungou Charlotte se remexendo no banco do carona.

- Jura? Pensei que você gostasse de estar com eles, maninha. – Desdenhou Rania.

- Só permito que me desejem. – Charlotte olha para Camuel pelo retrovisor. - Vamos ficar esperando ainda muito tempo?

- Uma hora mais ou menos até chegarem. – Antecipou-se Miguel, chegando abruptamente e se debruçando sobre a janela de Charlotte. A vampira o encara com menosprezo explícito. Miguel aproveita e lança-lhe um beijo.

- Eca! Que nojo!– Reclamou Charlotte. – E, por acaso, foi pra você que eu perguntei?

- Ok, princesa, relax – Disse Miguel erguendo os braços. – Take it easy!

Miguel olha para o banco de trás na direção de Camuel.

- Ela está com TPM, Boss. – Prosseguiu Miguel. – Já viu no que vai dar.

- “Tpm?” – Pensou Melanie – “Ele deve estar brincando, como vampira pode ter Tpm?”

Charlotte lança um olhar desaprovador para Miguel, o americano gesticula insinuando que vai ficar de boca calada. Camuel observa tudo com a mesma expressão amena, não aprovava as discussões, mas os pensamentos de Melanie o divertiam. Ela voltou a se concentrar em uma questão.

“Quem mais vai chegar?” - Pensou.

- Alexander e Alexia. – Respondeu prontamente Camuel.

Os Gêmeos. Assim, tornaram-se conhecidos, Alexander e Alexia; eram lendas entre os vampiros. Mantinham a aparência jovial, mas sua existência remonta a tempos antigos. Da época da poderosa Diva, a grande profeta vampira, que recebera o dom de prever com

precisão o futuro. Suas previsões aconteciam a todo instante, se assim fosse o seu desejo. Não como no caso de Miguel, que recebe pequenos fragmentos do futuro quando adormece. Diva era venerada por toda nação dos vampiros, era uma das vozes marcantes do Antigo Conselho dos Nobres. Foi ela que predisse os acontecimentos que atemorizam grande parte dos vampiros até os dias de hoje. Há muito tempo, os Gêmeos, vem percorrendo o globo terrestre, se antecipando a qualquer possibilidade de a profecia se cumprir.

- Quem são eles? – Perguntou Melanie.

- Digamos que são aqueles que, realmente, dão as ordens – Antecipou-se novamente Miguel. Em seguida olhando para Camuel, percebeu que tinha falado demais novamente, ao deparar-se com expressão descontente do vampiro.

- Vai virar caldo, morceguinho. – Frisou Rania divertindo-se – Logo! Logo! Se não aprender a fechar essa boca grande.

Miguel encolheu-se percebendo sua ingerência.

- São nobres... Especiais. – Continuou Camuel. – E estão vindo pra ver você.

- Eu? Porquê? – Perguntou surpresa Melanie.

- A cherry é a bola da vez. – Desdenhou Charlotte.

- Não estou entendendo nada. – Disse Melanie olhando para Camuel. - O que eu tenho a ver com isso?

- Cada um dos que você vê neste lugar, nasceu há muito tempo atrás; em outra época, com outros costumes, mas foram se adaptando até se tornarem o que agora são. Mas, muitos ainda permanecem acorrentados ao passado distante e as histórias nele contida. E para você entender alguma coisa, precisa estar a par do que aconteceu neste tempo remoto.

- Por que você não me diz então?

- Poderia até. Mas não é assim tão fácil de entender.

- Me deixe tentar.

Camuel olha nos olhos de Melanie e leva a mão ao queixo pensativo. A jovem menina seria capaz de compreender algo tão grandioso? Só saberia se a colocasse a par dos acontecimentos.

- Charlotte! – Ordenou Camuel. - Leia para ela.

- O quê? – Indignou-se Charlotte, olhando pelo retrovisor. – Eu não sou a Mary Poppins.

- Preciso te pedir novamente? – Perguntou Camuel com os olhos flamejantes.

Charlotte olhou contrariada para Rania, a húngara apenas abaixou a cabeça, indicando que francesa obedecesse. Contrariada, ela abre o porta luvas e pega um livro antigo. Bem velho, parecendo manuscrito. Procurou, procurou e então começou a ler.

- No tempo antes deste tempo, uma guerra sem precedentes, posicionou em lados opostos, duas das raças mais notáveis que já habitaram a Terra. A revelia dos humanos, aqueles que dependiam do líquido rubro para sobreviver, pugnaram-se contra os homens amantes de Luna. Há muito tempo viviam em lados opostos, defendendo com afínco a supremacia de sua criação. As lutas, quando aconteciam no ápice da escuridão da noite, causavam morticínio para ambos os lados. Assim havia um equilíbrio natural que permitia, apesar do ódio funesto que sentiam um pelo outro, dividissem as incomensuráveis pradarias do velho continente europeu. Até que ocorreram murmúrios que um grande guerreiro lobo assumiria a liderança dos seus, agrupando toda a matilha, a fim de exterminar todos os inimigos, em definitivo. Alvorçaram-se os bebedores de sangue. Precisavam encontrar um guerreiro, um líder a altura, que pudesse fazer frente e dissipar esses rumores, retirando dos membros da família o pavor já instaurado. Neste conturbado período uma revelação profética aconteceu. Uma batalha, um único e letal combate, colocaria frente a frente às duas castas. Haveria sim, um respeitável guerreiro lobo, mas que seria subjugado por uma jovem mulher após a contrair em matrimônio; uma fêmea, ora humana, mas que se tornaria pertencente à causa dos bebedores de sangue. A estória espalhou-se e varreu todos os continentes. Membros de ambos os lados, homens, mulheres e mesmo crianças, rumaram para um local, que segundo a profecia, aconteceria o embate. A Grande Batalha, como ficou conhecida, que durou longos e sofríveis anos. O guerreiro lobo não se levantou e nem seus oponentes conseguiram um líder que mantivesse unidos todos os clãs. Mas o que pode se constatar era que o número de homens lobos era infinitamente menor. Culminando assim

no extermínio quase total de sua raça. Os que sobraram foram perseguidos e obrigados a fugir, espalhando-se por outras partes do globo terrestre. A única certeza, desde o tempo antes desse tempo, é que a profecia é verídica e ainda não foi cumprida.

Melanie permaneceu atenta ao que Charlotte relatava. Muita coisa fugia da sua compreensão.

- Pena que não acabaram com todas essas criaturas repugnantes. – Finalizou Charlotte.

- O que tudo isso tem haver comigo? – Perguntou Melanie. Camuel iria iniciar uma sessão de explicações quando é interrompido por uma batida no vidro do carro. Era Iori do lado de fora segurando algumas garrafas com aquele líquido vermelho.

- Para o seu deleite, meus irmãos. – Disse Iori entregando à Charlotte as garrafas. A vampira pega e as distribui para Rania e Camuel. Por fim, entrega uma terceira para Melanie, que recusa.

- Ah! Me desculpe. – Disse Charlotte em tom de deboche. – Esqueci que você é só uma visitinha.

Melanie manteve-se em silêncio, olhando para a Charlotte e tardiamente concluindo que não gostava do jeito que a vampira falava com ela. Definitivamente, não simpatizava com a francesa. Rania, mais prestativa, abriu o porta-luvas e pegou uma barra de chocolate e ofereceu para Melanie, que prontamente, aceitou. Charlotte olhou fixamente para a húngara.

- Que foi? – Disse Rania entendendo o pensamento de Charlotte. – Eu gosto de chocolate. Não posso comer, mas sinto o cheiro. Algum problema em dividir?

Charlotte balança a cabeça em desaprovação. Melanie sorriu contida colocando a mão sobre a boca já cheia de chocolate. Por um momento, a garota se esqueceu de que algo maior irá lhe acontecer brevemente. Algo que ela nem mesmo tem noção do que seja.

Longos e demorados minutos se passaram, até que, finalmente, pode-se ouvir, entre a algazarra generalizada que dominava o ambiente, o barulho da porta de entrada abrindo-se. Imediatamente cessaram os roncoss de motores, pararam as conversas paralelas e o volume da música posto no mínimo. Apenas ouvia-se um único motor de carro adentrando no local.

Os vampiros sabiam de quem se tratava, quando admirados, constatavam uma luxuosa limusine parando no centro da fábrica. Eram os Gêmeos.

CAPÍTULO QUATORZE - A SOMBRA DA MALDADE.

A noite tinha começado e Julian ainda sentia em seu coração toda a dor de ver Angelique, sua doce prima, gritando em desespero, cada vez que as pontas do chicote dilaceravam a carne de suas costas. Jamais passou por sua cabeça que algum dia veria a prima numa situação como aquela. Ela estava ali, tão perto, recebendo um a um os golpes que provocam dores horríveis e ele, Julian, não se habilitou a fazer nada. Marcus, não poupou a própria filha que dizia amar. O que poderia fazer com ele? Marcus tinha por Julian um ódio declarado. Agnes nada pôde fazer, além de tentar alertar Marcus uma segunda vez sobre o grave ato que estaria prestes a cometer. Mas, irredutível, ele utilizava o castigo da filha, para obter a mercê dos demais familiares. A intenção de Marcus era destituir a mãe da liderança e Agnes, pela primeira vez em muitos anos, parecia concordata com a possibilidade.

Julian tinha conhecimento que hoje era o terceiro dia da lua cheia. Hoje ele não sairia da fazenda, por nada neste mundo. Ficaria ao lado de Angelique. Iria se acorrentar próximo a ela e lá permaneceria a noite toda. Julian, sentiu raiva de si mesmo, por colocar a prima naquela situação. E Melanie? O que poderia pensar sobre ela? Passou, brevemente, pela mente de Julian, a possibilidade de Melanie, estar se divertindo com os novos amigos, enquanto Angelique estava ali amarrada, gemendo, jogada no chão. Mas esse pensamento sumiu tão rápido quanto apareceu e outro tomo o seu lugar:

“Melanie! Não me interessa onde e com quem você está... Só quero saber, que distância terei de percorrer, até te encontrar de novo.”

- Julian. – Esforçou-se Angelique ao murmurar o nome do primo.

Julian percebe a intenção da prima e atira-se, sem demora, próximo a ela. Angelique permanecia com os olhos fechados, abraçada ao tronco e com a carne viva à mostra nas costas nuas.

- Angelique. - Pronuncia Julian. – Estou aqui.

Angelique ouve a voz suave de Julian, que quase lhe serve de analgésico, afastando, por um momento, a imensa dor que domina seu frágil corpo de menina.

- Julian – Balbucia Angelique – Eu te amo.

Julian ingenuamente confunde o amor, agora confesso da prima, com o mesmo sentimento fraternal que ele possui por Angelique. Julian leva a mão na direção da prima e afaga seus cabelos. Ele olha em suas costas e a dor lhe corrói o coração, num misto de piedade e ódio.

- Também te amo, Angelique. – Respondeu Julian.

Angelique mexe os delicados lábios, como querendo esboçar um sorriso.

- Não vá atrás dela. – Murmura novamente Angelique com extrema dificuldade. – Por favor! Não vá.

Julian já havia tomado essa decisão por si só. Agora precisava ficar ao lado da prima, mais do que tudo. Mas Melanie, ainda sim, estaria em seus pensamentos.

- Não se preocupe, querida. – Respondeu Julian. – Vou ficar aqui com você.

- O que você sente por ela? – Continuou Angelique com a mesma dificuldade.

Julian nem precisou pensar e a resposta surgiu clara como a luz do dia.

“Mesmo que o sol recusasse a brilhar, Melanie seria a minha luz. Eu a amo mais do que posso amar alguém.” – Pensou Julian. Mas o que iria responder para prima?

Conheceu a forasteira há poucos dias, não poderia sair dizendo que a amava. Mas era isso mesmo o que ele sentia. O arrebatador amor que agora sente por Melanie, foi o primeiro que invadiu seu coração.

- Não sei ao certo. – Responde Julian com a nítida impressão de falsa sinceridade. - Não é hora pra pensarmos nisso.

- Ela não serve pra você. – Prossegue a garota quase desfalecendo.

Julian ouviu a sentença pronunciada por Angelique e entristeceu-se ainda mais. Sofria por compartilhar a dor da prima, mesmo não tendo ele recebido os golpes do chicote. Sofria

também, por a prima parecer ter razão. Mesmo a amando demais, talvez, Melanie, não fosse mesmo pra ele. Se ela descobrisse o que ele era, se importaria? Isso trazia um incomodo para o coração atribulado de Julian. Hoje, agora, estava decidido a não mais procurá-la. Mas o que poderá dizer daqui a alguns dias, se acaso, a encontrasse. Continuará pensando do mesmo jeito?

Agnes aproxima-se carregando um xale preto. Fiel companheiro de outros tempos. Do tempo em que ainda estava enlutada pela perda do marido e do filho mais velho. A matriarca carrega um pequeno pote, com remédios caseiros em forma de uma pasta que ela preparou para colocar sob as feridas abertas da neta. Agnes se ajoelha, junto a Angelique, com dificuldades, devido a idade; colocando sobre as costas da menina a pasta medicinal. Angelique geme ao receber a sensação dolorida, mas refrescante do remédio. Seguidamente, Agnes repousa o xale sobre as costas de Angelique.

- Passou comigo bons e muitos momentos ruins. – Confessou a velha senhora. – Vai te ajudar a passar por esse.

Agnes olha para o neto e também percebe a sua dor. A mesma que ela própria sentia, vendo a menina indefesa padecendo, naquele velho tronco de escravos.

- Se vai ficar aqui, rapaz. – Prosseguiu Agnes. – Use as correntes.

- Eu sei, vó. – Responde Julian. – Já vou fazer isso.

- Você nem mesmo tem noção do porque de tudo isso, não é?

- Claro que tenho. O maldito do seu filho me odeia e está descontando na filha por minha culpa.

- Vai bem mais, além disso, querido.

- Além como, vó?

- Nunca te falei nada a respeito, por que não considereei necessário, até o dia de hoje. Acho que não posso mais relutar em te contar.

- Contar o quê, vó?

- Eu aprendi a ler os sinais dos tempos. E os acontecimentos que estamos vivendo, estão me deixando angustiada. Não tenho mais forças para lutar, então antes que me aconteça algo, preciso te deixar a par de tudo.

- A senhora está me deixando mais preocupado do que já estou.

Agnes respira profundamente e ajeita-se, sentando no chão.

- Acorrente-se menino, enquanto eu te conto uma história que começou ainda no tempo dos primeiros lobos. – Continuou Agnes enquanto Julian pega as correntes. - O ano não se sabe ao certo, apenas o século pôde se precisar: século terceiro depois de Cristo. O mundo ainda, nem de longe, era o mundo que hoje se conhece. Quase tudo se concentrava em uma região e quase todo poder dominante pertencia a um só homem: o Imperador Constantino.

- O que isso tem haver com a gente?

- Se você me deixar terminar, talvez eu possa dizer. – Enfatizou Agnes. - Ele era chamado de “O Grande”, amante inveterado do luxo e das riquezas. Longe de Roma, Constantino, tinha aqueles que serviam, de diversas formas e intensidades aos seus propósitos, e sendo assim; recebiam por serviços prestados, numerosas recompensas que poderiam ser terras, escravos, ouro ou poder. Poder sobrenatural, já que o imperador possuía como seus aliados, alguns exímios praticantes de magias originárias de religiões pagãs. Muitas delas com suas celebrações furtivas até o dia de hoje. Assim, surgiram no seio da antiga Europa, algumas das mais poderosas famílias. Todos, com quase nenhuma exceção, eram praticantes declarados do neo-cristianismo, implantado por Constantino e, ocultamente, participavam dos cultos pagãos de variadas religiões seguidas pelo imperador. Os anos passaram e o desejo ensandecido de poder e riquezas crescia desordenado entre eles. Não demorou muito para acontecerem às primeiras disputas e foi no epicentro desse cenário que duas destas famílias se levantaram. Distintas uma da outra em suas ações e comportamentos. Os membros dos dois lados acumulavam domínios e mais domínios por todo continente e resto do mundo, onde havia o que tomar e era possível se conquistar. Suas famas cresciam e seus brasões passaram a causar sentimentos ambíguos. Os que os idolatravam juntavam-se a eles na conquista de mais poder e os que eram derrotados, passavam a odiá-los com toda força de suas almas e esse segundo grupo possuía um número cada vez maior de pessoas. E foi isso, que ocasionou, sua derrocada. No meio de tantos povos subjugados, não se sabe qual ao certo, lançou-lhes a maldição.

- Maldição? – Interessou-se Julian, interrompendo a avó. – Que tipo de maldição?

- Deixe eu terminar a história. – Alertou Agnes - Tudo coexistia harmoniosamente bem, até aparecer o primeiro impasse entre eles. Uma guerra se generalizou entre as duas poderosas famílias, observada de longe e divertidamente pelo Imperador. Não se sabe o motivos reais, pelo qual, inflamaram-se os ânimos; apenas que qualquer coisa mesmo banal, era motivo para um conflito. O tempo seguiu seu curso, séculos se passaram e o império romano há muito tempo não mais existia. Mas, a guerra entre as duas famílias continuava. Muitos de seus Condes, Barões, Duques e membros mais afortunados acumularam riquezas e domínios de terra infindáveis. A repulsa pelo brasão adversário era recorrente em ambos os lados e as disputas sempre acabavam trazendo muitos corpos sem vida, de membros e escravos, para as casas. Tudo era passível de acontecer neste tempo de dor e lutas sangrentas. Tudo, menos o enlace de amor de um jovem casal.

- Olha, vó. Não sei aonde a senhora quer chegar com essa estória. Mas se é sobre mim e a garota nova, não se preocupe... Eu sei o meu lugar.

- Não mais me interrompa, garoto. Deixe que eu termine, depois você tira suas conclusões.

Julian aquietou-se. Agnes tomou ar mais uma vez antes de prosseguir.

- Voltando ao casal... Bem, cada um pertencia a uma das famílias. Apaixonados, conseguiram manter com muito custo e excessivo cuidado, o seu romance. Mas a tragédia não retardou a sobrevir sobre os dois, seu jovem e inconstante amor fora descoberto. Heresia, traição; era um pecado imperdoável, passível mesmo até de morte. O jovem rapaz teve um fim cruel, morreu nas mãos de um dos irmãos. A jovem donzela, teve seu fim prorrogado; foi escondida, às pressas pelo pai, em uma floresta, às ocultas do restante da família. Tornou-se uma eremita. Vivendo na floresta, aprendeu a sobreviver solitária, até que percebera em seu ventre o fruto do seu amor. Frutos, na verdade. Um casal saudável de bebês, uma menina e um menino, que nasceram entre os animais selvagens.

Julian tentou iniciar uma frase e Agnes adiantou-se.

- Não se atreva a abrir a boca até eu terminar.

O garoto concordou com os olhos e um leve aceno de cabeça.

- As crianças cresceram tendo a selvageria como educação, aprendendo a alimentar-se com o que a floresta dava e compartilhavam do ódio latente da mãe pelo restante da humanidade. A mãe, a cada história que relatava sobre os seus semelhantes, trazia-os para um convívio insano e cruel, aumentando a aversão dos filhos pelos homens e mulheres de fora da floresta. Assim, tornaram-se jovens, os gêmeos. Cresciam em formosura e agilidade. Carne fresca dava-lhes o sustento para sobreviver na densa e úmida floresta. O sangue animal, bebida apreciada, percorria as suas veias. Aos quinze anos, mais ou menos, a mãe os abandonou por definitivo. Faleceu, não se sabe, por doença ou tristeza. Os gêmeos vivenciaram a maior de todas as dores e foram tomados pela insanidade. Passaram alguns dias sem se alimentar até que a sede exerceu sobre eles seu domínio infernal.

- Que tipo de sede? – Interrompeu novamente Julian, agora mais interessado.

- Eu já chego lá. Não me desconcentre. Estou te passando do jeito que meu pai me contou. Você me interrompendo a cada minuto fica difícil. – Prosseguiu Agnes. - Além da mãe, jamais tinham colocado seus olhos sobre um outro humano. Mas tudo parecia conspirar para esse fatídico encontro. Caminhando sem parar por longas horas, os gêmeos se depararam com um grupo de caçadores perdidos. Pela primeira vez, sentiram o viscoso sabor do sangue humano.

- Sangue... Eu sabia.

- Passaram a viverem errantes. – Agnes continuou. - Fazendo mais e mais vítimas de sua sede. Notívagos. Escondiam-se de dia e atacavam os descuidados a noite. Eram temidos. Poucas vezes foram vistos, mas quando isso acontecia, os relatos eram horripilantes. Comentava-se que duas criaturas nuas, sujas com garras nos lugares dos dedos e dentes em forma assustadoramente animal, vagavam, sempre próximos às florestas, a espreita de uma vítima. Na noite em que completaram dezoito anos, algo ainda mais extraordinário aconteceu aos gêmeos. Estavam sedentos, e no vilarejo mais próximo nenhuma alma viva perambulava naquela fria noite de inverno. Talvez pelo intenso frio, ou mesmo, pelos rumores dos possíveis ataques de criaturas das trevas. Uma lua cheia iluminava a floresta, enquanto os gêmeos contorciam-se pela sede que inundava seus corpos, como nunca antes haviam feito. Precisavam saciar-se, ou correriam o perigo de atacar um ao outro. A menina entrou numa abertura na rocha e encontrou um mamífero voador desgarrado dos demais. Cravou seus dentes no morcego, enquanto ouvia o uivo de um lobo aterrorizado. Seu irmão

invadira um covil dos indefesos animais e os devorava enlouquecido. A maldição lançada aos seus ancestrais aconteceu e naquela noite nasceram os vampiros e o nosso povo.

- Assim, desse jeito? Isso é só uma lenda, não é?

- Ainda não terminei – Falou Agnes contrariada. - Por um longo período não mais se encontraram os irmãos. Com muita dificuldade e por extrema precisão, adquiriram hábitos humanos. Ele raptou uma aldeã e constituiu família, passando a viver uma vida simples. Ela recebeu ajuda de uma família nobre que lhe deu abrigo e comida; mesmo ela preferindo o sangue que corria nas suas veias. Mais tarde enamorou-se por um dos filhos do casal que adotou e tornou-se sua esposa. Então, outro período de tempo passou. Seus cônjuges envelheciam naturalmente e os gêmeos demonstravam a mesma juventude de outrora. Tinham muitos filhos e os filhos destes também eram numerosos. Tinham uma vida quase normal, apesar do sufocante desejo por beber sangue humano; que quase os dominava durante algumas noites. Certa noite, quando participavam com seus familiares de um festival noturno, em uma quente noite de verão, defrontaram-se novamente. Algo, instintivamente, apoderou-se deles, sob a claridade da lua cheia. A sede jamais se tornara tão forte e necessária. Dominados por uma insanidade animal, atacaram os aldeões, incluindo os próprios membros de suas famílias. Os poucos que sobreviveram, tornaram-se iguais àqueles que os atacou. Assim começou nossa família e assim começou nossa guerra.

Agnes faz uma pausa e Julian permanece atento à avó.

- Agora que pode falar, fica quieto.

- Isso não passa nem perto da verdade, não é?

- Essa é a verdade que conheço, que meu pai conheceu e dos que viveram antes dele também conheceram.

- Porque a senhora não me contou isso antes? E por que só agora?

- Eu me enganei considerando que não fosse necessário nunca contar para você e para sua prima.

– Agnes passa a mão sobre os cabelos de Angelique. – Mas o que está por vir, tem relação com vocês e com esses que acabei de contar a história.

- E aqueles que estavam com Melanie na cidade, os vampiros?

- Se vieram até nós depois de tantos anos, é por que reviverão muitas histórias antigas e esquecidas.

Julian jamais duvidou de qualquer palavra que saiu da boca da avó. Se ela acredita nesta história toda, ele também passaria a acreditar.

CAPÍTULO QUINZE - OS GÊMEOS

A expectativa da chegada dos Gêmeos era absurdamente sufocante. A limusine estava parada, já há algum tempo no centro do depósito, mas não se via nenhuma movimentação no seu interior; já que as janelas do longo carro eram inteiramente pretas. Melanie estava nervosa, preocupada, mas ao olhar para Camuel percebeu suas mãos se movendo sem parar, como se ele as estivesse lavando; o vampiro estava uma pilha de nervos. Ela considerou no mínimo curioso, ver um ser que se mostrou tão superior e confiante, quase urinando nas calças. Melanie viu o mesmo temor nos olhos dos demais vampiros que estavam por todo local. Rania era a única, ela mascava seus chicletes não parecendo se importar. Melanie desconfiava que a húngara gelava por dentro, mais do que o seu país no inverno; sabia que sua auto-confiança era tudo pose.

“Vampiros são só pose.” – Foi o que justamente ela pensou.

Camuel percebendo seu pensamento a encara sem dizer uma palavra, foi o suficiente para Melanie entender sua mancada.

“Foi mal!” – Pensou novamente.

Camuel, se não estivesse tão tenso, certamente teria rido da inocência da garota. Seguidamente, o mesmo barulho da grande porta se abrindo corta o silêncio do lugar. Uma Van preta entra e estaciona ao lado da Limusine. A sensação indescritível, que se apossa de Melanie, voltou a incomodá-la. Tudo girou ao seu redor, outra vez e a garota percebeu as pernas bambearem. A já recorrente impressão de ouvir uma batalha sendo travada, também acompanhava o infortúnio de Melanie. Os gritos eram mais aterradores, os sons das espadas mais nítidos. Melanie segura no braço de Camuel; que a ampara, mas, com os olhos voltados para os dois carros, estacionados lado a lado. A porta da limusine se abre e

surge uma perna feminina, torneada, usando uma sandália dourada. Na seqüência, aparece em toda sua nobreza e esplendor: Alexia. Linda, radiante, com a pele pálida e macia, envolvida em um vestido dourado que realçava sugestivamente suas curvas. Olhos de um verde intenso disputavam a atenção com o alourado dos seus longos cabelos, brilhantes e sedosos. Se existia uma definição para beleza feminina, essa era Alexia. Nenhum movimento brusco podia-se notar por parte dos vampiros. O silêncio apenas era interrompido pelos relutantes suspiros apaixonados. Alexia, com seu andar firme e sedutor, segue até a porta da Van. O motorista desce e temendo até mesmo olhar para o rosto de Alexia, abre a porta para a rainha vampira. Se a magnífica presença de Alexia tinha deixado Melanie chocada, o que a garota agora observava sendo colocada para fora da Van a chocou mais ainda; um jovem rapaz, magro, muito magro, inerte em uma cadeira de rodas.

A pele pálida parecia flácida e arroxeadada. Alexander tinha os olhos profundos e com cor apagada. Ele olhava fixamente para frente e a órbita de seus olhos tremia. Melanie notou que o pobre rapaz recebia sangue de uma bolsa escorada por um pedestal, conectado na cadeira. Alexia, prestativa, auxiliou o irmão, o ajeitando melhor na cadeira e depois limpando com os dedos a baba que escorria no canto de sua boca semi aberta. A visão de Alexander era degradante.

“Pobre rapaz! – Pensou Melanie – Parece que está morrendo”.

Camuel olhou assustado para Melanie; quis balbuciar alguma coisa, mas deteve-se. Alexia fechou os olhos e rangeu os dentes. Virou-se para o lado de onde captou o pensamento sobre a infeliz situação do irmão e viu quem a havia deixado furiosa. Alexia joga os braços para frente e os posiciona na direção de Melanie. A garota sente seu corpo paralisar, a sensação seguinte foi de que algo queria puxá-la com força descomunal. A vampira revela as presas assassinas e num gesto faz com que o corpo, sem movimentos de Melanie, seja lançado no ar até parar em sua frente. Alexia segura no pescoço de Melanie e deixa a mostra sua jugular.

- Cuidado com o que pensa animalzinho. – Ameaça Alexia com seu sotaque europeu – Quem sabe você pode morrer bem antes do que ele.

Alexia meneia a cabeça na direção de Alexander. Depois solta, Melanie, lentamente. Camuel se aproxima.

- Alexia. – Camuel a cumprimenta fazendo um tipo de reverência.

- Como vai Camuel? – Pergunta Alexia mesmo sabendo de antemão a resposta.

- Bem. – Respondeu Camuel. – Os anos me pesam em nada.

Alexia apenas mexeu os lábios, simulando um sorriso.

- Nossa Alexia! – Disse Miguel quase a despindo com os olhos. – Sempre linda!

A vampira nem mesmo se dá o trabalho de olhar na direção do americano.

- E você. Miguel. – Respondeu Alexia. – O bajulador de sempre.

Rania riu. Charlotte lhe dá um cutucão, para que a húngara não chamasse atenção para o lado delas. Rania devolve o cutucão com mais força. A francesa se contorce e segura o gemido entre os dentes.

- Prostituée! – Sussurra Charlotte.

Rania sorri não se importando com o adjetivo.

- Esta é aquela a quem mandei encontrar, Camuel? – Pergunta Alexia fixando os olhos em Melanie. Era mais uma pergunta em que a vampira já conhecia a resposta.

- Sim. – Responde Camuel

Melanie, cabisbaixa, percebe que Alexia a observa enquanto circula por ela.

– Tem os genes dominadores do pai e as fraquezas e imperfeições da mãe.

“O quê?” – Pensou Melanie. Com certeza, estavam enganados sobre quem ela era. E agora? Como explicaria que pegaram a garota errada?

- Exatamente, como você ordenou... – Continuou Camuel. – Não faria você vir até aqui se não a tivesse encontrado.

- Interessante. – Declara Alexia aproximando-se de Melanie e a cheirando – Parece muito humana. Quase não se percebe a presença do pai no seu sangue.

- Foi difícil encontrá-la, mas conseguimos.

- Bom trabalho, Camuel. Sabe que terá sua recompensa.

- Não fiz isso esperando pagamento, Alexia.

- Mas terá assim mesmo. Nunca fico devendo favores a ninguém.

Alexia percebe o irmão fora da posição que ela o tinha deixado, estava desequilibrado, quase se deitando na cadeira. Parecia desconfortável. Alexia vira-se para o vampiro que acompanhava Alexander e com um golpe o lança longe.

- Inútil! Mais um descuido e morre. – Ameaçou ela na direção do vampiro que com dificuldades se levantava.

- Calma, meu irmão. – A vampira, com cuidado, o ajeita na posição mais ereta. – Agora que temos o que queremos. Logo iremos pra nossa casa na Europa.

Alexia se recompõe esvoaçando os longos e sedosos cabelos.

- Os lobos sabem sobre ela?

- Como eu te disse no telefone, jamais saberiam se ela e a família não tivessem vindo pra cá. Aqui perto tem um dos poucos redutos, mantidos por eles neste país.

- Coincidência?

- Parece que é o que está indicando.

- Não acredito em coincidências. Alguma coisa, que eu ainda não sei, moveu as peças neste tabuleiro.

- Bom uma coisa muito estranha aconteceu. - Disse Miguel – Nunca tinha ouvido falar a respeito.

Camuel encara o americano. Não era do interesse dele compartilhar alguns fatos com Alexia.

- E o que seria? – Perguntou a vampira.

- Ontem, quando estávamos com ela, os lobos apareceram.

Alexia fecha o semblante e deixa transparecer a sua irritação.

- Como isso aconteceu?

- Foi estranho, Alexia. – Adiantou-se Camuel, antes que Miguel abrisse a boca. - Um dos lobos atacou outro, diante de nós.

Alexia arregala os luminosos olhos verdes.

- Isso não é comum.

Alexia abaixa-se ao lado da cadeira e aproxima-se do irmão.

- Como eu sempre lhe digo meu irmão. Nem toda profecia acontece do mesmo jeito que se prediz.

Alexia levanta-se e encara friamente Melanie.

- Agora você me pertence. - Disse resoluta Alexia. – Vai fazer o que eu mandar. A sua vida, que agora é minha, depende disso.

- “Não temas!”

Melanie ainda consternada pelas absurdas declarações que ouvira dos lábios de Alexia ouve aquela doce voz falar-lhe em seu íntimo.

“Não temas! Vou te ajudar, criança!” - Repetiu a voz.

O que ela não deveria temer? O que a voz queria, realmente, lhe dizer. Olhou para os vampiros ali presentes. Seria Iori? Não o africano sisudo certamente, não seria. Miguel? Como poderia ser aquele petulante americano? Camuel então? Não seria possível. O vampiro demonstrava não ter coração e Melanie ao fitá-lo percebera que toda a sua atenção voltava-se para Alexia. Certamente ela exercia sobre ele uma influencia fora do comum. Se a vampira lhe desse a ordem de eliminar Melanie, ele não hesitaria. Então, quem seria o seu auxiliador?

Na fazenda dos lobos, a movimentação na era a mesma das outras noites, era a terceira noite da lua cheia. Todos estavam apreensivos e sob o comando de Marcus preparados para qualquer ataque que viessem a sofrer. Os guerreiros lobos estavam atados às velhas correntes, mas suas mulheres e os guardiões tinham autorização para solta-los a qualquer movimento do inimigo. Agnes, após contar a história dos Gêmeos à Julian, revelou outra, que remetia também aos antigos tempos dos primeiros lobos. Um fabuloso guerreiro uniria toda nação dos homens lobos e pelejaria, derrotando os odiosos. Mas que colocaria tudo a perder se não resistisse aos encantos de uma jovem humana, mas com espírito vampiro, que o dominaria e o colocaria sob seus pés e de seus adversários.

Desde o tempo que a estória surgiu, até os dias de hoje, não houve tal guerreiro. A jovem mulher nascida humana, mas de espírito vampiro, também jamais havia sido encontrada. Até o dia em que Julian a trouxe ao portão da fazenda. Marcus, nunca deu crédito às velhas estórias da mãe, eram coisas sem sentido no mundo real em que viviam. Há muito tempo estavam debaixo de uma tranquilidade disfarçada, uma falsa sensação de segurança pairava sob a fazenda nos últimos anos. Marcus, jamais admitiu que tal mulher com tanto poder de dominar um homem-lobo, realmente, pudesse existir. Mas o guerreiro que comandaria todos os representantes da raça, este ele estava disposto a fazer acontecer. Ele, Marcus, massacraria os odiosos sem dar-lhes chance de reação, se assim pudesse. Era quase meia noite e Julian sentia as dores causadas pela lua por todo o corpo. Angelique permanecia desfalecida, amarrada ao tronco; passaria a noite do seu décimo oitavo aniversário daquele jeito. Julian, via a prima sofrendo, sentia a pressão da lua sobre sua pele e ainda assim, o rosto suave de Melanie, surgia em sua mente. Agnes antes de se recolher em definitivo, passa a mão levemente pelo rosto dormente de Angelique.

- Como à senhora acha que ela está? – Perguntou preocupado Julian.

- Não está nada bem, querido. – Responde tristemente Agnes olhando para o sangue já seco que escorrera, abundantemente, das costas da menina. – Tudo isso foi demais pra ela.

- Não acredito que isso aconteceu. Como pode um pai fazer isso com a própria filha?

- Às vezes fica difícil de entender a razão de um pai que castiga severamente seu filho. – Agnes ainda aflagava os cabelos da neta – Mas eu ainda tenho uma última esperança.

- Que esperança a senhora tem?

- Uma pequena possibilidade de ela superar tudo isso, mas que selará seu destino para sempre.

Julian ouve as palavras da avó e nem tem tempo de indagar-lhe mais sobre as chances da prima sair daquela situação, a lua chicoteia suas carnes como os golpes que cravaram nas costas de Angelique. Julian urra de dor e sente o corpo queimar por dentro.

- Está na hora. – Disse Agnes ansiosa. – É meia noite.

O clarão da lua pareceu se intensificar, parecia que todas as lanças do mundo penetravam cada centímetro do seu frágil corpo. A respiração ofegava. Um grito, carregado de medo e dor saiu da sua garganta. Sua pele se desprendia do corpo, revelando os pêlos úmidos, embebidos em seu próprio sangue. Seu corpo alargava-se e se comprimia num balé de células, incontrolável. Sua espinha dorsal alongava-se ao mesmo tempo, que sua mandíbula crescia em tamanho desproporcional. Todo o seu rosto tomava uma forma bestial. Seus dentes se tornavam em presas longas e mortais e seus dedos rasgavam-se dando lugar a poderosas e afiadas garras. Um uivo calou a sinfonia de uivos que se ouvia por toda fazenda. Era um uivo novo e forte que estava cheio de ódio e dor. Agnes tinha razão, sua esperança se confirmou. Angelique era sim, uma loba; por completo.

CAPÍTULO DEZESSEIS – MINHA DOCE CRIANÇA.

Algumas longas horas naquele local, cercada de vampiros, fazia Melanie sentir-se mais aprisionada do que antes. Estava sufocada. Um sentimento caustrofóbico invadia sua alma. Os vampiros pareciam divertir-se, a música havia voltado entre os roncoss dos motores que funcionavam, proporcionando uma disputa por níveis mais altos de decibéis. Iori

permanecia sozinho em uma plataforma, o africano olhava de cima as brincadeiras irritantes dos vampiros mauricinhos. Charlotte dançava sobre o capô de um carro, Rania a observava e frequentemente fazia à Miguel comentários desaprovadores. Camuel havia sumido, assim como Alexia e seu inerte irmão. Possivelmente estariam dentro da Limusine, que mantinha as portas e vidros fechados. Fazia já um bom tempo que Melanie estava ali, parada, encostada na parede. Vez ou outra recebia um olhar mais malicioso de algum vampiro, que logo percebia que ela não era uma presa e que estava ali sob imposição e proteção de Camuel e consequentemente de Alexia. Muitos pensamentos inundavam sua mente, pensava em tudo que ouvira dos vampiros e imaginava quanto daquilo tudo seria verdade. Pensava em como estariam Flávia e Nicolas. Com toda certeza, a mãe nervosa, haveria acionado a polícia, ou coisa do tipo. Pensava também no garoto de Monte Seco: Julian.

- “A hora está chegando. Não temas! Estarei contigo.”

Melanie olha para todos os lados naquele depósito ensurdecido. Com todo aquele barulho a voz do seu suposto protetor fazia-se ouvir. Onde estaria tal ser? Melanie observa então atenta o movimento dos vampiros e nenhum parecia, no momento, voltar sua atenção para ela. Uma das portas da Limusine se abre e Camuel sorridente desce com ar de supremacia. Alexia desce em seguida, a rainha vampira faz um sutil sinal levantando o braço à meia altura e já foi o suficiente para a música parar. Todo barulho cessou.

- Tragam meu irmão. – Ordenou Alexia.

Alexia recebia os cuidados e atenção de dois vampiros especiais, conhecidos como guardiões. Serviam-na como guarda-costas. Um deles foi até Van e auxiliou outros vampiros a retirarem com extremo cuidado, a figura degradante de Alexander em sua cadeira de rodas. O guardião toma a direção da cadeira e a leva até a vampira. Alexia segue na direção de Melanie, com seu irmão Alexander, sendo empurrado atrás dela. Melanie, pela milionésima vez, começa a tremer. Alexia, bem mais alta do que Melanie, a segura, novamente, pelo pescoço e a encosta na parede.

- Preciso te explicar de novo, animalzinho. – Sussurra Alexia, bem próximo da orelha de Melanie. – Ou vai fazer tudo o que eu mandar?

Com todo o pavor que sentia, agravado pelo sufocante ato da vampira apertando-lhe fortemente o pescoço, Melanie indica, positivamente, com um sinal de cabeça. Alexia a solta e ela com um pouco de dificuldade, volta a respirar.

- Escutem. – Grita Alexia. – Hoje é a nossa noite. A noite da nossa vitória começando por este país. Iremos até aonde se escondem àqueles lobos imundos. Vamos acabar com toda aquela corja, até não sobrar nenhum.

Com suas presas a mostra os vampiros gritam e se agitam tomados pela adrenalina injetada pelas palavras de sua rainha. Alexia imitada por Camuel, alarga um sorriso de contentamento e confiança. Para os dois, a vitória dos vampiros era questão de tempo. O extermínio absoluto de todos os lobos estava para acontecer. Naquela noite.

- “Você terá apenas uma única chance. Minha doce criança.” – Disse aquela voz ao íntimo de Melanie. Mas agora perdera sua suavidade estava embargada, parecia ofegante. – “E o momento chegou...”

Melanie sentiu-se perdida. O que o dono da voz que a alertava queria dizer com “o momento é agora”? A garota, assustada, só conseguia ver o festejar vibrante dos vampiros. Mas, a garota estava para presenciar a veracidade daquela máxima de que “nem tudo é o que parece ser”. Alexia, de imediato, retira o sorriso do rosto e contrai os músculos da face, demonstrando sua surpresa; só ela percebia o que estava para acontecer. Melanie percebeu sua mudança repentina e voltou sua atenção para as ações da vampira. O que Alexia considerava que jamais voltaria acontecer, estava sucedendo-se ali, naquele que seria o seu momento. Melanie seguiu os olhos da vampira e entendeu o motivo de sua aflição; Alexander, seu irmão, revolvia-se na cadeira, agonizando, entre espasmos. Alexander, rasgando a camisa com brutalidade excessiva, grita, desesperadamente, caindo em seguida ao chão. Os vampiros param com a festa e permanecem paralisados, olhando para o rapaz que se contorcia no chão. Alexander estava transformando-se diante dos olhos de sua irmã.

- O que está acontecendo, Alexia? – Perguntou aturdido um dos vampiros guardiões. – Você não tinha dito que ele estava sob o seu controle?

- Há muito tempo isso não mais acontecia – Respondeu Alexia e seguidamente olhando para Melanie. – Até ela aparecer.

- O que vai fazer? – Pergunta novamente o vampiro – Você sabe que o que acontece se ele morder qualquer um de nós.

- Vou sugar até a última gota do sangue dessa criatura. - Ameaça Alexia seguindo para Melanie. – Assim meu irmão poderá voltar ao normal.

Melanie olha em todas as direções, não saberia para onde correr. Em toda parte tinha um vampiro a ameaçando com suas presas.

- “Só existe uma chance”. – Disse a voz ofegante no íntimo de Melanie. – “Deixe essa desprezível comigo.”

Melanie sentiu um forte puxão pelos cabelos e quando percebeu estava envolvida pelos braços fortes de Alexia. A vampira abriu a boca e a sua mandíbula se expandiu, revelando uma abertura fora do comum. Suas presas pareciam maiores do que dos demais vampiros. Alexia aprontou-se para cravar seus dentes no frágil pescoço de Melanie, quando foi surpreendida por um golpe que a lançou longe. Melanie ainda conseguiu ver a vampira batendo, fortemente, contra a parede. A garota olhou na direção de onde o golpe partiu e viu o agressor. Aquele raquítico e inofensivo rapaz havia se transformado, em um imenso lobo negro. Era uma fera enorme, maior do que aqueles que Melanie havia visto na noite anterior. Ela, por um breve instante, encontrou seus olhos com os do lobisomem. Melanie percebeu, neste instante, que ele, Alexander, era o seu protetor.

O investigador Léo, sob as ordens do delegado Silva, estava já pela quase décima vez, na pousada da pequena Monte Seco. A distância da delegacia de Castro, a cidade mais próxima de Monte Seco, era de uns 30 quilômetros. Léo, em silêncio, sentado no sofá, observava aquela mulher, de provavelmente uns quarenta anos, quase afundar o chão da sala, caminhando nervosa de um lado para o outro. Era passado das onze e meia da noite e a mulher incansável vigiava o aparelho de telefone da pousada, ao mesmo tempo, que sondava pela janela de, minuto em minuto, a rua deserta. A filha de 16 anos desapareceu na manhã daquele dia. A mulher, Flávia, acordou estranhamente no chão da sala junto à proprietária, Dona Carmélia e ao subir para o quarto, constatou que apenas o filho se encontrava dormindo. A filha tinha sumido e desde então não mandava notícias.

Léo já percorrera os poucos lugares que se podia investigar, falou com algumas pessoas da cidade, mas não teve muita informação. Apenas uma linha de investigação se abriu, quando

conversou com uma jovem, que residia na casa ao lado. A jovem, Ariela, mencionou, a muito custo, que a garota desaparecida, tinha se encontrado algumas vezes com um rapaz que vivia na zona rural do lugarejo. Mas isso seria investigado somente de manhã, se acaso a menina não aparecesse, dando as caras, arrependida, no meio da noite.

- A senhora precisa se acalmar. – Disse Léo. – Ficar desse jeito não vai ajudar em nada.

- E o que vai ajudar então? – Respondeu furiosa Flavia. – Ficar aqui parado esperando? Isso vai ajudar? Enquanto minha filha pode estar em algum lugar lá fora precisando de ajuda.

Léo passa a mão pela barba rala, permanecendo em silêncio. Os anos de trabalho na civil, já o tinham preparado para as diversas situações como essa que já enfrentara. Ele já sabia qual seria a próxima reação da mulher.

- Por favor, me desculpe. – Disse Flávia tentando ser mais serena. – Eu estou a ponto de enlouquecer. O senhor entende?

- Claro que sim. – Respondeu Léo. – Não se preocupe quanto a isso.

- Na verdade eu tenho que agradecer a vocês por terem vindo. – Completa Flávia sentando-se no sofá defronte ao investigador. - Já que tem essa estória de ter que esperar 48 horas.

- Depende da situação. Como a senhora relatou ao telefone as circunstâncias, o delegado considerou melhor não perder tempo.

- Sou muito grata por isso.

- Eu falei com a menina que mora ao lado. Ela me disse que sua filha mantinha contato com um rapaz de uma fazenda aqui próximo. A senhora sabe alguma coisa sobre isso?

- Não. Para ser sincera, Melanie, sempre foi reservada quanto a esse assunto de rapazes. Que eu sei, ela teve bem poucos namorados. Ela não é uma menina que tem facilidade em se aproximar das pessoas.

- Mas essas coisas um adolescente nunca comenta com os pais.

- É. Pode ser.

- Falando nisso. E o pai?

Léo não soube identificar, se a pergunta que acabara de fazer teria, realmente, significado para a investigação, ou porque queria saber um pouco mais da vida particular da mulher que estava em sua frente.

- É uma história que eu gostaria de não comentar. Apenas que o pai, ela nem mesmo conhece.

O homem não saberia explicar o “porque”, mas sentiu-se feliz.

- Me desculpe tocar neste assunto, é que eu preciso abordar todas as possibilidades.

- Claro. Não tem problema. O que mais me interessa agora é encontrar a minha filha.

- Vocês são de Curitiba, certo?

- Isso. Faz poucos dias que estamos aqui.

- E o que os trouxe pra cá?

Flávia muda de expressão e levanta-se. Ela leva a mão à cabeça pensativa. Deveria confidenciar a real intenção àquele homem estranho? Será que fazendo isso, surtiria algum resultado positivo no aparecimento da filha? Outra coisa mais preocupante passou pela mente de Flávia. E se ela mesma, Melanie, tivesse descoberto o motivo de Flávia voltar a Monte Seco, depois de tanto tempo? Seria razão o suficiente para o desaparecimento repentino da filha.

- Tem alguma coisa que eu precisaria saber? – Insistiu Léo.

- Não. – Desconversou Flávia. – Eu vim por motivos familiares.

Léo percebeu que a mulher tinha bem mais coisas dominando seus pensamentos. Ela, definitivamente, escondia algo, que talvez explicasse o sumiço da garota. Mas estava muito nervosa, não seria uma boa idéia tentar aprofundar-se nesta possibilidade. Pelo menos, não agora.

Flávia voltou a espiar pela janela; a rua permanecia despovoada, sem movimento. Ela sentia-se até mesmo, um pouco menos tensa, após ter trocado meia dúzia de palavras com o investigador. Ela olhou, pela primeira vez, no pequeno espelho em cima de um velho armário que refletia a imagem do homem que se mantinha sentado ao sofá, anotando em uma caderneta. Flávia deu-se conta que ele tinha o rosto másculo, barba por fazer, cabelos curtos começando a encanecer. Trajava roupa social e um casaco comprido, parecido com uma capa de chuva. Lembrava aqueles detetives de velhos clássicos do cinema. Vai ver ele era fã de filmes assim. Léo era o tipo de homem que chamaria a sua atenção em outra situação. Mas por hora, sua atenção estava voltada à Melanie. O telefone celular do investigador toca.

- Alô. – Disse Léo após identificar de onde a chamada partiu.

Flávia, ansiosa, volta a sentar no sofá. Léo apenas escuta e balança a cabeça, algumas vezes, como se estivesse entendendo o que a pessoa do outro lado a linha lhe falava.

- Ok! Entendi! – Frisa ele após algum tempo. – Estou indo para lá, então. Até depois.

Léo desliga e guarda o celular. Flávia, aflita, esperava uma reação do homem. Ele se levanta e Flávia, automaticamente, faz o mesmo.

- Preciso ir. – Disse o investigador. – Mas voltarei logo de manhã.

- Como assim?

- Tenho uma outra coisa pra resolver. A senhora tem o meu número se precisar.

- Mas como? Não vou suportar a agonia de ficar aqui esperando. A sua presença aqui, pelo menos, me dá mais esperança.

- Eu sei senhora. Mas nosso contingente é pequeno. Preciso dar reforço para os meus colegas em outra situação. Volto assim que possível.

- O que você vai fazer é mais importante do que o desaparecimento de uma pessoa?

- Achar a sua filha é prioridade, acredite. Mas eu tenho que ir. Parece que um bando de arruaceiros invadiu um local abandonado em Pirai, aqui perto.

Flávia imediatamente lembrou do que Dona Carmélia havia dito uma noite dessas sobre os tais arruaceiros. Seria possível que estariam com Melanie? Certamente que não, mas Flávia não conseguia pensar mais em nada.

- Perto quanto?

- Uns vinte ou vinte e cinco minutos mais ou menos.

- Vou com você. – Anunciou resoluta Flávia.

- Como senhora?

- Espere um pouco aqui. Vou avisar a dona da pousada caso Melanie volte e vou com você. Minha filha pode estar neste lugar.

Flávia saiu em direção à cozinha. O homem balançou a cabeça, percebendo que não conseguiria livrar-se da mulher. Ficou imaginando o quanto estava sendo difícil para ela, não saberia o que fazer se um dia estivesse na mesma posição. Tinha um filho adolescente também, que não morava com ele, mas tinha a certeza de onde o filho estava agora. E além do mais, seria bom ter Flávia um pouco mais por perto.

CAPÍTULO DEZESSETE – A LUTA E O PRAZER

Os sentimentos eram confusos na mente transtornada de Julian. Ele sentia toda a coação da lua na sua terceira noite e acompanhava Angelique se transformando pela primeira vez. Entre as mulheres da fazenda ela era a primeira, há muito tempo, a passar por isso. A preocupação de Julian, ia além do fato de a prima sofrer o fardo da transformação, ele notara que Angelique estava amarrada com cordas simples. Afinal, ninguém apostaria que ela se tornaria uma loba. Mas o fato era que a transformação estava quase concluída e as amarras não ofereceriam impedimento para a prima. Agnes observava a cena, sentia-se pesarosa por entender que a neta jamais seria a mesma, mas também sentia alívio de saber que suas feridas seriam curadas. Julian entendeu que era preciso fazer alguma coisa

urgente, pelo bem da prima e das pessoas que, possivelmente, ela iria se deparar. Ele conhecia muito bem a confusão que sentiu na sua primeira noite.

- Vó. – Chamou Julian. – A senhora precisa me soltar.

- Está ciente do que está me pedindo, meu filho?

- Sim... Angelique vai escapar e não posso deixar que ela fique sozinha.

- Tem certeza que pode conduzi-la?

- Não sei se posso conduzir a mim mesmo... Mas tenho que tentar.

Agnes entendeu a razão, pelo qual, o neto pedia para ela cometer essa temeridade. Ela compreendeu que o garoto tinha razão em pensar que poderia dominar sua porção animal e ajudar a prima a não cometer uma barbaridade. Agnes também sentia algo, que depois de muito tempo, voltou a visitar seus pensamentos; um sentimento cativante que lhe trazia auxílio em horas difíceis. O que a velha senhora sentia naquele momento era a necessidade de soltar Julian, compreendendo que sua intenção iria guiá-lo para um plano maior. Agnes recebeu a confiança que precisava para soltar Julian e assim o fez.

Julian sabia o que fazer, soltou a prima com cuidado, percebendo a confusão nos olhos dela. A loba posicionou-se em suas quatro patas e soltou o primeiro uivo livre da dor. Julian entendeu que precisava, o quanto antes, tirar Angelique dali e levá-la para o seu esconderijo dentro do monte. Mas só havia um jeito; deixar a lua exercer toda sua magnitude sobre ele. Julian jogou-se no chão e transformou-se diante de Agnes e da loba. Angelique, agitada, circulava o primo e rosnava a cada movimento brusco que ele dava. Agnes observava de mais longe a movimentação dos netos. Pouco tempo depois, a avó acompanhava temerosa, os dois lobos seguindo pela estrada em direção à noite.

Os sentidos estavam aguçados, podia sentir qualquer cheiro a quilômetros se assim desejasse, sentia os músculos fortes e o corpo, apesar de muito maior agora, flutuar no ar a cada longo salto que efetuava. Angelique seguia o grande lobo pardo; consciente que era Julian. Ele, por sua vez, apressava-se em chegar até o esconderijo; lugar onde a prima estaria protegida. Mas, de repente, um sentimento invadiu a sua alma. O lobo pardo parou ofegante, o suave rosto de Melanie surgia em sua mente. Era o mesmo sentimento que se apossou dele, na noite em que Marcus desejava atacá-la. Parecia que algo o estava

conduzindo ao encontro dela e salvá-la, outra vez. Ela estava novamente em perigo e esse mesmo sentimento que, anteriormente, o conduziu até Melanie, estava novamente lhe mostrando o caminho.

Não foram poucos os anos que Alexander permaneceu inativo, sujeito ao domínio da irmã; ela conseguiu sorver todas as suas forças, de homem e de lobo, através de uma poderosa magia oculta. O que diziam sobre ela, é que pertencia à mesma vertente poderosa que os transmutou no que agora são. Alexia o transformou em um pedaço de carne, sendo transportado pelo mundo todo como um troféu, uma conquista para menosprezar a raça dos lobos. Mas Alexander aguardava o tempo certo de conseguir suas forças, a proximidade do sangue que o libertaria do seu cárcere, também lhe proporcionaria a vingança. O tempo e as peças do jogo estavam cravados na única parte em constante movimento de Alexander, sua mente. E esse era o tempo, as peças ele as movia.

Quando o corpo de Alexia caiu ao chão após bater fortemente contra a parede, os vampiros saltaram enfurecidos sobre o grande lobo. Alexander, em pé sobre as patas traseiras, ficava ainda mais assustador. Ele arremessava à longas distâncias cada vampiro que tentava atacá-lo. Melanie permanecia paralisada, encostada na parede; ela tinha consciência que precisava sair rápido dali, mas suas pernas eram contrárias a essa idéia.

Os vampiros foram cedendo e apenas cercavam a imensa fera, já que nenhum deles havia conseguido o êxito de feri-lo. Alexia levanta-se recobrando os sentidos, ela tinha a fúria nos olhos quando se pôs de pé.

- Ataquem! – Bradou Alexia. – Não o deixem escapar.

Os vampiros, em bando, pularam sobre Alexander e ele golpeava a todos com suas enormes garras. Iori que estava no alto, saltou velozmente, sobre o lobo e conseguiu agarrar-lhe no pescoço. Iori consegue cravar suas presas no animal, que urra de dor. Alexander consegue pegar uma das pernas do vampiro e o puxa, descolando de suas costas. Alexander morde Iori e o solta a seus pés, o africano começa ter fortes convulsões e agita-se debaixo da impiedosa fera.

- Iori! – Grita Camuel olhando para o amigo. - Ele vai ser transformado.

- Matem todos eles. – Esbraveja Alexia não se importando.

Camuel a encara com surpresa, essa não era sua prioridade. O irmão que ela não conseguia mais dominar e o africano que acabara de se transformar, ele até compreenderia. Mas Melanie também? Isso o vampiro não permitiria.

- Mate todos eu já disse. – Repetiu alexia.

Os vampiros se antes sentiam pavor de enfrentar a fera, agora sentiram ainda mais. Iori levantou-se totalmente dominado pela força da lua, era uma aberração, um vampiro transformado em lobisomem. Alexia percebendo que não teria suas ordens atendidas do jeito que desejava, segue na direção de Melanie, a fim de, ela mesma, executar o serviço. A vampira, a passos largos, aproxima-se da garota.

- Acabem com essa coisa. – Ordenou Alexia apontando para Alexander. – Enquanto eu dou fim nesta aqui.

Quase todos os vampiros saltam sobre a fera, Alexander consegue se desvencilhar de alguns. Mas, a cada vampiro que ele lança fora, outro segue em sua direção. Aos poucos ele vai perdendo as forças e vai ao chão. Alexia, mais uma vez, envolve a frágil garota em um abraço mortal, Melanie olhou na escuridão dos seus olhos e enxergou a morte.

- Não Alexia! – Gritou Camuel. – Isso eu não permitirei.

Camuel salta na direção da vampira, Alexia nem mesmo precisou fazer um gesto mais brusco e com um movimento do seu braço, lançou Camuel a distância; Camuel caiu batendo no pára-brisa de um carro. Alexia voltou sua atenção, novamente à Melanie. A garota fechou os olhos ao ver as presas de Alexia se aproximar, ela sentiu o hálito quente da vampira em seu pescoço. Alexia colocou os dentes sobre a pele de Melanie e antes mesmo de deliciar-se com o doce sabor do sangue da menina, sentiu o seu próprio sangue banhar-lhe as costas. A dor a tomou por completo, fazendo a vampira contorcer-se. Ainda caindo ao chão, abraçada a garota, ela viu aquele que acometeu sobre ela: o lobo pardo Julian.

Melanie percebera que esta era sua chance; a vampira, sem forças, a mirava com ojeriza infinita, até fechar, enfim, os olhos. A garota olha para o lobo pardo e sente que, outra vez, ele estava ali para protegê-la também, só ela ainda não sabia identificar o motivo; apenas tinha a consciência de precisar confiar naquela criatura.

- Damn it! – Pronunciou Miguel ao perceber o que havia acontecido.

Ele vendo Alexia caída ao chão e esvaindo, salta, com toda a sua fúria sobre o agressor da vampira. Julian recebe a as garras de Miguel que penetram, profundamente, em sua pele espessa. O lobo se levanta sobre as patas traseiras e agita-se tentando retirar o vampiro de suas costas. Rania e Charlotte saltam, simultaneamente, na direção do lobo pardo, com a intenção de somarem-se a Miguel no ataque a Julian. Ainda no ar, elas sentem um imenso e pesado corpo adiantar-se a elas e golpear, com suas potente garras o rosto de Miguel. O vampiro desprende-se do lobo pardo e cai, com o rosto dilacerado, próximo a Alexia. Angelique entrou na briga para defender Julian a qualquer custo.

O lobo pardo e a loba rosnaram ferozmente para os vampiros que estavam sobre Alexander; uns dez, possivelmente. Os vampiros retribuíram o olhar ameaçador e colocaram suas presas à vista dos lobos. Julian, seguido por Angelique, saltam sobre os inimigos e conseguem atingir a metade deles, espalhando-os pelo chão. Isso foi suficiente para Alexander conseguir se mover e tentar morder os vampiros que restavam; os que recebiam a mordida, imediatamente, tombavam ao chão, em convulsão. Charlotte e Rania entreolharam-se e pensaram igualmente. Charlotte atacaria Julian e Rania se ocuparia de Angelique e assim fizeram; saltaram as vampiras, cada uma sobre uma fera. Charlotte, apesar de bela e sedutora, era muito forte e agressiva, Julian sentiu suas garras afiadíssimas rasgarem suas costas. Rania foi direto ao pescoço de Angelique tentando cravar suas presas na loba. Miguel, se arrastando, aproximou-se de Alexia e tentou fazê-la despertar. Alexander estava de pé, novamente, golpeando os vampiros que se atreviam a aproximar-se dele. Melanie, pobre garota, estava abaixada, com as mãos na cabeça, observando, amedrontada, a luta sangüinária entre vampiros e lobisomens.

Eram três pujantes lobos, muitos e muitos vampiros perversos e apenas, uma garota humana, no meio da batalha. Segundo Alexia, Melanie e ela tinham os mesmos genes, mas a garota compreendia que, naquela situação, eram os lobos que a defendiam da horda de vampiros. Ela não via possibilidade de escapar, novamente, cruzou seu olhar com o maior dos lobos, Alexander. Ele a encarava, enquanto golpeava sem parar os vampiros que o atacavam. Alexander sabia que deveria defender aquela garota, dependeria dela a sua liberdade. Rania debatia-se com Angelique, numa tentativa avassaladora de uma aniquilar a outra. Julian, sentindo a dor descomunal das longas unhas de Charlotte em seu corpo, levanta-se novamente sobre as duas patas traseiras e anda para trás com seu corpo pesado.

Charlotte tenta morde-lo, o lobo pardo se contorce cada vez que as garras da vampira enterram-se mais profundamente. Julian, ainda andando de costas, aproxima-se de um maquinário próximo a parede e com toda força prensa Charlotte, a vampira soltou um gemido gutural e Julian sente o alívio da ausência das garras da francesa. Julian cai novamente para frente, ficando nas quatro patas. Charlotte estava dependurada, colada, junto ao maquinário, com um ferro atravessando seu estômago.

- Charlotte! Não. – Gritou Camuel, que se recuperava mantendo-se abaixado próximo a o carro que fora lançado por Alexia.

Ao ver Charlotte desfalecer, pendurada pelo ferro, ele quase enlouquece. O vampiro, com o sangue escorrendo pelo rosto, tenta cruzar o campo de batalha, a fim de socorrer a francesa.

- Façam alguma coisa. – Disse Camuel para os vampiros mais próximos. – Ajudem Charlotte.

O vampiro de feições orientais abre o porta-malas do carro e pega uma garrafa do tipo coquetel molotov, que os vampiros usavam para se divertir. O DJ acende o pano embebido em líquido inflamável da garrafa e atira em Julian. O lobo pardo, instintivamente, pressente a bola de fogo chegando em sua direção e salta conseguindo escapar. O coquetel molotov passa pela turba de vampiros e lobos e cai em um outro carro estacionado. O carro pega fogo, imediatamente. Os vampiros se afastam e a explosão não demora a acontecer.

- Não era esse tipo de ajuda que eu precisava. – Exclamou Camuel.

- Só consegui pensar nisso. – Respondeu o vampiro.

O fogo sobe ao ar e atinge outros carros mais próximos. Melanie que estava por perto, conseguiu tirar forças de onde não tinha e se afasta, escondendo-se atrás de um empilhado de madeira. Rania e Angelique se separam e permanecem longe uma da outra, apenas travando uma batalha com os olhos. Alexander soltou um uivo aterrador, fazendo os vampiros tremerem. Julian olha por toda parte procurando por Melanie. Uma seqüência de explosões começa a suceder. Os vampiros debandam tentando entrar nos poucos automóveis que não explodiram, os que não conseguem rumam em direção da Van e da limusine que estão próximos da porta principal. Angelique se desloca na mesma direção por onde tinham entrado, no lado oposto do depósito, onde Julian atravessou uma janela bem ao alto, possibilitando os dois entrarem; para sair, poderia ser mais seguro por lá também.

Julian, aturdido, procurava avistar entre as chamas, o rosto de Melanie. Talvez ela já tivesse saído? Alexander vê Angelique seguindo por onde ela e o lobo pardo entraram e segue atrás da loba. Rania e Miguel ajudam Charlotte a se soltar do ferro que a prendia, Rania coloca o braço de Charlotte sobre o seu pescoço e a carrega na direção da única saída; Miguel faz o mesmo com Alexia. Julian ergue-se e rosna fortemente, as chamas o estavam cercando. O lobo pardo saltou em direção a plataforma, mais ao alto; seu peso era excessivo e a plataforma cedeu, levando Julian ao chão. O lobo soltou um urro como se algo lhe atravessasse o ventre, um pedaço de madeira entrou em seu corpo, perfurando sua pele expeça. O lobisomem arrastou-se com muita dificuldade para a parte de trás do depósito, onde os outros lobos tinham saído. Antes de sair em definitivo e fugir da explosão que colocou tudo abaixo, Julian, avistou Melanie escondida, sem poder se mover, atrás de um empilhado de madeira.

CAPÍTULO DEZOITO - COMO TUDO DEVE SER.

Quando avistou, já ao longe, as luzes azuis e vermelhas dos carros de polícia, Flávia sentiu o coração contrair. Quem sabe estaria se precipitando, era possível que Melanie, nem estivesse por perto. Durante os quase 30 minutos que se seguiram de Monte Seco até ali, ela tinha trocado poucas palavras com o investigador. Apenas notou duas coisas: que ele parecia bem profissional, o que lhe trouxe certa segurança, e de que ele não usava aliança; sobre isso, ela não se atreveu a imaginar alguma coisa além do fato que aquele homem, estava ao seu lado com um único intuito, ajudar a encontrar sua filha. O Monza azul de Léo estacionou próximo ao velho depósito desativado.

- Não sei se foi boa idéia eu ter vindo. – Confessou Flávia. – Mas eu sou assim mesmo, intuitiva.

- Bom, sei que não ajuda muito que vou dizer, mas intuição é como uma ferramenta de trabalho para um policial. Conta muito.

- Mas eu espero que a minha esteja errada. Tão logo isso acabe pretendo voltar, se possível.

- Não se preocupe. Mas preciso que você permaneça aqui, próxima ao carro. De preferência dentro dele e com as portas travadas.

- Sem problema, não quero mais complicações do que já tenho.

Flávia notou barulho de música alta e muitos gritos vindo de dentro do prédio, ela ouviu também algo como um rosnado de um grande animal. Ficou imaginando ter sido, realmente, besteira acompanhar Léo até ali. Melanie jamais estaria num lugar como esse.

- Vou até lá e você me espera aqui. – Reafirmou Léo.

- Daqui não saio. Pode fazer o seu trabalho. Esqueça que eu estou aqui.

Léo deu os primeiros passos e imaginou a bronca que levaria do chefe, se caso, vissem Flávia; pior seriam as piadinhas dos colegas.

Flavia já tinha visto muita coisa na vida e tinha ouvido falar de tantas outras histórias que poderiam ter saído, até mesmo, de dentro de um manicômio. Mas o que seus olhos estavam presenciando era inimaginável. Ela avistou duas criaturas singulares, dois imensos animais, que lembravam um lobo de tamanho desproporcional, cruzarem perto do carro onde estavam e seguirem sorrateiros, até a parte de trás do arcaico prédio. Levou as mãos à boca e o seu grito de pavor teve dificuldade extrema em sair. Quando era jovem, uma pessoa muito próxima dela, já tinha lhe dito algo a respeito de criaturas como aquelas, mas Flávia jamais acreditou em tais relatos. Agora, com seus próprios olhos, recebera a prova de que aquilo, que parecia impossível existir, entrou se esgueirando no depósito. Depois de alguns instantes enfim um grito violento escapou da sua garganta. Léo, que se preparava para auxiliar os companheiros, assustou-se com a reação inesperada de Flávia.

- O que aconteceu? – Perguntou ele retornado.

- Um monstro... Não... Dois. Ali. Ali... – Apontou Flávia despejando as palavras desconexas, dificultando o entendimento de Léo.

- Onde? – Perguntou ele subentendendo ser algum marginal.

- Ali. Ali. – Repetia a assustada Flávia.

Léo iluminou com a lanterna o local determinado pela mulher. Apenas uma separação no mato acusava que algo ou alguém passou por ali. Neste instante, o tumulto dentro do prédio exacerbava. Os poucos policiais, que estavam aguardando as ordens do lado de fora, se deslocaram de um lado para o outro, irresolutos. Os gritos aumentaram, os bramidos de

animais ferozes também, parecia uma área de combate, mas sem o barulho de armas de fogo. Léo aproximou-se de Flávia na tentativa de protegê-la e acalmá-la, já que a mulher demonstrava querer ter delírios; proporcionados, talvez, pelo desaparecimento da filha.

- É melhor você ficar dentro do carro. – Disse em tom preocupado Léo.

- Está bem. Mas eu vi...

- Acredito em você. Mas agora preciso ir até a entrada do prédio. Ok?

- Ok. Eu vou entrar no carro.

- Por favor. – Falou educadamente Léo. - É o mais correto.

Léo abriu a porta e antes de Flávia entrar, uma explosão sucedeu do lado de dentro. O investigador se abaixa e, até mesmo sem paciência, empurra a mulher para dentro do carro.

- Fique aqui, por favor. – Frisou Léo.

Flávia consente com um aceno de cabeça e encolhe-se no banco do carro. Léo saca a arma e segue abaixado na direção dos demais policiais que estavam mais próximos da entrada. Uma sucessiva sequência de explosões eclode no prédio; alguns policiais se abaixam, outros se jogam no chão.

- Calma pessoal. Sem precipitações – Grita o delegado.

Os policiais tentam se reorganizar. Léo, concentrado, não se prendia ao tumulto de vozes ao seu redor; o investigador focava a grande porta de entrada. Foi ele o primeiro a ver uma Van preta arrebentar a porta e sair em disparada.

- Cuidado! – Gritou o delegado.

Os outros carros fizeram o mesmo. Todos personalizados, importados, carros de grande valor. Léo conseguiu visualizar o interior de um deles, o único que estava com o vidro abaixado, eram jovens ricos e inconseqüentes. Confirmou sua suspeita quando viu uma limusine saindo por último de dentro da fábrica.

- Não deixem que escapem. – Ordenou o delegado.

A perseguição policial teve início, quase todos os carros de polícia seguiram atrás dos carros importados. Se os policiais soubessem de quem se tratavam, teriam abandonado a perseguição ou ficado ali mesmo, como fez Léo. O investigador dava indícios de querer entrar no depósito, um dos companheiros fez sinal para que ele não se precipitasse e que esperasse pelos bombeiros.

- Léo! Nem pense nisso.

- Me dê cobertura. Tenho que entrar.

Era um risco, poderia sim, acontecer mais explosões, mas Léo entendeu que poderia haver mais alguém lá dentro também; alguém que não conseguiu sair.

- Você é doido cara? Esqueceu do César?

- Impossível esquecer. – Disse Léo a si mesmo já entrando no prédio. – Impossível.

Não era a primeira situação, do mesmo gênero, que o investigador vivenciara. Há, mais ou menos, três anos atrás, ocorreu um incêndio em um prédio, no centro da cidade. Léo estava no trabalho e correu para o local para auxiliar no que fosse necessário, as pessoas foram retiradas em segurança. Mas um grande amigo seu, Cezar, sargento do Corpo de Bombeiros entrou para verificar se ainda existia alguém acuada pelo fogo; uma parede cedeu e caiu sobre o sargento, o levando, a morte.

Léo, sentindo o furor das chamas sobre o rosto, lembrou do acontecido com o amigo, mas já era tarde para recuar. O fogo ainda concentrava-se na entrada onde os carros estavam, Léo viu alguns deles totalmente destruídos e outros em chamas prestes a explodir. O cheiro de gasolina era forte, indicando que essa possibilidade era eminente. O investigador com um lenço sobre o nariz, olhou em todas as direções na tentativa de ainda encontrar alguém a quem retirar; o calor era intolerável. Mesmo a distância as labaredas causavam uma dor insuportável em Léo. Não parecia ter mais ninguém. Humano, pelo menos, não. Léo assustou-se ao ver um grande animal pular até um local mais alto, tentando fugir das chamas. Com toda certeza, o investigador ainda não tinha visto um animal como aquele, era bem maior do que o maior dos lobos que ele já tinha visto. O animal saltou e tentou

segurar-se na haste que dava sustento a uma plataforma, mas não teve sucesso; a haste arrebentou e o imenso animal caiu sobre um bloco de madeira amontoado debaixo dele.

Léo percebeu que o animal estava ferido, uma estaca de madeira cravou em seu corpo. A fera não se deu por vencida e arrastava-se num misto de sofrimento e persistência. Léo olhou para trás e notou que o fogo já tinha tomado toda a entrada, ele tinha somente uma opção, seguir para onde a fera estava indo, para a parte de trás do depósito; talvez lá existisse uma saída, afinal, animais sempre têm o instinto de sobrevivência mais apurado. Léo passou por um dos carros e percebe que este e os demais iriam explodir e o mais agravante, ele acabara de notar de onde vinha o forte cheiro de gasolina, de galões empilhados no canto, ao lado de um velho gerador. Léo precisava ser rápido ou teria o mesmo fim do seu amigo bombeiro, o investigador apressou-se para chegar à saída e quase tropeçou em uma jovem desalenta, caída, atrás de outro monte de madeira. Léo abaixou-se e tentou acordar a garota. O investigador notou, então, um pequeno buraco na parede, junto a um carro todo destruído. Era possível que o veículo ao explodir tivesse criado a pequena abertura. Léo calculou; daria para passar e menina e depois sair? Só saberia agindo. Léo olha ao redor e por toda sorte do mundo, encontra uma barra de ferro, que se desprende da plataforma. O investigador golpeia com toda a força a parede, esfacelando os tijolos, depois mediu mentalmente: já era possível sair. Léo puxou a garota pelos braços e a empurrou pela abertura, Melanie rolou nas pedras britas, já do lado de fora do depósito e Léo vê que a menina estava a salvo: hora de sair. O tempo se esgotou, o fogo chegou aos galões de gasolina e a explosão aconteceu, Léo sentiu o calor do inferno sobre a capa que usava; o investigador deu-se por vencido, era o seu fim. Num rompante, sentiu uma força sobre-humana puxá-lo para cima e o fazendo atravessar uma das janelas no alto. Camuel o impulsionara para fora do prédio, agora, completamente tomado pelas chamas.

O braço estava deslocado, mas assim mesmo o investigador, se sentia feliz por estar vivo. Não sabia precisar, realmente, o que aconteceu dentro da fábrica antes da explosão; lembrou que a garota que encontrou lá dentro estava ali diante dele. Os policiais, seus companheiros, ajudavam a garota que parecia estar em choque e não falava coisa com coisa.

- Vampiros... Lobos... - Ela balbuciava.

Ele mesmo considerava que muita pressão fazia as pessoas verem coisas absurdas, como um animal imenso saltando sobre uma plataforma, ou um jovem de cabelos desgrenhados,

com força suficiente pra lançar um homem com quase oitenta quilos, de dentro de um prédio em chamas.

Os bombeiros chegaram com todo o seu aparato e movimentação, Léo achou melhor abrir caminho para a ambulância que também acabara de chegar. Tinha improvisado uma tipóia.

- Me deixe dar uma olhadinha. – Disse o paramédico.

- Não precisa. – Enfatizou Léo. – não foi nada.

- Tem certeza amigo?

- Absoluta. Pode cuidar da garota.

O paramédico caminhou na direção de Melanie. Léo sentia dor, mas não queria que nenhum intrometido quisesse verificar o seu ombro. Quando enfim lembrou da mulher que deixara em seu carro, Léo a percebeu correndo na direção de onde estavam; os policiais a tinham avisado que uma garota fora salva da explosão.

“Qual a chance de ser a filha dela?” - Perguntou-se Léo.

“Uma em um milhão?” – Prosseguiu – “Falei para ela ficar no carro. Pura perda de tempo. Aposto um rim, que nem é a filha dela”.

Flávia aproximava-se tentando vislumbrar entre os policiais e enfermeiros o rosto da tal menina, a parca iluminação fornecida pelos faróis dos carros da polícia e caminhões de bombeiros não a ajudavam muito, mas seu coração disparou ao confirmar sua esperança.

- Melanie! – Gritou Flávia em prantos.

A garota, mais do que depressa, olhou na direção do grito; reconheceu a voz, era sua mãe.

- Mãe! – Gritou Melanie levantando-se e correndo na direção de Flávia.

As duas se abraçaram e choraram, grudadas uma a outra. Léo observava a cena com um sentimento conflitante. Feliz por Flávia ter encontrado a filha, a garota que ele ajudou salvar e um pouco chateado, por entender que não poderia jogar na mega sena, ou num

bolão e nem mesmo em uma rifa. Não poderia apostar em nada, se não quisesse perder dinheiro ou, quem sabe, um rim.

CAPÍTULO DEZENOVE - MUDANÇA DE COMPORTAMENTO

Não era uma manhã comum em Monte Seco. Não só pelo fato de os moradores locais, receberem um magnífico presente dos céus. Uma gigantesca cortina feita de luzes brilhantes, o fenômeno conhecido por aurora austral. Mas a rotina, que sempre se resumia no amanhecer lento e vagaroso da cidade, hoje teve movimentação mais do que excessiva. As pessoas da pequena localidade já tinham se habituado com estórias fora do comum por aquelas bandas, quase sempre passadas de pai para filho. Muitas delas relacionadas com o povo recluso que morava na fazenda murada. Mas nos últimos tempos as coisas tinham se acalmado, tanto que o mais novos, sempre foram céticos, em relação aos tais acontecimentos antigos, visto que nunca presenciaram algo além dos padrões. Mas agora era diferente, a notícia de que a garota nova, que reside na pousada, foi seqüestrada pelos baderneiros, já tinha se espalhado e os acontecimentos cresciam a cada vez que eram relatados. Os mais velhos imaginavam com que tipo de gente estava lidando Flávia e sua filha e até ficaram surpresos pela recuperação da menina, que já estava de volta a pousada.

O delegado Silva, esperou que mãe e filha pudessem descansar algumas horas e em seguida tomou seus depoimentos. Os anos de experiência levaram o delegado a acreditar que, realmente a garota falava a verdade quando insistia que fora levada até o local contra a sua vontade. Tinha constatado também, anteriormente, como era de praxe, que a garota não havia ingerido bebida alcoólica ou algum outro entorpecente. O depoimento de ambas, não foi de muita ajuda, na tentativa de reconhecer algum dos marginais. A menina apenas dizia que não os conhecia antes de a terem raptado. Melanie, mais consciente, ponderou não tocar mais no assunto vampiros. Mesmo por que tudo era uma grande reviravolta em sua cabeça. Não saberia afirmar pra si mesma se tudo aquilo existiu de verdade. Parecia um sonho louco. Um pesadelo.

Flávia, protetora, estava ao lado de Melanie. Ela quase não conseguiu dormir. Cada movimento que Melanie fazia, e foram muitos durante toda a noite, a mantinham em alerta. Suas horas de angústia não haviam cessado, completamente. Melanie estava ali, ao seu lado, aparentemente bem, mas Flávia sabia lá no intimo que algo ainda estava por vir. Os fantasmas que ela pensou ter deixar no passado, voltaram para assombrá-la.

Qual é a paga do bom guerreiro? Daquele que acabara de combater o bom combate? Não era só o seu corpo que estava moído, dilacerado. Mas seu coração também estava se partindo. Julian estava de joelhos, choramingando, no velho esconderijo. Angelique, com roupas emprestadas de Julian, queria mais do que tudo, poder consolá-lo. Mas ela sabia o porquê de tanto lamento. Era pela esquisitinha, a garota nova da pousada. Ele sentia-se culpado por não salva-la. Angelique olhava penalizada para o primo, ela via os ferimentos do seu corpo sarando gradativamente. Mas sabia que o mesmo não aconteceria com o coração de Julian.

- Julian. – Arriscou Angelique. – Você fez o que pôde!

- Não, Angelique. – Respondeu soluçando o garoto. – Se tivesse feito ela estaria bem.

- Ela pode estar bem.

- Como? Tudo foi pelos ares.

- Olha minhas lembranças são confusas, não tenho certeza, mas antes de te puxar para fora eu vi alguém a retirando também.

Julian encara a prima, querendo ter certeza a todo custo.

- É muita confusão na minha cabeça. – Continuou Angelique – Você era muito pesado e estava inconsciente. Mesmo eu te mordendo pra te puxar, você nem se mexeu.

Julian nota no ombro as marcas profundas dos dentes de Anquelique, que já estavam cicatrizando.

- Depois eu olhei onde ela estava e só vi um homem sendo jogado pra fora por um... – Angelique pára evitando até de pronunciar a palavra. - Parecia um daqueles malditos...

- Vampiros? – Adiantou-se Julian.

- Acho que sim.

- Você tem certeza?

- Como eu disse muita coisa está martelando aqui – Respondeu Angelique batendo com as pontas dos dedos na fronte.

Julian respira fundo. Havia uma esperança. Melanie poderia estar bem. Sua própria vontade de viver dependia disso. Precisava mais do que depressa confirmar suas dúvidas. As lembranças da noite anterior também não estavam claras pra Julian, ele lembrava de Angelique se transformando, depois de seguir com a prima para um lugar distante. Sentia que algo o estava guiando. Como se uma voz interior lhe fizesse um chamado: “Salve-a, Julian.”. Ele ouvia como uma brisa soprando levemente em seus ouvidos. Um barulho seguido de um gemido levou a atenção dos dois para o lado de fora. Havia alguém na entrada da caverna. Julian se recompõe e sinaliza para Angelique se esconder mais ao fundo. Só faltava ser o russo que encontrara o esconderijo. Julian, bem devagar, aproxima-se da abertura e coloca a cabeça para o lado de fora. Ele vê algo se mexendo no mato rasteiro. Então consegue identificar. Era um rapaz, nu, que se arrastando, erguia a mão na direção de Julian, suplicando sua ajuda. Alexander os havia seguido até ali.

O clima na fazenda também era tenso, Agnes estava ansiosa pelo retorno dos netos. A matriarca, em seu coração, reconhecia, que as coisas não foram fáceis para as crianças. Angelique estava sob o efeito dominador da lua pela primeira vez. Isso já seria um agravante, mas outra coisa também preocupava Agnes. Toda vez que sentia a presença de algo querendo guiá-la, sentimento que há muito tempo não mais acontecia, era porque alguém estava em sério perigo. Talvez não fosse o certo ter soltado Julian, mas agora já era tarde e isso a deixava contrita.

Marcus e seus seguidores aproximam-se da velha senhora, sentada junto a área da casa principal, olhando ao longe a estrada que segue do portão de entrada.

- Onde estão os dois miseráveis, mãe? – Perguntou Marcus com ira nas palavras.

- Sou vidente agora, meu filho? – Respondeu calmamente Agnes – Estou esperando os dois voltarem também.

Marcus vira de costas e encara seus subordinados.

- Não vou esperar coisa nenhuma. Vamos atrás deles.

Marcus dá os primeiros passos em direção a estrada.

- E agora, Marcus? – Falou alto Agnes, fazendo com que Marcus volte a encará-la. – Creio que já sabe o que aconteceu com sua filha. O que vai fazer?

- Isso não muda nada. – Responde Marcus. – A única coisa que precisa mudar aqui é quem toma as decisões.

- Isso vai ser motivo pra você se voltar contra seu próprio sangue, meu filho? – Perguntou Agnes mais a respeito dela própria do que de Angelique.

- O que for preciso, mãe. – Respondeu Marcus virando-se e seguindo novamente para a estrada. – Farei o que for preciso.

Agnes observava Marcus e quatro dos seus seguidores que o acompanhariam na procura de Angelique e Julian. A velha senhora desejava ardentemente que o filho não tivesse sucesso. Os ânimos precisavam sossegar.

Um colo de mãe, depois de enfrentar uma situação difícil ou arriscada, seria a melhor coisa para uma garota da idade de Melanie. Mas ela não saiu em uma aventura com um namorado, nem foi pra farra com as amigas, ela esteve no meio de um campo de batalha. Acompanhou in loco no que uma disputa entre vampiros e lobisomens pode terminar, em destruição total. Pelo menos, ela, se sentia destruída por dentro. Toda aquela movimentação na pousada, também não a deixava feliz, queria sossego agora e, principalmente, queria estar longe daquelas pessoas que jamais entenderiam o que ela estava sentindo. Melanie tinha um pergunta, entre outras tantas, que não parava de martelar em sua cabeça. Depois que ela presenciou a transformação de Alexander, Melanie forçou-se a acreditar que uma pessoa pode se transformar em um lobo. Seria, então, Julian o lobo pardo que a ajudou na primeira vez em frente da pousada e depois lutou contra os vampiros para ajudá-la outra vez? Só poderia ser ele. E se, realmente, fosse? O que ela faria a respeito? Melhor seria confirmar primeiro e pensar em algo depois. Melanie olha na direção da cozinha e vê Ariela com a mesma pose triste de sempre, sentada, de costas para a sala, onde Melanie estava sufocando no meio da circulação das pessoas. Melanie fez intenção de levantar do sofá, Flávia a segura pelo braço.

- Só vou até a cozinha beber água, mãe. – Disse Melanie.

- Não quer que o Nicolas pegue pra você? – Perguntou Flávia, apontado para o garoto sorridente que estava por perto. Ele e Raissa não paravam de olhar para Melanie.

- Não. - Respondeu Melanie com um sorriso contido para o irmão. – Eu mesmo pego.

Melanie segue para cozinha seguida pelos olhos atentos de Flávia e das crianças, como se alguma coisa fosse raptá-la em plena luz do dia. Melanie chega de mansinho e Ariela não a percebe.

- Oi. – Cumprimentou Melanie sentando na cadeira ao lado de Ariela.

Ariela virou-se. Melanie não pode deixar de reparar que ela, realmente, tem um olhar triste.

- Oi. – Respondeu Ariela emendando uma pergunta corriqueira. – Você está bem?

- Mais ou menos. Mas, acho que apesar de tudo, vou me recuperar.

- Comigo não acontece nada emocionante assim. – Disse Ariela acreditando que estava apenas dizendo em seu pensamento.

- Bom... Dependo do que se considera emocionante.

Ariela percebeu que pensara alto demais.

- Eu quis dizer que na minha vida é tudo sem graça, parado, entende? – Tentou explicar Ariela.

- Não é melhor assim? – Perguntou Melanie, talvez até entendendo o que a garota quis dizer. – Não correr riscos?

- É. Acho que você tem razão. – Concordou a menina suspirando.

Melanie pensou um pouco, olhou na direção do corredor que ligava a cozinha à sala, para ver se não estava vindo ninguém e olhou fundo nos olhos de Ariela.

- Quer uma aventura, então? – Perguntou Melanie, percebendo os olhos da amiga, iluminarem-se, imediatamente.

- Claro que sim. – Respondeu Ariela como se seus olhos já não tivessem dado a resposta.
- Sabe aquele cara, Aquele que você me levou até onde ele morava?
- Sei. O tal Julian.
- Isso. Ajude-me a ir até lá de novo falar com ele?
- Mas... Mas... – Gaguejou Ariela. – Você não foi expulsa de lá pela velha?
- Fui. Parece loucura, não é? Mas eu preciso ver ele. É mais forte do que eu.
- Não sei se é uma boa.
- Você não é minha companheira de aventuras?
- Sou.
- Então me ajude.
- Mas como?
- Eu vou convencer a minha mãe que preciso tomar um ar, sair pra respirar. Ela jamais vai me deixar sair sozinha. Ai que você entra.
- Só isso?
- Como assim?
- Ah! Eu pensei que a gente ia ter que fugir de toda essa gente. Pular a janela, quem sabe. Sair escondido, de mansinho.
- Bom pode ser assim se você quiser. Mas do outro jeito é mais fácil e menos arriscado. Aqui vai ser tranquilo, a parte arriscada vai ser lá.
- Humm. Você tem razão. Mas lá eu não chego perto.

- Mas e aquela coragem toda sumiu de repente?

- Nada disso. Nem me provoque que não funciona. Vou com você até o mesmo lugar da última vez. Dali não passo.

- Ok. Você indo comigo até lá, já é suficiente.

Ariela, agora sorridente, estende a mão para Melanie. A garota da cidade grande sorriu imaginando que só faltou a amiga cuspir na mão, selando o pacto. Melanie segura em sua mão, a menina tinha um aperto forte. Ariela, como lembrando de algo, solta a mão rapidamente e a leva até o bolso. Melanie a olhava com surpresa. Ariela, toda contente, tira um Trident de menta do bolso e oferece para Melanie. O pacto estava selado.

Estavam os três já há algum tempo, sentados, como em um círculo, sem pronunciar nenhuma palavra. A impressão que se tinha era que cada um deles estava concentrado, remoendo suas lembranças da noite agitada que tiveram. Além de ponderarem sobre suas ações esse gesto auxiliava para que seus ferimentos se curassem. Angelique pensava no momento intrincado da transformação, do ocorrido dentro do prédio, da luta com Rania e o fogo que quase consumira Julian, se ela não tivesse voltado. A garota pensava também no que Marcus faria quando voltassem à fazenda. Alexander pensava nos longos anos, que esteve preso àquela cadeira de rodas, imposto pela magia de Alexia. Estava definhando, aguardando o dia que poderia reaver suas forças e lutar. Pensava no quanto odiava Alexia. Julian, por sua vez, só tinha um pensamento: Melanie.

- O que vamos fazer? – Pergunta Angelique.

- Não podemos ficar aqui a vida toda. – Respondeu Julian. – Teremos que enfrentar, cedo ou tarde, o resto da família.

- Vocês podem ir sem mim. – Responde Alexander. – Preciso me recuperar melhor.

Angelique olhou para aquele que se esforçava para pronunciar as palavras no idioma nativo da garota. Angelique notou que à medida que ele se mostrava mais saudável, suas feições suavizavam. Estava se revelando um belo e jovem rapaz. Angelique sabia que sua

aparência jovial, uns 30 anos mais ou menos, não condiziam com sua real idade. Ele era um da família, um belo exemplar da família dos lobos.

- Quem é você? – Perguntou Julian.

- É uma pergunta complexa, meu jovem. – Respondeu Alexander. – Sou, digamos, alguém de muito longe que veio para ajudar.

- Isso eu percebi. Você é muito forte.

Alexander sorriu. Ele sabia que era bem mais do que só “muito forte”.

- Por que está aqui, na verdade?

- Qual é o seu nome? – Adiantou-se Angelique, já que Julian não abria espaço para que ela fizesse uma pergunta.

- Alexander.

- Eu sou...

- Angelique. – Antecipou-se Alexander.

- Como você sabe meu nome?

- Eu ouvi agora pouco quando seu irmão a chamou para me ajudar a entrar.

A garota fechou o semblante.

- O Julian não é meu irmão. É meu primo.

- Mas agem como verdadeiros irmãos, um cuidando do outro. Isso é bom na nossa condição.

Julian sorriu, era assim mesmo que ele se sentia. Já Angelique teve a reação contrária. O sentimento que ela possuía era bem mais que amor de irmão. Até que, fragmentos de vozes

trazidos pelo vento que encanava na caverna, chamou atenção dos três. Tinha alguém do lado de fora.

CAPÍTULO VINTE – DE ONTEM EM DIANTE.

Verdadeiramente, não foi nada fácil dobrar Flávia, para que Melanie pudesse sair com Ariela, com a desculpa de “tomar um ar”. Depois de muita insistência de Dona Carmélia e do prestativo policial é que conseguiram lograr êxito. Melanie simpatizou com o tal Léo. Se já não bastasse o fato dele tê-la livrado da morte, o sujeito parecia ser gente boa. Tinha boa pinta, isso também ajudava um pouquinho. A garota notou que o policial sempre dava um jeito de ficar admirando Flávia, quando esta não estava olhando. E a bobona nem percebia. Também pudera, depois que separou de Edgar, demorou um bom tempo para pensar em namorar. E quando começou só arrumou encrenca. Melanie tinha dado um apelido para Flávia: curva de rio.

Estavam as duas garotas seguindo pelo meio do mato.

- Onde isso vai dar? – Perguntou Melanie.

- É um atalho já te disse. – Respondeu Ariela – Por aqui fica mais perto.

- Ainda acho que pela estrada era melhor.

- Sim. Concorde. Se a gente tivesse vindo de bicicleta ficava mais fácil. Mas daí sua mãe iria desconfiar. Por que bicicleta só pra tomar um ar por perto?

Melanie pensou. “Boa argumentação. Ponto pra você”.

- E como a gente tem pouco tempo, precisamos ir por esse atalho. – Continuou ofegante Ariela.

- Ok! Convinceu-me.

- Agora me responda uma coisa. – Prosseguiu Ariela. – Eu sei que o cara é bonitão. É charmoso. Não fala tudo errado como a maioria dos caipiras metidos a besta daqui. Mas é meio esquisitão, você não acha?

Melanie riu da sinceridade de Ariela. Se fosse uma de suas amigas da cidade a atitude seria diferente. Teria aquelas que elogiariam e jamais chamariam o cara de esquisitão, por mais que pensassem que fosse. E aquelas que desdenhariam, para logo correr atrás do cara, com segundas e terceiras intenções.

- O que você considera esquisitão? – Perguntou curiosa Melanie.

- Sei lá. – Respondeu Ariela. – O jeito dele é esquisito. As roupas. A família principalmente. Tudo gente estranha. Minha mãe não gosta deles. Acho que nem eu mesma gosto.

Sem sombra de dúvidas, honestidade era o forte de Ariela.

- Você conhece uma menina de cabelos vermelhos? – Perguntou receosa pela resposta positiva de que Julian poderia ter uma namorada.

- Eu sei quem é. – Respondeu Ariela dando uma pausa considerada longa demais por Melanie.

- Então quem é ela? - Perguntou Melanie impaciente.

- Calma que estou tentando lembrar o nome... – Ariela faz algumas caretas enquanto pensa.
– Angélica, eu acho. Ou Angel alguma coisa. E é prima dele.

Isso sim foi som angelical para os ouvidos de Melanie. Julian não tinha namorada.

- Prima? – Perguntou Melanie considerando melhor confirmar.

- Isso. Filha do tio ou da tia. Prima. – Afirmou Ariela – O que você estava pensando que fosse?

- Não estou pensando nada. – Tentou contornar Melanie.

Ariela sorriu para Melanie indicando que não acreditou nem um pouco em suas desculpas. Ela tinha pensando sim e bastante. Nisso, um vulto, passando por detrás das árvores chama a atenção das meninas.

- Você viu? – Perguntou a medrosa Ariela.

- Vi. – Respondeu sussurrando Melanie enquanto abaixava-se e em seguida sendo imitada por Ariela. – Passou correndo atrás daquelas árvores.

Outro vulto passou pelo lado oposto do primeiro. Eram dois. Nenhuma das duas meninas conseguiu identificar. Ariela fez intenção de gritar. Melaine a advertiu com um sinal para que não fizesse. Um terceiro vulto se moveu atrás das meninas. Elas se olharam ainda mais assustadas. Já eram três. Estavam sendo cercadas.

Constatando a situação que se encontravam agora, até mesmo Melanie, sentia o desejo de gritar. Ou de correr também. Mas para onde? Para o lado que corresse seriam pegadas. E Ariela? A menina já estava de língua de fora, como poderia escapar?

- Melanie?

Melanie ouviu aquela voz falando o seu nome. A voz que mais parecia uma música suave. A voz de Julian.

- O que está fazendo aqui? – Continuou Julian surgindo em sua frente de entre as árvores.

“É a terceira ou quarta vez que ele me faz a mesma pergunta”. - Pensou Melanie.

Angelique, a prima, apareceu seguidamente. Melanie notou que ela usava roupas masculinas e alguns números maiores do que o seu tamanho.

- Na verdade, eu precisava... Não... Quer dizer, eu queria... – Melanie não conseguia terminar a frase.

- Ela queria falar com você. – Adianta-se Ariela.

Melanie a repreende com os olhos.

- Mas não é verdade? – Pergunta Ariela, um pouco surpresa, com a reação de Melanie.

Melaine faz uma careta para Ariela, às ocultas de Julian, mas ele assim mesmo percebe e riu.

- Está bem, não me meto mais. – Disse Ariela dando de ombros.

Melanie volta a olhar pra Julian com o anseio que ele desse continuidade a conversa, sem mencionar a gafe de Ariela. Ela não queria que ficasse tanto na cara assim que tinha vindo procurá-lo.

- Então, você queria falar comigo? – Perguntou Julian.

“Eu mato essa enxerida depois.” Pensou Melanie, lançando mais um olhar de repreensão para Ariela, antes de responder a Julian.

- Acho que sim – Respondeu tão baixo que quase ela mesma não conseguiu ouvir.

Julian esforçou-se para entender o que Melaine tinha dito. Nisso, Alexander surgiu pela retaguarda das meninas, chamando a atenção de todos. Ariela arregalou os olhos, nunca o tinha visto por ali. A menina aproximou-se de Melanie, quase a abraçando. Melanie o identificou na hora. Sabia quem, e o que ele era.

- Desculpe se as assustei. – Disse Alexander levantando sutilmente as mãos. – Eu não sabia se era o certo me aproximar.

- Esse é Alexander. – Disse Julian.

- Eu sei quem ele é. – Disse Melanie sem tirar os olhos de Alexander.

Ele estava bem diferente. Revigorado. Nada lembrando aquele indivíduo sem vida e sem cor, que não conseguia nem equilibrar o próprio corpo, em uma cadeira de rodas. A voz que muitas vezes falou no íntimo de Melanie, pedindo para que ela não temesse, sem dúvidas, era daquele homem.

- Como você está? – Perguntou Alexander.

Melanie desejava que esta pergunta partisse de Julian. Mas Alexander parecia mesmo interessado em saber sobre seu estado. Angelique percebeu o olhar, insistente de Alexander sobre Melanie.

“Não acredito!” – Pensou Angelique. - “Até esse aí vai ficar babando pela donzela em perigo”.

Mas o interesse de Alexander era outro.

- Eu estou bem, eu acho... – Respondeu incerta Melanie. – Foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. A ficha ainda não caiu direito.

Julian observava os dois, dialogando mais com os olhos do que com palavras. Isso o incomodava. Precisava participar da conversa, mas não sabia achar a introdução certa.

- Você está bem? – Repetiu Julian a mesma pergunta de Alexander. Todos olharam curiosos para ele. Afinal, Melanie já tinha respondido.

“Ai meu Deus! Já está fazendo papel de idiota”. - Pensou Angelique.

Melanie sorriu e considerou: “Antes tarde do que nunca”.

- Agora estou bem – Repetiu Melanie a mesma resposta, mas tinha agora um leve sorriso no rosto. Julian se deu conta de que fez besteira. Mas o que ele podia fazer? Sentia-se tonto diante de Melanie.

- Eu gostaria de... Se fosse possível... – Agora era a vez de Julian não encontrar as palavras.
- Eu gostaria de falar com você também... Só nós dois.

Melanie não conseguiu esconder o sorriso de contentamento. Angelique, por sua vez, remoiava-se interiormente.

- Claro. – Respondeu Melanie. – Como você quiser.

Julian indicou com os olhos um lugar mais a frente. Ariela ficou preocupada quando viu os dois seguindo, lado a lado. Ela olhou para Angelique e Alexander e pensou: “Eu não vou ficar aqui com esses dois.” Ariela moveu-se também para o lado de onde o casal seguira. Angelique, de maneira alguma, desejava deixar os dois juntos e a sós. Foi atrás de Ariela. Restou a Alexander seguir na mesma direção, só que este, se mantinha mais distante de todos.

Julian e Melanie estavam andando lado a lado, pisando sobre gravetos e folhas, mas a sensação era de andar sobre nuvens. Nenhum som além de suas respirações podia se ouvir. Parecia que um cedia para o outro a retomada da conversa, mas nenhum dos dois tomava a iniciativa. Melanie pensava no quanto ele foi ousado na primeira vez que se falaram. Porque não estava sendo agora? Julian sabia qual era o tamanho da sua coragem. Mas a presença irradiante de Melanie, o deixava sem saber o que fazer.

Julian olhou para trás e percebeu que estavam sendo seguidos. Melanie também avista Ariela e depois Angelique escondendo-se atrás das árvores. Os dois se olharam e riram.

- Acho que elas não nos deixarão em paz. – Disse ele.

- Sinto isso também.

- Tenho uma idéia.

- E qual seria?

- Me dê a sua mão.

Melanie nem mesmo ponderou sobre que atitude tomar. Levou, rapidamente, sua mão na direção de Julian e recebeu, suave e constante, o toque da mão dele sobre a sua. Seus dedos se entrelaçaram. Quando Melanie percebeu estava correndo entre árvores de mãos dadas com Julian. Sentiu a felicidade se alojar em seu coração. Julian tinha conhecimento que a poucos metros existia um pequeno rio. Onde o barulho da água poderia dar-lhe a coragem que precisaria para dizer à Melanie o que sentia por ela. Ou então, no mínimo, dificultar seus seguidores de ouvirem o que diriam. Ao chegarem, Julian se posicionou para que Melanie pudesse descer o pequeno barranco. Ela sentiu seu coração bater descompassado, ao estar recebendo o toque de suas mãos. Desejava poder ficar, o máximo possível, com as mãos dele coladas a sua.

Calmante e convidativo soava o barulho da água do estreito e raso rio. Melanie tirou o tênis e sentou na margem para refrescar e descansar os pés. Julian sentou ao seu lado e virou-se ficando de frente pra ela. Melanie sentiu as pernas bambearem. De repente ele estava muito perto.

- Muita coisa aconteceu desde aquele dia na praça, não é? – Disse Julian com a voz serena.

Melanie quase podia sentir seu hálito soprando em seus cabelos.

- É verdade. – Respondeu ela sem se virar pra ele. – Muita coisa mudou.

Inclusive seus sentimentos por ele. Agora estavam mais evidentes e mais fortes. Mas ainda muitas dúvidas pairavam na mente de Melanie.

- Coisa que você jamais imaginou, não é?

- Estou procurando não pensar em nada, senão eu enlouqueço.

- Eu gostaria de poder te dizer que tudo é tão simples e fácil de entender. Mas não posso.

- Mas, as vezes, somos nós mesmo que complicamos.

- É. Você tem razão. Mas o que se pode fazer quando não se tem alternativa. Quando se quer algo que está além da vontade e que talvez não se possa ter, mesmo desejando muito.

- Acho que não pode se entregar muito facilmente. A nossa vida é cheia de dilemas, as vezes pequenos, as vezes maiores do que conseguimos entender; mas nunca podemos deixar de lutar.

- É o que eu estou fazendo agora. Aqui dentro de mim tem uma guerra acontecendo neste momento.

- Que tipo de guerra?

- Um lado quer distância, quer se sentir confortável, longe de algo que o faça sofrer; o outro lado, luta desesperado, com todas as forças, para conseguir dizer o que está sentindo, mesmo que o sofrimento de ser rejeitado, seja inevitável.

- E qual lado está ganhando?

Melanie sentiu a mão dele novamente sobre a sua.

- O lado que ama você.

Melanie sentiu corar, ela não tinha outra alternativa a não ser olhar para ele. Encontrou seus olhos acinzentados brilhantes fixados nos dela.

- Como pode dizer isso, Julian? Você me conhece há poucos dias. – Disse Melanie, mas ciente de que era possível passar a amar alguém em um pequeno espaço de tempo.

- Desde que eu te vi Melanie, sentada, debaixo daquela árvore, você não mais saiu daqui de dentro de mim... Desde então, cada minuto, cada segundo, é um a mais do quanto eu te amo.

- Eu... Não sei... – Melanie perdeu as palavras.

- Não se preocupe em me dizer alguma coisa. Talvez, fosse melhor eu não ter dito nada mesmo.

- Não é isso, Julian. Eu acredito no que disse, por que também sinto algo parecido. Só estou muito assustada com tudo isso ainda.

Julian sentiu o peso da dúvida, dissipar-se do seu corpo. Se Melanie sentia algo parecido com o que ele sentia, significava que o amava também. Ele percebeu que os acontecimentos da noite anterior ainda eram confusos na mente dela.

- Eu entendo. Mas uma coisa eu posso te garantir. – Julian sussurrou envolvendo a delicada mão de Melanie entre as suas. - Eu vou estar do seu lado sempre que você permitir.

Julian estava muito próximo e Melanie concentrou-se então em seus lábios semi-abertos. Eram tentadores. Ela nunca antes tinha sentido tanta vontade de beijar alguém. Julian levou a mão carinhosamente sobre o pescoço de Melanie e a trouxe para junto de si num gesto delicado e a beijou com toda emoção do mundo.

Melanie ainda sentia o sabor dos seus doces lábios, quando Julian afastou-se de repente.

“O que aconteceu?” – Pensou ela.

Julian levantou, deu dois passos para o lado e colocou as mãos na cintura, observando além do rio. Melanie permaneceu quieta, agora ela estava cheia de dúvidas.

- Me desculpe, Melanie. – Disse ele sem se virar.

Ela gostaria de dizer: “O quê? Está louco? Não se desculpe. Pode me beijar de novo.” Mas ficou em silêncio, esperando que ele falasse algo mais, que ajudasse a clarear suas idéias.

- Tem uma coisa que eu deveria te contar... – Continuou ele – Primeiro de tudo, eu teria que te contar... Mas não sei se consigo.

- Não estou entendendo. – Disse ela, mas já tendo uma mínima idéia do que poderia ser.

- Eu tenho... – Ele hesitava ao falar. - Minha família tem um segredo.

- Todos nós temos segredos em família. – Melanie tentou amenizar a situação.

- Mas não como os meus. – Disse ele virando-se para ela novamente.

- Acho que não é uma boa hora para falarmos disso. – Melanie estava com medo de confirmar o que temia. – A gente está se conhecendo. Você não precisa dividir comigo coisas tão íntimas.

- Por isso mesmo. Eu conheci você. Antes eu não tinha medo de nada, hoje o meu medo é de que qualquer coisa me afaste de você. Mesmo que seja algo que eu não posso mudar.

- Se não tem como mudar. Não se pode fazer nada. Então não precisa me contar.

- Seria o certo. O mais cômodo, pelo menos. Mas seria insuportável viver, escondendo de você uma coisa tão importante. Principalmente se puder te fazer mal.

- É melhor parar. Você está conseguindo me assustar.

Julian ajoelha-se ao lado de Melanie.

- Me desculpe mais uma vez. – Ele segurou em suas mãos e olhou profundamente em seus olhos. – Por hora quero que você apenas saiba que não vou deixar nada te acontecer. Nada.

Melanie conseguiu sorrir, apesar de se sentir incomodada pela situação. Certamente, Julian tinha algo grave para lhe contar. Talvez, lá no fundo, ela até já soubesse. Como seria sua

reação se descobrisse que ele era o imenso lobo pardo que a salvou duas vezes? Se existem seres que ela só conhecia da ficção, como os vampiros. Por que não poderiam existir os homens lobos?

Angelique desce o barranco em disparada. Ariela, toda desengonçada, desce atrás, se segurando para não cair.

- Julian. – Disse Angelique – Meu pai está vindo.

- E com mais gente. – Completou quase sem fôlego Ariela.

CAPÍTULO VINTE E UM – TENHA OS OLHOS BEM ABERTOS.

Quando poderiam ter um minuto de paz? Afastar, em definitivo, o precipício que se pôs diante deles. Julian ouve que Marcus estava a caminho e não viria para bater papo. Ele olha pra Melanie e vê preocupação em seus olhos.

- Vamos sair daqui. – Disse Julian estendendo a mão para Melanie. – Se ele nos ver juntos de novo, vai criar problemas.

Não deu tempo nem de se mexerem e já estavam cercados.

- Não sou eu que crio os problemas, querido sobrinho – Disse Marcus, ironicamente, ao se aproximar. – Eu só os soluciono.

Julian apressou-se em ficar entre Melanie e Marcus. O tio com sarcasmo no sorriso e ódio no olhar para diante do sobrinho. Aurélio e os outros três homens lobos cercam o pequeno grupo.

- Pai, por favor! – Interveio Angelique. – Não precisa fazer nada.

Marcus olha para a filha e segura pelo braço.

- Quer dizer que minha adorável filha me presenteou ontem à noite. Está vendo como os meus métodos funcionam. De repente senão tivesse tido o castigo que recebeu não teria recebido esse maravilhoso presente.

Marcus olha orgulhoso para os que o acompanhavam e eles sorriem, demonstrando sua cumplicidade para com o líder.

- E você meu sobrinho. – Continuou Marcus apontando para Julian – Só me decepçiona. Fica correndo atrás de uma sórdida criatura que compactua com o fim da sua família. Ou você acha, meu ingênuo sobrinho, que ela sente alguma coisa por você, que não seja aversão, aquilo que você é.

- Não importa Marcus. – Disse Julian ainda protegendo Melanie com seu corpo. – Só quero levá-la para casa. Depois nós conversamos.

- Garoto arrogante – Esbravejou Marcus. – Pensa que é aquele infeliz do seu pai? Está achando que vou receber ordens suas também? Vou te ensinar a ficar do nosso lado e te mostrar como faz para acabar com aqueles que são nossos inimigos.

Marcus olha para Melanie

– Começando por essa que você tanto protege.

Marcus acena para os comparsas e estes avançam na direção de Melanie, fechando um círculo em volta de Julian e a garota. Angélique segura nos braços trêmulos de Ariela e a puxa para longe. Julian se vê cercado por todos os lados, Melanie abraça o seu corpo e tenta se esconder dos homens que se aproximam. Marcus espera que o sobrinho lhe dê as costas e quando isso acontece o alveja com um soco na lateral do rosto. Julian sente o golpe e desequilibrado vai ao chão, carregando junto Melanie. Os dois caem. Julian, ainda zozado, tenta procurar Melanie com as mãos. Os comparsas foram rápidos e já estavam segurando pelos braços. Marcus retira um punhal, oculto em suas roupas. Melanie percebe a fina lâmina rutilar diante de seus olhos. Ela sente o corpo esmorecer. Os dois subalternos de Marcus a seguram com violência, a preparando para o golpe único e mortal a ser desferido por Marcus. Angélique e Ariela se abraçam, em desespero. O homem, sem compaixão, leva a mão que segura o punhal para trás e a impulsiona ferozmente para frente, em direção ao ventre da garota.

- Basta!

A voz soou mais do que um sinal, foi uma ordem. Marcus não a cumpriu por desejo próprio, sua intenção era tirar até o último fôlego de vida, daquela que entibiava em sua

frente. Mas parou antes que sua lâmina tocasse em Melanie, pelo domínio exercido por Alexander.

- Não se atreva, homem. – Exclamou Alexander agora se aproximando do grupo que estava perto da margem do rio. – Ela está sob meus cuidados.

Aurélio, vendo Marcus, paralisado dos pés a cabeça, sinaliza para que soltassem Melanie. Assim o fizeram e não se atreveram a investir no estranho, que provou ser possuidor de incrível poder. Eles sabiam que lobisomens eram poderosos quando transformados. Mas apenas um tinha poder além do imaginável. Era uma lenda, era o primeiro de todos eles. Não tinham certeza, que aquele rapazola que dava ordens seria este, mas foram inteligentes, em não quererem tirar a prova.

- Agora viramos assassinos, cruéis e inconseqüentes, como aqueles que combatemos. – Continuou Alexander – Em plena luz do dia, Marcus?

Alexander aproximou-se de Marcus e o tocou. Marcus, imediatamente, sentiu seu corpo normalizar. Julian já estava de pé. Melanie não demorou a alojar-se em seus braços. Marcus olhava para Alexander com fúria nos olhos, mas não pretendia revidar. Não ainda.

- Guarde esse sentimento para mais tarde, Marcus. - continuou Alexander - Temos pouco tempo antes de a noite chegar. Precisamos estar preparados. Por que com a noite virão aqueles que merecem todo esse ódio.

Léo estava dirigindo na estrada, retornando para Castro, quando recebeu uma ligação no celular. Era Flávia, aflita, outra vez. A filha tinha saído com uma vizinha e estava demorando. Léo tinha mais coisas pra fazer, mas considerou melhor retornar a Monte Seco. Quando estacionou em frente à pousada. Flávia saiu a seu encontro.

- Obrigada por ter vindo. – Disse ela o abraçando. – Ela sumiu de novo.

Léo ficou estático, não sabendo como reagir; já há algum tempo, não recebia um abraço de mulher, não de uma que não precisasse pagar. Nem a dor pelo braço machucado conseguiu sentir. Ele ponderou que a razão, pela qual, Flávia o abraçou, foi pela gratidão que ela tinha por ele ter salvo sua filha. Ele representava salvação para ela novamente.

- Fique calma. – Disse Léo tentando ser profissional. – Ela vai aparecer.

- Eu não devia ter a deixado sair. – Disse Flávia chorando. – Não depois de tudo que aconteceu.

- Não se preocupe. Eu vou encontrá-la de novo.

Flávia olhou naqueles olhos que a encaravam. Eles passavam toda a segurança que ela necessitava. Foi isso, uma das razões que a levaram ligar para o investigador.

- Onde ela disse que ia?

- Pediu para dar uma volta com a menina que mora aqui do lado.

- Vai ver foi isso mesmo, só estão dando uma volta por aí. Logo aparecem.

- Já faz mais de três horas. É uma volta muito grande, você não acha?

- Ela passou por muita coisa ontem. Precisa colocar as idéias no lugar.

- Mas poderia fazer isso aqui diante dos meus olhos.

Léo entendeu que Flávia não se acalmaria enquanto a filha não chegasse.

- Vamos fazer o seguinte. Nós entramos, esperamos mais um tempinho e se ela não aparecer, eu vou atrás.

Flávia considerou que talvez Léo tivesse razão. Na noite de ontem ele foi impecável. Portanto, merecia um voto de confiança.

- Está bem. Mas não vou esperar muito.

Como um cavalheiro Léo estendeu o braço na direção da porta, esperando que Flávia seguisse por ali. Ela entrou e ele foi atrás.

Agnes suspirou aliviada quando avistou, ainda ao longe, os netos. Julian e Angelique estavam bem. Marcus e os demais da família os acompanhavam. Junto ao grupo, Agnes identificou um jovem rosto, que a velha senhora imaginou rever em breve: Alexander.

Agnes não conseguiu ficar só esperando que eles chegassem até a casa principal. Seguiu na direção do grupo. Angelique correu para os braços da avó. Agnes a acolheu em um abraço cheio de amor. Sua linda criança, que estivera com o corpo dilacerado pelas chicoteadas, estava recuperada. Julian se somou ao gesto da prima e abraçou as duas. Marcus passou por eles, lançando em direção à mãe o mesmo olhar de desprezo. Os que o acompanhavam seguiram atrás do líder. Somente Alexander se deteve diante da cena fraterna que acontecia na estrada da fazenda. Agnes, ainda abraçada aos netos, olhou com ternura para o rapaz que estava em sua frente. Os anos passaram e ele permanecia o mesmo. Lembrou-se, quando o viu pela primeira vez. A menina Agnes, na época com treze anos, desceu as escadas da casa de seu pai, quando moravam na Saxônia, ao leste na Alemanha, e escondeu-se para ver a movimentação que se instaurou aquela noite. Ela e suas irmãs ouviram dizer que um belo rapaz ficaria hospedado, alguns dias, entre eles. Seu velho pai, seus dois irmãos mais velhos e alguns tios e primos estavam reunidos na grande sala, recepcionando aquele que era a primazia da família dos lobos. O primeiro.

- Agnes. – Falou Alexander reverenciado a mulher. – Quanto tempo?

- O tempo é seu aliado, Alexander.

Julian e Angelique entreolharam-se. Sua avó e Alexander se conheciam. Agnes percebeu a estranheza no olhar dos netos.

- Muitas histórias que contei a vocês dois. – Explicou Agnes. – Diz respeito a esse jovem que aqui está.

- Desse jeito você me faz ser importante, Agnes.

- Mas você é importante, Alexander. Mais ainda do que todos nós.

Alexander ouviu as palavras de Agnes, seu coração pesou neste instante.

Todos aqueles que ali estavam dependiam dele.

- Sabe por que estou aqui, não sabe?
- Tenho uma idéia. Mas desejaria de não precisar saber.
- Eu também minha amiga.
- As coisas há muito tempo tem sido brandas por aqui.
- Em toda parte isso parecia estar acontecendo. Mas era apenas a calmaria antes da tempestade.
- Não soube mais nada sobre você.
- Minha adorável irmã, me manteve preso dentro do meu próprio corpo. Tive que usar toda a minha habilidade para conseguir a liberdade. Mas tudo isso teve um lado bom. Aprendi a usar mais a minha mente do que meu corpo.
- Vamos entrar. – Sugeriu a mulher aos netos e ao visitante. – Conversaremos melhor lá dentro.

Enquanto seguiam para dentro da casa principal, Agnes procurava em sua mente cansada, lembranças de um tempo remoto. De uma luta que acompanhou entre lobos e vampiros, que ceifou vidas de ambas as partes. Iniciada pela total falta de siso de Alexia. A velha senhora viveu naqueles dias seus piores momentos. Perdeu o marido e outros importantes membros da família. Os vampiros, desde então, tem dominado as esferas de poderes da sociedade humana. Deixando aos lobos a alternativa de viverem escondidos em áreas rurais e países mais longínquos. Alexia agora estava no mesmo país. Pior ainda, ela sabia que a vampira estava, neste momento, escondida e por perto, pronta para exercer toda a sua demência.

Melanie e Ariela seguiam para casa e por um bom período não trocaram nenhuma palavra. Ariela considerava que acabara de vivenciar aventura suficiente para toda sua vida. Melanie já não mais sabia discernir o que era real ou pesadelo. De uma hora para outra sua vida passou a correr perigo constante. E ainda não tinha acabado. Segundo, Alexander, sua irmã vampira voltaria a procurar por ela.

- Ariela, não fale nada pra ninguém. – Pediu Melanie.

- E se alguém notar que ainda estou com as pernas bambas? – Revelou Ariela.

- Por favor. Eu estou te pedindo.

- Aquele cara disse que você precisa ir pra fazenda onde eles estão. Senão, eles não vão poder te proteger. Foi isso que eu ouvi.

- Eu ainda não sei o que vou fazer.

- Se eu fosse você eu não pensaria duas vezes em ficar longe daquela gente. O que poderia ser pior do que ficar com eles?

“Um bando de vampiros.” - Pensou Melanie. Mas, sabia que não poderia falar nada para Ariela. Não saberia como a menina iria receber a notícia de que tais criaturas não são ficção.

- Estou confusa. – Disse Melanie. – Preciso pensar em algo antes que anoiteça.

- Não me diga que está passando pela sua cabeça a possibilidade de voltar a falar com aqueles doidos?

- Acho que sim. Só preciso encontrar um jeito de escapar da minha mãe.

- Se tivesse tudo bem eu te sugeria ficar na minha casa. Mas duvido que a sua mãe deixe. Ela deve estar uma fera com você.

Nisso, as duas ouviram um barulho de um carro se aproximando. Saíram da estrada para dar passagem ao veículo. A velha caminhonete F-100 foi parando ao lado das duas. Melanie sorriu ao ver o rosto de Julian.

- Não posso deixar você ir. – Disse Julian ainda dentro do carro. – Você tem que voltar comigo.

- Mas eu não posso. – Respondeu Melanie – Minha mãe deve estar preocupada.

Julian desce da caminhonete e pára diante de Melanie. Ele a segura, delicadamente, pelos braços. Ela podia sentir sua respiração. Julian amava sentir o cheiro agradável de Melanie.

- Você ainda está em perigo. – Disse ele olhando nos olhos dela. – Eu preciso estar do seu lado todo o tempo.

- Como eu posso ficar longe da minha família?

- Eu sei que eles são muito importantes pra você. Mas se você não voltar comigo estará colocando a vida deles também em perigo. Ou você acha que os vampiros vão poupá-los depois que tiverem você?

- Vamp o que? – Perguntou Ariela arregalando os olhos.

Julian percebeu nos olhos de Melanie, que esta não tinha contado nada para amiga.

- São as pessoas que querem fazer mal a Melanie. – Tentou remendar Julian.

- Não se engane comigo. Eu sei muitas estórias de vocês. – Continuou Ariela. – Bem cabeludas.

- Nem sempre são verdadeiras.

Julian olhou para Melanie, seu desejo era revelar seus segredos. Todos eles. Mas, no momento, o que mais importava era protegê-la de Alexia.

- Quer que eu vá com você falar com sua mãe?

- Não. Você não conhece minha mãe.

- Ela pode vir junto com você para fazenda. Ficaremos todos melhores protegidos lá.

- Não posso, Julian. Não sou de fazer esse tipo de coisa.

Nisso Melanie tinha razão. Quando saía com as amigas, sempre tinha hora certa pra voltar. Nas vezes que se atrasava alguns minutos, tinha que passar pelo polígrafo ambulante chamado Flávia. Imagine se chegasse de uma hora pra outra, depois de uma noite

conturbada que passaram, com um cara que Flavia nunca tinha visto antes, pedindo pra ficarem escondidos em uma fazenda, fugindo de um bando de vampiros sanguinários. Flávia teria um colapso e internaria as duas em um hospício.

- Só sei de uma coisa, Melanie – Continuou Julian. - Falta uma hora para escurecer. Você não pode ficar longe do meu campo de visão. Se for o caso vou ficar do lado de fora do seu quarto, vigiando. Nem que seja a noite toda.

Melanie sentiu como se um calor estivesse percorrendo todo seu corpo. Era a segurança que Julian lhe dava. Mas seu coração ainda se mantinha cheio de incertezas.

- Ainda não entendo por que estão atrás de mim desse jeito?

- Não fui só eu que percebi o quanto você é valiosa.

- Nossa! Esse cara gosta mesmo de você, hein. – Frisou Ariela.

Melanie sentiu que Julian confirmava isso com brilho em seus olhos. Ela, realmente, não sabia o que fazer.

- Nada está sendo fácil pra mim e nem pra minha família. Mesmo sabendo que você está certo, não posso desapontar ainda mais a minha mãe.

- Vem vindo um carro aí. – Avisou Ariela.

As atenções se voltaram para o carro que seguia, velozmente, em sua direção.

CAPITULO VINTE E DOIS – O TEMPO NÃO VOLTA MAIS.

Julian tinha parado a caminhonete no meio da estreita rua. Não teria espaço para o outro carro, que vinha na direção contrária a F-100 passar. Julian abriu a porta da caminhonete, tinha que tirá-la da estrada. Melanie olhou pra onde o carro vinha. Ela reconheceu o veículo, era o Monza azul de Léo.

O carro do investigador parou diante da caminhonete que Julian havia retirado da estrada e estacionado sobre o mato. Flávia desceu aflita e visivelmente nervosa. Léo desceu na sequência e ajeitou a jaqueta, pondo a vista aos olhos de Julian, sua arma.

- O que você pensa que esta fazendo, menina? – Esbravejou Flávia seguindo na direção de Melanie. – Quer me matar do coração de novo?

- Claro que não, mãe. – Respondeu Melanie. – Eu já estava indo embora.

Flávia lança um olhar petrificante para Ariela e Julian. Ariela encolheu-se e deu um passo sutil para trás.

- Senhora eu sou Julian. – Ele estendeu a mão e Flávia o mediu por inteiro.

“Não dê esse vexame, mãe. Aperte a mão dele.” – Pensou Melanie torcendo para que a mãe, quase sempre intolerante, aperte-se a mão do garoto.

- Sou amigo da sua filha. – Continuou Julian.

- Não sou cega, garoto. – Disse Flávia pegando na mão do rapaz. - Se não fosse amigo dela, minha filha não estaria aqui falando com você.

- Mãe! – Soltou Melanie envergonhada pelas palavras mais ásperas da mãe.

Léo riu. Ariela sentiu alívio por perceber esse gesto do homem da cara amarrada. Seu rosto sisudo a deixava mais tensa do que a arma que ele carregava no coldre.

- Tudo bem! – Disse Flávia como que concordando com sua rudeza. – Mas agora vamos pra casa que a festinha acabou.

Melanie recebeu o ultimato da mãe e sabia que tinha que obedecer. Teria que se afastar de Julian. Ele por sua vez, não considerou possibilidade de desistência. Lutaria até o fim para que Melanie tivesse a melhor alternativa para se afastar dos vampiros.

- Senhora! – Disse ele para Flávia. – Sua filha tem que vir comigo.

Flávia que já estava virando-se para seguir até o carro de Léo, pára e surpresa olha nos olhos do garoto insolente.

- O quê? – Disse ela ainda sem acreditar muito bem no que acabara de ouvir.

Léo tomou a frente de Flávia.

- Está ficando louco, rapaz? – Perguntou o investigador.

- Não senhor. Melanie ainda está em perigo.

“Ai Meu Deus! Me socorra!” – Pensou a garota ao perceber os olhos flamejantes da mãe. O coração da garota palpitava. O temor pela reação da mãe era quase tão angustiante do que estar cercada de vampiros enlouquecidos. Lá, pelo menos, tinha os lobos que a defendiam. E agora quem a defenderia e defenderia Julian das garras da mãe?

- Escute aqui... – Flávia tentava lembrar do nome do rapaz.

- Julian. – Disse ele.

- Que seja. – Continuou Flávia. – Já não basta tudo pelo que ela passou? Pelo sofrimento que nós duas passamos? E você ainda vem com esse tipo de ameaça para o nosso lado. Brincadeira tem hora, garoto.

- Não é brincadeira, senhora. É muito sério.

- Não estou gostando dessa estória. – Tomou a frente novamente Léo.

- Desculpe senhor. Mas precisam acreditar em mim. – Julian olha para Flávia. – Eu me importo muito com a sua filha.

As palavras doces de Julian fizeram Melanie sentir o coração aliviar-se. Quando ela olhava para ele tentando defendê-la, um sentimento de contentamento se apossava dela. Como poderia não se apaixonar por ele? Como poderia deixar de também defendê-lo?

- Ele tem razão, mãe. – Disse Melanie, recebendo a atenção de todos ao seu redor. – Tem muita coisa ainda acontecendo por aqui.

- Como assim, filha? – Disse quase gaguejando Flávia.
- Que tipo de coisa? – Perguntou Léo para Melanie, mas olhando pra Julian. - Você está recebendo alguma ameaça?
- Não. – Respondeu Melanie. – Quer dizer, não sei. Tudo está muito confuso pra mim.
- Sabe alguma coisa a respeito, rapaz? – Perguntou novamente Léo.
- Com certeza, a família esquisita dele deve estar envolvida. – Adiantou-se Ariela. Melanie a encara descontente. Ela ergue as mãos como se desculpando por falar demais.
- Dá para explicar isso? – Continuou o interrogatório Léo.
- Não sei. Acho que sim. Mais ou menos. – Tentou Julian explicar sem saber encontrar as palavras certas.
- Por que tudo isso, mãe? Você não confia em mim?

Flávia engoliu em seco. Certamente, confiava na filha, mas tinha ainda em sua mente o sufoco da noite anterior. A angústia do dia de hoje e os segredos que pesavam em sua consciência desde o nascimento da menina. Segredos esses, que considerou jamais precisar lembrar, quanto mais cogitar revelá-los.

- Confio, filha. – Disse Flávia quase chorando. – Mas tenho medo de que algo aconteça com você.
- Não se preocupe senhora eu vou cuidar dela. – Falou Julian estufando o peito. – Mesmo que custe a minha vida.
- Espera ai! – Disse Léo – Como assim custar a vida? Essa estória está muito esquisita. Precisamos esclarecê-la melhor, não acham?

Melanie olhava para o homem que tomava partido da situação. Sentia uma grande simpatia por ele. Não só pelo grandioso fato dele ter a ajudado em um momento tão difícil. Mas por que ao vê-lo parecendo estar, sinceramente, se preocupando com ela, sua mente idealizava

um pai presente que ela nunca teve. Talvez sentir a proteção de um pai fosse assim. Isso era bom.

- Precisamos voltar para fazenda onde eu moro. – Falou Julian – Falei com minha avó e não tem problema. Lá ela explicará muita coisa para vocês.

- Hei! Me exclua dessa. – Falou Ariela. – Não vou lá não.

- A gordinha tem razão. – Disse Léo sem mesmo perceber o olhar de tristeza da garota. – Ninguém vai para fazenda nenhuma. Vamos voltar para pousada e conversamos lá.

- Senhor! Temos pouco tempo antes de anoitecer. – Tentou negociar Julian – Precisamos de verdade, ir para fazenda. Lá será mais seguro.

- Essa é a segurança que eu preciso. – Léo mostra a arma no coldre. – E vamos voltar para pousada, entendeu?

Flávia fecha os olhos. Tudo que ela queria seria voltar para pousada. Pegar seus dois filhos e sumir, definitivamente, de Monte Seco. Mas seu instinto de mãe, neste momento, parecia apontar para outra direção. A direção da fazenda.

- O menino pode ter razão, Léo – Disse Flávia segurando em seu braço. Melanie arregalou os olhos, sem acreditar no que ouvia. Flávia que é sempre tão xiita, agora concordante. Essa, com certeza, não era sua mãe. Léo a olhou nos olhos e sentiu um súbito prazer ao ouvir da boca de Flávia o seu nome. Talvez, se ela pedisse para que ele seguisse para qualquer direção que fosse, ele o faria.

- Você é quem sabe. – Disse o investigador tentando parecer profissional. – A filha é sua. Com um telefonema eu chamo meu pessoal e resolvemos tudo isso. Não existe lugar mais seguro que uma delegacia.

- Não é preciso. Vamos tentar resolver por aqui. Apenas em último caso ligaremos pro seu pessoal, ok.

Flávia olhou para Melanie. Em outra situação jamais concordaria com tal alternativa sem antes saber de tudo que se tratava. Mas algumas peças estavam se encaixando no quebra-cabeças que ela tinha no pensamento e que a filha nem desconfiava que existia.

- E o Nic? – Perguntou Melanie.

- Ficou na pousada. – Respondeu Flávia.

- É meu irmão. – Explicou Melanie percebendo que Julian a olhava com uma interrogação estampada na testa. – Precisamos ir pega-lo.

- Não temos tempo. – Disse Julian constatando o horizonte avermelhado – O sol já está se pondo.

- Qual é o problema com o Nic? – Perguntou assustada Flávia – Dona Carmélia está cuidando dele.

- Não posso ir até sua fazenda sem meu irmão, Julian. – Disse Melanie olhando nos olhos de Julian. – Não posso!

- Mas é você que eles querem. Não vão fazer mal a ninguém da pousada se você não estiver lá.

- Quem quer você, Melanie? – Perguntou ainda mais assustada Flávia.

- Depois te explico, mãe. Agora precisamos ir até a pousada e pegar o Nic.

- Por favor, Melanie. – Suplicou Julian – Temos que ir para fazenda agora.

- Você tem irmão, Julian?

- Não, mas tenho minha prima que considero mais do que uma irmã.

- O que você faria se fosse ela no lugar do Nic? – Perguntou Melanie segurando na mão de Julian.

- Iria buscá-la. – Respondeu ele não identificando se a resposta em favor de Melanie, foi pelo amor fraternal que sentia por Angelique ou pelo toque suave das mãos da garota.

- Vamos fazer o seguinte. Vamos até a pousada, pegamos Nic e depois seguimos para fazenda. – Deu as coordenadas Melanie como uma oficial da SWAT.

“E eu?” – Pensou uma imóvel Ariela.

Melanie olha para Ariela, como adivinhando os pensamentos da amiga.

- Você vai com a gente para fazenda não vai? – Perguntou Melanie – Eu falo com sua mãe.

Ariela tinha medo de se aproximar da fazenda de Julian. Antes não conhecia direito e o temia também. Agora já sentia certa afinidade com o rapaz. Quem sabe, com exceção do tio asqueroso que ele possuía, poderia sentir o mesmo pelos demais membros da família. Quanto a Melanie ir falar com a sua mãe:

“Nem será preciso. Essa hora minha mãe já está no quinto copo de vinho e nem sentiria minha falta.” – Pensou Ariela concordando com um sinal de cabeça.

Entraram Flávia, Ariela e Melanie no carro de Léo e Julian seguia atrás. Melanie olhava pela janela de trás do Monza e sentia o desejo de estar com Julian na caminhonete. Nem bem pôde demonstrar intenção de subir na F-100 e foi puxada pela mãe até o carro do investigador. Mas, ao menos, seu amado a estava seguindo.

Quando chegaram até a pousada já estava escuro. Léo estacionou atrás do Fiesta de Flávia. Julian parou sua caminhonete logo atrás. Todos desceram.

- Mãe vou até a casa da Ariela. – Avisou Melanie.

- Nada disso. - Respondeu Flávia – Você vem comigo pegar o Nic e depois vamos juntas até a casa dela.

- Mãe é aqui do lado. Assim a gente poupa tempo.

Léo acompanhando a conversa segura no braço de Flávia.

- Pode ir buscar seu filho. Eu fico aqui de olho tomando conta dela.

Mãe e filha esboçaram o mesmo sorriso de contentamento. Tinham um homem, mesmo que por pouco tempo, tomando conta de suas vidas. Flávia consentiu com o olhar e entrou na pousada, seguida com os olhos, por Léo. Melanie olhou para Julian e sinalizou que seguiria até a casa da amiga. Ele também fez um sinal indicando que a esperaria ali mesmo junto ao investigador. As duas seguiram para casa de Ariela.

- Se minha mãe estiver dormindo a gente nem fala nada. – Disse Ariela temendo que a mãe ainda estivesse acordada.

- Nossa. Por aqui as pessoas têm o costume de dormir cedo. – Comentou Melanie.

Ariela apenas a olhou com um sorriso sem graça, ela sabia o real motivo, pelo qual, a mãe já poderia estar dormindo.

- E o seu pai? – Perguntou Melanie ao passarem pelo portão.

- Ele fica fora toda semana. – Respondeu Ariela. – Trabalha com extração de madeira.

Ariela, calmamente, evitando fazer barulho abre a porta. Melanie antes de entrar olha para Julian. Ela sorri e balança a cabeça ao entrar. Julian e Léo estavam com os pescoços espichados observando tudo.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS – INEVITÁVEL

Pareceu sincronizado. Melanie e Ariela passavam pelo portão, após verificarem que, realmente a mãe de Ariela, já estava adormecida, no sofá da sala, ao lado de um copo vazio. Flávia e Nicolas saíam pela porta amarronzada da pousada, sob o olhar atento de Dona Carmélia e Raissa. O grupo que seguiria para a fazenda estava completo. Julian olhou para Melanie e com um sutil gesto indicou que ela o seguisse até a caminhonete.

- Mãe. Vou com Julian e Ariela na caminhonete. – Disse Melanie. – Vocês vêm logo atrás com o Nic.

- Você vem comigo. – Respondeu Flávia.

- Por favor, mãe. Não vamos complicar eu vou na caminhonete.

- Não tem importância qual carro que ela vai. – Disse Léo entendendo que a discussão se prolongaria. – Estarei na cola deles. Você não vai perdê-la de vista.

O ronco barulhento da velha F-100 ajudou a encerrar a disputa verbal. Flávia meneou a cabeça e seguiu pra o carro de Léo, demonstrando sua discordância. Melanie e Ariela correram para a caminhonete. Melanie entrou primeiro e ficou no meio de Julian e a amiga. Léo abriu a porta e empurrou o banco para frente, para que Nicolas entrasse. Instantes depois já estavam seguindo para a rua principal de Monte Seco.

A velha F-100 voava pelas estradas poeirentas que levavam até a fazenda. A poeira, a falta de conhecimento da estrada e a pressa do motorista da caminhonete colaboravam para dificultar Léo de acompanhar Julian.

Nem mesmo se estivesse no meio do deserto, entre Paris/Dakar, no interior de um fabuloso Jipe Cherokee ao lado de Matt Dallas, seu ator preferido, faria com que Melanie sentisse mais emoção do que estava sentindo agora. Estava em uma estrada rural cheia de buracos, dentro de uma velha caminhonete empoeirada e ao seu lado Julian, o garoto que prometeu protegê-la de qualquer coisa, mesmo que isso lhe custasse à própria existência. Melanie estava feliz, apesar da sensação desconfortável de ameaça que lhe atingia até os ossos. Ela olhava para Julian que dirigia concentrado na estrada e sentia sua preocupação. A todo instante ele olhava pelo retrovisor e pelas laterais, tentando identificar qualquer sinal de perigo. Ariela, por sua vez, parecia se divertir. Melanie ao olhar para amiga poderia até perceber sua euforia a cada curva ou o desvio que Julian precisava fazer de algum buraco na estrada. Melanie calculava quantos “Uau!”, Ariela já deveria ter dito em pensamento.

Estavam na metade do caminho, tudo estava bem. Mesmo não sendo mais noite de lua cheia, nenhuma alma viva trafegava pela estrada. Estavam passando por entre duas plantações de milho. A estrada era estreita e escura.

Ariela colocava as mãos para fora e quase podia tocar as espigas.

Julian observa pela enésima vez no retrovisor e notou, logo atrás do carro de Léo, uma solitária luz no centro da rua. A nuvem de poeira que se levantou pela passagem dos dois veículos dificultava sua visão. Poderia ser um dos habitantes do local com um dos faróis com defeito, coisa normal de acontecer por ali. Melanie percebeu a insistência de Julian em olhar pelo retrovisor. Ela olhou para trás e viu o carro do investigador um pouco distante.

- Não é melhor ir devagar? – Sugeriu Melanie. – Não estamos numa corrida.

Julian olhou para Melanie preocupado.

- Tem um carro vindo logo atrás do carro deles.

Melanie e Ariela olharam para trás.

- Onde? – Perguntou Ariela.

- Quase não dá pra ver. A poeira não deixa.

- Mas não deve ser nada, não é? – Perguntou Melanie.

- Deve ser alguém que mora em uma dessas fazendas. – Analisou Ariela.

- Melhor esperar eles chegarem mais perto. – Sugeriu Melanie pensando nos ocupantes do Monza.

- Tem razão. – Respondeu Julian pisando no freio e diminuindo gradativamente a velocidade.

Léo também já havia notado que tinha um veículo atrás do seu carro. Flávia mantinha o sexto sentido de mãe em alerta. O investigador percebeu que a caminhonete estava diminuindo a velocidade e aproveitou para se aproximar. Quando chegou a distância de uns trinta metros sentiu o barulho de um motor passando velozmente ao seu lado. Léo olhou para frente e iluminada pela luz do seu farol ele viu uma moto com dois ocupantes. Era uma linda moto vermelha: uma Ducati 999. Léo entendia de motos e sabia que não era normal uma moto como aquela, transitando por ali. Ele forçou a visão e viu a pessoa que ocupava a garupa. Era uma mulher loira, de longos cabelos esvoaçantes, usando um vestido de festa, que mais parecia uma modelo.

Julian olhando pelo retrovisor avistou a moto ultrapassar o carro de Léo. Não deu tempo de alçar maior velocidade e a moto emparelhou com a caminhonete. Melanie olhou pela janela lateral e reconheceu os ocupantes. A garota loira era Charlotte e condutor da moto era Camuel.

O vampiro olhou para Julian e fez sinal para que ele encostasse a caminhonete. Julian, pelo contrário, acelerou jogando a F-100 sobre a moto. Camuel conseguiu evitar o choque. Charlotte saltou da garupa da Ducati até a carroceria da caminhonete. Ariela assustou-se com a batida da descida da vampira e abraçou fortemente Melanie.

- Ariela, me solta. – Pediu Melanie com dificuldades para respirar.

- Estou com medo. – Confessou quase chorando a menina, mas soltando a amiga.

Camuel seguiu com a moto na frente da caminhonete e se mantinha a uma distancia segura, evitando que Julian batesse na sua roda traseira. Flávia desesperada no carro de trás gritava por Melanie. Léo acelerava o carro, mas a estrada dificultava suas manobras. Charlotte equilibrava-se atrás da caminhonete.

- Pare essa carroça! – Gritou a francesa tentando segurar Julian com uma das mãos.

Julian tentava se desvencilhar da mão de Charlotte e passou a fazer manobras bruscas a fim de derrubar a vampira. O barulho do potente motor da Ducati causava arrepios em Melanie. Ela olhou para trás preocupada com a mãe e o irmão. Mesmo com a nuvem de poeira e de Charlotte tapando sua visão, conseguiu ver o carro de Léo. O seu medo era que outros vampiros conseguissem parar o Monza.

- Pare essa lata velha, bastard. – Repetiu a francesa.

Julian virou o volante em um movimento brusco, fazendo com que a velha F-100 quase tombasse, saindo da estrada. Charlotte, mesmo sendo uma forte vampira, foi arremessada longe. Dentro da cabine da caminhonete Melanie e Ariela gritavam em desespero. Julian tinha as mãos trêmulas agarradas ao volante. Camuel percebeu a manobra e pára com a moto, ele vê a caminhonete quase parando, sem Charlotte em cima da carroceria. O vampiro range os dentes. O carro de Léo, que seguia atrás pára junto à caminhonete.

- Fique aqui dentro com o seu filho. – Ordenou Léo, sacando a arma e abrindo a porta. – Deixa que eu resolva isso.

O investigador desce e com cautela aproxima-se da caminhonete, que agora permanecia parada no meio da nuvem de poeira que já estava se dissipando. Léo chega ao lado da porta do motorista e vê Julian tentando acalmar as garotas.

- Vocês estão bem? – Perguntou Léo.

- Não! – Gritou desesperada Ariela. – Eu quero sair daqui.

- Calma garota. – Pediu Julian – Logo vamos sair, calma.

- Minha mãe e o Nic, como estão? – Perguntou Melanie olhando na direção do carro de Léo.

- Estão bem. – Respondeu o investigador.

Um movimento no meio da plantação chamou a atenção de todos. Eles olharam para onde o algo se mexia. Viram Charlotte, com olhar febril, saindo entre os pés de milho. Ela tinha charme no andar e torpeza no rosto. Poderia saltar sobre eles a qualquer momento. Léo apontou a arma na direção da vampira. Charlotte parou e lançou para o investigador um sorriso carregado de escárnio. A vampira movimentou-se tão rápido que não deu tempo nem de Léo piscar e ela já estava na sua frente, cara a cara com ele.

- Vai atirar em mim, mon cherrie? – Perguntou à francesa entortando o pescoço e olhando, profundamente, nos olhos de Léo.

Ele pôde sentir seu hálito gélido. Estava prestes a atirar, mas sentiu sua mão amolecer. Não tinha força nem para mover o dedo junto ao gatilho. Charlotte mirou na veia que pulsava no pescoço do investigador. Suas presas ficaram a mostra.

- Charlotte! – Gritou Camuel. - Saia de perto desse homem.

A vampira, passando a língua entre os dentes, afastou-se encarando Léo. O investigador fecha e abre rapidamente os olhos, como querendo acordar de um pesadelo.

- Meu Deus! Que coisa é você? – Perguntou Léo ainda com a arma apontada para Charlotte.

- Calma! – Pediu Camuel. – Mesmo por que sua arma não pode feri-la, policial.

- Não tenho tanta certeza. – Respondeu Léo apontando a arma, alternadamente, para os vampiros.

- Eu vou chegar mais perto. – Avisou Camuel. – Precisamos conversar.

Os ocupantes da caminhonete ficaram em alerta observando a aproximação de Camuel. O vampiro caminhava até a F-100 com as mãos levantadas, indicando suas intenções de paz.

- Por favor. Peço que me escutem. Não estamos aqui para lutar. Nem fazer mal para ninguém.

Camuel pára em frente à caminhonete e olha para Melanie.

- O que eu disse pra você? – Perguntou Camuel. – Não te disse que não deixaria mal algum te acontecer?

Melanie respondeu concordando com um aceno de cabeça. Camuel caminha até próximo de onde estava Léo, junto à porta do motorista.

- Precisamos acertar algumas coisas. – Disse Camuel olhando para Julian – Os que estão por vir até vocês não serão nem um pouco amistosos.

- Você não tem noção do que está dizendo? – Disse Julian saindo da caminhonete. – O que te faz pensar que vamos confiar em vocês?

- Eu e a francesa poderíamos estar bem longe daqui. – Respondeu Camuel sempre procurando se deparar com os olhos de Melanie. – Mas eu fiz uma promessa que pretendo cumprir.

Melanie com muito custo conseguiu que Ariela saísse da caminhonete. Ela saiu também na sequência e se colocou atrás de Julian. Flávia vendo a filha sair da caminhonete, fez o mesmo, seguindo até onde o grupo estava. Mas não antes de mandar Nicolas ficar abaixado dentro do carro.

- Não é preciso que eu diga que nosso tempo é curto. Cada minuto que estamos perdendo, por eu ter que explicar minhas boas intenções, fará com que aqueles que querem a destruição de todos vocês, fiquem cada vez mais perto de concluí-la.

- Vocês sabem quem são esses dois malucos? – Perguntou Léo ao perceber Flávia agarrando-se em seu braço. Melanie olhou para o vampiro e Camuel consentiu com seu olhar, que ela falasse o que fosse preciso.

- Eles estavam no depósito.

Léo olhou fixamente para Camuel. A imagem do vampiro surgiu em sua mente. Léo lembrou que foi salvo por ele do fogo que consumiu o velho depósito. O investigador, independente de qualquer coisa, tinha uma dívida para com aquele que estava em sua frente. Camuel reconheceu os pensamentos de Léo. O vampiro sorriu compreendendo que o homem não mais o afrontaria.

- Para onde estavam indo? – Perguntou o vampiro.

- Não falem nada. – Adiantou-se Flávia.

Camuel voltou sua atenção para ela.

- Quer que eles ajam como você costuma fazer, mulher? – Disse Camuel olhando para Flávia. – Nunca dizendo nada. Não deixando as pessoas saberem dos seus mais sórdidos segredos.

Flávia engoliu em seco.

- Não sei do que você está falando. – Respondeu insegura. Ela sabia muito bem sobre que o estranho mencionava. Os segredos que por muito tempo manteve oculto da filha, agora estavam batendo em sua porta.

- Quer que eu esclareça as coisas para a Melanie? Quer que eu fale para sua filha quem é...

- Calado! – Gritou Flávia interrompendo o vampiro. – Não se atreva a falar qualquer coisa que coloque minha filha contra mim.

Melanie acompanhava a conversa, mas custava a assimilar o que estava sendo dito. Muitas coisas fora do comum foram despejadas diante dela neste dias. Mas isso, de que a mãe escondia alguma coisa dela a deixava aturdida.

- Do que ele está falando, mãe? – Perguntou a garota.

- Está falando bobagem, minha filha. Deve estar drogado para falar tanta asneira.

- O tempo está passando. – Continuou Camuel. – Querem a nossa ajuda ou preferem enfrentar tudo, sozinhos?

- Como confiar em vocês? – Respondeu Julian. – Não são dignos de confiança.

- Eu disse, Camuel. – Interrompeu Charlotte. – Não deveria se importar com esses miserables. Não merecem a sua preocupação.

- Mas eles sabem que nos conhecemos muito bem quem terão que enfrentar.

- E quem disse que vocês estariam realmente dispostos a enfrentar os da mesma raça? – Reafirmou Julian.

- Como justamente você pode me fazer essa pergunta? – Devolveu capcioso Camuel. - Você não fez o mesmo? Não enfrentou um da própria raça?

Julian era consciente de que o vampiro tinha razão. Um forte motivo fez com que ele se voltasse contra um da própria espécie. Mas acreditar que Camuel e Charlotte tinham boas intenções era outra estória.

- Poderiam ajudar, começando a nos dizer do que estamos fugindo? – Sugeriu Léo.

- Eles ainda não sabem? – Perguntou Camuel olhando para Melanie.

- Não. – Respondeu ela. – Eu nem sei como contar.

O vampiro riu. A situação era bem mais desfavorável do que ele havia imaginado.

- Vamos sair daqui. – Sugeriu Camuel. – Neste lugar vocês parecem alvos fáceis demais.

- Estávamos indo para a fazenda de Julian. – Disse Melanie já percebendo o descontentamento da mãe.

- Conveniente. – Ponderou Camuel. – Mas ineficaz. Será o primeiro lugar que irão procurá-los.

- Mas lá poderemos nos defender. – Retrucou Julian.

- Por quanto tempo? – Disse provocando Camuel.

- O suficiente para protegê-la. – Respondeu Julian puxando Melanie e a enlaçando com os braços.

O ar de superioridade dissipou-se do rosto de Camuel. Ele sim, deveria proteger Melanie. Lutaria por ela. Não este que agora a tomava em seus braços. O garoto lobo acabara de conhecê-la, já ele, o vampiro, esteve próximo a ela desde quando era ainda um bebê. Não era correto o que se sucedia. Mas por hora, pelo bem da garota, deixaria como estava.

- Vamos para esse lugar. – Deu a ordem Camuel. – Você segue na frente e avisa que estamos do mesmo lado. – Continuou agora olhando pra Julian. – Pelo menos, por enquanto.

- Não pense que irão te receber com danças e músicas. – Respondeu Julian.

- Certamente que não. – Disse Camuel o encarando. – A festa de verdade só acontecerá mais tarde, quando os que não foram convidados quiserem entrar.

Camuel deu as costas e seguiu para onde havia deixado à moto. Charlotte, com seu andar majestoso, foi atrás.

- O que faremos? – Perguntou Melanie.

- Continuaremos com o planejado. – Respondeu Julian a apertando com seu braço. – Vamos para fazenda. Só não sei o que dizer para minha avó sobre esses dois.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO – SOBRE NÓS DOIS E O RESTO DO MUNDO.

Como explicar o que parece não ter explicação?

Três veículos passaram pelo grande portão da entrada da fazenda. Mas apenas um aproximou-se e parou diante da casa principal. Julian desceu da caminhonete e foi recebido pela prima.

- Cada vez mais eu percebo o quanto você se tornou um idiota, depois que conheceu a esquisitinha. – Proferiu contrariada Angelique. – É uma besteira atrás da outra.

- Pode até ser, Angelique, mas agora não tenho tempo para discutir com você.

- O que você está planejando?

- Depois eu explico. Cadê a nossa avó?

- Está lá dentro preocupada com você. Como sempre.

Julian segue para a casa principal. O interior da casa era mais claro e arejado do que poderia se supor, ao constatar-lá de fora. A sala grande, na composição de seus móveis, era um misto de passado e modernidade. Ao entrar Julian colocou as chaves da caminhonete ao lado de uma TV de vinte e nove polegadas, de tela plana que estava sobre a cômoda de vinhático com entalhes nas gavetas, encostada na parede, próximo à porta. Ele percebeu a imagem de Agnes refletida no clássico espelho de moldura império. Ela estava sentada em uma cadeira antiga torneada. O garoto temia olhar diretamente para a avó.

- Por que demorou tanto, Julian?

- Preciso falar com a senhora. – Respondeu sem ainda saber como entrar no assunto.

- Você me pediu pra trazer a garota pra cá. Eu concordei e quase tive que me proteger do meu próprio filho. Não me venha com mais nada. Não quero enfrentar Marcus de novo.

- Eu sei minha avó. – Respondeu o garoto sentando no sofá de frente à Agnes. – Está sendo muito difícil para senhora.

- Então fala logo. – Ordenou Agnes após um longo suspiro.

Julian levou as mãos à cabeça. Não sabia como começar. Levantou, deu dois passos para o lado e voltou a sentar.

- Eu posso ajudar. – Disse Alexander entrando na sala com roupas limpas e cabelos penteados.

- Não precisa se incomodar, Alexander. – Respondeu Agnes reparando na beleza jovial de Alexander. – Deve ser mais uma encrenca das que o meu neto está acostumado a se meter.

- Não, minha amiga Agnes. – Respondeu Alexander se aproximando de Julian. – Eu posso ajudar sim. Sei do que se trata.

Julian levantou novamente. As palavras e o olhar de Alexander inspiravam confiança e ele precisava, mais do que tudo, de qualquer tipo de ajuda. Afinal, seu coração estava aflito por não estar ao lado de Melanie.

- O que você está dizendo? – Perguntou a velha senhora para o jovem a sua frente. – O que mais está acontecendo?

- A garota está lá fora? – Perguntou Alexander, recebendo a confirmação de um aceno de cabeça dado por Julian. – Tem mais alguém com ela, certo?

- A mãe, o irmão e um policial. – Respondeu Julian.

- E mais alguém? – Indagou Alexander sentando no sofá.

Julian olha para a avó e nota toda a surpresa que ela mantém no rosto. Ele apenas confirma com outro aceno de cabeça.

- E quem é? – Continuou Alexander.

- Vampiros. – Pronunciou Julian entre os dentes.

- Os vampiros já estão aí? – Perguntou Agnes tencionando se levantar. – Preciso avisar os outros.

Alexander segurou no braço da velha senhora e com um sorriso tranqüilo indica que ela não se levante. Agnes, ainda muito nervosa, compreende e permanece sentada.

- Tenha calma, Agnes. – Falou brandamente Alexander. – Estes vampiros que estão à sua porta, poderá permitir que entrem. Estão comigo.

Um sentimento indescritível se apossou da mulher. Como poderia ela entender que Alexander, o jovem que conquistou sua confiança, estava pactuando com os sórdidos inimigos da família? Ele, Alexander, era o primórdio de todos os lobos e foi humilhado e traído pela raça dos vampiros. Como poderia se aliar a eles? Alexander considerou todas as objeções de Agnes. Era melhor asseverar suas intenções em relação aos vampiros que aguardavam do lado de fora.

- Não me tenha por indigno, velha amiga. – Continuou Alexander. – Não é de hoje que eles servem aos meus propósitos, para o bem o maior a nosso favor.

- Como isso é possível? – Contestou Agnes. – São seres desprezíveis. Não merecem nossa confiança.

- Entendo sua preocupação. Afinal, muitos dos seus tombaram nesta guerra cruel. E se depender de mim, farei o que estiver ao meu alcance para que isso aconteça o menos possível. Mas, neste momento, você precisa ter confiança em mim.

Agnes compreendeu as palavras de Alexander. Ela admitia em seus pensamentos que a guerra estava mais próxima possível de retomar a acontecer. Seria travada bem ali mesmo, naquela fazenda, diante dos seus olhos cansados. Além do mais, ela depositava sua confiança no amigo de outros tempos.

- O que devemos fazer, Alexander. – Perguntou com a voz embargada a velha mulher.

- Você precisa deixá-los entrar. – Respondeu apiedado Alexander. – Todos eles. A garota, seus familiares e os quatro vampiros.

- Dois. – Interrompeu Julian – Dois vampiros.

Alexander aquiesceu com um leve gesto de cabeça. Ele sentia a tensão que se apossava de Julian. A preocupação que o garoto sentia, por ter deixado Melanie a mercê do perigo, transparecia em seu rosto.

- Não tenha medo, rapaz. – Disse Alexander. – Eles ainda não estão por perto. Ela não corre perigo eminente. Mas precisamos nos apressar.

A noite exalava um ar pesado. O medo do que estava por vir embaralhava os sentimentos; Melanie considerava em seu íntimo muitas das coisas que vivenciou nos últimos dias. Se contasse a alguma de suas amigas, passaria até por mentirosa. A garota não sabia identificar como ainda estava de pé e não escondida debaixo das cobertas. Ariela segurava apertado à sua mão, Melanie compreendia o medo da nova amiga; ela também sentia necessidade de segurar em algo que lhe desse segurança: a mão de Julian, por exemplo. Mas a presença marcante de Camuel, sempre a encarando, trazia uma sensação desconfortável e conflitante; Melanie conhecia, mas não compreendia a natureza das intenções do vampiro.

O barulho do motor de outra possante moto surge de repente, cortando o silêncio constrangedor. Todos se alvoroçam, menos os dois vampiros; eles sabiam quem se aproximava.

Julian recebeu a aprovação da avó para recolher Melanie e o restante da sua família. Os vampiros deverão ficar fora da casa principal. Alexander deverá recepcioná-los, já que é o único que tem influência sobre a rebeldia de Marcus, evitando assim, um confronto entre os lobos e os indesejáveis visitantes. Julian segue ao encontro de Melanie. Ao chegar, percebe a reunião dos quatro vampiros ao lado das duas motos. Miguel e Rania juntaram-se ao grupo. Entendeu neste momento, o quê Alexander havia dito sobre quantos vampiros aguardavam do lado de fora.

- Vamos entrar? – Convidou a todos Julian, mas com os olhos fixos em Melanie. Ninguém fez um movimento sequer. Sentiam-se inseguros sobre o que aconteceria a seguir. Não sabiam, ao certo, o que cada um deveria fazer.

- O que aconteceu? – Perguntou preocupado Julian. – Precisamos entrar.

Julian olhou para os vampiros.

- Alexander está esperando vocês em frente à casa. – Depois voltou a olhar para Melanie. – Você e sua família vêm comigo.

Julian estendeu a mão na direção de Melanie. A garota, instintivamente, a segurou, sentindo seu calor num aperto suave. Melanie aproximou-se de Julian. Os dois entreolharam-se e seguiram para casa principal. Seguidos por Flávia e os demais. Os vampiros mantiveram uma pequena distância, mas seguiram atrás.

Um pouco mais de uma hora já havia se passado. A eminência do ataque dos vampiros liderados por Alexia causava uma sensação angustiante em todos os ocupantes da fazenda. Melanie e Ariela foram acomodadas no quarto de Angelique. As duas permaneciam sentadas na cama que Julian levou até o quarto. Angelique estava de frente para elas, sentada em sua própria cama. O quarto era simples, mas aconchegante. Além das camas, um pequeno guarda roupas e uma mesinha com objetos pessoais de Angelique. Apesar disso, o desconforto que sentiam era evidente. Melanie estava no quarto de uma estranha, que visivelmente, não simpatizava com ela. Ariela era a única que de vez em quando movia-se até a janela e espionava a escuridão. Foi isso que ela fez novamente.

- Estou morrendo de medo. – Revelou Ariela cortando o silêncio. – Mas não sei do quê.

- Por que não volta e senta aqui. – Sugeriu Melanie. – Ajuda se não ficar imaginando coisas.

- Não estou imaginando nada. – Respondeu a garota voltando a sentar ao lado da amiga. – Mas sinto um aperto no coração. Quando isso acontece, eu fico com tanta fome.

Melanie não sabia o que dizer, a casa não era sua. Apenas olhou, cautelosamente, para Angelique, na torcida de que a garota se tocasse e oferecesse algo para Ariela comer. Ariela percebeu o gesto de Melanie, colocou a mão sobre a barriga e caprichou na expressão de coitadinha. Angelique torceu o nariz, balançando a cabeça.

- Fiquem aqui que vou ver o que tem na cozinha. – Disse contrariada Angelique.

- Valeu mesmo. – Agradeceu uma sorridente Ariela. – Seja o que for, pode trazer dois.

- Ariela, não abuse. – Sugeriu Melanie.

- Não é abuso. É fome. – Respondeu a garota. – Se eu fico nervosa eu tenho que comer. Fazer o quê?

Angelique demonstrou toda sua irritação ao abrir a porta.

- Ah! E se tiver um refrigerante, eu aceito. – Continuou Ariela. – Light, por favor.

Angelique fechou a porta de cara amarrada. Ariela olhou para amiga e percebeu sua expressão de surpresa.

- O que foi? Light, sim. – Tentou explicar. – Estou de regime.

Melanie riu. Só mesmo Ariela para tirar um pouco da tensão que ela sentia.

O grupo de homens lobos estava fechado como em um círculo dentro de um dos alojamentos. Marcus estava entre eles.

- Há muito tempo tenho falado pra vocês sobre isso. Minha mãe já na era mais a mesma. Está senil. – Marcus falava olhando um a um do grupo. – Sou o primeiro a ser grato por tudo que ela fez a essa família. Mas passou da hora de me deixar conduzir nossos interesses.

Os demais membros presentes concordavam com suas palavras.

- Vampiros debaixo do nosso teto. Meu pai jamais deixaria isso acontecer. Se eu estivesse no comando da família jamais permitiria a presença desses abjetos entre nós.

- Nossa sorte então, você ainda não comandar essa casa, Marcus. - Alexander aproxima-se, com Julian logo atrás. – Vamos precisar de todos para defender esse lugar.

Marcus rilha os dentes enquanto observa Alexander e o sobrinho adentrando ao círculo.

- Isso está acontecendo por culpa desse insolente. – Marcus aponta para Julian.

– Ele trouxe esta ameaça até nós.

- Engano seu, meu amigo. – Retrucou Alexander. –Se precisa culpar alguém. Culpe a mim. Fui eu que trouxe esta ameaça até vocês.

Marcus e os demais ficaram em silêncio. Ninguém se atreveria defrontar Alexander.

- Mas entendam que foi preciso isso acontecer. – Continuou Alexander. – Eu necessito da ajuda de vocês. Temos que unir nossas habilidades para tentar defender essa casa. Defender nossas vidas. Nossa descendência.

Alexander segurou no ombro de Julian e com um movimento o impulsionou para o centro do círculo.

- Este garoto pode parecer ser o mais fraco entre vocês. – Prosseguiu Alexander. – Mas está sobre ele a tarefa principal de nos manter vivos.

Marcus e os outros membros riem, escarnecendo. Julian sente seu corpo queimar. Sua vontade é jogar-se sobre Marcus e mostrar sua força, mas consegue conter-se.

- Dei a entender que estava contando alguma piada? – Enfatizou Alexander demonstrando seu desagravo. – Foi esse o motivo pelo qual riram?

Todos retiram os sorrisos da face, incluindo Marcus.

- Tenho respeito por você, Alexander. – Disse Marcus. – Mas o que acabou de dizer não tem sentido. Esse imprestável não tem serventia para nada. Quanto mais salvar a todos nós.

- Compartilho do mesmo respeito por você, Marcus. – Disse Alexander depositando uma das mãos sobre o ombro de Marcus. Seguidamente olha para todos os demais membros presentes. – Sabem quem eu sou e o que eu já fiz pela nossa raça. Precisam confiar em meu julgamento.

- Seu protegido atacou um da própria espécie. – Enfatizou Aurélio. Marcus encara ferozmente Julian.

- Só fiz o que foi preciso. – Esbravejou Julian - Para defender uma pessoa inocente de um louco...

- Calma, rapaz! – Alexander interrompe Julian. – Isso nós discutiremos em hora oportuna.

Marcus, repentinamente, fareja o ar. Ele sente um cheiro desagradável, porém familiar.

- Vampiros! – Esbraveja Marcus com toda sua raiva.

Os demais homens lobos compreendem o desagravo de Marcus e sentem também as presenças indesejáveis dos quatro vampiros.

- Sim! – Revelou Alexander – São os que vieram comigo. Vão ficar aqui e nenhum de vocês irá se transformar, antes da minha ordem. Compreenderam?

- Isso é inadmissível! – Marcus soca a própria mão. – Não podemos deixar nossa família nas mãos desses miseráveis.

- Assim como todos nós. Tem muito a perder. Acreditem lutarão a nosso favor. Mesmo que contra a vontade e contra sua natureza.

Quando Flávia deparou-se com a figura da velha senhora, muita coisa recôndita voltou a pairar em seus pensamentos. Sabia a razão maior que a trazia ali, naquela fazenda, cercada de estranhos. E o pior, pondo em risco a vida dos filhos e até mesmo ter que enfim, revelar o enfadonho segredo que lhe atormenta. Agnes não lhe direcionava palavra nenhuma naquele instante, mas os olhos inquisidores da velha mulher gritavam reveladores na direção de Flávia. Léo, como sempre, sentado quase que sem se mover ao lado de Flávia, corria os olhos por toda sala, com a intenção de registrar toda informação possível sobre os moradores do lugar. A movimentação inconstante de Nicolas lhe tirava a atenção, vez ou outra; o garoto demonstrava inquietação por estar sentado sem poder fazer nada. Agnes tinha milhões de preocupações em sua mente, a velha senhora sentia o coração apertado por tantos pensamentos turbidos, mas não poderia deixar de confrontar a mulher que estava em sua sala.

- Tem consciência de tudo que está acontecendo? – Perguntou.

- Não senhora. – Respondeu Flávia evitando olhar para Léo. – Estou completamente perdida nessa estória toda.

- Se fosse verdade não estaria aqui nesta fazenda. Não estaria nem nesta cidade.

- Precisei vir até essa maldita cidade, tratar de assuntos urgentes.

- Conseguiu resolver a contento?

Flávia arregala os olhos e percebe a expressão curiosa no rosto de Léo. Até então, não havia encontrado a mulher que convocou sua presença.

- Ainda não. – Respondeu Flávia.

- Sua filha sabe quem realmente ela é?

- Como assim?

- Posso estar enclausurada neste lugar. – Continuou Agnes. – Mas ainda sei o que acontece além dos limites desta fazenda.

- A senhora está enganada...

- Não! Você tem se enganado durante todos esses anos.

- Do que ela está falando? – Perguntou Léo.

- Obviamente que não sei.

- Sabe sim. – Continuou Agnes. – Posso ser uma velha, mas não costumo esquecer o rosto de ninguém. Eu lembro de você.

- A senhora está me confundindo com outra pessoa...

- Olho para você e vejo o quanto são parecidas...

Flávia se levanta e sente o rosto fervilhar, não poderia permitir que a mulher prosseguisse e trouxesse à tona tudo o que ela manteve oculto na mente e no coração.

- Eu sei que estou dentro da sua casa, mas não posso concordar com todas essas coisas que a senhora está dizendo.

- Tenha calma, Flávia. – Pediu Léo a segurando pelo braço. – Sente-se.

- Ele tem razão, é melhor todos mantermos a calma. – Ponderou Agnes. – Vamos precisar.

Flávia respira profundamente e se senta novamente. O passado, realmente, estava a assombrando.

Ariela andava de um lado para o outro dentro do quarto; estava irrequieta pela fome. Melanie mantinha-se pensativa, sentada sobre a cama.

- Ela está demorando. – Disse Ariela pondo a mão sobre a barriga.

- Já deve estar vindo.

- Sei não. Vai ver resolveu ir dormir e esqueceu de nós.

- Acho que não. Ela não iria fazer isso. E esse aqui é o quarto dela.

- Hum... Não confio nessa gente.

- Para ser sincera, não sei mais o que pensar...

Melanie nem terminou a frase e quase sentiu o coração parar. Levou um grande susto ao deparar-se com a imagem de Camuel, parado, sob o peitoril da janela. O vampiro, sutilmente, entra no quarto. Ariela arregala os olhos e engole em seco, em seguida abraça Melanie apertado. Camuel caminha lentamente aproximando-se das duas, Melanie e Ariela recuam até encostarem-se na parede.

- Não te falei para não ter medo de mim? – Falou o vampiro com a nítida expressão de desagravo.

- Falou para ela, não para mim. – Respondeu Ariela com a voz trêmula. – Por isso eu vou sair.

Ariela olhou indecisa para Melanie, que apenas concordou com a cabeça, a garota sai rapidamente do quarto. Camuel caminha de um lado para o outro até que pára diante de Melanie e a segura pelo braço.

- Você ainda não percebeu, Melanie, os sacrifícios que tive que fazer por você?

- Até agora não consegui compreender nada do que você fez. – Respondeu indignada Melanie. - Me levou para aquele lugar horrível, me entregou para aquela mulher que quase me matou. Como posso não ter medo de você?

- Tive meus motivos. Logo você vai entender.

- Isso é uma resposta evasiva. Coisa de quem não tem o que explicar.

Camuel solta o braço de Melanie. Ela aproveita e se afasta.

- Aliás, você não precisa me explicar nada. Já me disse o que você é... Já demonstrou toda a sua lealdade àquela mulher...

- Alexia? Não pense que sou leal a ela. Sou leal a você.

- A mim? – Melanie riu irônica – Não foi o que pareceu. Ela quase acabou comigo e você não fez nada.

- Se eu pudesse, tinha enfrentado Alexia, ali, naquele momento. Mas, o que você não entende, é que não era a hora apropriada.

- E existe uma hora para isso?

- Eu estou aqui, não estou? – Camuel a olha profundamente nos olhos. – Estou aqui por você.

Melanie até desejaria mandar Camuel sumir do mapa, mas as palavras do vampiro pareciam soar verdadeiras. Camuel percebe os pensamentos de Melanie e passa levemente sua mão sobre o seu rosto, afagando-o. A garota vivenciava um misto de sentimentos, proporcionada pela proximidade de Camuel e sua mão gélida. Ela estava prestes a fechar os olhos quando o som da porta abrindo fortemente, a desperta.

- Saia de perto dela. – Gritou Julian adentrando furioso o quarto.

Camuel esboça um sorriso sinuoso e se afasta de Melanie. Não era hora de provocar briga com o garoto lobo. Isso teria o momento certo. Julian estremecia, demonstrando toda a sua aversão ao vampiro. Camuel olha mais uma vez nos olhos de Melanie e segue até janela,

saltando em seguida. Julian fecha a porta e caminha indignado até a janela, a fim de observar o distanciamento de Camuel. Depois se aproxima de Melanie.

- Não acredito, Melanie! – Despejou Julian seu descontentamento. – Você está dando ouvidos a esse cara.

- Não! Claro que não. – Respondeu Melanie gaguejando.

- Não dá para confiar nele... Em nenhum deles. Entende?

- Entendo. Eu nem sei por que ele veio aqui. Juro.

- A culpa é minha. – Julian se senta na cama. – Não devia ter deixado você sozinha.

- Não pense assim, Julian. – Melanie senta ao seu lado e segura em sua mão. – Você não tem culpa de nada.

- Não é como me sinto. As vezes acho que não faço o suficiente para te proteger.

- Claro que faz. Você já me salvou duas vezes, não salvou?

Julian fixa seus olhos nos de Melanie tentando decifrar suas palavras. O que ela queria dizer, realmente, com isso? Será que já sabia da sua condição de maldito? Que ele era um homem-lobo? Não poderia conviver com essa dúvida.

- Como assim? O que você quis dizer?

- Não é preciso tentar entender o que não tem explicação, Julian. Apenas aceitar.

Julian recebeu as palavras e desejava poder acreditar. Melanie seria capaz de amá-lo, mesmo ele sendo o que é? Melanie sabia que sim. Seu coração era todo dele e tê-lo ali, tão perto e solícito, era mais do que tentador. Como poderia resistir? Desligou sua mente de toda complicação que os envolvia, de todo segredo não revelado e com um sussurro inexprimível pediu:

- Me beije...

Não houve tempo de terminar a frase e seus lábios foram silenciados pelos de Julian. Ele a beijou tão forte que inundou todo o seu corpo de desejo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO – AS FLORES DO MAL

Uma vasta pradaria, cercada por montes suntuosos, que ostentavam em seus cumes a inebriante e alva neve. Grandes poças, de uma água límpida, refletiam um movimento fugaz, o tropel de um cavalo negro, um corcel, que se elevava acima de uma nuvem de poeira, pela longa e ameaçadora estrada. O animal era conduzido por uma jovem amedrontada, que a cada metro superado; olhava, insistentemente, para trás: estava sendo perseguida. Quando penetrou na floresta, seus longos cabelos esvoaçavam entre os galhos das altas árvores, às vezes até, sentindo as pontas perniciosas dos mesmos penetrarem no tecido do seu vestido e perfurá-lo. O vestido branco, longo, perfeitamente sedutor, trazia as barras enlameadas e cobria o pêlo do animal, contrastando com seu negrume. Vestido este, que se mostrava como um campo de força, mas que não conseguiria protegê-la por completo.

Os poucos raios do sol crepuscular dissipavam-se entre as árvores, a noite era uma questão de minutos. Quando enfim caiu, com uma teatral cortina de neblina, a jovem pressentiu sua ameaça mais presente. Olhou para sua retaguarda e os avistou montados em seus cavalos velozes, com suas armaduras pesadas e suas espadas mortais, apenas mais um detalhe impulsionava o medo da jovem que a compelia para o centro da floresta: suas presas salientes nos sorrisos ardilosos. Seu cavalo arfava e ela sentia a dificuldade de respirar majorar a cada passada do animal. Os gritos dos cavaleiros e o fragor das patas dos cavalos indicavam que sua sentença estava cada vez mais perto de ser executada.

A escuridão da noite fria abraçava a infortunada jovem, quando num dado momento encontrou-se no centro de uma vasta clareira. Percebendo onde estava, a jovem pára seu cavalo, prende a respiração e soergueu-se na tentativa de avistar seus perseguidores. Estavam eles perfilados, troteando a poucos metros de distância, prontos para atacá-la. A bela jovem fecha os olhos e entrega-se ao seu fatídico destino; com os olhos cerrados podia sentir a respiração dos cavalos e dos cavaleiros que a cercavam. Uma palavra foi dita com instruções de morte e os sons das espadas tilintaram no ar. Mas o que, realmente, a deixava petrificada, era o ranger mortal das presas, que almejavam cravar-se em suas artérias. Esse era seu fim? Em um relance, a avolumada lua no céu, não era mais do que somente uma testemunha do ato prestes a acontecer, era a agora a sua causal salvação.

Tão rápidos quanto um piscar de olhos, os lobos saltaram, ferozmente, sobre os cavaleiros. Os vampiros caíam, um a um, empunhando suas espadas; garras e metal, urros e clamores, entrelaçavam-se em uma sinfonia cruel. A jovem permanecia estagnada, em cima do corcel, observando a batalha: para qualquer lugar que seus olhos miravam, havia dor. Sentiu, de repente, uma sensação inesperada, imprecisa que a preencheu de uma angústia impar: a visão de um lobo recebendo a lâmina de uma espada, que atravessou seu corpo, causando-lhe a morte instantânea. Os olhos da jovem avaliaram discreta e cuidadosamente, o corpo mortalmente ferido do lobo; transformando-se em um rapaz. A bela jovem sussurrou um nome: Julian.

Sufocantes foram os sentimentos que se apoderavam dela nesta hora, tanto que sentiu o corpo arquear para frente, não podendo conter-se sobre o cavalo; então caiu. Antes de desfalecer, presenciou a aproximação daquele que portava a espada coberta de sangue. Ele abaixou-se e sorriu, revelando mais do que suas presas, também seu ódio e prazer pelo que havia feito. Ao se retirar, deixou um presente para a bela jovem: uma rosa vermelha, banhada em sangue. Ela, enfim, fechou os olhos, inundados em lágrimas, mas não sem antes gritar outra vez pelo nome do rapaz:

- Julian!

- O que foi, Melanie? – Perguntou assustado Julian ao acordar de repente. Melanie estava sentada na cama, respirando com dificuldades. – O quê aconteceu?

- Eu... Eu.. – Melanie não conseguia pronunciar as palavras.

- Foi só um sonho... – Julian a abraça. – Eu estou aqui com você.

Melanie deixa-se ser envolvida pelos braços de Julian e chora. Ele a abraça mais forte, compreendendo, que mais do que o sonho ruim, o que a levou às lágrimas foi o acúmulo de situações atípicas que enfrentou, ultimamente.

- Fique calma! Nós pegamos no sono, foi só isso.

A garota sentiu-se protegida e secou as próprias lágrimas, a expressão em seu rosto era um misto de tristeza e alívio, apesar de que a imagem de Julian sendo transpassado por uma espada a mantinha angustiada.

- Tive um pesadelo horrível.

- Com o quê você sonhou?

Quem sabe, quantos problemas mais estariam passando pela cabeça de Julian? Talvez, não fosse o certo ficar o incomodando com um sonho bobo. Afinal, era só um sonho, por mais terrível que fosse. Mas, seu coração a compelia a falar o que vivenciou no estranho sonho.

- Você estava nele. - Melanie hesitou. – Um vampiro atingiu você com uma espada e te feriu.

Julian riu. Melanie fechou a cara.

- O quê? – Perguntou ele ainda sorrindo. – Vampiros não usam mais espadas, isso foi há muito tempo. Sei disso pela minha avó. Ela é uma enciclopédia da nossa e da raça deles. Como dizem vocês, os mais descolados, ela é o Google dos lobos e vampiros.

Melanie teve que rir também. Ela ficou mais surpresa, não da avó ser uma enciclopédia de informações, mas dele saber o que é o Google. Não tinha visto um computador sequer na cidade.

– Você tem razão. Foi só um sonho sem sentido... – Ela olha ao redor. – Como a gente pegou no sono?

- Bom... Nós estávamos aqui, no quarto, sozinhos e daí... – Julian se atrapalhou todo. – Bom... Daí a gente conversou... E conversou mais um pouquinho...

- Eu me lembro do que aconteceu depois.

- Pois é. Ai a gente se... Se...

Melanie sorriu.

- Ai a gente se... – Repetiu ela.

E com um gesto delicado, como se estivesse regendo uma orquestra tentou auxiliar Julian a pronunciar a palavra correta.

- Be... I... Jou... – Pronunciaram os dois.

Julian estava nitidamente corado. Melanie divertia-se vendo o embaraço do rapaz.

- Então a gente se beijou? – Provocou ela.

- Foi. – Ele respirou fundo e olhou firme nos olhos de Melanie. – E sabe de uma coisa? Daria o meu futuro para ter isso de novo.

Melanie não tinha certeza de nada nesta noite, apenas de que também desejava repetir aquele momento. Os dois se aproximam lentamente, até um poder sentir o respirar do outro. Num rompante, Ariela, entra quase derrubando a porta. Esbaforida, a garota tenta pronunciar uma frase, sem sucesso. Melanie ainda aturdida tenta entender as meias palavras, acompanhadas dos gestos de mímica, que Ariela fazia.

- O que foi, Ariela? O que aconteceu?

- Eles... Vindo... – Ariela arregala os olhos e grita. – Meu Deus!

Melanie e Julian entreolham-se, captaram de quem a garota falava; na mesma hora, Julian volta a segurar nas mãos de Melanie.

- Fique aqui, com Ariela.

- Aonde você vai?

- Não posso permitir que cheguem perto de você.

- E de mim também. – Suplicou Ariela. – De mim também.

- Não vou deixar. Podem ter certeza.

- E minha mãe e meu irmão? - Perguntou Melanie desesperada.

- Não saia daqui. Vou trazê-los para cá.

Julian vira-se para sair do quarto e quase tromba com Angelique, ele olha para a prima e passa a mão com ternura em seus cabelos e depois sai. Ariela se joga nos braços de Melanie, enquanto que Angelique corre até a janela e a fecha.

- Vamos ficar bem. – Repetiu várias vezes Angelique, andando aflita de um lado para o outro dentro do quarto. Melanie sentiu todo o medo que atormentava Angelique; com muita dificuldade conseguiu se separar de Ariela e se aproximou da garota de cabelos vermelhos. As duas ficaram frente a frente e Melanie tentou sorrir, mas somente uma lágrima desceu em seu rosto. Angelique apertou os olhos e abraçou a forasteira. Ariela juntou-se a elas no mesmo abraço. Estavam todas envolvidas pelo mesmo sentimento: medo.

O vampiro saltou com toda a raiva estampada em seu rosto. Seu desejo era mais do que só subjugar seu oponente, era liquidá-lo. Sua face pálida pulsava, enquanto ele rangia os aguçados dentes. Seu pensamento revolvía-se em um só nome: Melanie. Camuel, ao depositar, suavemente, os pés no chão; olhou mais uma vez para a janela que acabou de saltar. Ela estava lá dentro com ele, o lobo intrometido.

Seus companheiros de longa data, não demoraram a perceber sua decepção, ao constatarem sua aproximação.

- Algum problema, Cherry? – Perguntou Charlotte, mesmo antes de Camuel chegar perto.

- Nada que eu não possa resolver, mais tarde - Respondeu enfurecido Camuel.

- Eu disse a você, man. – Avisou Miguel. – O lobo seria um problema e a humana... Essa nem se fala.

- Lá vem o vidente com a mesma conversa. – Disse Rania entortando a cara.

- Mas é isso mesmo, darling. – Completou o americano. – Eu sempre aviso e ninguém me escuta.

- Ninguém escuta por que, raramente, você dá uma dentro. – Jogou logo na cara Chalotte.

- Mas nessas raras vezes, sweet, fui eu que livreí vocês de desaparecerem deste mundo.

As duas ficaram em silêncio por que sabiam que tratava-se da verdade. Miguel olha para Camuel e segura em seu ombro.

- Por isso vou te avisar de novo, brou. Tome cuidado com os dois... Dessa vez, eu vi, nitidamente, o que acontece com você, Camuel... Farei o possível para que não aconteça, mas depende mais de você do que de mim.

- Você nem sabe do que está falando. – Camuel se afasta de Miguel. – Eu faço meu destino. Aceitei proteger a garota, desde quando ela ainda era um bebê, por que eu consigo superar qualquer um que cruze o meu caminho... Qualquer um.

Os vampiros permaneceram em silêncio. Camuel parecia descontrolado, ninguém mais gostaria de falar algo que o contraria-se.

- “Não acredito que esse tolo se apaixonou pela humana.” – Pensou Charlotte, logo percebendo o erro que cometeu, ao deparar-se com os olhos em chamas de Camuel. Ela tenta se desculpar, mas não consegue pronunciar nenhuma palavra; Camuel permanece a olhando por alguns instantes. Todos ficam apreensivos.

- Vou falar com Alexander. – Falou mais calmo Camuel, trazendo alívio para Charlotte. – Rania, você vem comigo, Miguel circule ao redor dos muros, percebo que Iori está por perto e precisa que você o ajude... Só tome cuidado, americano estúpido.

Camuel segue, caminhando alguns passos, parando em seguida.

- Charlotte! – Fala o vampiro sem se virar. – Sabe o que fazer... Coloque os dois para dormir, agora.

Camuel volta a caminhar, Rania o acompanha. Miguel segue na direção do muro. Charlotte, aliviada, obedece saltando em direção à janela do quarto onde estão Melanie e Julian.

Dentro da casa, Flávia, Léo e um adormecido Nicolas, permanecem na presença da velha anfitriã. Agnes revolvía os pensamentos e buscava neles as informações que confirmariam sua suspeitas sobre Flávia. Esta, por sua vez, admitia em seu íntimo, que não deveria ter voltado, novamente, para Monte Seco. Foi um grande erro e aquilo que manteve furtivo da filha, seria exposto em breve.

- Por que voltou? – Perguntou Agnes. – Mas fale a verdade desta vez.

- Eu já lhe disse, senhora. Assuntos pessoais... Do trabalho.

- Você irá presenciar coisas nesta noite que jamais imaginou que poderiam existir. Não tem por que tentar esconder suas verdadeiras razões de estar aqui.

Flávia se levanta e vai até a janela. Permanece olhando a escuridão do lado de fora por alguns instantes. Léo a segue com os olhos.

- Uma pessoa que pertence ao meu passado, exigiu minha presença. – Disse Flávia sem se virar. – Disse que precisava de minha ajuda. Não pude recusar.

- E você a ajudou?

- Não. – Flávia virou-se para a mulher. – Não a encontrei. Na verdade é muito estranho o que aconteceu.

Agnes e Léo permaneceram em silêncio, aguardando que Flávia explicasse o que considerava como “estranho”.

- Cheguei aqui. – Continuou. – Demorei algum tempo tentando encontra-la, até descobrir que já havia morrido há muitos anos. Estou esperando a confirmação do cartório da cidade vizinha, mas é certo que isso aconteceu, realmente.

- Não consegui entender, Flávia. – Adiantou-se Léo. – Como essa pessoa pôde te pedir ajuda, se estava morta?

- Eu também não consigo entender. Mas tenho certeza que era essa pessoa sim.

- O que ela queria de você? – Perguntou Agnes. – Posso saber?

- Também não sei. Como eu disse, não pude encontrá-la.

- Tem alguma coisa que não está encaixando aí. – Revelou seu pensamento Léo.

- Obviamente que sim, policial. – Flávia estava se chateando com tantas desconfianças. – Quando pensei em vir para cá, não imaginei estar numa situação como essa. Estou na casa de gente, completamente, estranha; minha filha correu risco de morte e, pelo que sei até agora, ainda corre. Isso quer dizer, para mim, que tem muita coisa não encaixando. Principalmente, eu e minha família neste lugar.

- Não quis ofendê-la. Também estou tentando ajudar.

Flávia engole o choro. Suas palavras surtiram como um desabafo, mas não tinha a intenção de descontar em Léo; ele está sendo muito atencioso com todos, não merece que ela deposite nele sua revolta e medo. Agnes tem uma certeza em seu velho coração, a mulher não está mentindo, só não está dizendo toda a verdade.

Marcus, Aurélio e os demais parecem confabular alguma coisa, já que estão, explicitamente, contrariados com a presença de vampiros em seu meio. Alexander, depois de argumentar com eles algumas de suas intenções, aproxima-se de Wladmir, que permanece solitário, em um dos cantos do alojamento, observando a movimentação.

- Tem saudades da terra natal? – Pergunta Alexander.

- Wladmir sofrer muito lá. Mas tem saudades sim.

- Sabe o que está prestes a acontecer?

- Sim. Wladmir escuta bem, ouviu tudo que falaram... E conhece pessoas que moram aqui, sabe que estão preocupadas.

- Então tem consciência do que tem que fazer.

- Cuidar de garoto. Este trabalho de Wladmir.

- Isso. Cuidar dele, para que ele cuide dela.

O russo dá a entender que compreendeu o que Alexander quis dizer. Não era necessário ninguém pedir, ele estaria ao lado de Julian.

- Sei da sua lealdade à minha velha amiga Agnes e ao neto dela.

- Gostar de ajudar família.

- Pois, preciso de uma ajuda sua também.

- Wladmir ajuda sim. – Respondeu o russo mesmo sem imaginar no que seria útil ao jovem e educado rapaz.

- Quando as coisas ficarem ruins por aqui. Preciso que você vá até a casa e peça à Agnes algo em meu nome. É só mencionar que foi até ela a meu pedido e ela lhe entregará. Já conversamos a respeito e ela está sabendo do que se trata. Você compreendeu?

- Sim. Ir até casa e pedir à senhora o que moço quer.

- Isso, amigo. Depois entrega aos quatro vampiros que estão comigo.

- Poder confiar. Wladmir faz o que pedir.

Alexander ergue a mão e dá um pequeno tapinha nas costas altas de Waldmir, fechando a rápida conversa. Nisso, os ânimos se alvoroçam dentro do alojamento, Camuel e Rania entram pela porta. Antes que Marcus tomasse qualquer atitude, Alexander interveio.

- Acalmem-se, amigos. – Alertou Alexander. – Não são esses os vossos inimigos.

Os lobos se posicionam, rapidamente, em um longo corredor polonês, por onde passam os dois vampiros. Rosnam e ameaçam, mas Camuel continua firme na direção de Alexander. Rania, mais tensa, segue atrás. Quase no final do corredor polonês, Marcus pára diante de Camuel, obrigando-o a também parar; o vampiro o encara sem medo.

– O deixe passar, Marcus. – Ordenou Alexander.

Marcus fecha o semblante e demonstra em seu olhar que se não fosse por Alexander, ele destruiria Camuel no mesmo instante; o vampiro apenas sorri com o canto da boca. Marcus sai da frente de Camuel, deixando a passagem livre. Ele, então, vai até onde Alexander está.

– Quer alguma coisa, Camue

- Um dos meus, que há muito tempo me acompanha, está lá fora, além dos muros.

- O africano.

- Acredito que deve saber que foi mordido por você. Portanto, agora, é considerado uma...

- Uma aberração. – Interrompe Alexander. – Eu sei. Mas foi preciso, ele me atacou. Não pude evitar. Durante longos e intermináveis anos fiquei sob o controle de Alexia, não poderia deixar algo atrapalhar o que eu já havia planejado.

- Não posso deixá-lo lá fora.

- Também não pode trazê-lo para dentro. Agora ele não é nem vampiro e nem lobo, você sabe.

- Tem outra coisa.

- Certamente que sim. Não seria somente a preocupação com o africano que o trouxe até aqui.

- Aquele garoto está com algo que não pertence a ele.

- E nem a você. Na verdade, não pertence a ninguém, a não ser a ela mesma.

- Eu a respiro desde que ela nasceu. Ele a conhece há alguns dias...

- Não acredito Camuel. – Alexander ri. – Está com ciúmes do garoto.

- Não se trata de ciúmes. – Respondeu irritado Camuel. – Sou o responsável por ela. Nada mais do que isso.

- Você tem que deixar que ela escolha onde quer ficar e com quem quer ficar. É o livre arbítrio.

Camuel movimenta a cabeça, negativamente, demonstrando sua decepção. Alexander o encara seriamente.

- Além do mais, precisamos focar nossas atenções no que irá suceder muito em breve neste lugar. Decidiremos depois, como iremos conduzir esse impasse.

O vampiro dá as costas à Alexander e sai pisando duro. Rania, sem entender muita coisa, sai apressada logo atrás. Os lobos gritam e se divertem observando a irritação de Camuel. Marcus faz um sinal para Alexander, indicando não haver compreendido a atitude dos vampiros, mas ele apenas cruza os braços, pensativo. Camuel não poderia lhe causar mais problemas do que ele já tinha no momento.

Parecia um duelo de olhares. Na cozinha Ariela e Angelique estavam sentadas em lados opostos da mesa. Ariela tinha acabado de lanchar e permanecia com os braços cruzados, caprichando o máximo possível, na cara de mafiosa.

- Quer mais alguma coisa? – Perguntou sarcástica Angelique.

- Estou satisfeita... Por enquanto. – Respondeu Ariela com ar de deboche.

- Engraçado isso. Você nunca tinha posto os pés aqui antes. Deparou comigo muitas vezes na cidade e nunca nem sequer me cumprimentou. Mas, foi só ficar amiguinha da esquisitinha, que está aqui sentada na minha cozinha, achando que está podendo.

- Não estou achando nada. Nem queria estar aqui na cozinha da sua avó. – Deu ênfase à “Avó”. – Queria estar em casa, tranqüila, sem esse bando de gente louca.

- Mas foi da comida desse bando de gente louca que você se satisfaz.

- Isso só quer dizer que gente louca também sabe fazer boa comida, ora.

Angelique não queria, mas teve que rir. Ariela era um entojó, mas também muito sincera. Nisso tinha que dar o braço a torcer.

- Vou até o quarto para ver o que estão fazendo.

- Vai xeretar, não é? – Usou de sinceridade mais uma vez Ariela.

- Não! Só quero ver como estão.

- Deixa os dois sozinhos. Quem sabe está rolando uns beijinhos.

Angelique se levanta, bufando.

- Ela vai beijar a minha mão, isso sim.

Ariela fez beicinho para provocar Angelique enquanto fazia mímica, como se estivesse beijando alguém. Angelique enraivece, ficando com o rosto mais vermelho que seus cabelos. Ela está pronta para sair da cozinha, quando Eliézer, filho de Aurélio, entra correndo.

- Angelique... – Foi só o que falou o menino com a respiração ofegante.

- O que foi garoto?

O garoto Eliézer tinha uns nove ou dez anos de idade. Bastante robusto pelo seu tamanho e Ariela notou suas vestimentas rústicas.

- Calma! O pobrezinho está tentando respirar. – Pediu Ariela notando a dificuldade do garoto em se expressar.

- O que pode ser tão grave assim, para essa urgência toda?

- Angelique, avise sua avó. – Falou o menino com hiatos entre as palavras. – Os vampiros estão chegando.

Angelique e Ariela arregalam os olhos e se olham assustadas. Acabaram ali suas diferenças. As duas concordavam, isso era grave e urgente.

CAPÍTULO VINTE E SEIS – ATÉ QUANDO ESPERAR.

Julian entra correndo na sala e percebe que todos já estavam cientes da eminente ameaça. Léo estava com Nicolas, ainda adormecido, em seus braços. Flávia se mantinha ao lado do policial, com a nítida expressão de não saber o que fazer. Agnes remexia os lábios, como quem faz uma oração. Possivelmente, a velha mulher, pedia toda ajuda possível. Ela, melhor do que ninguém, já havia presenciado lutas sangüinárias, que ceifaram de sua presença entes queridos.

- Vocês precisam vir comigo. – Pediu Julian. – É melhor se ficarem todos juntos.

- Para onde vamos? – Perguntou o policial.
- Melanie está com as meninas no quarto.
- Quero ver minha filha. – Exigiu Flávia.
- Ela está esperando vocês. – Concordou Julian – A senhora vem junto, vó?
- Não, querido. – Responde Agnes. - Ficarei aqui.
- A senhora não pode ficar sozinha.
- Não se preocupe, meu filho. Estarei bem... Apenas cuide destas pessoas.

Julian sente o coração apertar, mas tinha conhecimento da teimosia latente da avó, ela não mudaria de idéia. Restava a ele, reunir Melanie e sua família, para que se mantivessem próximos nesta hora difícil. Julian indica o caminho e Flávia, seguida por Léo, entram pela casa.

Melanie, Angelique e Ariela permaneciam abraçadas no quarto. Quando Melanie avistou Flávia entrando, correu ao seu encontro e a abraçou apertado.

- Estou com medo, mãe.
- Eu também filha.
- Eu passei algumas horas com eles... – Revelou Melanie soluçando. - São maus... Sei do que são capazes.
- Quem são eles? – Perguntou Léo, colocando Nicolas na cama.
- Vampiros. – Falou mais do que rápido Ariela – Eu ouvi o menino chamando eles assim. Vampiros.
- Pare de brincadeira, menina. – Zangou-se Léo. – Não está vendo que todo mundo aqui está nos nervos.

- Não é brincadeira, moço. – Falou uma emburrada Ariela. – Eu só estou dizendo o que o rapaz falou. Ele disse vampiros.

Melanie tinha ainda mais certeza da verdade do que Ariela. Mesmo considerando que a chamariam de inconseqüente, não poderia deixar que a amiga fizesse sozinha, esse papel.

- É verdade, Léo – Revelou Melanie olhando para o investigador e seguidamente para Flávia. – Parece difícil de acreditar, mas são vampiros sim.

Léo não conhecia assim tão bem a filha de Flávia, mas pelo pouco que conviveu com ela, não parecia ser uma dessas garotinhas bobas, loucas para aprontar alguma. E como ela mesma mencionou, parecia ser difícil de acreditar; mas, mesmo assim, Léo não pode deixar de notar sinceridade nos olhos de Melanie. Flávia desejava do fundo do coração, apenas ter ouvido esse nome “vampiro”, em um livro de Bram Stocker ou em algum filme de John Carpenter, mas não era só isso. Já havia se deparado com esse termo há algum tempo atrás. Neste momento, ela tinha a certeza, de que não podia mais ocultar seus fantasmas. Eles não mais a perseguiam, já a tinham alcançado.

- Eu acredito em você, Mel. – Enfatizou Flávia. – Acredito por que já estive com um.

Melanie sentiu o chão sumir debaixo de seus pés. Como isso? A mãe, já esteve com um vampiro? Isso sim, parecia brincadeira de mau gosto. Mas Flávia nunca brincaria numa hora como essa. Então, o que deveria ela pensar?

- Não estou entendendo, mãe. Dá para me explicar?

Flávia senta na cama e passa as mãos sobre os cabelos de Nicolas. Ela evitava olhar para qualquer uma das pessoas no quarto.

- Mãe! Estou esperando. – Insistiu Melanie.

- Calma, Mel! – Pronunciou com dificuldades Flávia. – Não é nada fácil para mim, falar de algo que fiz questão de esquecer.

- Tem alguma com relação ao meu pai?

Flávia fica em silêncio, tentando juntar forças para falar. Julian entra quase sem ser notado no quarto e se posiciona ao lado de Angelique e Ariela. Todos estavam concentrados em Flávia e sua resposta.

- Responda, mãe. Tem relação com meu pai?

- Tem Melanie. – Flávia respirou fundo.

- Então me fala logo.

Flávia piscava sem parar, demonstrando seu nervosismo extremo. Melanie continuava impaciente.

- Fala mãe. – Gritou Melanie.

– Seu pai era um deles. – Explodiu Flávia.

Melanie recebeu a sentença e suas pernas arquearam. Julian percebendo, mais do que depressa, a amparou. Angelique e Ariela levaram a mão à boca quase que ao mesmo tempo. Léo, sem reação, não sabia nem no que pensar.

- Não é só isso. – Continuou Flávia já tomada pelas lágrimas. – Antes quero que você saiba que você e o Nicolas, sempre serão o mais importante para mim. Entendeu?

Melanie, encostada no peito de Julian, não conseguia responder. Apenas demonstrou que havia entendido, ao balançar a cabeça.

- Eu não dei a luz a você. – Flávia revelou soluçando. – Mas serei sempre a sua mãe.

Não era como um sonho, nem como um pesadelo, os sentimentos de Melanie eram inexplicáveis. Julian a confortava, mas ela sentia-se presa em um tufão.

- Você não é minha mãe? – Sua voz quase não saía.

- Biológica não. – Flávia segurou em suas mãos. – Sou sua tia.

O outro filho de Aurélio, Elias, era o encarregado de permanecer em Monte Seco e avisar quando Alexia e seus subordinados chegassem. Assim que os vampiros colocaram os pés na pequena cidade, o rapaz correu para fazenda para contar aos demais. Isso daria uma dianteira e não seriam pegos de surpresa. Dona Carmélia e os outros moradores foram alertados para que não abrissem as portas para ninguém. As ruas da cidade nunca tinham recebido tantos carros de motores potentes. Era um estardalhaço total na rua central de Monte Seco.

Quando Elias chegou, Alexander já tinha conhecimento das notícias que o rapaz portava. Sua irmã vingativa estava muito próxima.

- Então o que faremos, grande Alexander? – Desdenhou Marcus.

- Quero que saibam de uma coisa. – Disse firme Alexander. – Quando transformados atacarão somente os vampiros.

- Nem sempre conseguimos conter nossa fúria. – Argumentou Aurélio. – Nossa sede se torna mais forte do que nós.

Os demais lobos concordaram em uníssono. Marcus observava.

- Querem saber mais de fúria e sede do que eu? – Esbravejou Alexander. – Eu tive que aprender a dominar meus instintos. Vocês nasceram em uma outra época, com a possibilidade da escolha.

Alexander olha para Marcus.

- Não vão usar isso para seus planos de ódio e vingança. Se quiserem atacar algo, concentrem-se nos malditos vampiros.

- Você é como minha mãe, acredita em velhas histórias. – Disse Marcus retribuindo o olhar. – Achem que um fedelho e uma garota insignificante é que vão conduzir nossos destinos.

- Continua querendo bater de frente comigo, Marcus? Mesmo nesta hora que precisamos estar unidos, quer me afrontar. Mas não significa que não tenha medo de mim. Mas, sim, do próprio sobrinho. Sabe que ele é mais forte do que você.

Marcus mantinha um sorriso sarcástico no rosto e um coração abarrotado de ódio. Jamais aceitaria tal conclusão.

Julian fazia o que podia para confortar Melanie. Não desgrudava da garota, mesmo depois dela tê-la sentado na cama de Angelique. Queria ficar ao seu lado, na tentativa de amenizar a dor que as revelações de Flávia estavam causando.

- Como pode ter escondido isso de mim? – Perguntou Melanie chorando.

- Eu não queria que você sofresse. Eu queria te proteger.

- Sempre a mesma história. – Disse Ariela, levando em seguida a mão na boca, percebendo o inconveniente.

- Então, quem é minha mãe? E meu pai?

- Sua mãe chamava-se Fernanda, era minha irmã mais nova. – Confessou Flávia. - Nós vivíamos em um sítio aqui perto, quando eu sua mãe éramos crianças.

- A foto na pousada... Eram vocês... – Deduziu Melanie.

- Sim. Meus pais, eu e Fernanda. Meu avô, que também estava na foto, era amigo da Dona Carmélia.

- E aquela mulher lá no fundo, a de cara amarrada?

- Era a mulher que me fez vir até aqui. Que me ajudou a fugir com você quando Fernanda...
– Flávia hesitou por alguns instantes. – Bem, quando Fernanda...

- Morreu. – Completou Melanie. – Quando minha mãe morreu.

Flávia concordou com um aceno de cabeça. Exceto Julian, que esfregava levemente as mãos trêmulas de Melanie, ninguém mais mexia um músculo, concentrados na história.

- Sim, quando ela morreu... Sua mãe morreu quando você nasceu. Eu estava apavorada pelos acontecimentos que antecederam o seu nascimento, então fugi. Minha intenção era de nunca mais pisar nesta cidade e nem de te magoar contando a verdade.

- A verdade não magoa mais do que a mentira, mãe. E você deveria saber que a mentira sempre aparece.

- Eu tinha esperanças, filha. Não me culpe. Por favor.

- E meu pai. Quem é ele?

- Seu pai apareceu de repente na cidade. No início, ninguém sabia quem era e de onde veio. Tempos depois, já sabiam que o rapaz bonito e elegante, também era um artista, um pintor. Ele comprou uma fazenda, divisa com nosso sítio. Minha irmã ficou encantada com ele, não parava de pensar nele. Ela acordava, dormia, comia, respirava falando o nome dele: Thomas. Era inglês, se não me engano, mas pronunciava muito bem o português. Ninguém estranhou o fato dele só comparecer nas redondezas durante a noite, todos achavam que ele trabalhava muito durante o dia, que tocava sozinho a fazenda, sei lá...

- Como se conheceram?

- Certo dia, teve um casamento e eles dançaram a noite toda. Lembro até que fiquei com ciúmes. – Flávia enxugou as lágrimas. – Era muita devoção que ela tinha por ele.

- E o que aconteceu com ele?

- Quando sua mãe estava grávida de você de uns dois meses, mais ou menos, Thomas comprou o velho seminário e iria restaurá-lo, mas não tinha a intenção de casar com Fernanda. Diziam que ele passava, horas e horas, sozinho lá dentro. Ninguém tinha coragem de entrar no velho prédio, só ele. Um dia, Fernanda resolveu ir até lá, e eu tive que acompanhá-la, ela estava já com uns seis meses de gravidez. Entramos, tentando fazer o menor barulho possível, eu estava morrendo de medo; seguimos até um porão muito escuro e ele estava lá, discutindo com uma mulher.

- Discutindo? – Léo sentiu-se compelido a interromper. – Mas por quê? Pelo que?

- Como poderia saber? Eu nem conhecia ele direito.

- E quem era essa mulher?

- Ela era uma jovem muito bonita, mas assim como Thomas, tinha a pele muito pálida. Fernanda enlouqueceu na hora, brigou, xingou alto até que conseguiu chamar a atenção dos dois. Eu fiquei aterrorizada quando vi o rosto deles. Nunca mais consegui esquecer o rosto daquela mulher, aqueles dentes enormes apontando para mim.

- Mas não souberam nada sobre quem poderia ser essa mulher? – Arriscou perguntar Léo.

- Nunca soubemos, Thomas e ela sumiram no outro dia. Ele apenas deixou um bilhete pedindo para Fernanda desaparecer de Monte Seco... Ele dizia que ela estava em perigo. Mas, minha irmã, era cabeça dura e não acreditou. Ficou durante todos os dias, até você nascer, acreditando que ele voltaria.

- Por isso você fugiu quando ela morreu. – Completou o investigador.

- Meu medo era de que fosse verdade e Melanie também corresse perigo.

Léo, percebendo que Flávia estava esgotada, a abraça com ternura. Ela volta a chorar. Melanie olha para Julian, ansiando que ele pudesse aliviar seu sofrimento. Ele compreende o que seus olhos queriam dizer e aproxima-se de seu ouvido.

- A luz da manhã logo vai chegar e com ela tudo isso vai embora. – Ele sussurrou ainda mais próximo de Melanie. - Menos eu.

Melanie fechou os olhos e acreditou com todas as suas forças nas palavras de Julian. Ela poderia ouvir a voz dele, acima de todos os ruídos do mundo.

Pouca coisa poderia assustar um vampiro, praticamente, nada os faziam recuar. Possuem força, inteligência, rapidez e domínio sobre toda situação; mas, ser mordido por um lobo de pura raça, como Alexander, isso era amedrontador. Poucos existiam no mundo, pode-se contar nos dedos, os tipos de lobos temidos por vampiros. Quando mordidos, imediatamente, transformam-se em aberrações, desprezados por todas as classes de lobos e vampiros. Seus genes combinados produzem em um só corpo o pior de cada raça.

Iori rastejava junto ao muro, suas forças tinham o abandonado desde que seu corpo sofreu as mutações. Ele só tinha um desejo, morrer com dignidade. Miguel ficou o observando por um longo tempo, lembrando das façanhas que viu Iori realizar.

- Man, você está muito mal. – Constatou Miguel de cócoras sobre o muro.

Iori reconheceu a voz de Miguel e apenas consegue balbuciar algumas palavras desconexas.

- Camuel mandou te ajudar. Mas não sei como, velho amigo.

Nem teve tempo suficiente de Miguel reagir e um vampiro saltou de dentro do mato que cercava a fazenda. Empunhando uma espada de prata, sem um mínimo de misericórdia, o vampiro passou por Iori e o feriu, mortalmente. Miguel ainda conseguiu ouvir o vampiro lhe chamar de traidor, antes de sumir, novamente, no mato cerrado. O americano não conseguia lembrar de quando foi à última vez que viu um vampiro, empunhar uma espada. Somente em ocasiões de pompa, nunca em uma guerra. Isso era coisa ultrapassada, de antigos e extintos vampiros.

Miguel, mais do que depressa, foi a procura de Camuel. Alguma coisa precisava ser esclarecida. No caminho esbarrou-se com Charlotte.

- Aonde vai com tanta pressa? – Perguntou ela.

- Acabei de ver um dos guardiões de Alexia, matar Iori... Com uma espada de prata.

- Ela trouxe os guardiões... – Deu-se conta a francesa. - Então está levando a sério essa disputa.

- Somos mais que desertores. Para eles agora, somos traidores.

- Camuel, precisa saber e os malditos lobos também.

- Isso te responde por que eu estava com pressa.

- Mais do que eu gostaria de saber.

Os dois vampiros projetam seus corpos na direção do alojamento dos lobos e saltam. Se antes não tinham tempo, agora parecem não ter mais chance.

CAPÍTULO VINTE E SETE – QUEBRE AS CORRENTES.

Os minutos que passaram, mas arrastaram-se como sendo horas. Estavam todos diante da grande casa. Alexander fez uma rápida contagem, havia vinte e sete lobos na fazenda; contando com ele, Julian e até mesmo Angelique. Quatro vampiros também estariam do seu lado e neste ponto, Alexander, sabia que Camuel e os outros permaneceriam fiéis. Um homem, armado sim, mas somente um. O restante eram mulheres e crianças. Do lado de fora, não se sabia ao certo, quantos existiam. Alexia, seus guardiões e mais uns trinta, quarenta ou até mais vampiros. Não parecia justo.

- Agnes! Você, as mulheres e crianças vão para dentro da casa. – Sugeriu Alexander. – Os demais permanecem aqui, se colocando em pontos estratégicos dentro do pátio.

Alexander olha para Léo e percebe sua arma debaixo da jaqueta. Ele sabia que teria poucas chances a usando, mas toda ajuda era bem vinda.

- Você pode ficar com as mulheres? – Perguntou Alexander à Léo. – Não é bom elas ficarem sozinhas.

- Claro! – Respondeu Léo, colocando a mão sobre a arma. – Ninguém se aproximará delas.

Alexander concordou com a cabeça, mesmo ciente de que foram palavras ao vento. Não seria tão fácil assim mantê-las em segurança. Julian estava com Melanie envolvida em seus braços. Ele não tinha a intenção de deixá-la.

- Ficarei com a Melanie. – Anunciou Julian. - Não vou sair de perto dela.

- Você vai ficar aqui conosco. – Respondeu Alexander e em seguida apontando para Léo. – Ela ficará sobre a responsabilidade deste homem.

- Não! – Respondeu Julian, a abraçando ainda mais forte, quase a fazendo ficar sem ar. – Eles a querem. Então terão que passar por mim. Já disse, não saio de perto dela.

Alexander, contrariado, fechou o semblante, mas sem intenção de continuar a discussão. Percebeu que Julian era turrão e nada o faria desistir da idéia de proteger a garota.

- Isso era mais do que certo. O lobinho vai fugir da luta. – Provocou Marcus.

- Pense o que quiser. - Respondeu indignado Julian. – Não preciso provar nada pra você.
- Não é hora, Marcus. – Tomou as dores Agnes. – Já temos muito com que se preocupar.
- Não interessa aonde ela vai estar. - Continuou Julian. - Me interessa saber que ela vai estar bem.

Marcus demonstrou intenção de revidar, mas os gritos que partiram do lado de fora dos muros desviraram sua atenção. Agnes e o restante das mulheres iniciaram uma correria para casa principal, muitas delas já tinham os filhos adormecidos no interior da casa. Os lobos sob o comando de Alexander espalham-se em pequenos grupos, na tentativa de defender o lugar. Léo segura, levemente, no braço de Flavia e a puxa na direção da entrada, Angelique e Ariela caminham abraçadas e em passos largos, seguindo Flávia e o investigador. Julian percebe a prima quase passando pela porta e a chama:

- Angelique! Espere.

Angelique e Ariela param e se viram para Julian. Ele caminha na direção das duas, mas sem se descuidar de trazer Melanie junto de si, bem próxima e sob seus excessivos cuidados.

- Preciso que você me ajude. – Pediu Julian. – Melanie não pode ficar aqui.
- Para onde quer levá-la? – Perguntou a prima. – Não tem como sair da fazenda agora.
- Eu sei um jeito, só que preciso da sua ajuda.
- Mas você insistiu para que eu viesse para cá. Lembra? – Entrou na conversa Melanie.
- Por favor, quero que você entenda. – Julian se posicionou de frente com ela, colando seus olhos nos de Melanie. – Aqui é muito arriscado para você ficar agora. Eu tinha a esperança que, talvez, os vampiros não conseguissem te encontrar. Mas, eles te seguiram até aqui, por que acham que você será mantida escondida em algum lugar dessa fazenda. Temos ainda algumas horas até amanhecer e neste tempo você precisa ficar longe deles, o máximo possível.
- E eu não posso ficar longe da minha... – Melanie pára uns segundos. – Mãe.

- O policial e o restante da minha família vão proteger sua mãe e seu irmão, com suas vidas, se preciso for. Pretendo fazer o mesmo por você, mas tem que me deixar fazer o certo.

- Está bem. - Melanie não via alternativa, a não ser seguir a intuição de Julian. – Vou com você aonde você for.

- Falando nisso, onde pensa em escondê-la?

- Meu lugar secreto. – Respondeu de imediato.

Bastou o primeiro vampiro surgir, saltando pelo muro, para que a guerra começasse. Um após outro, os vampiros invadiram o pátio da fazenda. Os lobos não perderam tempo e já transformados, revidavam com fúria, cada ataque recebido. Os barulhos cruéis, das lutas sangrentas, ecoavam para dentro da casa principal, trazendo arrepios de medo à todos. As crianças acordaram e gritando, aconchegavam-se nos colos de suas mães. Agnes de joelhos, sentia o peso da desolação, sobre seu frágil corpo. Seria ela capaz de suportar, mais essa sofreguidão, no fim da vida? Nicolas acordou e sem nada entender, estava de pé, ao lado de Flávia, recebendo seu abraço, Léo se mantinha imóvel, junto da janela, com os olhos fixos no que acontecia do lado de fora. Quando foi incumbido de atender a ocorrência na cidade vizinha, jamais imaginou presenciar o que estava diante de seus olhos. O investigador tinha ouvido da amiga de Melanie que vampiros existiam, agora estava vendo, por si mesmo, que era verdade. Os vampiros não só existem, como estavam em luta fatal com lobisomens.

Alexander chamava a atenção mais do que os outros lobos, era maior em proporção e força. Os vampiros temiam se aproximar do grande lobo, sabendo no que se transformariam se Alexander os mordesse. Wladmir sai de dentro da casa, com algo envolvido em um pano, era o favor que Alexander havia pedido. O desproporcional russo aproxima-se de Camuel e entrega ao vampiro, que recebe sem ainda entender.

- Grande lobo mandar entregar para vocês.

- O que é isso?

- Wladmir não saber... Apenas obedece ao que grande lobo pedir.

- Quando foi isso?

- Não saber ao certo... Antes de inimigos chegarem.

Camuel coloca sobre o chão e desenrola o pano. Quatro espadas de prata de antigos guerreiros lobos, resplandecem sob a luz da lua. Prata, a inimiga mortal de ambos os lados. Quando os lobos se transformavam somente nas luas cheias, antes das mutações criadas por Cassius, eram presas fáceis para os vampiros; precisavam da proteção que a prata fornecia.

Camuel entendendo a intenção de Alexander, segura uma das espadas e passa as restantes para Charlotte, Rania e Miguel. Foram considerados traidores e se queriam sobreviver, era necessário destruir seus oponentes por completo, e o fio das espadas de prata, proporcionaria essa vontade.

- Você já usou isso, Camuel?

- Há muito tempo... Era assim que os lobos se defendiam de nós...

- Não é perigoso para nós também. – Perguntou preocupada Rania.

- Obviamente que sim, se forem golpeados com elas. Portanto, não a deixem cair. Suas vidas dependem disso.

Assim que receberam as espadas, os três vampiros avançaram ao centro da batalha e golpearam os primeiros opositores; a espada transpassava seus corpos, causando o ferimento que extirpava suas vidas. A prata corroía suas peles e órgãos, trazendo a morte quase instantânea. Os demais vampiros percebendo isso passaram a tomar mais cuidado ao se posicionarem para enfrentá-los.

Dentro da casa, Agnes tentava acalmar em vão as mulheres.

- Mantenham a calma... Logo vai passar essa tormenta. – Acreditava ela.

O choro de crianças e mulheres não cessava, era uma sensação de agonia e desespero de se presenciar. A velha mulher unia as mãos junto ao peito e mantinha o pensamento nos netos. Onde estariam Julian e Angelique?

Ainda na janela do quarto, Léo observava atento. Flávia, agarrada a Nicolas, improvisava uma oração.

- Isso tudo é uma loucura. – Constatou Léo.

- Como eu pude ter deixado isso acontecer? – Lamentou Flávia em prantos.

- Você não tem culpa, Flávia. – Discordou Léo. – Pelo que eu vejo, isso vem acontecendo há anos.

- Mas minha família não deveria estar no meio disso. Fui eu que os trouxe para cá.

- Você pode ter razão. Mas agora eles estão aqui e você não pode perder a calma.

- Eu odeio a minha irmã por isso.

Não fale bobagens. Se não fosse por ela, você não teria sua filha.

Flávia ponderou que Léo tinha razão, Melanie valeria todos os riscos.

Esgueirando-se pelo mato, Julian e Melanie chegaram até onde ele havia escondido a velha caminhonete F-100. Angelique e Ariela chegaram na seqüência, já que Angelique teve que para muitas vezes, para auxiliar Ariela.

- Eu a deixei aqui, escondida, se fosse preciso. – Avisou Julian.

- Sua intuição estava certa. – Concordou Melanie.

- Vamos ter que tomar o máximo de cuidado. Não posso ir pela estrada.

- Vai ter que seguir pelas fazendas. – Completou Angelique.

- Não vão seguir a gente? – Perguntou uma cansada Ariela.

- Queira Deus que não. – Julian torcia.

- Estamos perdendo tempo com tra la lá... Vamos logo.

Julian e Melanie seguem para cabine e Angelique faz um sinal para Ariela subir na carroceria.

- Eu? – Espantou-se Ariela. – Por que justamente eu?

- Não cabe todo mundo lá dentro, ora. Para caber a senhora, nós duas teremos que ir aí atrás.

- Nossa, Angelique! Isso doeu, sabia?

- Vai doer bem mais se nos pegarem, se você não subir logo.

Ariela derrubou a tromba, novamente.

- Está bem! Já estou indo, Lava Girl.

Angelique torce o nariz e entra na caminhonete. Ariela demora, mas consegue subir também. Julian liga a caminhonete e o barulhento motor, ruge mato adentro. Estava mais do que na hora de partirem.

Marcus e os lobos estavam cercados, Camuel, Charlotte, Rania e Miguel encurralados; a luta havia dado uma trégua e os oponentes apenas se estudavam, antes do embate reiniciar.

- Alguém viu onde está a garota? – Perguntou Camuel, empunhando a espada com as duas mãos.

- Por que se preocupa com isso numa hora dessas, Camuel? – Repreendeu Charlotte.

- Alguém viu onde ela está? – Insistiu o vampiro com mais vigor nas palavras.

- Eu os vi fugindo, por detrás de um barracão há algum tempo. – Revelou Rania.

- Como? Fugindo pra onde? –

- Como posso saber? Não sou eu que tenho o dom de adivinhar as coisas.

- Não sou adivinho. – Refutou Miguel, considerando que o comentário foi para si. – Eu vejo o que realmente vai acontecer.

- Então pode prever como vamos nos livrar dessa? – Ironizou a francesa.

- Fácil. Vou acabar com esses miseráveis e depois cortar a sua língua com essa espada.

- Calem-se – Bradou ferozmente Camuel. Os vampiros adversários riram vendo seus oponentes em discussão.

- Mantenham a calma. – Pediu brandamente Rania. – Não podemos mostrar fraqueza.

- Quem estava com ela?

- Ainda insiste com isso, Camuel? – Perguntou Charlotte.

- Não está vendo que essa é a fraqueza dele, francesa. – Completou o americano.

- Me diga, Rania. O garoto lobo estava com ela?

- Sim. Ele e a menina loba.

- Para que lado eles foram? – Camuel espumava de ódio pela confirmação, mais do que pelo vampiro que o ameaçava a todo instante.

- Foram por ali. – Rania aponta o barracão, um pouco mais afastado. - Não está pensando em ir atrás deles, está?

- Eu preciso.

- Vai fugir da luta, Camuel? – Provocou Charlotte. – Tudo por causa de uma humana sem valor. Nem bonita ela é.

- Por que toda mulher bonita, sendo vampira ou humana, acha que pode dominar o mundo e considera todas as outras, como lixo?

- Por que, Miguel? Por que isso é o que somos.

Charlotte encerra sua frase, ao mesmo tempo em que Alexia, a rainha vampira, desce do céu, como um anjo, uma fada cheia de encantos e repugnância, posicionando-se diante dos vampiros que a servem. Os dois guardiões, com suas espadas de prata, aparecem na sequência e se colocam um de cada lado de Alexia. Camuel considera ser esta a sua chance de sair antes da luta recomeçar e dá um longo salto se projetando até cair em cima do barracão mencionado por Rania. A hungara faz o mesmo. Charlotte e Miguel se olham surpresos.

- Vai fazer isso também? – Perguntou o americano.

- Não! – Respondeu Charlotte. – Não sou de fugir de nenhuma briga.

- Vou ficar aqui com você.

Alexia observa a fuga dos vampiros.

- Pobre Camuel. Pensa que pode fugir de mim.

Alexia olha para os dois guardiões e sinaliza para que fossem atrás dos fujões e eles, prontamente, obedecem. Alexia percorre o olhar ao redor até encontrar com os olhos do irmão, Alexander estava no meio dos lobos ao lado de Marcus, cercados pelos vampiros.

- Alexander! Meu amado irmão. – Gritou a rainha vampira. - Antes tivesse permanecido sob minhas ordens. Ao menos, estaria vivo antes desse dia amanhecer.

O grande lobo não trazia medo nos olhos, estavam transbordantes de aversão por aquela que acabou de chegar.

- Sei que foi você que orquestrou tudo isso. Conseguiu me enganar seu verme, fazendo que eu acreditasse que dependia de mim. Dei meu amor e meu cuidado a você e me paga assim, com traição... Mas, o preço é bem mais caro, Alexander. Vai pagar com a vida.

Alexia solta um grito aterrorizador e se lança na direção do grande lobo. Essa era a hora, a luta mortal entre vampiros e lobos retomou o seu curso.

CAPÍTULO VINTE E OITO – COMO OS PONTEIROS DE UM RELÓGIO.

A caminhonete F-100 cruzava as plantações com destino certo: o lugar secreto de Julian. Ariela se segurava mais o que podia, mas os solavancos e pulos que a caminhonete dava quase a jogavam para fora. A garota sentia seus dedos se desprenderem das laterais onde ela tentava segurar. Não bastasse isso, o vento forte jogava seus cabelos encaracolados no rosto, não contribuindo para que ela verificasse algum perigo, caso os tivessem seguindo. Na cabine, o que se ouvia, era o som das marchas sendo trocadas. Um dos faróis parou de funcionar, pelo mau contato dos fios que os solavancos causaram; isso dificultava, ainda mais, a visão de Julian.

- Não consigo ver nada. – Disse ele.

- Não seria melhor você ir mais devagar. – Sugeriu Melanie.

- Não posso arriscar indo mais devagar. Eles podem estar atrás de nós.

- Indo rápido desse jeito, vai nos matar antes que eles nos alcancem. – Replicou Angelique.

Julian não deu ouvido e continuou acelerando. Angelique cruzou os braços, decidida a não falar mais nada. Se Julian queria assim, por amor deslavado pela forasteira, não seria ela a contrariar. Melanie, angustiada, fechava os olhos imaginando como estariam Flávia e Nicolas.

- Está pensando neles? Sua família? – Perguntou Julian, olhando rapidamente para Melanie.

- Lê pensamentos também? – Respondeu ela com outra pergunta.

- Não é preciso, é só olhar para você.

- Não se preocupe... – Tentou ajudar Angelique. – Quer dizer, se preocupe... Mas não tanto.

- Será que estão bem?

- Aposto que sim. O policial me pareceu bastante decidido a protegê-los.

- Isso é verdade. – Completou Angelique. – O bonitão estava de olho comprido para sua mãe.

Melanie lança um olhar desaprovador para a garota de cabelos vermelhos.

- Não vai me dizer que não gostou. – Brincou Angelique. - Vai ganhar um pai novo, ora.

Melanie imaginou que até não seria uma má idéia e esboçou um meio sorriso para a garota sentada ao seu lado. Tudo acabando bem, isso seria um achado; talvez, a mãe, pegasse menos no seu pé. Isso, obviamente, depois de explicar tudo sobre o lance dos seus verdadeiros pais. Viajava ainda em seus pensamentos, quando sentiu seu corpo sendo jogado para frente com força. Se não tivesse levado as mãos para frente e segurado no painel, teria batido com o rosto no pára-brisa. Julian não viu o enorme buraco e a caminhonete derrapou depois de sofrer o impacto.

- Meu Deus! O que aconteceu, Julian? – Perguntou Angelique se recompondo no assento.

- Não vi o buraco. Quando tentei frear, já era.

Melanie olhou para trás e viu Ariela de pernas para o ar, estendida na carroceria.

- Ariela! Você está bem?

Ariela se senta ainda meio tonta e apalpando o próprio corpo.

- Nossa! Nossa! Nossa! Pode avisar ao Mr. Magôo que eu estou inteira.

- Na era um buraco, Julian, era uma cratera. Como você não viu?

- Não vi Angelique. Não vi. – Respondeu Julian socando o volante. – Você quer dirigir?

- Eu não... Só estou dizendo...

- Não vamos perder a calma, gente. – Abrandou Melanie. – Foi só um buraco.

- Isso aí, cambada. – Gritou lá de trás Ariela. – Não sei se vocês notaram, mas sou a única do lado de fora. Vambora, que eu estou ficando com medo.

Julian passa as mãos pelos cabelos e respira fundo antes de dar, novamente, a ignição. Foi em vão, o motor não dava sinal.

Havia beleza no balé que os vampiros executavam, saltando pelas copas das árvores mais altas. Camuel e Rania seguiam pelo rastro deixado pela caminhonete, no meio das plantações. O vampiro deduziu que foi desse modo que eles escaparam da fazenda, já que por alguma razão não podia sentir o cheiro de Melanie. Os guardiões acompanhavam de longe, evitando serem vistos. Independente de vampiro ou não, sempre se acredita que a surpresa é a eficiência de um bem sucedido ataque.

Camuel estava prestes a acreditar que errou no seu palpite. Talvez tivessem escapado de outro modo, seguindo para outro lado; mas de repente avista a velha caminhonete parada.

- São eles. – Constatou Rania terminando de saltar sobre a mesma árvore de Camuel.

- Maldito lobo, pensa que pode tirá-la de mim.

- Você ou ele, não interessa. Com Alexia por perto vocês não tem chance. Não consegue ver isso? Terminando com os lobos da fazenda, virá atrás da garota e de quem estiver com ela. Espero que Charlotte e Miguel tenham feito o mesmo que nós.

- O quer que eu faça? Quer que eu fuja? Que eu corra?

- Não seria o mais sensato a fazer? Essa garota não vale a pena. Desculpe, mas tenho que concordar com Charlotte.

- Fiz uma promessa, Rania. Sabe o que é isso? Dei minha palavra que permaneceria ao lado dela, independente da situação.

- Alexander logo estará morto. Alexia não permitirá que ele viva, depois de ter recuperado seu vigor. Você estará livre das promessas que fez.

- Você não entende. Acredita que é por Alexander que estou preso a uma promessa?

- Quem mais seria? Além do mais, Camuel, você não costuma compartilhar conosco suas intenções. Se tivesse me contado o que realmente veio fazer neste país, teria vindo com você do mesmo jeito.

- Não podia contar a nenhum de vocês o motivo real. Não até conseguir confiar em vocês.

- Isso quer dizer que ainda não confia?

- Não estou abrindo meu coração para você agora?

Rania não teve tempo de responder e Camuel saltou para a árvore mais próxima de onde a caminhonete estava. A húngara repete o ato.

- Levou todo esse tempo para confiar em mim ou por que não tem opção, já que está tudo, às claras, agora? – Rania lançou a pergunta ao descer sobre a árvore.

- Nem tudo está tão claro como você pensa. – Respondeu Camuel ao estudar cauteloso o interior da caminhonete e não conseguindo captar nenhum movimento.

- Camuel! Camuel! Quanta sujeira ainda está debaixo do seu tapete?

- Não se trata de sujeira. Trata-se de honra, de agradecimento.

- Confesso que estou curiosa e pronta para ouvir.

- Não temos tempo para isso.

Mais uma vez Rania não tem tempo de argumentar. Camuel se lança no ar até pousar ao lado da F-100. Ele circula cuidadosamente o veículo, parando junto à porta do motorista. Rania pousa ao seu lado.

- Ninguém aqui, Camuel. Agora temos tempo para me contar sua estória.

Os primeiros instantes da transformação eram bem mais difíceis para um vampiro. Dias, semanas e até meses de confusão; algo como entrar em uma dimensão totalmente desconhecida. O vampiro que acabou de ser transformado é como um recém nascido; totalmente despreparado e dependente. Cada cheiro, cada imagem, cada som é algo novo e

perturbador. O sangue do vampiro que o mordeu, penetra em suas veias e age como um câncer, duplicando-se e eliminando o sangue humano, até extingui-lo. Neste período, seu corpo meio humano e meio vampiro entra em ebulição, causando desconforto e muita dor, é um novo metabolismo se formando. Se não for forte o suficiente o novo vampiro pode tirar a própria vida, ou pior, querer até se revelar aos humanos, ficando vulnerável a ponto de permitir que o eliminem. Camuel deparou-se com as duas opções.

- Meu avô era de família nobre da Inglaterra. – Relatou à Rania enquanto caminhavam pelo mato. – Um bom homem, admirado pela realeza; um Sir. Mas tinha um grande problema que contribuiu para sua morte e destruição: meu pai.

- Quem diria, hein? Achei que fosse você a ovelha negra da família.

- Meu pai foi além de ser somente a ovelha negra, bem mais além do que se pode supor. Era um “bon vivant”, um rufião como chamavam na época. Depois que casou com minha mãe a maltratava sem trégua, nem ao menos tentava esconder de mim e meus irmãos os abusos que cometia. Alcoólatra e viciado em jogatina, nunca permanecia em casa quando necessário. Desperdiçou as posses do meu avô, vendeu e perdeu nossas terras em jogos enquanto passávamos fome, sem contar que nossa residência estava caindo aos pedaços.

- Quantos anos você tinha?

- Era o irmão mais velho, fui crescendo com esse sofrimento preso na garganta. Nunca tive tanto ódio de alguém, quanto dele.

- O que você fez? Não vá me dizer que matou seu próprio pai.

- Um ano antes de completar a idade que aparento agora, minha mãe morreu. Pneumonia... Deve ter sido por sair no frio para caçar animais ou aves silvestres. Eu trabalhava nas fazendas vizinhas, mas o que ganhava era pouco. Meu pai sumia por longos períodos e quando aparecia tínhamos que esconder o pouco que conseguíamos.

- Matou ou não o velho?

- Acho que posso parar por aqui, já que insiste em terminar a estória.

- Ok desculpe. Estou curiosa, só isso.

- Um dia ele chegou tarde da noite; estava muito estranho, violento. Tinha ficado fora mais de dois meses, e voltou descontrolado. Olhava para mim e meus irmãos diferente. Se antes tinha repulsa por nós, naquela noite seus olhos demonstravam um desejo inexplicável.

- Seu pai era um vampiro.

- Sim. Quando foi transformado, juntou-se nele o pior da sua humanidade com o pior que um vampiro pode se tornar.

- Ele atacou vocês?

- Sem hesitar. Matou meus irmãos pequenos e quando percebi mais dois iguais a ele, se banquetavam com as crianças.

- Nossa! Levou mais gente para aniquilar a família. Cara mau.

- Eu e minha irmã mais velha fugimos para floresta, eles nos perseguiram sem parar. Rápidos, conseguiram alcançar minha irmã e pularam como feras sobre ela, que nem teve tempo de gritar. Meu pai deixou seus comparsas deliciando-se com minha irmã e veio atrás de mim.

- Nem precisa me dizer que conseguiu te alcançar.

- Consegui fácil. Estava prestes a cravar seus dentes em mim, quando senti seu corpo tombar sobre o meu. Custei a me livrar do seu corpo pesado e quando consegui deparei-me com dois homens, que empunhavam espadas como essas, terminando de matar os comparsas de meu pai.

- Como você se sentiu?

- Foi muito estranho. Eles eram tão rápidos e fortes que quase não pude acompanhar seus golpes.

- Eram vampiros também?

- Um deles, Thomas, sim. O outro, Cássius, era do clã dos lobos.

- Um vampiro e um lobo lutando juntos. Isso parece piada.
- Mas não foi nada engraçado.
- Acredito em você. Mas é algo que não se vê todo dia. Ou melhor, não se vê dia nenhum.
- Eu vi isso acontecer em várias oportunidades. Eu passei a segui-los depois daquele dia. Meus instintos sempre me levavam aonde vampiros e lobisomens mal intencionados iriam atacar e eles sempre estavam lá, para defender os humanos.
- Eles viram você? Como você foi transformado, então?
- Implorei para que me tornassem igual a eles. Mas relutaram.
- Você estava disposto a ser um lobo?
- Naquele tempo eu não sabia a diferença. Eu apenas não queria ser eu mesmo... Um fraco, sem família.
- Uau! Imagine se tivessem optado em te transformar em um lobo. Eu já teria te matado há essa hora.
- Foi o que Cássius considerou. A perseguição contra os lobos era muito grande, tanto que todos estavam fugindo da Europa.
- Quando te transformaram em vampiro?
- Quando passei a segui-los estava pondo em risco a minha vida e a deles. Thomas se convenceu que eu não desistiria e fez um pacto comigo.
- Que tipo de pacto?
- Me transformaria e me auxiliaria na transição se eu seguisse meu caminho, até o dia em que ele me chamaria para uma missão.
- E claro que você topou, já que é um vampiro agora.

- Eu até havia esquecido dessa promessa, quando recebi uma ligação há dezesseis anos atrás...

- Quando estávamos em Tóquio. Eu lembro disso, você mudou completamente depois. Foi aí que você começou a viajar constantemente para o Brasil.

- Isso mesmo.

- Fiquei mais do que curiosa agora. Qual é essa missão tão importante?

Camuel segura no braço de Rania para que ela parasse. Ele avistou o pequeno grupo esgueirando-se entre as árvores. Rania também percebe a movimentação.

- Thomas me pediu para que tomasse conta da filha que ele teve com uma humana. – Camuel aponta para o grupo. – E aquela garota, que o lobo segura pela mão, ela é minha missão.

Rania, completamente pasma, observa Julian e Melanie, acompanhados das outras duas meninas. Estavam seguindo na direção do velho seminário.

O golpe que Alexander recebeu de Alexia o projetou há alguns metros do centro da batalha, a vampira tinha uma força descomunal. O sangue que escorria de sua testa, diminuía seu campo de visão; o grande lobo urrava de dor e fúria. Charlotte e Miguel manuseavam as espadas de prata na tentativa de acertar os adversários que os mantinham cercados. Quando logravam êxito, presenciavam o que a prata era capaz de fazer em um vampiro. O metal penetra na corrente sanguínea e corrói seus corpos de dentro para fora; causando morte lenta e dolorosa.

- Morra! Bastard!– Gritou Charlotte enterrando a espada no vampiro caído ao chão.

- Nunca gostei desse cara mesmo. – Confidenciou Miguel dando cobertura para Charlotte.

- Por que não nos atacam de uma vez? – Perguntou à francesa.

- E qual é a graça nisso? – Respondeu um dos vampiros. – O interessante é fazer vocês pensarem que tem alguma chance.

- Ou será que é por que temos realmente. – Provocou o americano.

- É o que agora saberemos. – Respondeu outro vampiro já dando os primeiros passos na direção de Miguel.

Na casa principal, Léo com a arma em punho, observava os dois vampiros sendo cercados pelos demais; na visão do investigador uma proporção de três para um. Em outra parte do pátio lobos e vampiros se atracavam em um abraço mortífero. Um pouco mais a frente, o grande lobo e a rainha vampira, se golpeavam, mutuamente. Léo percorrendo com os olhos mais uma vez o pátio de frente a casa principal, se depara com vários corpos de lobos e vampiros caídos sem vida no chão.

- Nunca vi coisa igual. – Afirmou Léo.

- Me diga que está acabando, Léo. Por favor!

- Não posso mentir para você, Flávia. Não sei quanto tempo isso vai durar.

- Eles não podem entrar aqui.

- Não vão entrar enquanto não se exterminarem primeiro. Nunca presenciei tanto ódio, que um tem pelo outro. Nem traficantes rivais são assim.

- E se os lobos perderem?

Léo se limita a permanecer em silêncio, assistindo ao show de horrores que acontece diante dos seus olhos. Não queria pensar na possibilidade de ver Flávia ainda mais em perigo do que já estava. Não queria pensar que suas vidas poderiam estar nas mãos daquelas criaturas infernais. Os vampiros, liderados por sua rainha, não demonstravam nenhuma compaixão. A porta do quarto abre e Léo, num rápido reflexo, aponta a arma na direção do movimento.

- Por favor, senhor. Não atirar. – Wladimir não conseguiu erguer os braços muito altos, devido ao teto ser um pouco mais alto que sua cabeça.

- Não entre assim, homem. Quase atirei em você.

- Senhora querer vocês na sala. Ficar todos juntos.

- O que você acha Léo? – Perguntou preocupada Flávia.

- Não sei o que pensar. Mas talvez ela tenha razão. Essa janela é muito frágil.

Léo olha o guarda roupas e notou que era feito de madeira pesada.

- Me ajude a arrastá-lo para a janela. – Pediu à Wladmir.

O russo atendeu, imediatamente. Os dois homens conseguiram colocar o móvel, dificultando a passagem pela janela.

- Isso vai segura-los?

- Não sei Flávia. Melhor do que não ter nada na janela.

- Melhor ir. – Wladmir falou já saindo do quarto.

- O grandão tem razão. Pegue o garoto e vamos. – Sugeriu Léo para Flávia.

Flávia se levantou, auxiliando Nicolas, que lutava para não dormir. Saíram os três do quarto para permanecerem com Agnes. O que não viram antes de sair, que o grande e pesado móvel, estava sendo empurrado pelo lado de fora.

O velho seminário já era assustador de se olhar durante o dia. À noite e totalmente tomado pela escuridão, era apavorante. Julian segurava com uma das mãos uma lanterna e com a outra segurava firme a mão de Melanie, demonstrando a ela, que não tinha intenção de perdê-la de vista. Angelique quase arrastava Ariela pelo braço. De repente estavam os quatro diante deste cenário de horror.

- Jesus! Não vou entrar aí não. – Avisou Ariela.

- Não vai ser preciso, não é, Julian? – Perguntou Angelique.

- Não. Meu esconderijo não é muito longe. Lá não irão nos encontrar.

- Mas se sentirem cheiro delas? – Continuou Angelique.

- Pensei nisso também. Tem sangue de carneiro espalhado pela caminhonete.

- Eca! Então foi isso que estava me deixando enjoada lá atrás. – Disse Ariela fazendo caretas. – Que nojo.

- Chegando à caverna eu dou um jeito melhor. Já sou craque em despistar, quando preciso.

- Melhor seguirmos em frente. – Sugeriu Angelique.

Julian olhou para Melanie e notou seu olhar perdido na direção do velho prédio. O que ela estaria pensando?

- Precisamos ir Melanie.

- Esse era o seminário que minha mãe falou, não é? O que o meu pai comprou.

- Sim! – Respondeu rapidamente Ariela. - Essa coisa feia aí.

- Esse mesmo. – Concluiu Julian. – Está abandonado há muito tempo.

Melanie olhava para o prédio arcaico e em ruínas como se fosse uma criança pela primeira vez na Disneylândia.

- Não Dorothy. – Reclamou Angelique. – Não somos o leão, o espantalho e nem o homem de lata. Nem pense que vamos te seguir até lá dentro.

Melanie não ouviu as palavras de Angelique. O que sentia em seu coração era um a vontade incomensurável de estar em um lugar que seu pai esteve, pisar onde ele pisou, ver o que ele viu. Isso aliviaria um pouco do sentimento de ausência que sempre a perseguiu.

Melanie estava perdida em seu mundo de imaginação, Julian falava com ela e sua voz estava tão distante, incompreensível. Somente os gritos histéricos de Ariela a trouxeram para realidade.

- Melanie! Precisamos correr. – Ouviu enfim o que Julian pedia.

- O que está acontecendo?

- Estão vindo atrás de nós, surda. – Gritou ainda mais histérica Ariela.

Quando Melanie caiu em si, viu Angelique tentando abrir a porta do velho seminário. Julian a puxou pela mão fazendo com que corresse. Melanie olhando para trás, por alguns segundos, viu vultos saltando de árvore em árvore.

CAPÍTULO VINTE E NOVE – ALGUMA VERDADE.

Mais do que abandonado, o velho seminário estava infestado de ratos e pássaros mortos. A escuridão se fazia presente, sendo amenizada pelos escassos filetes de luz da lua, que passavam pelas vidraças quebradas. O cheiro que emanava dos animais mortos era insuportável e as paredes interiores se mostravam prontas a ruir. Julian, empunhando a lanterna, conduzia o grupo pelo hall, sempre mantendo a atenção em Melanie. Ele não tinha a mínima vontade de largar da sua mão.

- O que era aquilo lá fora? - Perguntou ela.

- Não se preocupe com isso agora. Preciso encontrar um lugar para te esconder.

- Mas você viu, não é?

- Eu vi. – Respondeu Ariela. – Quase tive um filho.

- Cala a boca menina. – Indignou-se Angelique. - Nem sabe do que está falando.

- Minha mãe contou sobre um porão. Será que conseguimos achar Julian?

- Não temos muito tempo. Qualquer lugar que seja um bom esconderijo serve.

- Ele tem razão. Deve faltar menos de uma hora para o dia nascer. – Disse Angelique preocupada, sempre atenta à porta de entrada. – Se agüentarmos firmes vamos conseguir.

- Eu entendo. Mas é importante para mim, encontrar esse porão. Eu sinto isso.

- Só que importante para mim é que você fique bem. – Disse Julian. - Depois de tudo isso passar, encontro o que você quiser.

Melanie se deu por vencida, isso teria hora própria. A atenção de Angelique continuava na porta de entrada. Foi de imediato que ela percebeu a porta se abrindo. Antes que conseguisse avisar Julian, Ariela soltou um grito tão alto que quase despedaçou o restante dos vidros, ainda dependurados nas janelas. Pombos voaram assustados, se debatendo no grupo paralisado no centro do hall de entrada.

- O que é isso Ariela? – Sussurrou Julian. – Controle-se.

- Medo. Muito medo. – Respondeu tremendo Ariela.

- Quem está aí? – Falou mais alto Julian, querendo parecer destemido.

Melanie forçou a visão, na tentativa de enxergar quem entrava. Conseguindo identificar pelo porte que o vampiro andava.

- Camuel? É você? – Perguntou Melanie.

O brilho prateado da espada que os vampiros carregavam pôde ser notado.

- Sou eu. – Respondeu confiante Camuel e feliz por Melanie o ter reconhecido.

- O que você quer? – Indagou Julian.

- O mesmo que você, lobo. Proteger Melanie.

Camuel se aproximou ladeado com Rania. Julian se colocou a frente de Melanie.

- Não é preciso. Eu cuido dela.

- Quem te disse que você é capaz de cuidar de si próprio? Quanto mais cuidar de alguém.

- Não interessa a sua opinião. A que importa é a da Melanie.

Os dois olharam ao mesmo tempo para a garota, como autorizando que ela decidisse alguma coisa. Melanie ficou sem reação e nenhuma palavra pareceu boa o suficiente para ser dita.

- Não acredito. Vão brigar agora os bebezões? – Disse Angelique revoltada. – Tanta coisa acontecendo e vocês de birra.

- Ela tem razão. – Concordou Rania. – Se querem tanto a proteger parem com essa bobagem de “eu sou o mais forte”.

- Hello! Além do mais, tem mais gente aqui precisando de proteção. – Completou Ariela.

Os dois olharam para a garota, e Ariela sentiu o rosto corar. Lentamente, ela levantou as mãos e apontou cada uma, para Angelique e Rania.

- Podemos tentar o método do Rei Salomão se vocês acharem melhor...

Angelique ainda falava quando o estrondo de janelas se espatifando, ecoou dentro do prédio. Os guardiões caíram um de cada lado do grupo.

Os guardiões de Alexia eram vampiros impiedosos, conhecidos pelas suas notáveis características de obterem vitória a todo custo. Se existia um bom local para executar suas vítimas era este velho seminário. Camuel percebeu a presença dos asseclas de Alexia e empunhou mais uma vez a sua espada para um dos vampiros adversários.

- Sabe manejar isso traidor? – Perguntou o guardião.

- Vai saber em alguns instantes, capacho. – Respondeu Camuel.

As espadas se encontraram no ar causando um som familiar à Melanie. O outro guardião mirou seus olhos no rapaz que se prostrava a frente da garota humana, a mesma que Alexia desejava morta. Mais do que o presente de depositar Camuel e Rania aos pés da rainha vampira, era fazer o mesmo com a garota.

- Como pensa em se defender lobo? – Perguntou o guardião. – Com os dentes?

Julian olhou ao redor e não viu nada com o que se defender do vampiro. Tempo de se transformar não haveria. Não sabia mais o que fazer.

- Hei Lobo! Pegue. – Gritou Rania jogando-lhe a sua espada. Julian, sem muita precisão, conseguiu segurá-la. O guardião não perdeu tempo e em seguida desferiu um golpe; Julian defendeu, mas perdeu o equilíbrio indo ao chão.

- Bela defesa garoto. – Ironizou o guardião.

Julian se recompõe e o mais rápido possível, enquanto que Camuel travava sua disputa com o outro guardião. Melanie, Angelique e Ariela, temerosas, se escondem atrás de um balcão e Rania observa os dois combates, sem muito que fazer.

Na noite em que tornaram a se encontrar em um festival de verão na velha Europa, os gêmeos sentiram o peso da proximidade. A mesma razão que possibilitou Alexander de se revigorar ao ficar perto de Melanie, era agora a mesma que fazia com que Alexander e Alexia se tramassem em um abraço de morte. O mesmo sentimento que anos atrás ocasionou o desejo de um atacar ao outro, estava fervilhando em suas veias, novamente. Alexander, o grande lobo negro, estava cansado e ferido; mas a cada investida de Alexia, suas fortes patas varriam o ar na tentativa de encontrar o corpo esguio da vampira.

- É uma questão de tempo. – Provocou Alexia desviando de outro golpe. – Não considere que fosse preciso me livrar de você, mas me enganei. Não vou cometer isso de novo.

Reunindo todas as suas forças, Alexia salta sobre o imenso corpo do lobo e crava seus dentes em seu volumoso pescoço. Alexander urra de dor e cambaleia. O grande lobo consegue se desvencilhar da vampira, retirando-a de suas costas, mas já era tarde, seu sangue banhava o chão sem cessar. Os vampiros ao redor se concentram na cena, compenetrados na figura agonizante de Alexander. Marcus e os outros lobos, também bastante feridos, presenciam o mesmo ato. Alexander tomba sobre seu próprio sangue.

Imediatamente, como sendo em seu próprio corpo, Agnes sentiu a dor do amigo. A velha mulher ajoelhou-se sobre o chão da sala, a vista das mulheres e crianças da família. A mesma sensação que a atingiu quando estava com o marido sem vida em seus braços.

- Alexander.

Foi o que apenas conseguiu se ouvir de sua boca. Flávia segurou no braço de Agnes, tentando lhe dar sustentação. Léo e Wladimir acompanhavam pela janela as disputas pelo lado de fora.

- Me ajude Léo. – Pediu Flávia.

O investigador correu socorrer Flávia, auxiliando-a posicionar Agnes sentada no sofá.

- O que aconteceu? – Perguntou Flávia.

- Derrubaram o maior dos lobos. – Disse Léo quase ao ouvido de Flávia.

- O que isso significa?

- Não sei Flávia. Mas acho que isso afetou essa senhora.

- Eu sinto por eles, mas não consigo parar de pensar na minha filha.

- Ela deve estar bem. Precisamos proteger o garoto.

Flávia intuitivamente abraça Nicolas. Léo retorna ao seu lugar junto à janela, bem a tempo de ver mais um lobo sendo derrotado: Marcus.

- Raça de animais imundos. – Bradou Alexia. – Não servem nem para limpar a sola dos meus sapatos.

Alexia pisa sobre a cabeça de Marcus e os vampiros festejam enlouquecidos.

Charlotte e Miguel estavam dominados e sem forças para reagir. Quando viram Alexander tombar, em seguida Marcus e os lobos que restavam, se renderam aos vampiros de Alexia. Camuel e Rania haviam escapado, mas a eles não sobrou nenhuma alternativa.

- Acabem com todos na casa. – Ordenou Alexia. – Eu tenho ainda algo a ser feito.

Alexia apenas olhou para alguns vampiros e estes já sabiam suas ordens. Ela deu um salto na mesma direção que Camuel tomou e, seguidamente, quatro vampiros fizeram o mesmo, seguindo-a. A vampira desejava conferir se a ordem dada aos guardiões foi cumprida.

A cada golpe desferido, o efeito das espadas se encontrando ecoava no salão escuro. Camuel era um hábil espadachim e conseguia equilibrar sua luta com o guardião. Julian mais defendia do que atacava e quase sempre contando mais com a sorte do que com a habilidade. Rania sobe no balcão que protegia Melanie, Angelique e Ariela.

- Precisamos fazer alguma coisa. – Sugeriu Melanie.

- Você já está fazendo, querida. Se escondendo. – Respondeu sarcástica Rania.

- Hei chupa cabra, não fale assim com ela. – Tomou as dores Angelique. - E você o que está fazendo?

- Não me provoque, peludinha. – Respondeu Rania. – Ou já sobra pra você de novo.

Angelique bufou de raiva lembrando do velho depósito. Realmente, a luta com a vampira não pôde ser terminada. Angelique se posicionou para subir no balcão. Melanie a segura pelo braço.

- Não Angelique. Não vale a pena. – Melanie olha também para Rania. - Já temos brigas demais por aqui.

- E o negócio está feio para o nosso lado. – Emendou Ariela. – Sei não.

Elas todas olham para as disputas que prosseguiam. Camuel e seu oponente tratavam uma luta equilibrada. Julian se arrastava pelo salão, fugindo do guardião, a impressão era de que sua espada pesava uma tonelada.

- Não sei por que estou perdendo meu tempo com você, lobo? – Ameaçou o guardião.

Julian não conseguiu nem responder. Seu braço latejava pelo cansaço e pela dor causada pelo impacto dos golpes defendidos. O guardião acumulou toda energia necessária para golpear pela última vez o garoto lobo.

– Está na hora de acabar com esse seu sofrimento.

O vampiro ergueu a espada e desferiu o golpe na direção de Julian. Ele defendeu do jeito que pode, mas a força do guardião foi tanta que suas mãos não mais conseguiram se firmar.

A espada de Julian caiu longe demais para ser alcançada por ele. O vampiro sorriu e aprontou-se para mais um golpe: o último.

- Julian! Não! – Gritaram juntas Melanie e Angelique.

Camuel desviou sua atenção para o que estava acontecendo e viu o garoto lobo preste a receber o último golpe do guardião, o golpe que ceifaria sua vida. Camuel pensou que talvez isso fosse o que ele mais poderia desejar: o fim de Julian. Mas, se isso tivesse que acontecer, seria por seu intermédio. Camuel então olhou, novamente, para o seu adversário e não mais o viu em sua frente, apenas a espada do guardião descia rapidamente na direção da sua cabeça. Camuel sempre fora cuidadoso, principalmente, em combates; mas essa sua distração poderia também lhe custar à vida. Não haveria tempo nem de Julian e nem de Camuel se defenderem.

Os sons cessaram, o tempo parou, não havia nenhum movimento. Como se o mundo fosse congelado naquele instante. Melanie tinha todo o cenário à sua frente, ela mantinha o foco em Julian. Ele estava caído, totalmente dominado e sem chances de reação. Camuel estava destinado a receber a lâmina da espada do guardião sobre sua face. Angelique, Ariela e Rania tinham suas feições paralisadas, expressando todo o horror do que acreditavam que iria acontecer.

- Não temas! – Ouviu Melanie. – Não temas, minha filha!

A voz que a acalmava nos momentos tensos, ressurgiu. Seria Alexander? Não, ele ficou na fazenda. Quem poderia ser, então?

A sensação de que luzes a envolviam, retornou a acontecer. Melanie olhou a sua volta e o hall estava tomado por luzes cintilantes que subiam até o teto e formava uma figura, semelhante a uma pessoa. Mais rápido do que seus olhos poderiam fechar e abrir, numa única vez; a luz viajou até o primeiro guardião e em seguida ao segundo, atravessando seus corpos. O tempo voltou a correr. O eco do grito de Melanie e Angelique em desespero por Julian, ainda podia-se ouvir. Julian fechou os olhos esperando o golpe, mas à medida que o tempo foi passando, ele percebeu que nada acontecia. Abriu os olhos e ainda viu o guardião caindo de joelhos na sua frente. O mesmo aconteceu com o guardião que ameaçava Camuel.

- O que aconteceu? – Perguntou espantada Rania.

- Não sei. – Disse Julian se levantando. – Quando vi, ele já estava caindo, morto.

Camuel chuta o guardião caído a sua frente constatando a veracidade das palavras de Julian.

- Eu vi uma coisa, uma luz... Era como se algo muito rápido passasse por eles. – Completou Angelique.

- Você também viu? – Perguntou Ariela. – Nossa! Parecia mágica.

- Não teve nada de mágico. – Disse Camuel chutando o outro guardião. – Só conheci um vampiro tão rápido assim, que fosse capaz de fazer isso.

- De quem está falando Camuel? – Perguntou Rania.

Antes que Camuel respondesse, uma música suave como uma canção de ninar inundou o ambiente. Melanie sentiu o coração pulsar fora do tom, ela reconheceu a canção. Era a canção que a fazia dormir vindo da sua caixinha de música. A mesma que foi roubada pelo invasor que esteve em seu quarto.

A horda de vampiros estava enlouquecida. As ordens de acabar com todos os lobos foram decretadas pela rainha vampira. Poucos eram os homens lobos que ainda respiravam. Léo observava de dentro da casa principal, vários corpos de homens nus caídos no pátio, todos sem vida. Agnes lamentava por Alexander e Marcus, sendo amparada por algumas das mulheres.

- O que estamos esperando? – Provocou um dos vampiros.

- Temos pouco tempo para acabar com essa raça. – Provocou o segundo.

O vampiro de feições orientais voltou com as mãos ocupadas por garrafas que continham líquido inflamável.

- Está na hora de esquentar as coisas por aqui. – Disse ele erguendo as garrafas.

Os vampiros se alvoroçaram ainda mais. Flávia ouviu a gritaria e se preocupou de imediato.

- O que está acontecendo, Léo?

O investigador varreu com os olhos toda a extensão do pátio à procura do motivo de tanta algazarra. Quando percebeu o vampiro oriental, ele já estava permitindo que outro vampiro acendesse o pano embebido em gasolina.

- Meu Deus! – Gritou Léo. – Temos que sair daqui. Agora.

Mulheres e crianças se levantaram em sincronia. Tinham medo e surpresa no olhar. Léo correu até Flavia e a levantou pelo braço, pegou Nicolas no colo e gritou:

- Saiam daqui. Corram!

Foi o suficiente para que a confusão se generalizasse. Aturdidos, ninguém sabia para onde correr. Quando então, a janela foi quebrada e uma bola de fogo caiu no meio da sala, espalhando o líquido que atingiram móveis e a parede.

A música soava como mágica aos ouvidos de Melanie. Tão doce, tão especial e, encantadoramente, familiar. Acostumou-se a dormir embalando seus sonhos nesta melodia.

- De onde vem essa música? – Perguntou Ariela. – É tão linda.

- Parece que vem lá debaixo. – Concluiu Julian mostrando a escada no fim do corredor.

- Fiquem alertas que pode ser uma armadilha. – Sugeriu Rania.

- Hum... Da Alexia não pode ser. – Discordou Camuel. – Quando ela quer acabar com alguém, não fica fazendo rodeios. Vai direto ao ponto.

- Pode até ser. Mas, cuidado nunca é demais. – Contribuiu Angelique.

Enquanto os outros conversavam, Melanie vivenciava uma sensação cálida e prazerosa. O som que entrava em seus ouvidos, percorria todo seu corpo, a convidando para descer aquelas escadas, sem hesitar.

- Aonde você vai? – Perguntou Julian percebendo os primeiros passos de Melanie em direção a escada.

- Essa é a minha música. – Falou Melanie como se estivesse em um transe. – Minha música.

Melanie começa a descer as escadas e Julian vai atrás. Camuel segue os dois. Angelique antes de descer segue até um dos guardiões e pega sua espada, prontamente imitada por Rania, as duas se encaram e descem as escadas. Ariela tinha receio da presença dos vampiros, mas a sensação de estar sozinha naquele salão escuro era mais agonizante. Melanie descia as escadas repetindo “Minha música”.

- A amiguinha de vocês pirou. – Disse Rania olhando para Angelique e Ariela.

- Por mim que se lasque. – Respondeu Angelique. – E ela nem é minha amiga.

- Hello, querida! Minha amiga não pirou coisa nenhuma. – Defendeu Ariela. – E mesmo que tivesse, é melhor ser louca da cabeça do que ser uma atração em potencial para o Beto Carreiro.

- Isso, garota. Vai provocando, vai. Esse corpinho cheinho que você tem, dá para saciar minha sede por um bom tempo. – Ameaçou Rania, mostrando as presas para Ariela.

Ariela esbugalhou os olhos e diminuiu em tamanho se encolhendo pelo medo das palavras rudes de Rania. Melanie puxava a fila indiana, seguida de perto por Julian, que se mantinha atento examinando o local com a lanterna. Camuel acompanhava os dois bem de perto, já tinha dado muito tempo para o garoto lobo se aproveitar de Melanie.

- Melanie. É melhor a gente retornar. – Propôs Julian.

- Não Julian. Preciso encontrar minha caixinha de música.

- Como sabe se é mesmo uma caixa de música? – Perguntou Camuel.

- Meu coração me diz. – Ela respondeu.

A escada terminou em um corredor que dava acesso a uma porta grande: o porão. A música estava mais alta e clara, ela vinha de detrás daquela porta. Melanie estendeu o braço para tocar a maçaneta e Julian se adiantou.

- Pelo menos deixe que eu entre primeiro. Para ver se tem algo perigoso.

Melanie consentiu com um sorriso. Julian ficou entre ela e a porta e com cuidado a abriu. Ele focava com a lanterna o interior do porão com a intenção de encontrar algo suspeito. Julian foi entrando, bem devagar, olhando para todos os lados. Nenhum movimento, apenas o som da música podia se notar.

- Acho que está tudo bem.

Camuel entrou em seguida, passando por Melanie, quase a empurrando.

- Isso aí herói. Agora já pode guardar o sabre de luz.

- Não sou herói coisa nenhuma. Sou precavido.

Angelique e Rania também entraram, isso evitou que a discussão prosseguisse. Ariela foi à última a entrar e se manteve longe de Rania. Melanie olhava ao redor tentando localizar o ponto de partida da música.

- Pode me emprestar a lanterna? – Pediu ela.

Julian sorriu e entregou a lanterna. Melanie passou a iluminar o lugar procurando pela caixinha de músicas, até que a encontrou.

- Ali está ela. – Disse eufórica Melanie.

Ela entregou rapidamente a lanterna para Julian e se abaixou para pegá-la, quando Ariela gritou.

- Espere!

Melanie se assustou e não pegou a caixinha. Ela olhou espantada para Julian, com o coração nos calcanhares.

- O que foi? – Perguntou Julian também espantado para Ariela.

- Na parede... - disse Ariela. - Olhem.

Julian iluminou a parede que Ariela apontava, logo atrás de onde a caixinha de música estava. Um desenho se revelou ocupando quase toda a parede, nele vários lobos sentados ao pé de uma árvore solitária. No meio deles uma garota de pele pálida, olhos tristes, boca de um vermelho vivo e cabelos caindo no rosto, a garota olhava para o lobo deitado junto aos seus pés: um lobo pardo. Ao fundo, vários seres trajando capas pretas de mãos dadas, com os rostos ocultos. Julian iluminou a parte inferior direita do desenho e todos puderam ler: Thomas Miller.

CAPÍTULO TRINTA – OS SEGREDOS QUE GARDEI.

O calor do fogo era terrível. A casa inteira estava em chamas e tudo aconteceu muito rápido. Pela porta da cozinha, algumas mulheres e suas crianças conseguiram escapar, isso antes do fogo criar uma barreira intransponível, dificultando o acesso de quem ainda estava na sala. Léo, carregando um assustado Nicolas, sentia o aperto da mão de Flávia, quase esmagando o seu rim. A adrenalina do momento o impossibilitava de sentir qualquer dor.

- Pela cozinha não dá mais. – Constatou o investigador.

- Sair pelos quartos. – Sugeriu Wladmir amparando Agnes.

- Por onde? – Perguntou Léo não conseguindo visualizar nada devido a fumaça.

- Seguir Wladmir.

O Russo tomou a frente. Mesmo com toda a fumaça a sua frente, era impossível Léo não ver aquela criatura de andar desajeitado, mas cuidadoso com a velha senhora ao seu lado. Wladmir seguiu pelo corredor até chegar a o último quarto. Léo e Flávia o acompanharam, seguidos por outras mulheres e crianças. Wladmir abriu a janela e olhou para fora, precisava colocar Agnes a salvo.

- Senhora sair primeiro. Por favor.

Agnes olhou, tristemente, para o gradalhão. Ela gostaria de ficar, selar sua história ali mesmo, mas ainda tinha os netos no pensamento. Julian e Angelique poderiam ainda precisar dela.

- Obrigada, Wladmir. Você pode me ajudar?

- Claro, senhora. – Respondeu o russo com um largo sorriso de satisfação.

Wladmir ergueu a mulher e colocou seus pés para fora, na tentativa de colocá-la ao chão. Mas, o rosto de um vampiro que surgiu de repente fez o russo puxá-la para dentro, novamente.

- Calma aí, Big Foot. – Falou Miguel. – Só quero ajudar.

Agnes olhou para o russo e consentiu com um aceno que ele a colocasse para fora. O vampiro não faria mal a ela. Miguel ajudou Wladmir a retirar Agnes. Charlotte chegou em seguida, para auxiliar na retirada dos demais.

- Agora saem você e o garoto – Disse Léo, entregando Nicolas à Flávia.

- E você?

- Vou logo depois que todos saírem.

Flávia não pensou duas vezes e com a ajuda de Wladmir coloca Nicolas para fora e ela mesmo sai na sequência. Léo e o russo ajudam, uma a uma, das mulheres e crianças a saírem. Faltava ainda uma mulher e seus dois filhos quando o fogo chegou até o quarto e o teto desabou.

A bela e deprimente visão da garota, cercada por lobos, cravava uma estaca no coração de Melanie.

- Já vi esse rosto antes. - Disse Ariela.

- Sim. Parece-me bem familiar... Mas diferente ao mesmo tempo. É muito estranho e triste.
- Concordou Melanie com a caixinha de música em suas mãos.

- Quem é Thomas Miller? – Perguntou Rania.

- Essa é uma pergunta com várias respostas. – Disse Camuel.

- Que tal começar pela primeira. – Insistiu Rania.

- É meu pai. – Revelou Melanie, mas como se fosse para si mesma.

- Seu pai? Como sabe? – Perguntou a vampira.

- A mãe dela que falou. – Respondeu Ariela. – Você não ouviu a estória, não?

Rania a encarou sem entender. Ariela compreendeu que a vampira não participou das revelações de Flávia.

- Você tem certeza, Melanie? – Perguntou Julian.

- Tenho. Foi ele que fez esse desenho.

- O que será que significa? – Angelique tocou o desenho, curiosa.

- É algo sobre uma antiga profecia. – Disse Camuel.

- Minha avó me falou a respeito. – Revelou Julian.

– Uma garota vampira entre os lobos. – Continuou Camuel. - Thomas e Cássius acreditavam nisso.

- Cássius? Que Cássius? – Perguntou eufórico Julian.

- Cássius, foi um grande homem, o único lobo que um dia chamei de amigo. Ele e Thomas me ensinaram muitas coisas.

- Cássius é o nome do meu pai.

- Eu sei. Soube disso quando vi sua avó e a escória do seu tio.
- Você conheceu meu... – Julian olha para Melanie. – Nossos pais?
- Convivi com os dois por muitos anos. – Camuel mira os olhos de Melanie. – Seu pai me salvou a vida. E serei sempre grato a ele por isso.
- Isso é muito louco para ser verdade. – Disse Angelique. – Por que eu nunca soube que meu tio era amigo de um vampiro?
- Por que a amizade dos dois não era bem visto por ambos os lados. Eles eram sonhadores, que acreditavam que um dia poderiam unir as duas raças. Mudar a profecia, ou ao menos, melhorá-la no que fosse possível.
- E acaso pode-se mudar ou melhorar uma profecia? – Perguntou Rania.
- Era o que os dois estavam tentando. Foi por isso que Thomas veio para cá, depois que Cássius foi morto.
- Por favor! Fale mais do meu pai. – Pediu Melanie.
- Seu pai, animalzinho. Era um traidor, como esses vampiros que ai estão.

A voz de Alexia surgiu vindo da escuridão. Julian procurou com a lanterna até encontrar o rosto diabólico da vampira. Alexia estava cheia de ódio.

“Inacreditável!” Foi o que pensou Léo naquela hora. Outra vez, se via envolvido por chamas devastadoras, prontas para consumi-lo. O tamanho desproporcional do russo ajudou nesta hora triste. Foi ele que segurou a viga que dava sustentação ao teto, evitando que fossem esmagados. Estavam agora, todos de joelhos confinados no pequeno espaço que o quarto se tornou. O investigador tossia fortemente, cada vez que inalava a fumaça preta. O calor das chamas, cada vez mais, se tornava intolerável; tanto que as duas crianças gritavam sem parar. A mãe desesperada, tentava acalmar em vão o filho mais velho, de uns dez anos e a menorzinha de cinco. Léo entendeu que precisava fazer alguma coisa e muito rápido.

- Precisamos quebrar essa parede. – Disse ele à Wladimir.

- Ser muito difícil. Parede resistente.

O russo tinha razão, as paredes da casa principal podiam ser velhas, mas eram reforçadas. Feitas de material resistente, nada lembrando às construções de hoje em dia, onde tijolos se esfacelam facilmente. Léo não poderá repetir o que fez no depósito.

- Precisamos agir. Senão vamos morrer aqui. – Fez ele um alerta, mas para que ele próprio tomasse uma atitude.

- Não ter como escapar. Todos morrer aqui.

O russo decretou o desfecho. Não haveria por onde escapar. Mas o barulho de algo muito forte, batendo na parede pelo lado de fora, poderia ser uma esperança.

A proximidade do sangue. Isso moveu toda a história, desde que os gêmeos vieram ao mundo, depois que receberam a maldição dos seus antepassados. A terrível e doentia razão que a mãe dos dois movia pelos humanos, passou para os filhos; mas só a menina ainda mantém esse profundo desamor pela raça humana. Alexander, após conviver com os humanos e com os da raça que deu origem, passou a compartilhar com seus dissabores.

Além de destemido, Alexander, tem outra vantagem a seu favor: é muito forte, extremamente forte. Alexia não devia tê-lo subestimado, outra vez. A vampira contou vantagem cedo demais.

- Acende logo isso aí que eu vou animar a festa. – Disse o vampiro Dj com a garrafa inflamável na mão.

Alexander abriu os olhos, lentamente, e percebeu que tudo estava a seu desfavor. Marcus jazia ao seu lado e muitos irmãos lobos estavam abatidos. E agora isso? Os vampiros queriam brincar com as vidas dos que restaram, e eram apenas mulheres e crianças. O vampiro lançou a primeira garrafa e atingiu em cheio a janela da sala. A gritaria eclodiu dentro e fora da casa. Alexander tentou se levantar, mas seu corpo doía muito. Ele precisava se transformar, novamente. Os vampiros estavam atentos ao fogo que se levantava impiedoso, consumindo a casa principal. Nem perceberam que o homem nu, banhado em sangue, voltava a se transformar na fera, que passaram a temer.

- Mais uma para completar o serviço. – Avisou o vampiro Dj, apontando a garrafa para o vampiro ao seu lado. – Os que conseguirem sair da casa serão nossas sobremesas.

O outro vampiro acendeu o pano e o Dj lançou a garrafa, mais uma vez, com endereço certo: a sala da casa. Quando a bola de fogo caiu, os vampiros gritaram festejando; suas vozes só se calaram quando ouviram pela retaguarda, um uivo avassalador. Os vampiros se voltaram para ver qual dos lobos que se anunciava e se depararam com a imensa figura de Alexander. O grande lobo saltou, ferozmente, no grupo de vampiros e mordeu os que não tiveram tempo de reagir. Cinco ou seis vampiros caíram em convulsão ao chão. Os demais tentaram esboçar uma reação e foram atingidos pela força descomunal do animal. Charlotte e Miguel acompanhavam tudo de perto e ao perceberem uma brecha correram na direção da casa, os vampiros de Alexia não os seguiriam por ali. A luta prosseguia e cada vampiro que se aventurava, recebia uma mordida. Não eram páreos para o grande lobo, e Alexia não estava ali para fazer frente ao irmão. O melhor seria debandar. Foi o que fizeram.

Alexander rosnou, com os dentes cerrados, vendo os vampiros sumirem na escuridão. Ele olhou para a casa que se consumia em chamas e se lembrou de Agnes e o restante da família que ainda podia estar lá dentro. O grande lobo circulou a casa e se deparou com a imagem da amiga Agnes no colo de um vampiro. Alexander rosnou outra vez, com os olhos fixos nos do vampiro.

- Alexander! Olhe para mim. – Pediu Agnes.

O grande lobo grunhia como um touro indomável, diante de um toureiro. Quando a mulher mencionou seu nome novamente, desviou a atenção para a amiga.

- Ele está ajudando.

Sua inteligência humana sobressaiu a sua porção animal e Alexander compreendeu as palavras de Agnes. Miguel a colocou no chão, sempre com os olhos no grande lobo, seu medo era ter o mesmo destino de Iori. Charlotte continuava ajudando as mulheres e crianças a saírem da casa. Quando de repente, um estrondo indicou que o teto desabou.

- Léo! – Gritou Flávia.

– Tem gente lá dentro ainda. – Avisou uma das mulheres.

- Agora já era. Não dá para fazer mais nada. – Concluiu Miguel.

Agnes olhou para o amigo lobo e se aproximou. Alexander emitia os sons de sua respiração ofegante, o lobo estava inquieto pelo fogo. Agnes passou a mãos em seus pêlos espessos.

- Sua voz me conduziu em muitas situações, meu amigo. Agora preciso que você tire os nossos que estão lá dentro.

Alexander circulou a amiga e andava de um lado para o outro. Todos se afastaram da casa, o calor das chamas os repelia. O grande lobo saltou, heroicamente, sobre a parede e a fez tremer. Em seguida, repetiu a façanha e a parede ruiu. Instantes depois, Wladmir apareceu engatinhando, com uma das crianças nos braços, Léo surgiu logo atrás com a outra criança e a mãe. Flávia correu ao encontro de Léo e se jogou em seus braços. As mulheres envolveram Wladmir, as duas crianças com sua mãe em um abraço coletivo. Agnes olhou para Alexander, querendo agradecer seu gesto e notou que o grande lobo havia sumido.

Sufocante. Era como se a presença de Alexia ocupasse todo o porão. Melanie considerava que as palavras “pai” e “traidor” não poderiam estar juntos na mesma frase, mesmo sendo dita pela vampira que a aterrorizava. Julian, outra vez, colocava-se a frente de Melanie, na visível tentativa de protegê-la.

- Thomas era um frouxo, um idiota. – Disse Alexia com todo seu desprezo. – Ele e o seu amigo lobo, Cássius, achavam que poderiam reprimir anos e anos de ódio. A repugnância que eu sinto por um lobo é quase tão grande da que sinto por um traidor.

Alexia olhou para Camuel e Rania.

- E o preço deste pecado é a morte. – Esbravejou a vampira.

Saindo do nada, os vampiros que acompanhavam Alexia saltaram sobre o grupo. Dois deles ocuparam-se com Camuel e Rania, os outros dois pararam, ameaçadores, diante de Julian e Melanie, mostrando toda sua agressividade.

- Me deixem em paz! – Gritou Melanie já esgotada por todas as vezes que se viu nessa situação.

Camuel olhou para Melanie e entendeu seu desespero. Ele desviou dos dois vampiros e jogou a espada na direção de Alexia. A vampira desvia e a espada crava na parede. Camuel percebe que tem poucos segundos para agir. O vampiro se aproxima de Melanie e a abraça. Camuel a puxa para o corredor e em um salto sobe as escadas, chegando até o hall.

- Melanie você confia em mim? – Perguntou Camuel olhando em seus olhos.

Melanie, com lágrimas nos olhos, respondeu positivamente com a cabeça.

- Você precisa me abraçar, bem forte. Você consegue?

- Consigo.

Camuel permitiu que os braços de Melanie o envolvessem. Se o coração do vampiro pudesse bater, essa seria a hora que golpearia seu peito. Camuel abraça ainda mais forte Melanie e antes que os vampiros pudessem alcançá-los, ele salta para fora do velho seminário.

Julian não teve tempo de se mover, quando viu Camuel retirando Melanie do porão, os outros vampiros se prostraram em sua frente. Julian manteve a espada apontada para os vampiros, tentando afastá-los. Seu desejo era quebrar aquelas paredes e correr atrás de Melanie. Alexia olhou para Julian, Rania, Angelique e Ariela e analisou que os dois vampiros que ficaram no porão poderiam dar conta deles. Rania tenta fugir também e Alexia acerta-lhe um golpe, fazendo a húngara cair, desacordada.

- Vai me pagar caro pela afronta, Camuel.

Sua raiva estava voltada para Camuel, o traidor, e sua protegida. Alexia saiu em perseguição aos dois.

- Angelique! Preciso de sua ajuda. – Gritou Julian tentando passar pelos vampiros.

Angelique ainda era inexperiente quanto ao desejo de se transformar fora da lua cheia. Mas a situação exigia um esforço fora do comum. A garota se joga no chão tentando virar uma loba. Ela se agita, freneticamente, de um lado para o outro.

- Não consigo! – Gritou ela frustrada.

- Se concentre, Angelique. Você consegue. – Incentivou Julian ainda lutando com os vampiros.

Angelique forçou seu pensamento mais do que pode e nada acontecia. Ariela sentindo medo do que Angelique estava fazendo, se abaixa perto de Rania e tenta acordá-la. A vampira aos poucos recobrava a consciência.

- Por favor, Angelique! Tente. – Implorava Julian, cada vez mais preocupado com Melanie.

Angelique se esforçava, mas não obtinha resultado. O desespero se abateu sobre Julian, a segurança de Melanie importava mais do que a sua. Imprudente, tenta passar entre os dois vampiros e é golpeado. Julian cai batendo a cabeça.

- Angelique! – Gritou Ariela. - Julian morreu!

As palavras de Ariela bateram tão forte na alma de Angelique, que a garota quase perdeu os sentidos. Não era preciso que ela se esforçasse mais, seu corpo reagiu por ela. Angelique começou a se transformar.

CAPÍTULO TRINTA E UM – PASSOS ESCUROS

A sensação do abraço apertado do vampiro, trazia sentimentos indescritíveis à Melanie. Era como Lois Lane voando pela primeira vez nos braços do Superman. Camuel pousava tão suavemente nas copas das árvores, que Melanie nem sentia. Alguns quilômetros à frente Camuel parou sobre um alto pinheiro. O vampiro olhou para trás e desceu, suavemente, até o chão.

- Ainda sente medo? – Perguntou ele colocando Melanie em segurança debaixo da árvore.

- Não. Quer dizer, um pouco... – Confessou Melanie com dificuldade nas palavras. – Mas não de você, apenas de cair.

- Não vou deixar você cair. Então não precisa mais ter medo.

- Por que está fazendo isso? Aquela mulher te chamou de traidor. É óbvio que você arrumou encrenca por minha causa.

- No início era por pura gratidão ao seu pai. Ele me ensinou muitas lições valiosas, me tirou de muitas situações complicadas. Depois, mais coisas aconteceram.

- Que tipo de coisas?

- Acho que aqui não é hora para revelar algo tão importante para mim.

- É sempre assim. Nunca é hora de nada. Ninguém fala nada às claras.

- Não é tão simples. Ainda estamos sendo perseguidos. O sol já está por nascer, preciso te manter a salvo até lá.

- Pensei que o sol te ferisse também.

- E fere. Mas não se preocupe com isso. Eu darei um jeito.

- Queria saber mais sobre o meu pai.

- Terei tempo de te contar outra hora, tudo o que você quiser saber.

- Apenas me diga, eu sou... – Melanie não conseguia formular a pergunta. – Eu sou uma... Você sabe... Uma vampira?

- Não. Você tem genes de vampiro, mas ainda é uma humana.

- Como isso foi possível?

- Nem todos os vampiros podem ser pais. Seu pai e Cássius conseguiram realizar mudanças fantásticas. Mudanças que custaram à vida de Cássius e quase a de Thomas.

- Quer dizer, que meu pai está vivo?

- Claro, Melanie! Quem você acha que te salvou dos guardiões de Alexia? Seu pai está por aqui também.

Os olhos de Melanie brilharam intensamente. A garota abriu um sorriso do tamanho da esperança que tinha de encontrar o pai. Seria isso possível?

Ariela se arrastou até um canto mais escuro, na tentativa de se manter longe dos olhos dos vampiros. Rania já estava de pé, lutando com um deles. O outro puxou Julian pela perna e o colocou perto de onde a espada estava cravada na parede. O vampiro retira a espada e a levanta para cravar no peito de Julian, mas antes de tentar efetuar alguma coisa, recebe um forte golpe nas costas. Angelique era novamente uma loba.

Rania estava muito debilitada, a cada golpe que o vampiro lhe desferia, ela perdia sangue e suas forças diminuía. O vampiro percebendo sua fraqueza a empurra contra a parede e a pressionando, crava suas presas no pescoço de Rania e começa a sorver seu sangue. Ariela viu Angelique farejando e tentando mover Julian com o focinho. A loba não estava interessada no que acontecia com a húngara. Ela, Ariela, também não simpatizava com a vampira, seu desejo era ficar em silêncio e escondida. Mas, não se perdoaria se não tentasse algo em favor de Rania. Ariela, se esgueriando, chega até onde estava a espada caída no chão perto do outro vampiro e a pega. Ela levanta a espada pesada, caminha até onde estava o vampiro com Rania nos braços e desfere o golpe, acertando na parede. O vampiro olha para trás e com um olhar malévolo encara Ariela. Ela solta a espada.

- Desculpe... – Pediu ela se abaixando e tremendo.

- Vou acabar com você. – Disse o vampiro se levantando e seguindo para Ariela.

- Por favor! Não... Eu peço mil desculpas.

O vampiro agarra no pescoço de Ariela e se apronta para mordê-la. Chegando bem perto do seu pescoço ele pára, subitamente.

- Sangue ruim, garota. – Disse o vampiro. – Não sei se poderá chamar de sorte, mas por causa dele viverá ainda mais algum tempo.

Ariela não compreendeu nenhuma palavra dita pelo vampiro, apenas viu a loba pular em cima dele. Angelique mordeu o pescoço do vampiro, quebrando-o.

Ariela vai ao chão aos berros. Angelique se aproxima dela e a fareja. Ariela exalava o cheiro do medo e de algo diferente que confundia a loba. Sua vontade era atacá-la de imediato. Ariela não colaborava ficando quieta. A garota se arrastava para trás, gritando. A loba abriu a mandíbula revelando seus grandes dentes.

- Angelique!

A voz de Julian quase não saiu, mas a loba identificou quem a chamava: seu amado Julian. Ela correu na direção de Julian e ficou o rodeando eufórica. Julian precisava se recuperar para ir atrás de Melanie. Precisava se transformar.

A noite já não era tão escura. O sol estava pronto para nascer e com ele cada vez mais próximo aumentavam as chances de Melanie. Ela estava debaixo de um majestoso pinheiro, de frente com um vampiro. Nem em um dos sonhos mais loucos que já teve, poderia ter imaginado algo assim. Camuel considerou que este local tinha uma boa visão de todos os lados da região onde estavam. Isso facilitaria para ele constatar se alguma ameaça estivesse próxima.

- Isso parece tão confuso. - Disse Melanie. – É tão difícil aceitar essas coisas absurdas.

- Como o quê?

- Começando por você, um vampiro. Você bebe sangue humano, como consegue?

- Por necessidade, Melanie. Se não bebermos, morremos. Assim como você, se não se alimentar.

- Mas é estranho. Tirar a vida de uma pessoa para sugar-lhe o sangue. É... É... – Melanie não conseguia terminar a frase.

- É monstruoso, eu sei. Já fiz muito disso, mas hoje não.

Melanie ficou o olhando esperando mais esclarecimentos. Camuel percebeu seu olhar cheio de dúvidas.

- Hoje somos divididos em muitas funções dentro do que chamamos de organização dos vampiros. Não bebemos mais sangue direto da fonte. Temos outros meios de coletá-lo, sem que ninguém precise morrer.

- Assaltos a bancos de sangue?

- Não – Camuel riu contido. – Digamos, que temos nossos próprios bancos de sangue.

- Aquilo que vocês beberam no depósito. Aquilo era sangue mesmo?

Camuel acenou em positivo. Ele sentia que essa sua necessidade causava aversão em Melanie, mas não podia evitar. O que ele gostaria que ela entedesse, que seu esforço estava sendo sobrenatural. Ela era uma fonte muito atrativa e ele evitava vê-la dessa forma. Melanie, de sua parte, não se sentia confortável com o fato de Camuel beber sangue humano, mas o que passou em sua mente, foi o fato de que seu pai também tinha essa necessidade. Como aceitar algo tão fora dos padrões? Isso era mais do que pecado, era inadmissível.

- Não sou o monstro que você imagina. – Continuou Camuel. – Tenho minhas falhas como qualquer um. Ninguém nunca é perfeito todo o tempo.

- Não precisa se justificar para mim, Camuel.

Camuel tinha dúvidas em sua mente. Quando imaginou o futuro de Melanie, não foi dessa forma. Sua parte ele cumpriu nos planos de Alexander, mas acreditava que sua recompensa seria outra. Pelo que havia notado, o garoto lobo, estava merecendo toda a atenção no seu lugar.

- O que você sente pelo lobo?

- Julian? - Melanie tinha brilho nos olhos ao pronunciar seu nome. – Nem sei dizer. Ele passou a ser muito importante para mim. Muito mesmo.

- Você o ama?

- Por que essa pergunta agora?

- É tão difícil assim de responder? É só dizer se ama ou não.

Camuel não tinha medo de nada. Mas a resposta de Melanie ele pareceu temer. Mesmo assim, precisava da confirmação. Só que essa confirmação não seria neste momento, quando Camuel percebeu a presença de Alexia foi tarde demais. A vampira estava se direcionando ao encontro deles.

- Agarra-se em mim. – Pediu com urgência Camuel.

Melanie demorou alguns segundos para entender a ordem, quando se moveu para executá-la, Alexia já a tinha em seus braços.

- Cameul! Socorro! - Melanie gritou.

Camuel saltou em uma desesperada propulsão atrás de Alexia, não permitindo que a vampira se afastasse. Alexia deixou a mostra suas presas mortais, para que Camuel soubesse que por elas teria seu fim, se as seguisse. Melanie mantinha suas funções motoras imóveis, a presença da vampira a deixava paralisada de medo.

- Agora você não me escapa mais, animalzinho. – Alexia tinha o ódio unindo as palavras.

Alexia desce até um descampado perto do monte que deu título a cidade. Precisava eliminar Melanie, antes de o sol nascer. A vampira joga Melanie no chão. A garota cai desorientada.

- Por favor! Me deixe ir embora. – Implorou Melanie. – Não me mate.

Alexia abriu um sorriso, evidenciando suas mortíferas presas.

- Quem disse que vou te matar, animalzinho? Vou te dar um presente.

Alexia se abaixa e puxa Melanie com força, quase deslocando seu braço. A vampira se aproxima da garota e com o canto dos olhos percebe Camuel pronto para atacá-la. Alexia se vira e com o braço enlaça Melanie pelo pescoço, a deixando como um escudo entre ela e Camuel.

- Solte ela, Alexia. – Ordenou Camuel. – Agora.

- Posso fazer melhor, Camuel. Posso te deixar fazer as honras e transformá-la você mesmo. Não é isso que quer?

- Não desse jeito. Se ela um dia escolher esse caminho será por vontade própria. Assim como eu fiz.

- Você pensa que me enganou, me fazendo acreditar que eu não sabia que já há muito tempo você a vigiava. Eu sempre soube, idiota.

- Não me interessa isso agora. Solte-a e resolveremos esse impasse nós dois.

- O destino dela está selado. Nasceu com o único propósito, de se tornar uma vampira.

Melanie ouvia as palavras, mas o medo não permitia que raciocinasse corretamente. Ela só conseguia entender que, naquele momento, sentia uma dor profunda do lado direito do seu pescoço.

- Não! – Gritou Camuel.

Ele tentou mais rápido que pôde chegar perto e tirar Melanie do abraço de Alexia. Camuel sofria por ver o sangue de Melanie escorrer entre os dentes da vampira. Poderia haver tempo de salvá-la, se a tirasse de Alexia. Mas, numa rapidez fora do comum até para um vampiro, Camuel sentiu seu próprio pescoço sendo perfurado. Thomas sugava seu sangue.

A cada passo dado era como se a distância aumentasse ainda mais. A sensação angustiante de que Melanie não estava em seu campo de visão, deixava Julian mais atormentado. Onde o vampiro a levou? Estaria ela segura? Julian corria, com passadas largas, buscando não perder a trilha do cheiro de Melanie. Angelique o seguia pelo mato adentro. A loba se esforçava ao máximo, para acompanhar o primo, já que Julian parecia voar sobre o chão.

Quando chegaram próximo do monte, o cheiro de Melanie era inebriante. Estava diferente, forte, convidativo. Julian foi tomado por uma sensação difícil de recalcar, sentia-se sedento. Angelique se aproximou e sentiu a mesma coisa. Os dois uivaram, como prontos para atacar uma presa. Se antes havia uma guerra em seu interior o consumindo, Julian agora, parecia dominado. Melanie era o seu amor, não sua caça. Foi isso que o movimentou para defendê-la, quando avistou Alexia a mordendo com voracidade.

Julian, com todo seu fervor, se lançou sobre Alexia, a fim de livrar Melanie de fenecer sob o domínio da vampira. Com as garras afiadas, Julian acerta Alexia nas costas, a vampira solta Melanie e dá um salto tomando distância da fera. Thomas vê o ataque do lobo pardo e também solta Camuel, que cai inerte ao chão. Elegantemente, como todo bom inglês, Thomas se levanta e vai até Melanie e seu protetor. No meio do caminho, Angelique salta sobre ele, mas Thomas com rápida percepção, desvia. Angelique pára perto do vampiro inglês e recebe um golpe fulminante. A mão forte de Thomas penetrou em seu couro resistente, quase tirando um de seus órgãos para fora. A loba tomba, sem a mínima chance de reação. Julian estava indeciso, não sabia quem proteger. Melanie ou Angelique? O lobo pardo corria perdido no mesmo lugar, apenas com os olhos fixos nos dois vampiros.

- Não era preciso ter acabado com meus guardiões, Thomas. – Disse Alexia.
- Eles estavam mais atrapalhando do que colaborando. – Respondeu Thomas. - Você arruma outros, rapidamente.
- Pode até ser, mas não era preciso extingui-los em favor dessa criaturazinha, que você tem por filha.
- Eu te pedi, Alexia. Eu teria que iniciá-la.
- Não queira me julgar. Você cria essas situações e ainda quer dar as ordens. Eu faço o que quero e como quero. Depois de tantos anos, já devia saber disso.
- Se você a matou, vai se ver comigo.
- Confesso que foi tentador tirar a vida desse animalzinho. Mas ela ainda vai ser a garotinha do papai.
- Esse lobo é o filho de Cássius?
- O próprio. Irônico não é?
- Eles ainda não estavam prontos um para o outro. Eu precisava tê-la preparado melhor.

- Que diferença faz agora? Ela será uma vampira e ele, pelo que se percebe, morre de amores por ela. A profecia está se cumprindo, Thomas.

- Mas não do jeito certo, como eu planejei. Não pode haver falhas de novo. Já perdi muito tempo.

- Não desanime. Se essa aí morrer, você tem outras para manipular. Uma bem perto por sinal.

- Não, Alexia. Tem que dar certo dessa vez. Por isso investi muito nesse imprestável do Camuel. E como é decepcionante constatar que errei na escolha do vampiro para essa missão.

Camuel ouvia as palavras do vampiro inglês e desejava liquidar com sua vida, por ter sido enganado por tanto tempo. Thomas, assim como seu pai na antiga Inglaterra, não se importava em destruir seus filhos em causa própria. Melanie era um experimento para Thomas, assim como ele poderia ter sido uma refeição para seu pai. Não tinham valor algum.

Camuel tentou se levantar, mas suas forças haviam abandonado o seu corpo. Perdeu muito sangue, o vampiro que um dia lhe salvou a vida, há poucos minutos atrás, quase a tirou, em definitivo. Julian empurrava Melanie com o focinho e corria até Angelique repetindo o gesto. O lobo pardo não sabia mais o que fazer. Quem sabe, sua única alternativa seria atacar aqueles que provocaram tudo isso.

- Vamos embora. Thomas. – Sugeriu Alexia percebendo a noite mais clara, agora. Os primeiros raios de sol começavam a surgir.

- Preciso levá-la comigo. Se ela ficar aqui, vai morrer.

- Então teremos que matá-lo. – Disse Alexia, se referindo a Julian.

- Não, Alexia. Ele tem que viver, por enquanto.

A determinação de Julian era outra: vingar Melanie e Angelique. Julian correu para onde Alexia estava e, mais uma vez, jogou-se sobre ela. Alexia esperou pelo lobo pardo e contra atacou com seus braços fortes. Julian, mesmo maior era menos forte do que a vampira e

sentiu seu corpo tombar, pesadamente, ao chão. Ele se refez e se colocou de pé. Thomas viu nos olhos de Alexia sua intenção de tirar a vida do lobo pardo, se isso acontecesse todo seu empenho em forjar o cumprimento da profecia seria perdido.

Julian tomava posição para mais um ataque à vampira. Quando o lobo correu para atingi-la, Thomas o interceptou, batendo forte contra ele, mas o livrando das intenções de Alexia. Julian foi jogado longe e desmaiou.

Alexia lançou um olhar desaprovador para Thomas. Ele se aproximou de Melanie e se abaixou intencionando ergue-la em seus braços. Então olhou há alguns metros e viu a figura, cambaleante, de Camuel vindo em sua direção.

- Ainda vivo, Camuel?

- Largue-a, seu verme. Não vai fazer dela sua marionete.

- Perdeu o respeito, junto com todo aquele sangue? Esqueceu que ela é minha filha?

- Ela pode ser tudo, menos filha de uma escória como você.

- Não tenho tempo de discutir com você agora. Meus propósitos são, justamente, para trazer benefícios para vampiros instáveis e fracos, assim como você. Tornar a nossa raça acima de todas.

- Não vai usá-la para por em prática esses seus delírios. Sinto raiva de mim mesmo, por não perceber quem você era. Jamais tomaria parte disso.

- Você serviu ao seu propósito, Camuel. - Disse Alexia. - Fez tudo como Thomas te pediu.

- Alexia tem razão Está mais do que na hora de descansar. Não acha? – Completou Thomas.

- Como você deve ter feito com Cássius?

- Bom... Ele foi mais perspicaz do que você. Tive que dar a ele outra opção. Pelo que você deve imaginar, ele não aceitou muito bem. Então está descansando em paz, desde então.

- Não deviam mexer com um lobo enraivecido.

- Todos que cruzaram meu caminho, tiveram seu fim. Não sei como Cássius, tão inteligente, não conseguiu ver que eram os lobos que desapareciam cada vez mais? E os vampiros cresciam em graça e abundância. E você cogitou ser um deles. Você é patético, Camuel.

- Com certeza, não deviam mexer com um lobo enraivecido.

- Está delirando, Camuel. Do que está falando? - Perguntou Alexia.

- Deles.

Thomas e Alexia perceberam, enfim, do que Camuel falava ao ver Julian e Alexander seguindo lado a lado ao seu encontro. Os dois lobos rosnavam e mantinham os grandes olhos centrados nos inimigos. Foram se afastando um do outro, milimetricamente, com a nítida intenção de cercar os oponentes. Os lobos mudavam os passos, prontos para atacar a qualquer movimento de fuga dos vampiros.

- Ainda vive meu irmão? – Desdenhou Alexia. – Você está me irritando.

Os vampiros eram rápidos, muito rápidos, mas os primeiros raios de sol batendo em suas peles pálidas causavam os primeiros efeitos em seu desfavor: suas forças diminuíram, consideravelmente. Thomas entendeu que havia apenas uma chance para fugir dos lobisomens, teria escapar em um único e rápido salto pela retaguarda. Ele se retirou, precisava encontrar um abrigo, urgentemente, para se esconder do sol. Alexia ardia em ódio por ver Alexander de pé, precisava tomar uma atitude definitiva antes de se esconder. Os lobos concentraram toda a energia nos tendões das patas traseiras, caso precisassem alcançar a vampira em um longo pulo. Alexia sorriu ciente que os dois lobos não seriam capazes de a atingirem. Tinha a mais absoluta certeza que poderia escapar, sem complicações, se precisasse. Teve um momento de lucidez ao constatar os raios de sol sobre a pele do seu rosto. A vampira sentiu dor. Alexander não escaparia de suas garras, mas não hoje. Virou-se para escapar e, enfim, se abrigar do sol. Foi então que se deparou com os olhos enraivecidos de Angélique. Alexia sentiu em seu rosto o calor que pedia da boca, inteiramente aberta da fera. Não teve tempo de mover um músculo e já estava com seu pescoço entre os dentes da loba. A vampira cedeu e suas pernas se dobraram, ficando suspenso no ar. Os outros dois lobos assistiam o fim trágico de Alexia.

- Eu falei para não mexer com um lobo enraivecido...

Camuel terminou a frase e desmaiou sentindo o rosto e as mãos serem tomadas por bolhas, que queimavam sua pele em função do sol que nascia.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS - DEPOIS DO COMEÇO.

Era como se tivesse sido um ano ou um mês, mas o tempo que se arrastou impiedoso, foi de apenas uma hora. Julian acordou nu, no esconderijo que o abrigou em diversas situações. Mas a de hoje era, completamente, diferente. Quando firmou os olhos, tentando compreender o que estava acontecendo, Julian viu Angelique e Alexander adormecidos. Julian, ainda com a mente em total confusão, se levanta e cobre a prima com roupas velhas que ainda estavam por ali. Ele não pode deixar de notar, a enorme ferida que Angelique tinha ao lado do corpo. Felizmente, a prima parecia se recuperar. Alexander estava todo machucado também, tinha marcas de mordidas por todo o corpo, mas era forte e, certamente, se recuperaria. Quanto a Melanie, ele não conseguia se lembrar com clareza. Lembrou de tê-la visto nos braços do vampiro Camuel. Depois de seguir seu cheiro até encontrá-la sendo atacada pela vampira loira. Julian se veste, enquanto segue pensando no que aconteceu com sua adorável Melanie. Um gemido cortou o silêncio castigador do lugar. O gemido que entrou em seus ouvidos poderia ser de Angelique ou, quem sabe, de Melanie em sua imaginação. Só que ao depositar sua atenção na parte mais escura da caverna, Julian sentiu o coração sobrecarregar de adrenalina. Não era em sua imaginação, Melanie estava ali, deitada e sentindo dores. Julian foi ao seu encontro, agoniado. Ela estaria bem?

- Melanie! Acorde!

As lembranças voltaram intensas e vívidas em sua mente. Mais ainda, ao ver a alguns metros à frente o corpo de Camuel. Alexia havia mordido Melanie e a deixado para morrer. Ele a carregou até o esconderijo e Alexander fez o mesmo com Camuel. Julian limpou todo o sangue da mordida da vampira, mas o sangue de Alexia, já estava em sua corrente sanguínea. Melanie será uma vampira em breve. Como então poderão ser felizes? Não poderá existir amor entre eles, nunca mais.

O amanhecer na fazenda revelou toda a devassidão da noite mais tenebrosa que ali aconteceu. Agnes, debruçada sobre o corpo de Marcus, chorava copiosamente, enquanto os

outros familiares retiravam os corpos dos seus, que estavam espalhados por todo pátio. Agnes tinha ainda em mente a agonizante sensação de incerteza. Onde estariam e como estariam seus netos? Dentro do alojamento, Flávia também tinha em seu coração um aperto sufocante, Melanie ainda não tinha voltado. Ela permanecia sentada em uma das camas, vigiando o sono de Nicolas. Léo tentava em vão acalmá-la.

- Você precisa descansar, Flávia.

- Não. De jeito nenhum. Só depois que minha filha estiver comigo.

- Quando ela voltar, eu te aviso.

- Não, Léo. Meu coração está pequeno. Eu sinto que aconteceu alguma coisa.

- Não ajuda ficar pensando no pior. Tenho certeza que ela está bem.

- Por que eu deixe tudo isso acontecer?

- Não foi sua culpa. As coisas acontecem por que tem que acontecer.

- Se eu tivesse ignorado o que aquela mulher me pediu e não tivesse passado nem perto daqui, isso não teria acontecido.

- Mas agora já aconteceu. É tarde para se lamentar. Você precisa se concentrar no bem estar dos seus filhos daqui para frente.

- Mas como poderei fazer isso se nem sei onde minha filha está?

Léo não sabia mais o que argumentar, era doloroso para ele presenciar o sofrimento daquela mulher. Flávia só teria paz quando colocasse os olhos em Melanie. Não poderia mais ajudar além de estar ali ao seu lado. Havia aceitado, por hora, os pedidos de Flávia e Agnes para que não convocasse seus colegas da polícia. Por enquanto, estava fazendo vista grossa sobre o ocorrido. Mesmo por que não saberia como relatar ao delegado e aos demais companheiros tudo que se passou naquele lugar.

Um burburinho do lado de fora chamou sua atenção. Notou em Flávia a mesma curiosidade. Levantaram os dois e seguiram até a janela. A visão de Melanie sendo carregada nos braços por Julian, não foi nada animador para ambos.

Flávia saiu em disparada do alojamento, seguida de perto por Léo. Agnes correu ao encontro do neto que, custosamente, trazia Melanie, sendo auxiliado por Alexander.

- O que aconteceu? – Perguntou Flávia, nitidamente, em desespero.

- Ela foi mordida. – Respondeu olhando para Agnes. – Pela Alexia.

- Meu Deus! – Lamentou levando as mãos ao rosto Agnes. – Leve ela para dentro do alojamento.

- Isso é muito grave? – Perguntou Flávia, ainda mais desesperada.

- Não podemos perder tempo. Leve ela agora. – Ordenou Agnes.

Julian, cansado ao extremo, segue na direção do alojamento. Todos seguem atrás dele.

- Vá até a cidade e traga a menina. – Ordenou mais uma vez, mas agora para Elias, filho de Aurélio. - E traga a enfermeira junto com ela.

Elias compreendeu a mensagem e saiu, rapidamente.

- E minha neta? – Perguntou Agnes a Alexander.

- Ela está bem, Agnes. Não se preocupe com ela. É uma jovem muito forte e valorosa. Está tomando conta de Camuel.

- Daquele vampiro que aqui esteve com você?

- Ele mesmo. Camuel está ferido e precisa muito dos cuidados da sua neta.

Agnes suspirou aliviada, enquanto caminhava, rapidamente, atrás de Julian. O que importava agora era a vida da garota que ele carregava.

Mais uma vez o tempo era fator decisivo na vida de Melanie. O sangue cancerígeno de Alexia precisava ser extirpado de suas veias, antes de tomar conta, totalmente, do seu corpo. Agnes não era a pessoa certa pra fazer esse procedimento, poucas vezes isso se fez necessário e nas vezes que foi feito, os resultados não foram favoráveis.

- O que vai fazer? – Perguntou Flávia abaixada ao lado da cama, passando a mão na cabeça de Melanie. Julian estava de pé ao seu lado. Alexander e Léo observavam tudo de perto.

- Vou tentar salvá-la. – Respondeu Agnes.

- Acho que seria mais sensato levá-la a um hospital. – Opinou Léo, constatando o estado lastimável de Melanie.

- Lá não saberão o que fazer com ela.

- Desculpe-me, mas a senhora sabe o que fazer? – Insistiu Léo.

- Se ela tem uma chance, meu jovem. Será aqui conosco que irá conseguir, não em um hospital.

- Você concorda com isso? – Perguntou o investigador a Flávia.

Flávia se limitou a acenar em positivo com a cabeça. O que interessava para ela neste momento tão difícil, era a filha recuperada ao seu lado. Não importava de que maneira isso seria possível.

- Ok! – Se deu por vencido Léo. O policial achou melhor se retirar e esperar do lado de fora.

- Julian, vai com o moço e espere lá fora.

- Nada disso, minha avó. Não saio de perto dela.

- É melhor você obedecer a sua avó, Julian. – Sugeriu Alexander. – Quanto menos gente aqui, melhor. Você já fez tudo que pode.

- Não posso abandoná-la.

- Não vai abandoná-la, rapaz. Ela vai ficar aos cuidados da sua avó e da mãe dela.

- Obedeça, Julian. – Falou irritada Agnes. – Agora!

Julian bufou e saiu contrariado. Pois sabia que seria consumido pela agonizante sensação de impotência. O tempo andaria mais lento para ele. Alexander fez um sinal para a amiga Agnes, indicando que cuidaria do seu neto. Agnes agradeceu com o olhar. Alexander se retirou.

- Como à senhora vai ajudar minha filha? – Flávia tinha o rosto banhado em lágrimas.

- A vampira que a mordeu, não é qualquer vampira. – Respondeu Agnes passando um pano molhado na testa de Melanie. - Quando um vampiro quer tornar um humano em vampiro, ele morde o próprio lábio, para que seu sangue se misture com o da vítima. Se a vampira apenas a tivesse mordido, sua filha já estaria morta agora, porque perdeu muito sangue. Neste momento ela vive porque seu corpo está sofrendo uma transformação. O sangue de Alexia está agindo como um vírus potente e muito resistente, que a cada minuto elimina o sangue humano da sua filha, o transformado em sangue vampiro.

- Como pode ser revertido?

- Durante meus longos anos de experiência nesta guerra toda. Apenas soube de relatos que ocorreram desta natureza. Meu filho Cássius era quem tinha mais conhecimento sobre tudo isso. E pelo que sei, poucas vezes se pode reverter o que estava feito. Mas existe uma esperança.

- Esperança é tudo que eu tenho agora.

Agnes olhou na direção da porta e viu Elias entrando. Talvez a esperança tenha vindo com ele.

A cidade de Monte Seco, a partir desta data, definitivamente, tomará outros rumos. Os boatos sobre a fazenda murada tomaram proporções astronômicas. Poucas eram as pessoas que conheciam os reais segredos que os muros escondiam. Essas pessoas tinham sua parte nos segredos, porque de um jeito ou de outro, estavam também envolvidos. Quando os vampiros invadiram a pequena localidade na noite anterior, Dona Carmélia, a simpática

dona da pousada, sabia que muitas pessoas daquele lugar, enfim percorreriam a reta final de seus tortuosos caminhos. Quando o dia amanheceu ela solicitou que seu velho amigo da oficina a levasse até a fazenda. No caminho se depararam com a filha da vizinha, Ariela, vagando um pouco confusa pela estrada.

Elias se aproximou do leito onde Melanie recebia os cuidados de Agnes e Flávia.

- Ela está aí fora. – Avisou Elias.

- Como foi tão rápido, menino? – Espantou-se Agnes.

- Não foi preciso ir até a cidade. Já estavam vindo para cá.

- Quem estava vindo? – Perguntou Flávia.

Agnes ignorou a pergunta. Tudo bem que a mulher estava aflita, mas ela perguntava demais.

- Trouxe a enfermeira? – Perguntou Agnes a Elias.

- Ainda não. Mas já estão fazendo isso.

- Pede para entrarem.

- Sim, senhora.

Agnes sorriu, agradecendo ao prestativo garoto. Elias saiu para finalizar sua missão.

- Quem está aí? – Insistiu Flávia.

- Se você puder esperar só um minuto, logo verá.

Flávia entendeu que a velha mulher não parecia contente com suas freqüentes perguntas. Mas o que ela poderia fazer? Sua filha estava sobre aquela cama entre a vida e a morte. Tinha mais que saber de todas as possibilidades.

Agnes ficou com a atenção voltada para a porta, na expectativa da chegada dos que entrariam por ela. Isso não demorou muito a acontecer. Dona Carmélia entrou, trazendo certo alívio ao coração de Agnes. Flávia acompanhava a aproximação da dona da pousada.

- Agnes. Vim saber como você está.

- Nada bem, Carmélia. Como você mesmo pode constatar.

- Sinto por todos que você perdeu.

- Já perdi muita gente que amo nesta vida. E te digo uma coisa, jamais irei me acostumar com isso.

As duas se abraçaram. Dona Carmélia, seguidamente, se aproximou de Flávia e a abraçou também.

- Como ela está? – Perguntou Dona Carmélia olhando para Melanie.

- Não sei como responder à senhora. Meu coração quer acreditar que ela está bem, mas minha razão me desmente. – Respondeu Flávia.

- Ela vai ficar, tenho certeza. Não é, Agnes?

- Estamos esperando isso. Mas a garota não tem muito tempo.

- Foi isso que minha neta disse. – Confessou Dona Carmélia. – A insistência dela em vir aqui, foi um dos motivos de termos vindo tão cedo.

- Sua netinha está aqui? – Perguntou Agnes.

- Está lá fora com Ariela.

- Sabe a importância dela nisso tudo?

- Sei, minha amiga. Mas como ela poderá ajudar?

- Somente o sangue dela tem o poder de eliminar o sangue da vampira do corpo desta garota.

- Por isso ela está aqui.

Flávia estava totalmente perdida com a conversa das duas senhoras. Agnes não gostava de suas indagações, mas ela se obrigou a perguntar.

- Como a senhora sabe de tudo isso, Dona Carmélia?

- Quando vi você entrar de novo pela minha porta, lembrei de tudo que aconteceu com a sua família. De quando sua irmã morreu e que você foi embora com a criança. Da velha empregada que também morreu logo em seguida.

- Isso que é estranho, foi um telefonema dela que me fez vir até aqui. Como é possível?

- Personificação de voz, querida. – Respondeu Agnes. – Um velho truque de vampiro.

- Alguém queria sua filha aqui. – Completou Dona Carmélia.

- Mas porque tudo isso? Justamente com a Melanie.

- Porque como você mesmo sabe, o pai dela não é um pai comum. – Continuou Agnes. – Portanto, o sangue dela é mais raro do que os raros. E só o sangue de alguém igual a ela poderá ajudá-la.

- Raissa? – Perguntou Flávia.

- Minha filha, a mãe da Raissa, teve o mesmo destino que sua irmã. Apaixonou-se por um vampiro, engravidou dele e morreu ao dar a luz. Eu fiquei arrasada, perdida, como você ficou. Agnes me ajudou a superar essa perda e como lidar com minha neta.

- Por que a senhora não me falou sobre isso antes. Eu teria dado meia volta e desaparecido com meus filhos.

- Entenda, Flávia. Ninguém esperava que algo assim fosse acontecer. E eu tinha medo de te falar alguma coisa e você me considerar uma velha maluca.

Agnes avista Elias apontar na entrada. Ele sinaliza que a enfermeira da cidade já estava na fazenda.

- Vamos deixar a conversa para depois. – Pediu Agnes. – Agora precisamos salvar a vida dessa criança.

Flávia tinha muitas dúvidas, mas as palavras de Agnes eram as mais verdadeiras a serem ditas nessa hora. Salvar Melanie era o mais importante.

A inquietação de Dona Carmélia era totalmente aceitável, permitir que coletassem sangue da neta era algo, no mínimo, preocupante. Mas, a vida de uma jovem estava em perigo e isso precisava ser considerado. Não era uma jovem comum, era uma garota igual a sua neta. Quantos iguais a elas poderiam existir em todo mundo? E se fosse Raissa deitada naquela cama precisando de ajuda? Seria Flávia capaz de fazer as mesmas conseqüências que ela estava fazendo? Dona Carmélia se martirizava em pensamentos, mas aceitou o pedido de Agnes para retirar um pouco do sangue da pequena Raissa. A enfermeira fez a coleta. Raissa sempre sorridente tinha a noção do que estava se passando com Melanie. Apesar da pouca idade, a menina compreendia que ambas eram pessoas diferentes, especiais e que só ela, poderia fazer isso pela garota que se hospedou na pousada da avó.

A enfermeira entregou para Agnes, a seringa com o sangue de Raissa. Imediatamente a mulher se aproximou da cama de Melanie. Julian vendo tudo de fora entrou para acompanhar os procedimentos de perto.

- O que eu te falei, Julian? – Perguntou Agnes.

- Para que eu ficasse lá fora. Mas me desculpe vó. Não saio de perto dela nem que me tirem à força. Por favor, me deixe ficar aqui com ela.

Agnes olhou para Flávia como pedindo permissão para a presença do neto. Julian acompanhou seus olhos na direção de Flávia.

- Eu peço, por favor, não me peça para sair. – Disse ele olhando para Flávia. – Preciso ficar aqui segurando a mão dela. Para ela saber que eu não a abandonei.

Flávia não teria coragem de pedir para que Julian se retirasse. Ainda mais, vendo tanta devoção da parte do rapaz. Alexander contou que Julian a carregou sozinho, uns dois quilômetros, mais ou menos. Não permitiu que Alexander a carregasse mesmo quase perdendo as próprias forças.

- Pode ficar. – Autorizou Flávia.

Julian esboçou um sorriso triste e agradeceu com os olhos. Flávia percebeu que ele tinha o mesmo olhar da avó. Julian se abaixou, beijou a testa de Melanie e sussurrou em seus ouvidos:

- Você vai voltar para mim, Melanie. Eu estarei aqui bem do seu lado quando você acordar. Você vai ficar boa, eu sinto... Sabe por que eu sei disso? Por que que eu te amo por hoje e por toda a vida.

O tempo corria e Agnes precisava prosseguir. Flávia olhou a seringa na mão da mulher e tremeu.

- Tem certeza que isso é o certo? – Perguntou Flávia. – Não é mais perigoso ainda?

- Se não tentarmos alguma coisa sua filha morre. É isso que quer?

- Não. Claro que não. Mas é complicado para mim imaginar uma situação dessa longe de um hospital.

- Pense bem. Não vou fazer isso contra a sua vontade. Se você preferir pode levá-la daqui para um hospital. Mas acredite, só o sangue pode trazer a salvação.

Flávia engoliu em seco. O maior dos seus medos, o de perder um filho, estava diante do seu rosto. Talvez Léo tivesse razão e Melanie deveria ser levada a um hospital. Mas as coisas inimagináveis que ela acompanhou na noite anterior, jamais seriam aceitas por um médico, ou por qualquer pessoa, que não as tenha presenciado. Precisava acreditar na mulher que os acolheu na situação mais difícil que já tiveram.

- Fazendo isso e ela sara?

- É o que eu espero.

- Ok! Que Deus nos ajude.

- Preciso que levante a camiseta dela. – Pediu Agnes.

- Levantar a camiseta? Mas onde você irá aplicar?

- No único lugar que fará efeito, o coração.

Flávia levou as mãos ao rosto. Estava sentindo o seu coração se espremer. Isso estava ficando intolerável.

- Ou é no coração ou não conseguiremos trazê-la de volta.

Flávia fechou os olhos e respirou fundo, não poderia declinar agora. Ela olhou para o rosto de Melanie e passou a mão pelos seus cabelos.

- Te amo, filha. Me perdoe se estiver errada.

Flávia ergueu a camiseta da filha e Agnes entendeu como um sim. Julian segurou forte a mão de Melanie e a colocou em seus lábios. Agnes passou a mão pelo peito da garota e identificou o lugar certo para aplicar o sangue salvador. Com todo cuidado ela perfurou a pele e introduziu, lentamente, a agulha. O sangue de Raissa começou a descer pela seringa.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS – MAS VOCÊ NEM VAI SABER.

Quando tudo começou, Melanie acreditava que perderia suas preciosas férias, mal ela sabia que poderia perder muito mais. Sempre teve a sensação estranha de que alguém a vigiava, ou de que estava predestinada a ser ou fazer algo muito especial. Jamais imaginou que se tornar uma vampira e estar apaixonada por um lobisomem, faziam parte deste contexto.

Flávia manteve, furtivamente, segredos tão valiosos e só os revelou quando não existiam mais alternativas. Segredos que traziam respostas, mas nem sempre precisas ou verdadeiras.

O mundo de Melanie era falso. A mãe que ela imaginava ter, não era sua mãe biológica. O pai que ela tanto desejou conhecer, não era nem um pouco o que ela esperava que fosse. Era um vampiro. Mas não um vampiro qualquer e sim um dos piores que se pode existir, um monstro. Mas, quando Melanie conheceu aquele garoto tão, lindamente devotado, seu mundo criou asas e voou para uma realidade que ela jamais sonhou. Voou para os braços de Julian.

Durante quase uma semana, Melanie recebia em seu coração um pouco do sangue de Raissa e em seus lábios todo o amor de Julian. Até que seus olhos se abriram em uma tarde de sol. E o sol não queimou sua pele, nem feriu seus olhos. Melanie era a mesma garota humana que pôs os pés em Monte Seco.

- Nossa! Nossa! Nossa! Você acordou. – Disse feliz Ariela.

Melanie, ainda um pouco confusa, conseguia identificar o rosto redondo da amiga. Ela quis se mover e Ariela interveio.

- Nada disso, mocinha. Fique ai deitadinha. Recomendações quase médicas.

- Onde eu estou? – Perguntou com a boca seca Melanie.

- Na fazenda, ora.

- Estou com muita sede.

Ariela se prontificou pegando uma jarra com água que estava na mesinha ao lado da cama. Ela encheu um copo e ajudou Melanie beber um pouco.

- Quanto tempo eu durmi?

- Quase foi para o Guinness, bela adormecida. Você ficou assim, uma semana.

“Uma semana?” – Pensou Melanie. O que teria acontecido durante todo esse tempo?

- Onde está todo mundo? Minha mãe? Julian?

- Ai meu Deus! Coitado dele. – Ariela levou uma das mãos à boca.

- O que aconteceu? – Perguntou preocupada Melanie.

- O pobre não se desgrudou daqui dessa cadeira todos esses dias. Ficava aqui te vigiando noite e dia, esperando você acordar. Mas hoje a sua mãe e a avó dele pegaram no pé do coitado para que ele fosse descansar um pouco. E olha a surpresa aí, você acordou bobona.

Melanie não saberia calcular o tamanho da felicidade que sentiu neste momento. Julian, seu amado Julian, esteve ali ao seu lado todo esse tempo. O que mais ela poderia desejar?

- Sua mãe e seu irmão estão ótimos. – Continuou Ariela. – Seu irmão está se dando bem com as outras crianças e sua mãe você sabe... Aquele policial já veio aqui uma três ou quatro vezes, com a desculpa de te ver. Mas nós sabemos muito bem, em quem ele veio botar o olho.

Melanie sentia o corpo dormente, mas isso não era problema. Ela se divertia com a empolgação de Ariela contando os fatos como se fosse a Revista Contigo.

- Depois você vai ver como está a casa da avó do Julian. Está ficando melhor do que era. Quer dizer, antes não era grande coisa, estava bem acabada, mas agora com ajuda das pessoas da cidade, está ficando linda. E como são as coisas, menina. O povo está pensando que foram uns baderneiros que botaram fogo nela e ficaram solidários. Se bem que eu acho que a maioria queria a chance de vir até aqui, para saber melhor dos detalhes.

Melanie se deu conta dos barulhos que vinham do lado de fora. A reconstrução da casa parecia estar a mil. Ela estica o pescoço em direção a porta, tentando vislumbrar alguma movimentação a respeito disso. Viu algumas pessoas passando com ferramentas, tábuas, carrinhos de mão cheios de tijolos e outros materiais de construção. Melanie viu uma garota de costas que chamou sua atenção. Quem seria ela? Jovem, esbelta, corpo bonito e cabelos castanhos escuros abaixo dos ombros.

- Quem é aquela?

Ariela saiu da cadeira e olhou onde Melanie indicava.

- Aquela de calça jeans e blusinha verde?

- Essa mesmo.

- Você não está reconhecendo?

- Não. Senão não te teria perguntado.

- Ah! Deve ser pelo cabelo. Foi Camuel que sugeriu. Disse que realçaria os olhos dela e ela ficaria mais bonita do que já é. Essas coisas... Imagine que ela não iria acatar as sugestões depois disso, ficou toda faceira...

- Quem é ela, Ariela? – Cortou Melanie.

- Esqueci de dizer quem é, não é? Aquela é a Lava Girl... Quer dizer, ex Lava Girl, Angelique.

- Angelique? Nossa, mas está tão diferente.

- Ela mesma. E está dizendo por ai que agora é uma nova mulher. Ela até me inspirou com esse discurso todo. Hoje mesmo eu falei para ela que vou começar uma nova dieta, a dieta da lua. Não sei por que ela riu.

Impossível não rir, considerou Melanie. Dieta da lua tem tudo haver com uma loba mesmo.

- E Camuel e os outros que estavam com ele? – Perguntou Melanie evitando usar a palavra vampiro. - Estão bem?

- Faz alguns dias que não sei mais nada deles. Mas você sabe, vaso ruim não quebra, minha filha. Apareciam aqui todas as noites. Acho que ficavam de dia no esconderijo do Julian ou lá no velho seminário. O tal Camuel andava cheio de desculpas de que os comparsas da tal loira falsa, a Alexia, poderiam voltar e isso e aquilo. Mas ele vinha mesmo para ver a Angelique.

- Falando de mim, Ariela? – Disse Angelique entrando. – Bem eu espero.

- Óbvio. Quando que eu falo mal de alguém?

Angelique se aproximou da cama.

- Você está bem? – Perguntou ela para Melanie.

- Já tive dias melhores.

- Eu olhei lá de fora e percebi que você havia acordado e mandei avisar sua mãe e o cabeçudo do meu primo. Ele recomendou que se você piscasse o olho era para chamá-lo. – Angelique olha para Ariela. - E não ficar enchendo você com conversa fiada.

- Opa! Nem vem. Eu só estava passando os detalhes mais importantes para a Melanie.

- Ariela estava me contando sobre Camuel e os outros. Pelo que entendi não estão mais por aqui.

- Sumiram de repente. – Revelou Angelique. – Alexander, Camuel e todos os vampiros.

Nisso, um grupo de pessoas sorrindo invadiu o alojamento. Agnes, Nicolas, Raissa, Eliézer, Wladmir, Léo, Dona Carmélia, Flávia e Julian. Dentre todos os sorrisos do grupo, o de Julian foi o mais radiante. Os olhos de Melanie se encontraram com os dele e o ambiente se encheu do amor recíproco que sentiam. Julian quase atropelou as mulheres antes de se ajoelhar junto à cama. Novamente ele entrelaçou seus dedos com os de Melanie, beijou seu rosto delicadamente e assoprou palavras em seus ouvidos.

- Você voltou para mim, Melanie. Então, voltei a ter a minha vida de novo.

Melanie não conseguiu responder, as palavras pararam em sua garganta. Ela apenas confirmou com os olhos que seus sentimentos alcançavam os dele.

- Oi meu amor. – Disse Flávia com lágrimas de alegria no rosto. – Você não imagina o quanto me deixou angustiada.

- Imagino sim, mãe. Esqueceu que sou sua filha? Sei bem como você é.

Além da incerteza quanto à melhora de Melanie, outra preocupação de Flávia era a incerteza sobre os sentimentos da filha para com ela. Melanie agora sabia que era filha de Fernanda e não dela. Como Melanie reagiria? As palavras da filha neste instante foram mais do que consoladoras, foram terapêuticas.

- Como se sente, querida? – Perguntou Agnes.

- Hum. Com fome, com sede, cansada de ficar deitada. - Disse Melanie rindo.

- Não podia ser diferente. – Completou Léo. – Coisas típicas de um adolescente.

Melanie ficou feliz de rever o rosto sorridente de Léo. Estava barbeado, cabelo com gel e camisa num tom azul claro combinando com a calça jeans. Parecia um garotão. Era mais do que certo que toda aquela produção tinha endereço: os olhos de sua mãe.

- O que aconteceu de verdade? – Perguntou ela.

- Creio que teremos muito tempo para te deixar a par, Melanie. – Respondeu Agnes.

– Isso, filha! – Completou Flávia. - Agora você precisa descansar.

- Sem chance. Segundo a Ariela estou deitada aqui há uma semana. Já descansei demais, não acha?

- O que você precisa saber por hora é de que está a salvo. – Continuou Agnes. – Alexia não irá mais te importunar. Quanto aos seguidores dela, por enquanto, parece que desistiram. Mas não sei se será assim tão fácil se livrar deles. Devem estar só dando um tempo para se recompor.

- E quando isso acontecer, Wladimir estar esperando.

Todos riram da sinceridade do russo. Ariela riu alto e pensou:

“- Hum... Se ele fosse mais novo... E mais baixo também... Ah! E um pouquinho mais bonito...”

- Não vão contar o grand finale? – Provocou Angelique.

- Posso contar? Deixa! Deixa! – Pediu Ariela quase pulando. Flávia sorriu e sinalizou que sim.

- Então, amiga. Sabe onde você vai morar? – Ariela fechou os punhos na expectativa que Melanie não acertasse e não se conteve. - Aqui mesmo em Monte Seco.

Melanie olhou para Julian e deu de encontro com seu sorriso largo. Olhou para Flávia pedindo confirmação.

- Bom. Só por um tempo, eu acho. – Revelou Flávia. – Perdi meu emprego em Curitiba e arrumei um aqui no laboratório do hospital.

- Vai mexer com aqueles potinhos de coleta. Credo! – Disse Ariela com cara de nojo. – Eu ouvi a conversa com aquela enfermeira.

Melanie nem prestou muita atenção, depois do “só por um tempo” da mãe, concentrou-se em Julian. Ficar perto dele era a melhor coisa que poderia lhe acontecer. Quando cruzaram seus olhares, mais uma vez, Melanie e Julian entenderam que precisavam conversar a sós. Tinham muitas coisas a dizerem um para o outro. Muitos planos a serem feitos. E aquela multidão toda ao redor de Melanie, não permitia que isso fluísse.

- Julian, preciso sair dessa cama. – Sugeriu Melanie. - Você me leva para dar uma volta?

- Não, mocinha. – Adiantou-se Flávia. – Tem que ficar deitadinha.

- Mãe, por favor. Não faça isso comigo. Eu estou bem e Julian me ampara se eu precisar.

- Ela tem razão. – Concordou Julian. – Eu cuido dela, prometo.

Flávia olhou para Agnes solicitando ajuda. Agnes sorriu para os dois.

- Acho que não tem problema. Ela parece bem. Mas apenas aqui no pátio.

Flávia cruzou os braços, ela considerou que a mulher proibiria e não daria permissão. Julian não perdeu tempo e com todo cuidado auxiliou Melanie a levantar da cama. Léo deu um cutucão de leve em Nicolas e sinalizou a porta de saída, o garoto piscou para o policial e fez o mesmo com as demais crianças. Léo puxou Flávia pelo braço e a conduziu até a porta. Flávia caminhava discutindo com ela mesma. Os demais também foram se retirando dando espaço para que Melanie pudesse sair. Julian arcou seu corpo e permitiu que Melanie laçasse seu pescoço e ele segurou com delicadeza a sua cintura.

- Pronta para um novo começo?

- Pronta para tudo que vier. – Respondeu Melanie dando os primeiros passos.

- Esse é o primeiro dia até o fim das nossas vidas. E em nenhum deles me permitirei ficar longe de você.

- É uma promessa?

- Sim, é uma promessa.

Julian completou a frase ciente dos acontecimentos da lua cheia, mas estava disposto a cumprir essa promessa a todo custo. O amor e cuidado que sentia por Melanie, tinham que ser maiores do que sua maldição de família.

Os dois atravessam felizes o pátio da fazenda, onde muitas pessoas tinham seus afazeres, na reconstrução do lugar. Melanie olhou na direção da rodinha de crianças que brincavam felizes. Não existiria melhor lugar no mundo para uma garota estar.

Raissa percebeu Melanie e Julian passando abraçados e sentiu o amor que exalava dos dois. Ela sorriu e se aproximou de Eliézer, o filho caçula de Aurélio que daqui a alguns anos será um garoto lobo e beijou sua face.

– Quando a gente tiver a idade deles, Eliézer, vou casar com você.

FIM do primeiro volume.